



FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DE
COIMBRA

Afonso Manuel Lopes Soares de Sousa

MONTEIROS E MONTARIAS EM PORTUGAL NA IDADE MÉDIA

Dissertação de Mestrado em História, orientada pelo Professor Doutor Saul António Gomes Coelho da Silva, apresentada ao Departamento de História, Estudos Europeus, Arqueologia e Artes da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

janeiro de 2023

FACULDADE DE LETRAS

MONTEIROS E MONTARIAS EM PORTUGAL NA IDADE MÉDIA

Ficha Técnica

Tipo de trabalho	Dissertação
Título	Monteiros e Montarias em Portugal na Idade Média
Subtítulo	
Autor/a	Afonso Manuel Lopes Soares de Sousa
Orientador/a(s)	Doutor Saul António Gomes Coelho da Silva
Júri	Presidente: Doutor Maria do Rosário Barbosa Morujão Vogais: 1. Doutora Maria Helena da Cruz Coelho 2. Doutor Saul António Gomes Coelho da Silva
Identificação do Curso	2º Ciclo em História
Área científica	História
Especialidade/Ramo	Idade Média
Data da defesa	27-02-2023
Classificação	19 valores



FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DE
COIMBRA

Agradecimentos

Cabe-me, antes de mais, agradecer a todos aqueles que me acompanharam neste percurso e sem os quais não teria conseguido finalizar este trabalho. Como todos nós somos produto de um meio, agradeço à minha família, em especial ao meu pai, mãe e irmãos. E como o trabalho não se faz sem descanso, aos meus amigos devo também um grande agradecimento. Também às estrelinhas que continuam cá.

Na preparação e discussão do projeto de dissertação que agora apresento, um muito obrigado aos Professores e colegas que, no Workshop de Estudos Medievais e na Escola de Outono de Castelo de Vide, criticaram e ajudaram a uma melhor construção deste estudo.

Agradeço, claro, aos Professores responsáveis pela minha aprendizagem no âmbito do mestrado, Doutora Ana Isabel Ribeiro, Doutora Ana Leonor Pereira, Doutora Maria Azevedo Santos e, em especial, à Doutora Maria do Rosário Morujão, Doutora Maria Amélia Campos, Doutora Leontina Domingos Ventura e Doutor Saul António Gomes por me terem lançado para o mundo da investigação. Neste mesmo contexto, tenho de agradecer também aos colegas e amigos que contribuíram diretamente neste percurso: Francisco Fins, Pedro Silva, Ana Catarina e Francisco Ribeiro. Também, a ti, Sara por todas as horas que me aturaste.

Da mesma forma, não posso deixar de agradecer àqueles que me receberam em Lisboa, e no Instituto de Estudos Medievais, por me terem feito sentir em casa. Ao Doutor João Luís Fontes e Doutor Paulo Catarino Lopes um muito obrigado por todas as contribuições e acompanhamento constante, ao Doutor Tiago Viúla de Faria, claro, por ter acreditado em mim e por me ter “empurrado” para tantos novos desafios e à Doutora Diana Martins que reviu e criticou atentamente cada palavra deste trabalho. Agradeço ainda todas as sugestões dadas pelo Doutor Pedro Pinto, Doutor Paulo M. Dias, Doutor Luís Miguel Rêpas e Doutor Mário Farelo.

Por último, faço um especial agradecimento ao Doutor Saul António Gomes, por este desafio que me propôs, pelo acompanhamento excecional, todas as horas que despendeu na discussão e correção desta dissertação e pela disponibilidade imediata ao longo dos últimos anos.

RESUMO

Monteiros e Montarias em Portugal na Idade Média

A dissertação que se apresenta procura conhecer e teorizar os monteiros régios nos finais da Idade Média, na sua estreita ligação com a História florestal, animal e cinegética. Este estudo passa pela identificação sistematizada dos oficiais que guardaram as coutadas régias de montaria, bem como das suas áreas de atuação, com o objetivo de trazer uma compreensão mais aprofundada sobre este oficialato. Procuramos, também, caracterizar os restantes oficiais régios medievais, ligados à fauna e flora, com o intuito de destrinçar os poderes e áreas de jurisdição de cada um deles. A análise inicia com as primeiras referências a monteiros, que remontam ao reinado de D. Afonso Henriques, e estende-se até ao final do reinado de D. Afonso V (1481). O objetivo desta extensa cronologia é, sobretudo, compreender o momento em que se passou dos monteiros, como caçadores previstos pela tributação da época, para os monteiros-oficiais ao serviço do rei. O espaço geográfico a explorar compreende todo o território continental do Reino de Portugal, com especial enfoque nas áreas onde se encontram as coutadas régias.

Palavras-chave: Monteiro; Monteiro-mor; Montaria; Coutada; Floresta.

ABSTRACT

Monteiros and Montarias in the Medieval Portugal

The aim of this dissertation is to set out a theoretical understanding of the officials encharged of the Portuguese royal hunting parks during the late middle ages, and the close connection with forest, animal and hunting history. This entailed the systematic identification of the royal keepers involved and their range of activity, so as to better understand the office. Other royal officials tied to fauna and flora activities are also referred to, in order to tell apart the powers and areas of jurisdiction attached to each of them. The analysis begins with the first references to the *monteiros*, dating back to the reign of King Afonso Henriques, and extends to 1481, the end of the reign of Afonso V. This extensive chronological range makes it easier to unravel the moment in time when *monteiros* changed from being hunters contemplated in taxation, to becoming crown officers in the king's service. The geographical area examined corresponds to continental Portugal, with a special focus on areas where the royal *coutadas* were found.

Keywords: *Monteiro; Monteiro-mor; Montaria; Coutada; Forest.*

ÍNDICE

Agradecimentos	
Resumo	
Índice	
Índice de quadros e figuras	
Lista de siglas e abreviaturas	1
Introdução	2
1. Conceitos	15
1.1. Conceitos para o termo “monteiro”	15
1.1.1. Monteiros de foro	15
1.1.2. Monteiros da corte régia	19
1.1.3. Monteiro (aquele que faz caça de montaria)	22
1.1.4. Monteiros-oficiais	23
1.2. Outros oficiais régios relacionados com a fauna ou flora	26
1.2.1. Couteiros	27
1.2.2. Falcoeiros e açoreiros	31
1.2.3. Caçadores	35
1.2.4. Guardas e Guardadores	37
1.3. Coutadas	40
1.3.1. Coutadas de couteiros	42
1.3.2. Coutadas de monteiros e a <i>Coutada Velha</i>	43
1.3.3. Coutadas particulares	46
2. Monteiros-oficiais	48
2.1. Hierarquia	48
2.2. Monteiros-mores do reino	50
2.2.1. Funções e Privilégios	50
2.2.2. Identificação dos indivíduos e suas relações familiares	52

2.3. Monteiros-mores	63
2.3.1. Funções e Privilégios	63
2.3.2. Identificação dos indivíduos e respetivas montarias	67
2.4. Monteiros	76
2.4.1. Funções e Privilégios	76
2.4.2. Desempenho de funções	80
2.5. Monteiros de cavalo	90
3. Montarias régias	92
Conclusão	113
Fontes e Bibliografia	116
Fontes manuscritas	116
Fontes impressas	116
Estudos	121
Instrumentos auxiliares de pesquisa	128
Webgrafia	128
Anexos	129
Anexo 1 – Quadros de base prosopográfica	1
Anexo 2 – Quadros auxiliares	134
Anexo 3 – <i>Corpus</i> Documental	181
Anexo 4 – Iconografia	209

ÍNDICE DE QUADROS E FIGURAS

Figura 1 – Mapa de delimitação da <i>Coutada Velha</i>	46
Figura 2 – Esquema da hierarquia dos monteiros régios (século XV)	49
Figura 3 – Cronologia dos monteiros-mores do reino (séculos XIV e XV)	56
Figura 4 – Cronologia de interinos de Lopo Vasques de Castelo Branco I (1414-1440)	58
Figura 5 – Cronologia de interinos de Nuno Vasques de Castelo Branco I (1441-1469)	60
Figura 6 – Cronologia de interinos de Lopo Vasques de Castelo Branco II (1469-1477)	61
Figura 7 – Genealogia das relações de parentesco entre monteiros-mores do reino e interinos (século XV)	62
Quadro 1 – Funções dos monteiros-mores (séculos XIV e XV)	63
Quadro 2 – Privilégios dos monteiros-mores (séculos XIV e XV)	65
Quadro 3 – Ocupação/posição social dos monteiros-mores (séculos XIII a XV)	75
Quadro 4 – Funções dos monteiros (séculos XIV e XV)	77
Quadro 5 – Privilégios dos monteiros (séculos XIV e XV)	79
Quadro 6 – Idade dos monteiros no momento da sua nomeação	80
Figura 8 – Tempo dos monteiros no exercício de funções	82
Figura 9 – Motivações para o término de funções dos monteiros	83
Quadro 7 – Ocupação/posição social dos monteiros (séculos XIV e XV)	88
Quadro 8 – Quantificação das ligações de parentesco entre monteiros	89
Figura 10 – Mapeamento dos lugares de residência dos monteiros (séculos XIV e XV)	93
Figura 11 - Mapeamento dos lugares de residência dos monteiros da montaria da Terra de Santa Maria (séculos XIV e XV)	98
Figura 12 - Mapeamento dos lugares de residência dos monteiros da montaria do Botão (séculos XIV e XV)	99
Figura 13 - Mapeamento dos lugares de residência dos monteiros da montaria de Montemor-o-Velho (séculos XIV e XV)	101
Figura 14 - Mapeamento dos lugares de residência dos monteiros da montaria de Penela (século XV)	102
Figura 15 - Mapeamento dos lugares de residência dos monteiros da montaria de Alcobaça-Leiria (séculos XIV e XV)	104

Figura 16 - Mapeamento dos lugares de residência dos monteiros da montaria de Óbidos (séculos XIV e XV)	105
Figura 17 - Mapeamento dos lugares de residência dos monteiros da montaria de Santarém (séculos XIV e XV)	107
Figura 18 - Mapeamento dos lugares de residência dos monteiros da montaria da Ota (séculos XIV e XV)	108
Figura 19 - Mapeamento dos lugares de residência dos monteiros da montaria de Sintra (séculos XIV e XV)	109
Figura 20 - Mapeamento dos lugares de residência dos monteiros da montaria de Benavente-Palmela-Setúbal (séculos XIV e XV)	111
Figura 21 Mapeamento dos lugares de residência dos monteiros da montaria de Montemor-o-Novo (século XV)	112
Anexo 1	
Quadro A1 – Dados biográficos dos monteiros-mores	1
Quadro A2 – Dados biográficos dos monteiros da montaria de Alcobaça-Leiria	10
Quadro A3 – Dados biográficos dos monteiros da montaria de Benavente-Palmela-Setúbal	24
Quadro A4 – Dados biográficos dos monteiros da montaria do Botão	30
Quadro A5 – Dados biográficos dos monteiros da montaria de Montemor-o-Novo	48
Quadro A6 – Dados biográficos dos monteiros da montaria de Montemor-o-Velho	58
Quadro A7 – Dados biográficos dos monteiros da montaria de Óbidos	74
Quadro A8 – Dados biográficos dos monteiros da montaria da Ota	93
Quadro A9 – Dados biográficos dos monteiros da montaria de Penela	103
Quadro A10 – Dados biográficos dos monteiros da montaria de Santarém	105
Quadro A11 – Dados biográficos dos monteiros da montaria de Sintra	114
Quadro A12 – Dados biográficos dos monteiros da montaria da Terra de Santa Maria	116
Quadro A13 – Dados biográficos dos monteiros de montaria não identificada	131
Quadro A14 – Dados biográficos dos monteiros de cavalo	132
Adenda ao Quadro A12 – Dados biográficos dos monteiros da montaria da Terra de Santa Maria	133
Adenda ao Quadro A1 – Dados Biográficos dos monteiros-mores	133

Anexo 2

Quadro A15 – Identificação dos indivíduos no exercício do cargo de Monteiro-Mor do reino	134
Quadro A16 – Identificação dos indivíduos que substituem momentaneamente o Monteiro-Mor do reino (interinos)	180
Quadro A17 – Tempo no exercício de funções (Monteiros Menores)	163
Quadro A18 – Lista de topónimos dos espaços coutados na montaria de Alcobaça-Leiria	164
Quadro A19 – Lista de topónimos dos espaços coutados na montaria de Benavente-Palmela-Setúbal	166
Quadro A20 – Lista de topónimos dos espaços coutados na montaria do Botão	168
Quadro A21 – Lista de topónimos dos espaços coutados na montaria de Montemor-o-Novo	169
Quadro A22 – Lista de topónimos dos espaços coutados na montaria de Montemor-o-Velho	171
Quadro A23 – Lista de topónimos dos espaços coutados na montaria de Óbidos	173
Quadro A24 – Lista de topónimos dos espaços coutados na montaria da Ota	174
Quadro A25 – Lista de topónimos dos espaços coutados na montaria de Penela	175
Quadro A26 – Lista de topónimos dos espaços coutados na montaria de Santarém	176
Quadro A27 – Lista de topónimos dos espaços coutados na montaria de Sintra	178
Quadro A28 – Lista de topónimos dos espaços coutados na montaria da Terra de Santa Maria	179
Quadro A29 – Lista de topónimos dos espaços coutados de montaria incerta	180

Anexo 4

Figura A1 – Túmulo de Gomes Martins Silvestre	209
Figura A2 – Túmulo de Vasco Esteves de Gatuz	209
Figura A3 – Túmulo de Fernão Sanches	210
Figura A4 – Túmulo anónimo	210
Figura A5 – Túmulo de D. Pedro Afonso de Portugal, conde de Barcelos	211

Lista de siglas e abreviaturas

Cap.	Capítulo
CDF	LOPES, Fernão, <i>Crónica de D. Fernando</i> , MACCHI, Giuliano (ed.), Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2004.
Chanc.	Chancelaria
Conc.	Concelho
Doc.	Documento
DMP DR	<i>Documentos medievais portugueses – Documentos Régios: documentos dos Condes Portugalenses e de D. Afonso Henriques, A.D. 1095-1185</i> , v.1, t.1, AZEVEDO, Rui de (ed.), Lisboa, Academia Portuguesa de História, 1958.
DPL	<i>Diplomatário da Sé de Viseu (1078-1278)</i> , VENTURA, Leontina Domingos, MATOS, João da Cunha (eds.), Coimbra, Instituto de Estudos Medievais, Centro de História da Sociedade e da Cultura da Universidade de Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2010.
f.	Fascículo
fl. / fls.	Fólio/s
Freg.	Freguesia
HFAC	<i>História florestal, aquícola e cinegética: colectânea de documentos existentes no Arquivo Nacional da Torre do Tombo: chancelarias reais</i> , v.1, 2, 3, 4, NEVES, Carlos Baeta (dir.), Lisboa, Ministério da Agricultura e Pescas Direcção-Geral do Ordenamento e Gestão Florestal, 1980-1983.
L.º	Livro
LFPM	<i>Livro de Falcoaria de Pero Menino</i> , LAPA, Rodrigues (ed.), Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 1931.
LM	ABALO BUCETA, José María, <i>Livro da Montaria de D. João I de Portugal (1415-1433)</i> , Valladolid, Universidad de Valladolid. Facultad de Filosofía y Letras, 2008 (tese de doutoramento).
LN	Leitura Nova
LV	“Livro Vermelho do Senhor Rey D. Affonso V”, in <i>Colleção de Livros Inéditos de História Portugeza dos reinados de D. João I, D. Duarte, D. Affonso V, e D. João II</i> , t. III, SERRA, José Correia da (ed.), Lisboa, Academia Real das Sciencias, 1793, pp. 387-541.
Ord. Af.	<i>Ordenações Afonsinas: Livro I</i> , COSTA, Mário de Almeida, NUNES, Eduardo Borges (eds.), Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1998.
p. / pp.	página/s
PMH	<i>Portugaliae Monumenta Historica</i>
PMH INQ	<i>Portugaliae Monumenta Historica. Inquisitiones</i>
PMH LEGES	<i>Portugaliae Monumenta Historica. Leges et Consuetudines</i>
PMH NS	<i>Portugaliae Monumenta Historica. Nova Série</i>
t.	Tomo
TT	Arquivo Nacional da Torre do Tombo
v.	Volume

Introdução

A caça foi nos primórdios da humanidade uma necessidade absoluta do Homem, tendo sido através desta que se notaram os “primeiros sintomas da sua superioridade intelectual”.¹ A relação Homem-animal (irracional) não pode ser dissociada desta prática. Esta deu-se, desde logo, pela perseguição do primeiro ao segundo, mas também pela domesticação de espécies que desde tempos dificilmente traçáveis o auxiliaram nesta prática.² Uma parceria que terá iniciado com o cão,³ mas que também se alargou a outras espécies, das quais se destacam o cavalo⁴ e as aves de presa, embora neste último caso não se tenha dado uma domesticação efetiva.⁵

Estas três espécies foram essenciais na caça medieval (mas não únicas),⁶ sobretudo na caça desportiva.⁷ É neste âmbito que se insere a caça de montaria, um passatempo da nobreza medieval portuguesa que, em tempos de paz, se folgava ao mesmo tempo que se preparava para a guerra.⁸ Este era um tipo de caça que implicava, propositadamente, o confronto físico com animais bravios, de grande porte, sendo praticada a cavalo e com armas (sobretudo a lança ou a ascuma) e configurando uma verdadeira atividade paramilitar, onde os nobres e monarcas chegavam a passar semanas e meses.⁹

A importância da caça de montaria para os monarcas – entre outras, como a cetraria, cuja relevância não ignoramos – ficou também patente através da crescente preocupação com a criação de espaços coutados, isto é reservados, dedicados a esta prática e com oficiais especializados incumbidos de as guardar. Assumindo um valor lúdico, cortesão, pedagógico e de treino para ações guerreiras, a caça não deixa de ser uma oportunidade de representação

¹ COSTA, Carlos Eurico da (dir. e coord.), *A Caça em Portugal*, v.1., Lisboa, Editorial Estampa, 1988, p. 45.

² Veja-se, por exemplo, um menir datado do século IX a.C. - VIII a.C onde surge, ladeando a representação de um homem, um cão. Sobre este assunto veja-se: GOMES, Mário Varela, “O Oriente no Ocidente. Testemunhos iconográficos na Proto-história do Sul de Portugal: *smítig gods* ou deuses ameaçadores”, *Revista ICALP*, 22-23 (1990-1991), pp. 125-177.

³ ZELLER, Ulrich, GÖTTERT, “The relations between evolution and domestication reconsidered- implications for systematics, ecology, and nature conservation”, *Global Ecology and Conservation*, 20 (2019), p. 9.

⁴ ZELLER, Ulrich, GÖTTERT, “The relations between...”, p. 9.

⁵ HEINRICH, Dirk, “Are trained raptors domesticated birds?”, in GERSMANN, Karl-Heinz, GRIMM, Oliver (eds.), *Raptor and human: falconry and bird symbolism throughout the millennia on a global scale*, v.1, Kiel, Wachholtz, 2018, pp. 277-283.

⁶ Vejam-se, por exemplo, os vários documentos que nos reportam para a caça com furão, dos quais podemos destacar: HFAC v.1, doc. 49, pp. 78-79, 1357, agosto, 22; HFAC v.1, doc. 88, pp. 110-111, 1364, fevereiro, 17.

⁷ Sobre aquilo que podemos considerar caça desportiva, no contexto medieval, e a sua oposição à caça económica, veja-se: COELHO, Maria H. da Cruz, RILEY, Carlos Guilherme, “Sobre a Caça Medieval”, *Estudos Medievais*, 9 (1988), pp. 228-229.

⁸ COELHO, Maria H. da Cruz, RILEY, Carlos Guilherme, “Sobre a Caça...”, pp. 246-248.

⁹ MARQUES, A. H. de Oliveira, “A vida quotidiana”, in SERRÃO, Joel, MARQUES, A. H. de Oliveira, (dir.), *Nova História de Portugal*, v.4: *Portugal na Crise dos séculos XIV e XV*, Lisboa, Editorial Presença, 1987, pp. 479-480.

política e de manifestação da riqueza e do poder político de reis e senhores tanto junto dos seus súbditos, quanto diante de estrangeiros investidos ou não de missões diplomáticas no reino que visitavam.¹⁰ Como pode ser, ainda, um território de sobrevivência para as populações campesinas ou urbanas, em tempos de crise alimentar, por exemplo, ou, enquanto espaços naturais coutados ou não, territórios de recolha de produtos, alimentares, sobremodo, mas também de matérias-primas com valor comercial, úteis à vida quotidiana das gentes.¹¹

Assim, esta dissertação é dedicada aos oficiais régios responsáveis pela guarda das coutadas de montaria, reservadas pelos monarcas portugueses, ao longo da Idade Média, denominados, genericamente, como monteiros. Este foi um dos grupos de indivíduos a quem os monarcas atribuíram o dever de proteger a fauna e flora dos espaços que coutavam para suas “*folganças e desenfadamentos de montes e caças*”.¹²

Um aprofundamento do estudo destes oficiais implica, forçosamente, a passagem por temáticas como a caça e a história da floresta em Portugal, no período medieval, assuntos para os quais esperamos contribuir. Contudo, o principal enfoque deste trabalho é o oficialato dos monteiros régios. Pretende-se perceber quem eram estes indivíduos na sociedade em que viviam, o que faziam no exercício de funções, em que regiões atuavam e o porquê da sua existência, como servidores dos reis do medievo. Trata-se, portanto, do estudo de um corpo orgânico, que se consolidou progressivamente, sobretudo, nos séculos XIV e XV, na sociedade medieval portuguesa e que, até ao momento, não recebeu um estudo abrangente e aprofundado.

Cronologicamente, consideramos um período alargado, dos séculos XII ao XV, embora com um especial enfoque nos finais da Idade Média. É uma cronologia que permite explorar os diferentes indivíduos que surgem como “monteiros” na documentação medieval portuguesa.

Iniciamos esta análise no período da formação do Reino de Portugal, uma vez que importa entender quem são os monteiros que surgem documentados, pelo menos, desde o reinado de D. Afonso Henriques. Contudo, o principal período de análise situa-se temporalmente entre os reinados de D. Dinis (1279-1325) e D. Afonso V (1438-1485), uma vez

¹⁰ COELHO, Maria H. da Cruz, RILEY, Carlos Guilherme, “Sobre a Caça...”, pp. 241-248.

¹¹ COELHO, Maria H. da Cruz, RILEY, Carlos Guilherme, “Sobre a Caça...”, pp. 233-237.

¹² HFAC v.1, doc. 409, pp. 270-272, 1436, julho, 24.

que é em finais do século XIII que surgem as primeiras referências a monteiros como oficiais régios incumbidos de proteger um espaço coutado.¹³

O espaço geográfico a que nos dedicamos incide sobre todo o espaço continental do Reino de Portugal. Ressalvando esporádicas referências a outros espaços europeus, que são abordados com o intuito de trazer alguns dados acerca dos congéneres dos monteiros noutros reinos medievais.

Este conjunto de oficiais não teve, até ao presente, um estudo realmente aprofundado. No entanto, surgiram alguns contributos historiográficos de relevo.

Destaca-se, desde logo, o trabalho de Henrique Gama Barros, na *História da Administração Pública em Portugal nos séculos XII a XV*, nos tomos VI¹⁴ e IX.¹⁵ Depois deste, Francisco Esteves Pereira, em 1918, voltou a tratar muito brevemente os monteiros e os espaços coutados para a caça de montaria na introdução que escreveu, no âmbito da edição do *Livro da Montaria de D. João I*.¹⁶

Num plano historiográfico mais atualizado, mas ainda num contexto algo longínquo da atualidade, Carlos Baeta Neves, em 1965, publicou uma coleção documental acerca de vários oficiais relacionados com a prática cinegética, entre os quais os monteiros no período medieval, em: “Alguns Documentos do Arquivo Nacional da Torre do Tombo sobre Monteiros-mores, Caçadores-mores e Caçadores e Couteiros de perdizes”.¹⁷ No mesmo ano, debruça-se em particular sobre os oficiais de montaria no artigo “Dos Monteiros-mores aos Engenheiros Silvicultores”.¹⁸ Apesar de serem contributos de enorme relevo, sobretudo se tivermos em conta a altura em que estas publicações foram feitas, não deixamos de destacar que, nestes textos, o autor está demasiado preso ao objetivo de associar o oficialato medieval aos engenheiros

¹³ No que diz respeito ao limite cronológico final, embora a intenção fosse trabalhar até ao fim do século XV – porventura até 1495, ano em que finda o reinado de D. João II – a quantidade muito considerável de documentação encontrada para o reinado de D. Afonso V inviabilizou essa possibilidade.

¹⁴ BARROS, Henrique Gama, *História da Administração Pública em Portugal nos séculos XII a XV*, t. VI, Lisboa, Livraria Sá da Costa - Editora, 1950, pp. 37-92.

¹⁵ BARROS, Henrique Gama, *História da Administração Pública em Portugal nos séculos XII a XV*, t. IX, Lisboa, Livraria Sá da Costa - Editora, 1953, pp. 141-169.

¹⁶ PEREIRA, Francisco Esteves, “Introdução”, in *Livro da montaria feito por D. João I, rei de Portugal, conforme o manuscrito n.º 4352, da Biblioteca Nacional de Lisboa*, PEREIRA, Francisco M. Esteves (ed.), Coimbra, Imprensa da Universidade, 1918, pp. V-LXV.

¹⁷ NEVES, Carlos Baeta, “Alguns Documentos do Arquivo Nacional da Torre do Tombo sobre Monteiros-mores, Caçadores-mores e Caçadores e Couteiros de perdizes”, *Anais do Instituto Superior de Agronomia*, 28 (1965), pp. 173-304.

¹⁸ NEVES, Carlos Baeta, “Dos Monteiros-mores aos Engenheiros Silvicultores”, *Anais do Instituto Superior de Agronomia*, 28 (1965), pp. 19-172.

silvicultores o que, associado à falta de documentação e um estudo aturado da temática, o levou a diversas imprecisões.

Alguns anos mais tarde, Humberto Baquero Moreno identifica diversos monteiros, na prosopografia em que retratou um conjunto muito considerável de participantes na Batalha de Alfarrobeira. Embora não escreva no âmbito da história ambiental, acaba por identificar diversos oficiais régios ligados à fauna e flora, tanto menores como mores, contribuindo para o melhor conhecimento dos mesmos.¹⁹

Já no decorrer dos anos 80 do século XX, Carlos Baeta Neves traz um novo aporte com os artigos: “Alguns dos Principais Aspectos da Política Florestal em Portugal até ao Século XVII”,²⁰ e “O Ensino Superior Florestal em Portugal: antecedentes históricos, origem e evolução até à atualidade”.²¹ Estes surgem, sensivelmente, no mesmo período em que inicia a publicação da mais importante obra que encabeçou – a *História Florestal, Aquícola e Cinegética* – uma extensa coletânea de documentação emitida pelo poder central, e dividida em seis volumes, editados em sete livros, a partir de 1980, incontornáveis para o estudo da fauna e flora em Portugal.²²

Na mesma década surgem dois textos de Nicole Devy-Vareta, que ainda se mantêm uma referência no estudo da floresta medieval portuguesa. Estes afiguram-se como um só ensaio e tratam, a par do espaço florestal, os monteiros régios, desde o período medieval²³ até ao século XVI.²⁴ O primeiro, denominado “Para uma Geografia Histórica da Floresta Portuguesa: As Matas Medievais e a «Coutada Velha» do Rei” é especialmente relevante no âmbito da

¹⁹ MORENO, Humberto Baquero, *A batalha de Alfarrobeira: antecedentes e significado histórico*, v.1 e 2, Coimbra, Por ordem da Universidade, 1979-1980, pp. 20, 312, 359, 414, 474-481, 527, 571, 593, 596, 603, 624, 645-646, 651, 656, 708, 737, 1011.

²⁰ NEVES, Carlos Baeta, “Alguns dos Principais Aspectos da Política Florestal em Portugal até ao Século XVII”, *Boletim do Instituto dos Produtos Florestais* (1980), pp. 1-6.

²¹ NEVES, Carlos Baeta, “O Ensino Superior Florestal em Portugal: antecedentes históricos, origem e evolução até à atualidade”, *Anais do Instituto Superior de Agronomia*, 41 (1984), pp. 153-174.

²² Os volumes que nos dizem respeito, por questões cronológicas, são o v. 1 e v. 2: *História florestal, aquícola e cinegética: colectânea de documentos existentes no Arquivo Nacional da Torre do Tombo: chancelarias reais*, v.1, NEVES, Carlos Baeta (dir.), Lisboa, Ministério da Agricultura e Pescas Direcção-Geral do Ordenamento e Gestão Florestal, 1980; *História florestal, aquícola e cinegética: colectânea de documentos existentes no Arquivo Nacional da Torre do Tombo: chancelarias reais*, v. 2, NEVES, Carlos Baeta (dir.), Lisboa, Ministério da Agricultura, Comércio e Pescas Direcção-Geral das Florestas, 1982. A estes dois volumes acrescem dois documentos do volume 3, cujas datações ainda integram o período que abordamos: *História florestal, aquícola e cinegética: colectânea de documentos existentes no Arquivo Nacional da Torre do Tombo: chancelarias reais*, v. 3, NEVES, Carlos Baeta (dir.), Lisboa, Ministério da Agricultura, Comércio e Pescas Direcção-Geral das Florestas, 1982.

²³ DEVY-VARETA, Nicole, “Para uma geografia histórica da floresta portuguesa: as matas medievais e a "coutada velha" do Rei”, *Revista da Faculdade de Letras-Geografia*, 1ª série, 1 (1985), pp. 47-67.

²⁴ DEVY-VARETA, Nicole, “Para uma geografia histórica da floresta: do declínio das matas medievais à política florestal do Renascimento (XV-XVI)”, *Revista da Faculdade de Letras-Geografia*, 1ª série, 2 (1986), pp. 5-37.

dissertação que agora desenvolvemos, contendo uma extensa lista dos espaços coutados para a prática de montaria, inseridos nas respetivas regiões geográficas. Porém, conforme pretendemos demonstrar ao longo deste trabalho, algumas das montarias definidas por esta autora estão, no nosso entender, mal estabelecidas.²⁵ Ainda no decorrer do mesmo decénio, em 1987, José Mattoso dedica-se, num pequeno texto, à análise dos monteiros de foro que habitaram o Soajo.²⁶

No âmbito do estudo da nobreza, especialmente no contexto da Corte, surgem dois estudos de referência nos anos 90 do século passado. Em 1992, na tese de Leontina Domingos Ventura, são identificados, entre outros oficiais régios ligados à cinegética, alguns monteiros que remontam ao século XII.²⁷ Três anos mais tarde, é publicada *A Corte dos Reis de Portugal no Final da Idade Média*, de Rita Costa Gomes, que explora neste contexto, sobretudo, os monteiros-mores. Destaca-se, ainda, neste estudo, a importante relação entre a *Coutada Velha*²⁸ e os principais paços régios dos finais da Idade Média, estabelecida por esta autora.²⁹

Já no início deste século, Judite Gonçalves de Freitas caracteriza, muito brevemente, o cargo de monteiro-mor do reino e identifica alguns dos seus ocupantes durante o reinado de D. Afonso V.³⁰ Dois anos mais tarde, Manuela Mendonça tece algumas considerações acerca dos monteiros de D. João I, na introdução ao *Livro da Montaria*, cuja transcrição publicou.³¹ Depois disso, Aura Carrilho e Maria Sequeira Martins lançam um artigo intitulado “Recursos florestais no Portugal medievo”, onde, a par de outros oficialatos, é explorado o dos monteiros no contexto da gestão régia da floresta portuguesa, entre os séculos XIII e XVI. Em 2008, surgem outros dois importantes contributos: José Abalo Buceta tece breves considerações sobre o oficialato, numa nova edição crítica do *Livro de Montaria*,³² e Manuela Santos Silva, no âmbito de um estudo sobre *O Concelho de Óbidos na Idade Média*, trata os monteiros dessa região,

²⁵ Este assunto é desenvolvido no subcapítulo 2.3.2, onde identificamos os monteiros-mores detetados na documentação, e no capítulo 3, no qual escrevemos algumas considerações sobre cada montaria.

²⁶ MATTOSO, José, “A Caça no Soajo”, in MATTOSO, José, *Fragments de uma composição medieval*, Lisboa, Editorial Estampa, 1987, pp. 205-211.

²⁷ VENTURA, Leontina Domingos, *A Nobreza de Corte de D. Afonso III*, vol. 1, Coimbra, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 1992 (tese de doutoramento), pp. 135-136.

²⁸ Sobre a *Coutada Velha* veja-se, sobretudo, o que escrevemos no subcapítulo 1.3.2.

²⁹ GOMES, Rita Costa, *A Corte dos Reis de Portugal no Final da Idade Média*, Lisboa, Difel, 1995, pp. 33, 146-159, 257-258.

³⁰ FREITAS, Judite A. Gonçalves de, “*Teemos por bem e mandamos*”. *A Burocracia Régia e os Oficiais em meados de Quatrocentos (1439-1460)*, vol. 1, Cascais, Patrimónia, 2001, p. 116.

³¹ MENDONÇA, Manuela, “Introdução”, in *Livro de Montaria*, MENDONÇA, Manuela (ed.), Ericeira, Mar de Letras, 2003, pp. XXIV-XXIX.

³² ABALO BUCETA, José María, *Livro da Montaria de D. João I de Portugal (1415-1433)*, Valladolid, Universidad de Valladolid. Facultad de Filosofía y Letras, 2008 (tese de doutoramento), pp. 5-15.

bem como o próprio funcionamento do oficialato e os espaços naturais que estes estavam encarregues de guardar.³³

Em 2012, Iria Gonçalves publica a obra *Por terras de Entre-Douro-e-Minho com as Inquirições de Afonso III*, onde se fornecem importantes dados para o conhecimento dos monteiros de foro que habitavam a Norte do Douro, segundo as *Inquirições Gerais* de 1258.³⁴ Alguns anos mais tarde, no contexto do estudo de Palmela entre os séculos XII e XVI, João Costa identifica diversos monteiros da região de Palmela entre os séculos XIV e XVI, explorando brevemente as suas funções.³⁵

Em 2017, Saul António Gomes estuda os monteiros, de entre muitos outros oficiais ligados à fauna e flora, segundo o caso da região de Leiria.³⁶ Mais um contributo que, somando aos anteriormente referidos, engrossa o número de indivíduos identificados nesta função. No mesmo ano, e novamente em 2022, Koldo Trápaga Monchet desenvolve novos estudos sobre estes oficiais, no âmbito das políticas aplicadas às florestas medievais portuguesas, embora o faça sobretudo do século XV em diante.³⁷

Muito recentemente, em novembro de 2022, foi publicado o livro *Feras e Homens – A Fauna no Portugal Medieval*, da autoria de Miguel Brandão Pimenta e Paulo Caetano. Uma obra que, entre outros aspetos relacionados com a história animal e ambiental, também trata os monteiros e os espaços coutados que estes guardavam, sobretudo nos capítulos I e II.³⁸

³³ SILVA, Manuela Santos, “O concelho de Óbidos na Idade Média” (2008) [<https://www.academia.edu/1327638>], pp. 79-92, 135-181, 308-310.

³⁴ GONÇALVES, Iria, *Por terras de Entre-Douro-e-Minho com as Inquirições de Afonso III*, Porto, Afrontamento: CITCEM - Centro de Investigação Transdisciplinar "Cultura, Espaço e Memória", 2012, pp. 41, 127-129, 202-205.

³⁵ COSTA, João Santos, *Palmela: o espaço e as gentes (séculos XII a XVI)*, v. 1, Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 2016 (tese de doutoramento), pp. 265-269. No segundo volume, apresenta uma extensa lista prosopográfica onde constam notas biográficas dos monteiros que identificou para esta região, entre outros indivíduos.

³⁶ GOMES, Saul António, “Leiria: Crescimento e Consolidação”, in GOMES, Saul António (coord.), *Forais de Leiria*, Leiria, Textiverso, 2017, pp. 35-104.

³⁷ TRÁPAGA MONCHET, Koldo, “El estudio de los bosques reales de Portugal a través de la legislación forestal en las dinastías Avis, Habsburgo y Braganza (ca. 1435-1650)”, *Philostrato. Revista de Historia y Arte*, 1 (2017), pp. 5-27. TRÁPAGA MONCHET, Koldo, “Las políticas forestales en los reinos de Castilla y Portugal (siglos XV-XVII)” in DATTERO, Alessandra (coord.), *Il bosco: Biodiversità, diritti e culture dal medioevo al nostro tempo*, Roma, Viella, 2022, pp. 85-103. Antes da entrega da dissertação tivemos conhecimento de que o mesmo autor publicou, em co-autoria, um outro artigo, em dezembro de 2022. Contudo, não foi possível consultar o mesmo antes do prazo de entrega deste trabalho: TRÁPAGA MONCHET, Koldo, ROMERO-CALCERRADA, Raúl, “Forest policies, administration, and management of the Leiria pinewood in Portugal (13th – 18th centuries)”, *Management & Organizational History*, 17, 3-4 (2022), pp. 138-165.

³⁸ Apesar desta obra conter diversas análises que nos parecem bastante relevantes, apresenta algumas imprecisões que detetámos no ponto “A Coutada Velha do Rei” (pp. 65-70), no contexto do capítulo II. Estas provêm, em boa parte, da associação dos monteiros de foro aos monteiros-oficiais. A divisão entre tipos de “monteiros” foi parcialmente referida por alguns autores, mas ainda não foi claramente definida. Por esse motivo, dedicamos o

Assim, estes são os contributos mais relevantes que pudemos identificar no estudo dos oficiais das montarias régias no Portugal medievo.³⁹

No que diz respeito às fontes escritas que utilizamos para fazer a nossa análise, há três grupos que importa distinguir. De forma a contextualizar a presença dos monteiros em Portugal, mormente entre os reinados de D. Afonso Henriques e D. Dinis, recorremos a obras em que se publica numerosa documentação.⁴⁰ Foram encontradas referências muito úteis em obras tais como o *Diplomatário da Sé de Viseu*,⁴¹ *Chancelaria de D. Afonso III*,⁴² *Documentos Medievais Portugueses*⁴³ e *Portugaliae Monumenta Historica*.⁴⁴

primeiro capítulo deste estudo aos conceitos medievais para o termo “monteiro”. A somar a este aspeto, não surgem citações claras ao longo desta obra, aparecendo apenas referência a autores no corpo de texto, algo que dificulta, ou impossibilita, a consulta dos dados que nesta são referidos. PIMENTA, Miguel Brandão, CAETANO, Paulo, *Feras e Homens – A Fauna no Portugal Medieval*, Lisboa, Editorial Bizâncio, 2022.

³⁹ Apesar de serem estudos que se debruçam apenas muito levemente nos oficiais das montarias régias, não podemos deixar de destacar, por serem obras de referência, e pela sua relevância para o estudo das matas coutadas ou da própria caça na época medieval, os seguintes textos: MARQUES, A. H. de Oliveira, “A Propriedade Fundiária e a Produção”, in SERRÃO, Joel, MARQUES, A. H. de Oliveira, (dir.), *Nova História de Portugal*, v.4: *Portugal na Crise dos séculos XIV e XV*, Lisboa, Editorial Presença, 1987, pp. 76-122. COELHO, Maria H. da Cruz, RILEY, Carlos Guilherme, “Sobre a Caça...”, pp. 221-267. COELHO, Maria H. da Cruz, HOMEM, Armando L. de Carvalho, “A Diversificação Económica”, in SERRÃO, Joel, MARQUES, A. H. de Oliveira (dir.), COELHO, Maria H. da Cruz, HOMEM, Armando L. de Carvalho (coord.), *Nova História de Portugal*, v.3, *Portugal em Definição de Fronteiras: Do Condado Portucalense à Crise do Século XIV*, Lisboa, Editorial Presença, 1996, pp. 430-443. MARQUES, A. H. de Oliveira, *A Sociedade Medieval Portuguesa*, Lisboa, Esfera dos Livros, 2010.

⁴⁰ As obras que foram rastreadas, mas onde não localizámos referências relevantes são: *Documentos de D. Sancho I (1174-1211)*, AZEVEDO, Rui de, COSTA, Avelino de Jesus da, PEREIRA, Marcelino Rodrigues (eds.), Coimbra, Centro de História da Universidade de Coimbra, 1979; *Livro dos bens de D. João de Portel: cartulário do século XIII*, AZEVEDO, Pedro de, FREIRE, Anselmo Braamcamp (eds.), Lisboa e Portel, Edições Colibri e Câmara Municipal de Portel, 2003; *Liber Fidei Sanctae Bracaraensis Ecclesiae*, 2 vols., COSTA, Avelino de Jesus da, MARQUES, José (eds.), Braga, Arquidiocese de Braga, 2016.

⁴¹ *Diplomatário da Sé de Viseu (1078-1278)*, VENTURA, Leontina Domingos, MATOS, João da Cunha (eds.), Coimbra, Instituto de Estudos Medievais, Centro de História da Sociedade e da Cultura da Universidade de Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2010.

⁴² Embora tenham sido rastreados os três volumes publicados, apenas encontramos menções relevantes em: *Chancelaria de D. Afonso III: Livros II e III*, VENTURA, Leontina Domingos, OLIVEIRA, António Resende de (eds.), Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2011.

⁴³ *Documentos medievais portugueses – Documentos Régios: documentos dos Condes Portucalenses e de D. Afonso Henriques, A.D. 1095-1185*, vol.1, t.1, AZEVEDO, Rui de (eds.), Lisboa, Academia Portuguesa de História, 1958.

⁴⁴ *Portugaliae Monumenta Historica: a saeculo octavo post Christum usque ad quintumdecimum: Leges et consuetudines*, v. I, fasc. I, II, IV, V, HERCULANO, Alexandre (ed.), Lisboa, Typis Academicis, 1856-1866; *Portugaliae Monumenta Historica: a saeculo octavo post Christum usque ad quintumdecimum: Scriptores*, v. I, fasc. II, III, HERCULANO, Alexandre (ed.), Lisboa: Typis Academicis, 1860-1861; *Portugaliae Monumenta Historica: a saeculo octavo post Christum usque ad quintumdecimum: Diplomata et Chartae*, v. I, fasc. II HERCULANO, Alexandre (ed.), Lisboa, Typis Academicis, 1869; *Portugaliae Monumenta Historica: a saeculo octavo post Christum usque ad quintumdecimum: Inquisitiones*, v. I, fasc. I-II, III, IV-V, VI, VII, VIII, IX HERCULANO, Alexandre (ed.), Lisboa, Typis Academicis, 1888-1977; *Portugaliae Monumenta Historica Nova Série*, v. IV/1, *Inquisitiones: inquirições gerais de D. Dinis de 1288, sentenças de 1290 e execuções de 1291*, PIZARRO, José A. Sottomayor (ed.), Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda e Academia das Ciências de Lisboa, 2012; *Portugaliae Monumenta Historica Nova Série*, v. IV/2, *Inquisitiones: inquirições gerais de D. Dinis de 1288, sentenças de 1290 e execuções de 1290*, PIZARRO, José A. Sottomayor (ed.), Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda e Academia das Ciências de Lisboa, 2015; *Portugaliae Monumenta Historica Nova Série*,

O segundo grupo inclui a documentação emitida pelo poder régio, entre o reinado de D. Dinis e o de D. Afonso V, nomeadamente Chancelarias,⁴⁵ Cortes⁴⁶ e Ordenações.⁴⁷

Finalmente, estes dados foram complementados com elementos retirados de fontes literárias – como por exemplo do *Livro de Montaria* de D. João I,⁴⁸ ou do *Livro da ensinança de bem cavalgar toda a sela* de D. Duarte⁴⁹ –, além de um conjunto de fontes cronísticas e de livros de linhagens.⁵⁰

v. IX/1, *Leges et Consuetudines: Forais e Cartas de Povoamento 1ª parte: 1050-1244*, REIS, António Matos (ed.), Lisboa, Academia das Ciências de Lisboa, 2017.

⁴⁵ O percurso pela documentação contida nas chancelarias régias foi feito, inicialmente, pela documentação compilada nos volumes I e II da HFAC. Para além da documentação recolhida nesses volumes, foram acrescentados mais algumas dezenas de cartas encontradas no decorrer da investigação. Destaco também neste tópico o *Livro Vermelho do Senhor Rey D. Affonso V* publicado em: *Collecção de Livros Inéditos de História Portugeza dos reinados de D. João I, D. Duarte, D. Affonso V, e D. João II*, t. III, SERRA, José Correia da (ed.), Lisboa, Academia Real das Sciencias, 1793, pp. 387-541. Para complementar as transcrições em falta, na HFAC v.1, recorreremos às seguintes publicações de chancelarias régias: *Chancelarias Portuguesas: D. João I*, v.1 t.1, DIAS, João J. Alves (ed.), Lisboa, Centro de Estudos Históricos da Universidade Nova de Lisboa, 2004; *Chancelarias Portuguesas: D. João I*, v.3 t.2, DIAS, João J. Alves (ed.), Lisboa, Centro de Estudos Históricos da Universidade Nova de Lisboa, 2006; *Chancelarias Portuguesas: D. João I*, v.3 t.3, DIAS, João J. Alves (ed.), Lisboa, Centro de Estudos Históricos da Universidade Nova de Lisboa, 2006; *Chancelarias Portuguesas: D. João I*, v.4 t.1, DIAS, João J. Alves (ed.), Lisboa, Centro de Estudos Históricos da Universidade Nova de Lisboa, 2006; *Chancelarias Portuguesas: D. Duarte*, v.1 t.2, DIAS, João J. Alves (ed.), Lisboa, Centro de Estudos Históricos da Universidade Nova de Lisboa, 1998; *Chancelarias Portuguesas: D. Duarte*, v.3, DIAS, João J. Alves (ed.), Lisboa, Centro de Estudos Históricos da Universidade Nova de Lisboa, 2002.

⁴⁶ Neste ponto consultámos, essencialmente, as seguintes publicações: *Cortes Portuguesas: Reinado de D. Afonso IV (1325-1357)*, MARQUES, A. H. de Oliveira, RODRIGUES, Maria T. Campos, DIAS, Nuno J. Pinto (eds.), Lisboa, Instituto Nacional de Investigação Científica e Centro de Estudos Históricos da Universidade Nova de Lisboa, 1982; *Cortes Portuguesas: Reinado de D. Pedro I (1357-1367)*, MARQUES, A. H. de Oliveira, DIAS, Nuno J. Pinto (eds.), Lisboa, Instituto Nacional de Investigação Científica e Centro de Estudos Históricos da Universidade Nova de Lisboa, 1986; *Cortes Portuguesas: Reinado de D. Fernando (1367-1383)*, v.2, MARQUES, A. H. de Oliveira, SALVADO, João Paulo (eds.), Lisboa, Instituto Nacional de Investigação Científica e Centro de Estudos Históricos da Universidade Nova de Lisboa, 1993; *Cortes Portuguesas: Reinado de D. Duarte (Cortes de 1436 e 1438)*, DIAS, João J. Alves (ed.), Lisboa, Centro de Estudos Históricos da Universidade Nova de Lisboa, 2004; *Cortes Portuguesas: Reinado de D. Afonso V (Cortes de 1438)*, DIAS, João J. Alves, PINTO, Pedro (eds.), Lisboa, Centro de Estudos Históricos da Universidade Nova de Lisboa, 2014; *Cortes Portuguesas: Reinado de D. Afonso V (Cortes de 1439)*, DIAS, João J. Alves, PINTO, Pedro (eds.), Lisboa, Centro de Estudos Históricos da Universidade Nova de Lisboa, 2016; *Cortes Portuguesas: Reinado de D. Afonso V (Cortes de 1441-1447)*, DIAS, João J. Alves, PINTO, Pedro (eds.), Lisboa, Centro de Estudos Históricos da Universidade Nova de Lisboa, 2018; DIAS, Diogo Teixeira, *As últimas Cortes em Coimbra – Dados para o estudo da política parlamentar portuguesa em 1472-1473*, Coimbra, Câmara Municipal de Coimbra, 2021.

⁴⁷ As Ordenações Régias foram consultadas segundas estas publicações: *Ordenações Del-Rei Dom Duarte*, ALBUQUERQUE, Martim de, NUNES, Eduardo Borges (eds.), Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1988; *Ordenações Afonsinas: Livro I*, COSTA, Mário de Almeida, NUNES, Eduardo Borges (eds.), Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1998.

⁴⁸ Para esta fonte existem diversas publicações, podemos destacar: *Livro da montaria feito por D. João I, rei de Portugal, conforme o manuscrito n.º 4352, da Biblioteca Nacional de Lisboa*, PEREIRA, Francisco M. Esteves (ed.), Coimbra, Imprensa da Universidade, 1918; “Libro de Monteria”, in *Obras dos Príncipes de Avis* ALMEIDA, Mário Lopes de (ed.), Porto, Lello & Irmão, 1981, pp. 1-232; *Livro de Montaria*, MENDONÇA, Manuela (ed.), Ericeira, Mar de Letras, 2003; ABALO BUCETA, José María, *Livro da Montaria...* pp. 79-313.

⁴⁹ Faremos uso de: *Livro da ensinança de bem cavalgar toda a sela que fez El-Rey Dom Eduarte de Portugal e do Algarve e senhor de Ceuta*, PIEL, Joseph M. (ed.), Lisboa, Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1986.

⁵⁰ Destacam-se as seguintes publicações: ZURARA, Gomes Eanes, *Crónica da Tomada de Ceuta por El Rei Dom João I*, PEREIRA, Francisco M. Esteves (ed.), Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa, 1915; LOPES, Fernão, *Crónica de D. Fernando*, MACCHI, Giuliano (ed.), Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2004; *Portvgaliae*

Para além destas, as fontes iconográficas também foram consideradas. Entre as quais destacamos as representações de caça presentes em diversos túmulos portugueses de finais da Idade Média.⁵¹ Nestes podemos identificar elementos relativos à prática cinegética que surgem referidos nas fontes escritas – desde a componente animal (cavalos, cães, aves, javalis), até aos utensílios, sejam armas ou instrumentos utilizados na prática cinegética (lança, ascuma, corno, trela).

Metodologicamente, o processo de investigação iniciou com a recolha de referências documentais a monteiros entre os séculos XII e XIII, nas diversas fontes publicadas, já referidas previamente. Um percurso que antecedeu a parte central da investigação e que permitiu, sobretudo, definir e identificar quem eram os monteiros desde o reinado de D. Afonso Henriques.

Em seguida iniciámos a principal recolha documental, que visou o levantamento de todos os documentos das chancelarias régias, até ao reinado de D. Afonso V, que fossem relevantes para o estudo dos monteiros e dos espaços coutados que estes guardavam. Para esta tarefa servimo-nos, inicialmente, dos volumes 1 e 2 da *História Florestal, Aquícola e Cinegética* relativos aos períodos de 1208-1438 e 1439-1481, respetivamente.⁵² Ao todo foi possível identificar 78 cartas relevantes no primeiro volume e 504 no segundo. A estas acresceram 66 cartas, provenientes da Chancelaria de D. Afonso V, encontradas no decorrer da investigação, que não constavam na *HFAC*, perfazendo um total de 648 referências documentais. Entre aquelas que dizem respeito ao primeiro volume da *HFAC*, conseguimos aceder, em praticamente todos os documentos, à sua transcrição integral – que consta no próprio volume ou nas Chancelarias Régias já publicadas. No caso das cartas recolhidas no segundo

Monumenta Historica Nova Série, v.II/1, *Livro de Linhagens do Conde D. Pedro*, MATTOSO, José (ed.), Lisboa, Academia das Ciências de Lisboa, 1980; *Portvgaliae Monumenta Historica Nova Série*, v.II/2, *Livro de Linhagens do Conde D. Pedro*, MATTOSO, José (ed.), Lisboa, Academia das Ciências de Lisboa, 1980.

⁵¹ Destacamos cinco túmulos com representações de caça: Túmulo de Gomes Martins Silvestre, Figura A1; Túmulo de Vasco Esteves de Gatuz, Figura A2; Túmulo de Fernão Sanches, Figura A3; Túmulo de um anónimo, Figura A4; túmulo de Pedro Afonso de Portugal, Conde de Barcelos, Figura A5. Todos presentes no Anexo 4 – Iconografia.

⁵² Para além do percurso feito pelos volumes 1 e 2, já referidos e citados anteriormente, acrescentámos alguns documentos retirados dos volumes 3 e 4, de forma a complementar as notas biográficas de alguns oficiais que iniciaram funções antes de final do reinado de D. Afonso V. Contudo, essa recolha limitou-se à consulta dos sumários contidos nesses dois livros. Uma pesquisa mais aprofundada – semelhante àquela que fizemos para os volumes 1 e 2 – traria, certamente, mais resultados, mas tal não foi possível de executar devido ao escasso tempo de que dispusemos. *História florestal, aquícola e cinegética: colectânea de documentos existentes no Arquivo Nacional da Torre do Tombo: chancelarias reais*, v.3, NEVES, Carlos Baeta (dir.), Lisboa, Ministério da Agricultura, Comércio e Pescas Direcção-Geral das Florestas, 1982; *História florestal, aquícola e cinegética: colectânea de documentos existentes no Arquivo Nacional da Torre do Tombo: chancelarias reais*, v.4, NEVES, Carlos Baeta (dir.), Lisboa, Ministério da Agricultura, Comércio e Pescas Direcção-Geral das Florestas, 1983.

volume da *HFAC*, relativas à Chancelaria de D. Afonso V, apenas 81 delas estavam transcritas, pelo que tivemos de proceder à transcrição paleográfica das restantes 489.⁵³

A recolha e tratamento desta informação permitiu a construção de uma base de dados que, por sua vez, foi utilizada para a elaboração das notas biográficas dos monteiros e monteiros-mores identificados. Os indivíduos e os seus respetivos dados biográficos foram ordenados por montarias, tendo as informações recolhidas sido organizadas nos seguintes campos: ID;⁵⁴ nome; local de residência; cargo (oficialato); matas; ocupação/posição social; percurso no desempenho do oficialato (com datações); fontes documentais. Quanto aos indivíduos identificados no desempenho do cargo de monteiro-mor, reunimo-los num só quadro onde foram arrolados com informações semelhantes. No caso dos monteiros-mores do reino, optámos por não criar fichas biográficas, uma vez que o estudo dos percursos de vida dos indivíduos que ocuparam esta função já foi feito, por mais do que um autor, sendo pouco relevante refazê-lo. Não deixamos, de qualquer modo, de analisar todos os ocupantes deste cargo e os seus percursos no desempenho do oficialato de montaria.

A estes dados acrescem elementos retirados das *Ordenações* – em particular as Afonsinas, com o Regimento dos monteiros: “título LXVII: *Do Monteiro Moor, e cousas que a seu officio pertencem*”⁵⁵ –, das Cortes, já mencionadas, e das fontes literárias e cronísticas, também já referidas.⁵⁶ O mesmo foi feito atendendo às fontes iconográficas que recolhemos ao longo da investigação.⁵⁷

⁵³ Destacamos que no volume 2 da *HFAC* grande parte da documentação sumariada não está publicada, os sumários contêm um conjunto muito limitado de informações e, em muitos casos, contêm imprecisões terminológicas. Enquanto no volume 1 (1208-1438) podemos recorrer aos vários livros das chancelarias régias já publicados para colmatar as transcrições em falta – apenas com a exceção da Chancelaria de D. Fernando que se prepara para publicação –, no segundo volume apenas podemos recorrer à leitura dos manuscritos. Parece-nos, portanto, que os estudos no âmbito da história ambiental e animal (e não só) poderiam beneficiar largamente de uma atualização do volume 2 da *História Florestal, Aquícola e Cinegética*. Apesar de não apresentarmos, neste estudo, todos os documentos que rastreámos, cujas transcrições paleográficas estão, em boa medida, executadas, não deixamos de apresentar um contributo nesse sentido no Anexo 3 – *Corpus Documental*.

⁵⁴ Aquilo que denominámos “ID” é o número identificador único para cada indivíduo (utilizado em monteiros e monteiros-mores). O motivo principal para a criação deste número identificador está relacionado com o tratamento dos dados. Contudo, também tem a vantagem de tornar a identificação de cada monteiro mais rigorosa, quando referidos ao longo do texto. Os quadros de todos os monteiros detetados na documentação, com os respetivos ID’s, estão compilados, em anexo, nos quadros: A1, A2, A3, A4, A5, A6, A7, A8, A9, A10, A11, A12, A13, A14, no Anexo 1- Quadros de base prosopográfica.

⁵⁵ Ord. Af., L.º1, pp. 398-405.

⁵⁶ Este conjunto de fontes, de variadas tipologias, será utilizado de forma pontual, sendo que não faremos uma análise aprofundada às mesmas.

⁵⁷ Poderíamos acrescentar a todo este percurso, a análise das cartas presentes no fundo da “Montaria-Mor do Reino”, no Arquivo Histórico de Obras Públicas, identificado com o código de referência PT/AHMOP/MMR. Ainda que as datações extremas, atribuídas a esta documentação, estejam entre 1550 e 1883, reconhecemos que poderá conter referências relevantes, ou translados de cartas anteriores a 1481. Contudo, dado o tempo de que dispomos e os objetivos do presente trabalho não faremos este percurso. Acerca deste fundo veja-se: COSTA,

Este estudo está organizado em 3 grandes capítulos: conceitos (capítulo 1); monteiros-oficiais (capítulo 2); e montarias (capítulo 3). O primeiro, dedicado aos conceitos, subdivide-se em três partes: tratando, em primeiro lugar, de distinguir os diferentes tipos de monteiros;⁵⁸ seguidamente, outros oficiais régios relacionados com a fauna e flora;⁵⁹ e, por fim, numa terceira parte, as diferentes tipologias de coutadas.⁶⁰

Assim, através do capítulo 1, procuramos destrinçar, sobretudo, as diferenças entre os vários tipos de monteiros ao longo de toda a Idade Média, problemática que até agora foi praticamente ignorada pela historiografia, e, além disso, identificar as particularidades dos diversos oficialatos régios relacionados com a fauna e flora. Da mesma forma, procuramos distinguir as coutadas de montaria, onde operavam os monteiros-oficiais, das restantes identificadas.

No segundo capítulo tratamos o oficialato da montaria, atendendo aos dados biográficos que compilámos. Este estrutura-se da seguinte forma: hierarquia (capítulo 2.1); monteiro-mores do reino (capítulo 2.2); monteiros-mores das montarias (capítulo 2.3); monteiros (capítulo 2.4); e monteiros de cavalo (capítulo 2.5).

O tópico da hierarquia, por ser transversal a todas as categorias, é tratado em primeiro lugar. A este seguem-se análises individualizadas no âmbito de cada tipo de monteiro. Para os monteiros-mores do reino, estabelecermos primeiramente quais eram as suas funções e privilégios (capítulo 2.2.1), seguindo-se a identificação de todos os indivíduos que desempenharam este cargo e ao percurso que fizeram dentro do mesmo (capítulo 2.2.2). Pretendemos, acima de tudo, demonstrar por que motivos assumiam ou deixavam o oficialato, quanto tempo o ocupavam e qual era o papel que desempenhavam. Além disso, identificamos a presença de todos os indivíduos que exerceram como interinos e as relações familiares existentes entre estes e os oficiais máximos da montaria.

No caso dos monteiros-mores das montarias, para além da caracterização do cargo que desempenhavam (capítulo 2.3.1), analisamos os indivíduos que surgiram no desempenho desse cargo (capítulo 2.3.2). Contudo, esta tarefa é dificultada pela imprecisão terminológica presente

Mário A. Nunes, “O arquivo da Montaria-Mor do Reino: (1583-1833)”, *Revista Portuguesa de História*, 11 (1964), pp. 151-176.

⁵⁸ Pontos 1.1, 1.1.1, 1.1.2, 1.1.3, 1.1.4.

⁵⁹ Pontos 1.2, 1.2.1, 1.2.2, 1.2.3, 1.2.4.

⁶⁰ Pontos 1.3, 1.3.1, 1.3.2, 1.3.3.

na documentação medieval no que diz respeito à denominação de cada montaria.⁶¹ Resulta, portanto, num capítulo que procura não só identificar a sucessão de oficiais mores, detetados em cada região, como também definir geograficamente as montarias que cada um deles chefiava.

No que respeita aos monteiros (capítulo 2.4), também iniciamos com a caracterização da sua função e respetivos privilégios (capítulo 2.4.1). Com o intuito de aprofundar o conhecimento acerca dos indivíduos que ocuparam o cargo de monteiro, dedicamo-nos à análise dos dados biográficos que recolhemos para cada um destes oficiais (capítulo 2.4.2). Procuramos, portanto, explorar fatores como a idade com que eram nomeados e aposentados, o tempo que se mantinham em funções, os motivos que os levavam a deixar de exercer, o seu posicionamento social e as ligações familiares existentes.

Para finalizar, apresentamos uma breve análise aos monteiros de cavalo (capítulo 2.5). Para tal, descrevemos o percurso de três indivíduos que conseguimos encontrar no desempenho desta função com o intuito de perceber que posição estes ocupavam na sociedade, que serviço prestavam ao rei e entender se o motivo da sua diferenciação se limitava à posse de cavalo.

Temos, deste modo, a intenção de caracterizar ao longo deste capítulo todo o universo do oficialato régio da montaria, com o sustentáculo de uma recolha exaustiva e sistematizada, de base prosopográfica, da documentação emitida pelo poder central, ao longo da Idade Média. Isto porque, até ao presente, apenas surgiram análises parciais ou geograficamente circunscritas, que apesar de representarem importantíssimos avanços para a historiografia portuguesa, nos parecem insuficientes para a total compreensão deste oficialato.

O último capítulo (capítulo 3) é dedicado às montarias régias. Ainda que a nossa recolha documental se tenha centrado nos indivíduos que protegiam os espaços coutados – os monteiros – e não diretamente nas coutadas que protegiam, reunimos um conjunto de informações que nos permite tecer algumas considerações acerca das mesmas. Assim, caracterizamos, brevemente, cada uma das montarias criadas pelos monarcas portugueses, atendendo,

⁶¹ É certo que cada montaria, tinha o respetivo monteiro-mor que a superintendia. Contudo, estas montarias surgem com denominações diversas na documentação. A somar a esta problemática, a proposta apresentada por Nicole Devy-Vareta, para a divisão das montarias medievais, demonstrou-se imprecisa. Assim, no ponto 2.3.2, dedicamo-nos à identificação de cada um destes espaços, através da análise dos diferentes monteiros-mores detetados. Pretendemos, através da denominação dos seus cargos, clarificar quais montarias existiam e que geografia ocupavam. No capítulo 3 caracterizamos, de forma relativamente breve, cada uma das montarias, bem como os períodos em que terão estado ativas, segundo a documentação que recolhemos.

sobretudo, às seguintes questões: qual o seu período de existência; que geografia ocupavam (genericamente); e quais os espaços naturais que abrangiam.

Segue-se, por fim, o capítulo de anexos, onde dispomos os dados obtidos no decurso da investigação e que servem de base para a construção deste estudo. Contêm, desde logo, quadros com a identificação de todos os monteiros detetados, com os respetivos dados biográficos, organizados por montarias.⁶² Apresentamos, também, um pequeno *Corpus* documental com algumas cartas representativas de elementos considerados nesta dissertação. Por último, dispomos algumas representações medievais de caça que utilizámos no decorrer desta dissertação.

⁶² Estes quadros foram dispostos por ordem alfabética, segundo a denominação atribuída a cada montaria. Os números identificadores de cada monteiro (ID) também se encontram organizados do menor para o maior.

1 Conceitos

1.1 Conceitos para o termo “monteiro”

Os monteiros que procuramos estudar são aqueles que integraram o corpo orgânico de oficiais régios incumbidos de guardar as coutadas, inseridas nas diversas montarias. Contudo, o percurso de investigação feito levantou, desde logo, uma problemática que se prende com os vários significados que a palavra monteiro adquire, consoante o contexto em que surge. Assim, o primeiro desafio no desenvolvimento deste estudo foi perceber as diferentes definições que a palavra monteiro assume na documentação medieval portuguesa.

Começamos por dedicar algumas considerações acerca dos diferentes conceitos que este termo pode encerrar, partindo de uma divisão em quatro grupos: os monteiros de foro; os monteiros de corte ou palacianos; os monteiros como praticantes da caça de montaria; e os monteiros-oficiais que guardavam espaços coutados. Esta análise permite-nos também tecer algumas considerações acerca da antiguidade do oficialato de monteiro, como vigilante de uma coutada, uma vez que a compreensão dos diferentes significados nos levará, forçosamente, à análise de casos concretos em cujas funções dos monteiros não estão plenamente esclarecidas.

1.1.1 Monteiros de foro

Através da produção foralenga e de cartas de povoamento, ao longo dos séculos XII e XIII, mesmo em documentos anteriores à formação do Reino de Portugal, podemos identificar por diversas vezes a referência a monteiros. São exemplos disto as cartas de povoamento de Santa Comba e Treixede (c. Santa Comba Dão) (1102)⁶³ e de Tentúgal (1108?)⁶⁴ e os forais de Seia (1136),⁶⁵ Miranda do Corvo (1136),⁶⁶ Penela (1137),⁶⁷ Leiria (1142),⁶⁸ Arouce (1151),⁶⁹

⁶³ “*De montariis vero elegimus uniuscuique venati lumbum tribuere.*”, PMH NS v.IX/1, pp. 666-668, doc. 224, 1102, outubro.

⁶⁴ “*Facimus vobis cartam stabilitatis ad habitandum et ad plantandum et ad colendum tali modo ut omnis miles qui ibi fuerit, et balestariis atque montariis vel ceteris hominibus, habeat talem licentiam ut faciant de suis rebus ad seniore que illam imperaverit sicut faciunt omnes homines qui habitant in Colimbrie civitatem et similiter habeant omnes foros quos in Colimbrie currerint.*”, PMH NS v.IX/1, pp. 671-672, doc. 226, 1108?.

⁶⁵ “*Et monteiros qui fuerint pro pelles de bestiis, adducant illas ad concilium et vendant illas sine nullo meto, et qui plus dederit vadat cum illas et non sedeant pignoratus proinde neque raupatus*”, PMH NS v.IX/1, pp. 56-61, doc. 22, 1136, maio.

⁶⁶ “*Montarius de melle et cera det medium cubellum mellis, aut redel de cera*”, PMH NS v.IX/1, pp. 61-63, doc. 23, 1136, novembro, 19.

⁶⁷ “*Monteiro qui non derit iugadam et iverit ad montem, des quando habuerit in monte VIII dies det alqueire de mel vel arratal de cera.*”, PMH NS v.IX/1, pp. 66-68, doc. 25, 1137, julho.

⁶⁸ “*Montarius de zana det de venato lumbum costale.*” PMH NS v.IX/1, pp. 71-73, doc. 27, 1142.

⁶⁹ “*Montarius de melle et cera det medium cubellum mellis aut redel de cera. Et qui peias posuerit in monte ad venandum det inde unum lumbum cum quatuor costis.*”, PMH NS v.IX/1, pp. 74-75, doc. 28, 1151, abril.

Redinha (c. Pombal) (1159),⁷⁰ Moimenta da Beira (1189),⁷¹ Penacova (1192),⁷² Pedrógão (1205)⁷³ e a carta de povoamento de Abiul (c. Pombal) (1206).⁷⁴

Através destes documentos entende-se apenas que estes monteiros eram indivíduos que se dedicavam à caça, ou recolção de produtos como o mel,⁷⁵ e que estavam previstos na tributação da época.

Para termos um melhor entendimento acerca destes indivíduos podemos recorrer às *Inquirições Gerais* de D. Afonso II, D. Afonso III e D. Dinis. É sobretudo através destas que podemos compreender quem eram estes monteiros – documentados nos séculos XII e XIII – que, aparentemente, não tinham uma ligação direta àqueles que guardavam as coutadas régias.

Pelas *Inquirições* de D. Afonso II já podemos tecer, através de algumas referências nelas contidas, mais algumas considerações. Por esta fonte percebe-se, por exemplo, que estes indivíduos tinham a obrigação de possuir ascuma, corno, cão e trela – equipamentos afetos à sua função venatória e que seriam utilizados ao serviço de ricos-homens, ou senhores das terras, tal como está descrito em alguns casos.⁷⁶ Para além disso, encontramos referências ao serviço militar que deveriam cumprir ao serviço da coroa, não sendo claro, neste contexto, se essa obrigação estaria diretamente ligada ao facto de serem monteiros.⁷⁷

⁷⁰ “*Laborator non faciat forum de montaria. Montarius qui in monte unam noctem vel plus manserit det unum conelium cum sua pelle, sin autem nichil det. Et de omni venatu lumbum costale det.*”, PMH NS v.IX/1, pp.108-110, doc. 39, 1159, junho.

⁷¹ “*Et monteyro que for a mel et non der raçom a palacio det I medio alqueire de mel (...) et monteiro de corça I lombo, de cervoi lonbo, de porco montes IIII costas*”, PMH NS v.IX/1, pp. 241-242, doc. 77, 1189, janeiro.

⁷² “*Montarii qui fuerint ad montem, de illo venato quem mactaverint dabunt maiordomo lombum. Et illi qui fuerint ad aliam montariam, si illuc aliam calupniam fecerint, nichil pectent*”, PMH NS v.IX/1, pp. 253-256, doc. 80, 1192, dezembro.

⁷³ “*Montarius de melle et cera det medium cubellum mellis aut redel de cera*”, PMH NS v.IX/1, pp. 360-362, doc. 110, 1205, junho, 1.

⁷⁴ Apesar da datação atribuída pelo editor da obra, parece-nos mais correto que a datação para este documento seja 1176, constando no documento a data de 1214 da Era de César. “*Laborator non faciat forum de montaria. Montarius qui in monte unam noctem vel plus manserit det unum conelium com sua pelle: sin autem nichil det. Et de omni venatu lumbum costalle det.*”, PMH NS v.IX/1, pp. 713-714, doc. 247, 1206, dezembro.

⁷⁵ Na atividade da recolha do mel destacamos, também, a existência de “meleiros”, tal como podemos identificar, por exemplo, no Foral de Leiria, PMH NS v.IX/1, p. 72, doc. 27, 1142. Acerca da recolha de mel ver: COELHO, Maria H. da Cruz, HOMEM, Armando L. de Carvalho, “A Diversificação Económica...”, p. 440.

⁷⁶ “*De casali quod fuit de Martino Petri sunt montarii inde moratores, et debent habere cornu ct scuna et canes et traela, et ire ad montem cum Ricohomine*”, PMH INQ v.1 f.1-2, p. 140a, 1220. “*Et debent esse montarii et ire ad montariam cum Domino terre*”, PMH INQ v.1 f.1-2, pp. 153a-153b, 1220. “*Et sunt eciam monteiros. Et si mataverint porcum dabunt Domino terre mediam de spatula, et de urso manaus. Et vadunt cum illo ad montem currere*”, PMH INQ v.1 f.1-2, p. 119a, 1220.

⁷⁷ “*De Lamelas filii de Johanne Justiz debent esse montarii cum canibus et cornibus et scunis et trahelis, et ire cum Domino terre ad montariam quocunque eos duxerit in regno, et extra regnum ad cercam de castellum si fuerit ibi Rex portugalensis, et debet eis dare comedere et bibere, aliter non debent ire*”, PMH INQ v.1 f.1-2, p. 137a, 1220. “*Et omnes montarii vadunt custodire castellum quando sunt guerre.*”, PMH INQ v.1 f.1-2, pp. 153a-153b, 1220.

Embora estas menções já tenham alguma relevância, é através das *Inquirições* levadas a cabo no reinado de D. Afonso III que podemos caracterizar de modo ainda mais claro estes indivíduos. Nas *Inquirições* de 1258, as referências a monteiros surgem com maior frequência, reiterando-se, por diversas vezes, a obrigação de possuírem ascuma, corno, cão e trela.⁷⁸ Apresentam ainda um maior detalhe na descrição das suas incumbências.⁷⁹

Este assunto foi já abordado por Iria Gonçalves que, de forma exaustiva, identificou e mapeou a presença de monteiros e foros de montaria no Entre-Douro-e-Minho.⁸⁰ Poderíamos dar seguimento a este levantamento, identificando outras referências noutros contextos geográficos, mas dado que o nosso objetivo se prende com a caracterização destes indivíduos, parece-nos mais proveitosa a análise de alguns excertos, mais detalhados, que nos permitem clarificar melhor esta questão.⁸¹

Desta forma, faremos uso de uma inquirição em particular, respeitante a Armamar, que permite compreender o foro de montaria a que estariam sujeitos estes indivíduos.

*“Item, Egas Pelagii juratus dixit quod villa de Hermamar est tota Regis regalenga et foraria. Interrogatus de foris Regis, dixit quod castellum de Hermamar fuit populatum ad forum de caballariis et de montarias et de jugata (...) Interrogatus quod forum faciunt Regi de caballariis, dixit quod vadit cum caballo et armis in hostem et anuduvam Regis per usum de terra, et pectat vocem et calumpniam, et dat in collecta Regis. Interrogatus quod forum faciunt Regi de montariis, dixit quod debent ire ad montem cum Rege cum cornu et cane et cum azeuna sicut habent in usu, et vadunt in hostem cum corpore Regis cum azeuna et cane et cornu, et levat custodiendo ganatos Domini Regis, et pectant vocem et calumpniam.”*⁸²

Entende-se, através deste excerto, que o foro de montaria estaria ligado a um serviço, de cariz cinegético, prestado ao monarca e, ainda, ao serviço militar que estavam obrigados a cumprir junto da hoste régia, com a ascuma que utilizavam na caça, o cão e o corno. Note-se

⁷⁸ A trela acaba por não ser referida em muitos casos, mas talvez estivesse já implícita, dado o contexto, não sendo necessário frisar a sua obrigação.

⁷⁹ Pode também surgir um tipo específico de cão. Veja-se este caso onde se refere um sabujo: “*cum sua azeuna et cum suo corno et cum suo savigio*”, PMH INQ v.1 f.8, p. 1154a, 1258.

⁸⁰ GONÇALVES, Iria, *Por terras de...*, pp. 202-205.

⁸¹ Veja-se que, genericamente, o foro de montaria representa o seguinte: "Montaria. Casal de montaria se disse aquelle cujos colonos pagavam foro de caça do monte e também os que eram obrigados a irem a montaria, quando da parte d'El-Rei fossem chamados.", VITERBO, Joaquim de S. Rosa, *Elucidário das palavras, termos, e frases, que em Portugal antigamente se usaram e que hoje regularmente se ignoram*, v.2, Lisboa, A. J. Fernandes Lopes, 1865, p. 105.

⁸² PMH INQ v.1 f.7, p. 1086a, 1258.

que, na vertente militar, tinham a incumbência guardar gado. Se estabelecermos uma comparação com o foro dos cavaleiros, que surge neste mesmo trecho, podemos perceber que a clara distinção entre monteiro e cavaleiro, estaria na posse de cavalo, um animal bastante dispendioso que, aparentemente, os monteiros não tinham a obrigação de possuir.⁸³

Curiosamente, nas *Inquirições* de D. Dinis, realizadas cerca de trinta anos mais tarde, o número de referências a monteiros e foros de montaria reduz consideravelmente. Além disso, boa parte dessas referências dizem respeito a monteiros que, entretanto, entre 1258 e 1288, teriam falecido. É o caso de Martim Carneiro,⁸⁴ Gonçalo Pais⁸⁵ e Paio Cortês.⁸⁶ Ainda assim, mantêm-se alguns monteiros de foro, como por exemplo os monteiros do Soajo⁸⁷ ou de Fataunços (c. Vouzela), “*a aldeya que chamam Fataozes (sic) é de «monteyros» del Rey de foro*”.⁸⁸

Parece-nos que é neste âmbito que devemos interpretar, por exemplo, a menção ao monteiro Paio Viegas, que surge entre as testemunhas de uma carta em que Gil, bispo de Viseu, empra a Afonso Peres Gato e sua mulher Urraca Fernandes, a pedido destes e em vida de ambos, a vila de Ermida (c. Tondela).⁸⁹

Pelos dados apresentados poderíamos pensar que os monteiros de foro foram os antecessores diretos dos monteiros-oficiais, incumbidos de guardar as coutadas régias. Contudo, embora haja um paralelismo claro entre uns e outros, não podemos associar os dois grupos numa sucessão direta, isto porque as zonas onde estes estão identificados não correspondem, necessariamente, aos espaços que mais tarde integram a *Coutada Velha*, descrita no tempo de D. Duarte.⁹⁰ Veja-se, a título de exemplo, o caso de Fataunços, uma localidade que se situa fora do espaço, mais tarde, coutado para a caça de montaria dos monarcas.⁹¹ Ou, mesmo

⁸³ Sobre o cavalo na Idade Média portuguesa ver: SOUSA, Afonso Soares de, “O Cavalo na Idade Média Portuguesa”, *Medievalista*, 32 (2022), pp. 171-216.

⁸⁴ PMH NS INQ v.IV/1, p. 268, 1288.

⁸⁵ PMH NS INQ v.IV/2, p. 164, 1288.

⁸⁶ PMH NS INQ v.IV/2, pp. 494, 498. Acerca de Paio Cortês ver: BARROCA, Mário Jorge, *Epigrafia Medieval Portuguesa (862-1422)*, v.II, t.2, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, Fundação para a Ciência e Tecnologia, 2000, pp. 1249-1257.

⁸⁷ PMH NS INQ v.IV/1, p. 245, 1288.

⁸⁸ PMH NS INQ v.IV/2, p. 593-594, 1288

⁸⁹ DPL, pp. 254-255, doc. 259, 1228, setembro.

⁹⁰ Sobre as delimitações da *Coutada Velha* veja-se o ponto 1.3.2.

⁹¹ “*Fatauzos. – Idem Donnus Nunio juratus et interrogatus dixit, quod villa de Fatauzos est tota foraria Regis de montaria, et debent ire cum corpore Regis quandocumque eos necesse habuerit vel eos vocaverint. Petrus Lupus dixit similiter. Michael Petri dixit similiter*”, PMH INQ v.1 f.6, p. 892a, 1258.

no caso de todos os foros de montaria identificados a norte do rio Douro que não se encontram dentro da delimitação da *Coutada Velha*.

A análise dos dados permite-nos verificar um declínio da presença dos monteiros de foro entre o reinado de D. Afonso III e o de D. Dinis. Este facto é bastante curioso, sobretudo se tivermos em conta que o primeiro documento onde são referidos monteiros-oficiais, a guardar uma coutada de montaria, data precisamente do reinado de D. Dinis e remonta a prática de vigilância dessa coutada ao reinado de Afonso III.⁹²

Não deixa de existir a possibilidade, ainda que muito discutível, dadas as fontes que temos disponíveis, de, em alguns casos identificados nas *Inquirições Gerais*, como o de Paio Cortês, se tratarem de monteiros de Corte ou palacianos.⁹³ José Mattoso coloca, precisamente, Paio Cortês, a par de Egas Gonçalves *Lauzano*,⁹⁴ no grupo dos *ministeriales*, isto é, serviços da casa do rei ou de ricos-homens.⁹⁵

1.1.2 Monteiros da corte régia

Contemporâneos dos monteiros de foro foram os monteiros da Corte que acompanhavam os monarcas portugueses e serviam continuamente nas suas caçadas. Embora não seja fácil identificar estes indivíduos, há documentos que os atestam junto de reis e até de infantes. Estes não podem ser confundidos com os monteiros-oficiais que guardavam coutadas, uma vez que, estando a acompanhar o rei e a Corte nas suas deambulações pelo reino, não podiam vigiar uma determinada coutada em simultâneo.

Num Regimento da Casa Real de D. Afonso III, de 1258, em que está descrito o pessoal venatório que acompanhava D. Afonso III, podemos detetar um monteiro de cavalo,⁹⁶ além de outros quatro monteiros.⁹⁷ Cerca de três anos mais tarde, num documento muito semelhantes, podemos identificar dois monteiros de cavalo, com os respetivos equídeos, e monteiros “de pé”, talvez dois, com dois sabujos.⁹⁸ Através destes documentos atesta-se, assim, a existência destes monteiros palacianos, pelo menos, desde o reinado de D. Afonso III. Contudo, se aceitarmos a

⁹² Assunto desenvolvido no ponto 1.1.4.

⁹³ Sobre os monteiros de corte, ou palacianos, ver o ponto 1.1.2.

⁹⁴ Acerca deste indivíduo veja-se: VENTURA, Leontina Domingos, *A Nobreza de...*, v.1, p. 135.

⁹⁵ MATTOSO, José, *Ricos-Homens, Infanções e Cavaleiros*, Lisboa, Guimarães Editores, 1985, pp. 219-220.

⁹⁶ Entendemos que a utilização do termo “besta” feita no documento é uma referência ao cavalo, uma vez que este monteiro (de cavalo) surge diferenciado dos outros quatro, que não o teriam.

⁹⁷ PMH LEGES v.1 f.2, p. 198, 1258, abril, 11.

⁹⁸ PMH LEGES v.1 f.2, p. 200, 1261, janeiro.

possibilidade, já referida, de alguns dos monteiros identificados no contexto das *Inquirições* não terem sido monteiros de foro, mas sim indivíduos pertencentes ao pessoal venatório da Casa Real, podemos recuar esta prática ao reinado de D. Afonso Henriques.

A presença de pessoal venatório, junto dos monarcas, manteve-se uma prática corrente ao longo da Idade Média. Voltamos a ter menções semelhantes num “*quaderno dos que ora el Rei ha-de trager por moradores*”, em que se listam os indivíduos da Casa Real que acompanhavam D. João I e cuja datação está situada entre 1405-1406.⁹⁹ Neste documento, já destacado por Maria H. da Cruz Coelho,¹⁰⁰ podemos identificar, entre os vários servidores destinados a diferentes tipos de caça, um Monteiro-mor, um “*monteirinho*” (monteiro menor/pequeno) e 30 moços de monte. Mencionam-se ainda, para além de falcoeiros e caçadores, que trataremos adiante, 10 homens “de pé” e 15 caminheiros, que talvez também fossem utilizados no apoio à caça de montaria.¹⁰¹

Verifica-se, pois, uma significativa quantidade de pessoal dedicado à montaria que, usualmente, acompanhava o monarca. A estes juntavam-se ainda os monteiros locais— sempre que o monarca caçava numa zona coutada para a montaria. Estes dados permitem perceber o elevado número de homens e animais, nomeadamente cães, que serviam o rei nas suas caçadas de montaria.

Nesta fonte são ainda identificados os respetivos salários, que variavam consoante as funções que desempenhavam: Monteiro-mor 1200 libras; “*monteirinho*” 900 libras; moço de monte, homem “de pé” e caminheiro 600 libras.¹⁰² Estes valores não parecem diferir muito do que seria pago ao restante pessoal venatório.

Estabelecendo uma comparação com o que auferiam outros servidores, de cariz não cinegético, entende-se que não seriam especialmente valorizados, estando no patamar dos que menos recebiam pelo desempenho das suas funções. Veja-se, por exemplo, os *jograres* que recebiam entre 1650 e 2000 libras.¹⁰³ Apesar disso, a despesa feita pelo monarca com todo o pessoal venatório era muito elevada, totalizando as 63300 libras. Este valor era mais do dobro

⁹⁹ FARO, Jorge, *Receitas e despesas da Fazenda Real de 1384 a 1481: subsídios documentais*, Lisboa, Publicações do Centro de Estudos Económicos, 1965, pp. 27-40.

¹⁰⁰ COELHO, Maria H. da Cruz, *D. João I: o que re-colheu Boa Memória*, Lisboa, Círculo de Leitores, 2011, pp. 138-139.

¹⁰¹ FARO, Jorge, *Receitas e despesas...*, p. 40.

¹⁰² FARO, Jorge, *Receitas e despesas...*, p. 40.

¹⁰³ FARO, Jorge, *Receitas e despesas...*, p. 38.

do que despendia com o grupo de “meirinhos, carcereiros e homens de justiça” (29900 libras).¹⁰⁴

Voltamos a ter registos semelhantes para o reinado de D. Afonso V, provenientes de um novo acordo acerca da *Ordenança dos moradores que ElRey noso Senhor aja de trazer*,¹⁰⁵ estabelecido nas Cortes que começaram em 1472 em Coimbra e acabaram, no ano seguinte, em Évora.¹⁰⁶ Nota-se alguma redução no número total do pessoal de montaria, em comparação com as gentes ao serviço de D. João I, sendo registado um total 20 homens, entre moços de monte e *buscantes*, e dois monteiros de cavalo.

Para além da informação relativa aos monarcas, encontra-se também um documento, cuja datação é anterior a 1437, sobre aqueles que acompanhavam os Infantes D. Pedro e D. Fernando. Através da “*soma da gente que cada hu dos ifantes trazia d ordenado e fora do ordenado*”, entende-se que cada um deles estaria rodeado por 24 moços de monte dos quais eram “*quatro de busca e os outros de correr*”.¹⁰⁷ Da mesma forma, também há um registo de 1472-1473 que refere os que deveriam acompanhar o príncipe – futuro D. João II – e que estabelecia 12 moços de monte e *buscantes* e apenas um monteiro de cavalo.¹⁰⁸ A comparação dos dados parece demonstrar que, tal como no caso dos monarcas, também nas Casas dos Infantes se denota um decréscimo no número de indivíduos dedicados à caça de montaria.

Não era invulgar que os monarcas portugueses se fizessem rodear de pessoal responsável pela prática cinegética – podemos até identificar um monteiro da rainha, numa carta de 1384¹⁰⁹ – dado que o mesmo acontecia noutros espaços europeus, pelo menos, desde o tempo de Carlos Magno.¹¹⁰ Veja-se, apenas a título de exemplo, a Corte Inglesa, no século XII, onde estariam os *militēs venatores*,¹¹¹ os *valets de vénerie* da Corte de Borgonha, no século XIV,¹¹² ou o monteiro-mor do rei de Aragão, documentado no ano de 1451.¹¹³ Da mesma forma, também não seria de estranhar a presença de oficiais nos espaços reservados para a caça do rei,

¹⁰⁴ FARO, Jorge, *Receitas e despesas...*, p. 39.

¹⁰⁵ LV, p. 477.

¹⁰⁶ Sobre estas Cortes de 1472-1473 ver: DIAS, Diogo Teixeira, *As últimas Cortes...*

¹⁰⁷ *Livro dos conselhos de el-rei D. Duarte: Livro da Cartuxa*, DIAS, João J. Alves (ed.), Lisboa, Estampa, 1982, p. 179.

¹⁰⁸ LV, p. 478.

¹⁰⁹ *Chancelarias Portuguesas: D. João I*, v.1 t.1, pp. 94-95, 1384, abril, 8.

¹¹⁰ COELHO, Maria H. da Cruz, RILEY, Carlos Guilherme, “Sobre a Caça...”, p. 245.

¹¹¹ GOMES, Rita Costa, *A Corte dos...*, p. 15.

¹¹² GOMES, Rita Costa, *A Corte dos...*, p. 22.

¹¹³ TT, Chanc. D. Afonso V, L.º 11, fl. 137, 1451, setembro, 17.

algo que se verifica, por exemplo, nos reinos de Inglaterra, onde existiam os *foresters* e *verderers*,¹¹⁴ ou de França, com os *forestier* e *verdiere*¹¹⁵.

1.1.3 Monteiro (aquele que faz caça de montaria)

Quanto aos que praticam a caça de montaria e, por esse motivo, vêm mencionados como monteiros podemos destacar vários exemplos. Por norma aparecem em fontes cronísticas ou tratadísticas e percebe-se, através do contexto, que não se trata de monteiros-oficiais, de corte ou de foro.

Manuela Mendonça detetou, no contexto do *Livro de Montaria* de D. João I, que o termo monteiro não tinha apenas um significado, “sendo certo que é ao monteiro que faz a montaria que quase sempre o rei se dirige”.¹¹⁶ Efetivamente, esta é a fonte por excelência para a identificação da palavra monteiro com o intuito de fazer referência àquele que está a praticar a caça de montaria.

Para além do *Livro de Montaria*, devemos destacar também os livros de linhagens. Nestes encontramos referências a monteiros, em contextos que deixam poucas dúvidas relativamente ao seu sentido. Veja-se, por exemplo, relativamente à linhagem de “*Dom Diego Lopez, Senhor de Bizcaya*” o seguinte excerto: “*Este dom Diego Lopez era muy boo monteyro*”,¹¹⁷ ou na “*Linhagem donde veem os Marinhos*” onde encontramos: “*O primeiro foi uu cavaleiro boo que houve nome dom Froiam, e era caçador e monteiro.*”¹¹⁸ Da mesma forma, D. Duarte também utiliza a denominação monteiro neste sentido, por exemplo, quando refere: “*E pera seerem boos monteiros, lhe faz conhecimento grande vantagem em poderem melhor*

¹¹⁴ Acerca destes oficiais ver: COX, John Charles, *The Royal Forests of England*, Londres, Methuen & Co., 1905, pp. 17-24. Sobre a gestão do espaço florestal régio, em Inglaterra, ao longo da Idade Média: Charles R. Young, *The Royal Forests of Medieval England*, Pennsylvania, University of Pennsylvania Press, 1979 e CANABRAVA, José V. de Lucena, *A Lei da Floresta: Poder e Política na Inglaterra Medieval (séculos XI-XIII)*, Brasília, Universidade de Brasília, 2019 (dissertação de mestrado).

¹¹⁵ “*Les deux termes, forestier et verdier, demeurèrent concurremment en usage dans les sources royales jusqu’au XIVe siècle. Du milieu du siècle jusqu’au début du siècle suivant, et même au-delà, les sources de l’administration royale montrent que les deux termes étaient utilisés sans distinction ou logique particulière. Ce n’est qu’à la fin de cette période que le titre de verdier devint la principale appellation des forestiers normands.*” LAKE-GIGUÈRE, Danny, *Administrer les forêts du roi au Moyen Âge: le negotium forestarum en Normandie capétienne (1204-1328)*, Rouen, Université de Rouen Normandie, Université de Montréal, 2021 (tese de doutoramento), p. 248.

¹¹⁶ MENDONÇA, Manuela, “Introdução”, in *Livro de Montaria...*, p. XXV.

¹¹⁷ PMH NS v.II/1, p. 138.

¹¹⁸ PMH NS v.II/2, p. 169.

sofrer os grandes encontros e seerem soltos e avysados pera bem ferir, e fortes em suas sellas, e sabedores em sofrerem bem seus cavallos".¹¹⁹

Já no âmbito cronístico podemos identificar, exemplificando, um trecho retirado da *Crónica da Tomada de Ceuta*, de Gomes Eanes de Zurara, "*Martim Affomssso de Melloo porque era huu fidallgo gramde caçador e monteyro*",¹²⁰ ou outro constante na *Crónica de D. Fernando*, escrita por Fernão Lopes, onde é referido que "*Era ainda el-rrei dom Fernando muito caçador e monteiro*".¹²¹

Alguns destes excertos, para além da sua importância para a interpretação dos significados do termo *monteiro*, também servem para percebermos a existência de uma distinção entre os termos *caçador* e *monteiro*. Tinham, efetivamente, significados distintos na Idade Média – sendo que um remetia para o praticante da cetraria e o outro da montaria.¹²²

1.1.4 Monteiros-oficiais

Finalmente, importa falar dos *monteiros-oficiais*, que guardavam as coutadas régias de montaria, e que vamos explorar de forma aprofundada ao longo deste estudo. Tal como veremos ao longo de todo este ensaio, o que caracteriza e distingue os *monteiros-oficiais* dos restantes é o facto de reunirem duas funções em simultâneo: o apoio ao rei na caça de montaria e a proteção de espaços coutados. A própria documentação deixa transparecer este facto quando começa a utilizar de forma generalizada a expressão "*monteiro e guardador*" para fazer referência a estes oficiais.¹²³

Os primeiros documentos que confirmam a existência de *monteiros*, com a incumbência de guardar matas coutadas pelo rei, datam do ano de 1280 e são referentes à coutada do Botão.¹²⁴ Apenas temos notícia destes *monteiros* porque existia uma contenda, entre D. Dinis e o Mosteiro de Lorvão, o que levou o monarca a ordenar uma inquirição naquela região. Mais

¹¹⁹ *Livro da ensinança de...*, pp. 6-7.

¹²⁰ ZURARA, Gomes Eanes, *Crónica da Tomada...*, p. 68.

¹²¹ CDF, p. 4.

¹²² A própria palavra *caça* – e consequentemente *caçador* – assumia diversos significados na Idade Média. Muitas das vezes era utilizada para fazer referência à cetraria. Não será casual a adoção do termo *caçador* para definir os oficiais encarregues de capturar e treinar as aves de presa dos monarcas. Sobre este assunto ver o ponto 1.2.3.

¹²³ Esta denominação começa a surgir apenas no final do reinado de D. Fernando. A primeira vez que a identificámos foi em 1377, HFAC v.1, doc. 152, pp. 141-142, 1377, julho, 8.

¹²⁴ HFAC v.1, doc. 7, pp. 29-31, 1280, abril; HFAC v.1, doc. 8, pp. 31-36, 1280, junho, 9.

relevante é que através destes documentos percebemos que os monteiros e coutada nele mencionados já vinham do reinado anterior, de D. Afonso III.¹²⁵

Percebe-se, portanto, que estas montarias, cuja estrutura e organização seria muito primária em finais do século XIII, dispunham de alguma autonomia em relação ao poder central. Veja-se, por exemplo, que D. Vicente de Larçã – que embora fosse apenas referido como monteiro, exercia as funções atribuíveis a um monteiro-mor – tinha colocado ao seu serviço, como monteiros, o próprio filho, Miguel Anes Sarrado, o neto Lourenço Miguéis e Domingos Miguéis que podemos sugerir, em virtude do seu apelido, que também fosse seu neto.¹²⁶

Embora as perdas, alterações e adulterações que foram sendo feitas nas chancelarias régias,¹²⁷ é igualmente possível que esta autonomia do oficial possa explicar o reduzido número de documentos que foi possível levantar sobre estas coutadas e que não tenha sido encontrado, na chancelaria de D. Afonso III, qualquer carta referente à nomeação destes oficiais. Tal como veremos mais adiante, seria o monteiro-mor local o responsável por designar os monteiros (pequenos), pelo menos, nos finais da Idade Média, mas a diferença é que, para exercerem, teriam de receber uma carta com a chancela régia, pela mão do monteiro-mor do reino, a confirmá-lo. Parece-nos assim plausível que, também por este motivo, as referências documentais, para o século XIII, sejam tão reduzidas. Também se entende, à luz destes dados, o desconhecimento que, aparentemente, D. Dinis tinha, no início do seu reinado, relativamente aos homens que eram seus monteiros e ao espaço coutado que guardavam.

Sendo estes os primeiros vestígios da presença de monteiros na vigilância de coutadas – e sabendo que vários monteiros já exerciam antes da data da inquirição – podemos supor que estes foram instituídos, pelo menos, desde reinado de D. Afonso III. Não deixa de ser muito curioso que uma das testemunhas inquirida em 1280, questionada sobre a mata do Botão, refira que:

¹²⁵ HFAC v.1, doc. 8, pp. 31-36, 1280, junho, 9.

¹²⁶ Note-se que D. Vicente de Larçã não surge referido como monteiro-mor, mas desempenha funções como tal. É o próprio que designa monteiros (menores) e os superintende no exercício de funções. Além disso, parece ser nobre, ainda que, muito provavelmente, de uma pequena nobreza, algo que nunca foi detetado num monteiro menor. O facto de não surgir como monteiro-mor não invalida que o seja. Veja-se que Miguel Anes Sarrado surge sem qualquer cargo no doc. 7, mas no doc. 8 já aparece como monteiro, ou o caso de Domingos Miguéis cuja função, descrita pelo próprio, é de monteiro, embora não surja com qualquer atribuição desse cargo. HFAC v.1, doc. 7, pp. 29-31, 1280, abril; HFAC v.1, doc. 8, pp. 31-36, 1280, junho, 9.

¹²⁷ Acerca deste assunto veja-se COELHO, Maria H. Cruz; HOMEM, Armando L. Carvalho, “Origines et évolution du registre de la chancellerie royale portugaise (XIIIe-XVe) siècles”, *Revista da Faculdade de Letras*, 12 (1995), pp. 47-54; GOMES, Saul António, “A chancelaria régia de D. Dinis: breves observações diplomáticas”, *Fragmenta Histórica*, 1 (2013), pp. 10-16.

“*audiuerat ab hominibus antiquis et fidedignis que domnus comes Anriqus petierat ab abbate quondam de Lorvano matam pro ad suum venatum et quod ipse abbas concesserat ei et donauerat matam et coutatam lagares cum suis matis et currales cum suis matis et quod coruerat ibi suum uenatum*”¹²⁸

Assim, verifica-se a possibilidade deste espaço já poder estar coutado para a caça desde tempos anteriores à própria fundação do Reino, tendo sido concedido pelo Mosteiro de Lorvão ao Conde D. Henrique.¹²⁹ De qualquer modo, é difícil precisar a veracidade desta informação, nem fica qualquer indicação sobre a existência de oficiais que pudessem ter guardado este espaço.

Mesmo depois de identificarmos documentação que atesta a existência dos monteiros-oficiais, continuam a surgir vestígios dos monteiros de foro, embora, tal como as *Inquirições* de D. Dinis permitem perceber, estes estivessem, aparentemente, a desaparecer.¹³⁰ Da mesma forma, também aparecem outros oficiais régios que tinham incumbências que, de certa forma, são semelhantes às dos monteiros-oficiais. Refiro-me, por exemplo, aos guardadores de D. Pedro I.¹³¹ Tudo isto, em plena convivência com os monteiros-oficiais incumbidos de guardar espaços coutados. O mais curioso, é perceber que os guardadores identificados numa carta de 16 de outubro de 1358 vigiavam quatro matas que pertenciam ao monarca e que, pelo menos três delas, podem ser identificadas em documentos posteriores como espaços pertencentes à montaria de Montemor-o-Velho. Seriam, desta forma, os precursores dos monteiros-oficiais como é possível provar com os dados que se seguem.

Já do reinado de D. Fernando data um documento, de 1370, em que o monarca se dirige aos seus “*monteyros da mata do botam*”, dando-lhes privilégios tal como tinham os de Óbidos e Lourinhã.¹³² Porém, no ano seguinte, dirige-se aos mesmos indivíduos apelidando-os de “*guardadores da mjnha mata de Botam*”.¹³³ Entende-se, portanto, que a terminologia aplicada aos oficiais régios incumbidos de guardar espaços coutados não estava claramente definida.

¹²⁸ HFAC v.1, doc. 8, p. 33, 1280, junho, 9.

¹²⁹ De facto, temos registo de que pelo menos parte desta região terá sido adquirida pelo Mosteiro de Lorvão (em 1018?), a um muçulmano de nome Oborroz, em troca de uma égua prenha, *Liber testamentorum coenobii laurbanensis (estúdios)*, NASCIMENTO, Aires A., FERNÁNDEZ CATÓN, José M. (eds.), Leão: Centro de Estudios e Investigación «SanIsidoro», 2008, doc. 15, p. 617, 1018?.

¹³⁰ Temos como exemplo de uma referência aos monteiros de foro durante o reinado de D. Dinis o seguinte documento: “*Et monteyro que for a mel e nom der raçom a palacio det medio alqueire de mel e conelario que for a monte e nom der raçom palagio e ala trasnoytar e adusser conelio dar lo ao paaço com sua pelle e monteiro de carta I. lombo de ceruo e lonbo de porco montes IIII. costas*”, HFAC v.1, doc. 12, p. 38, 1287, agosto, 25.

¹³¹ Sobre este assunto ver ponto 1.2.4.

¹³² TT, Chanc. D. Fernando, L.º 1, fl. 68, 1370, agosto, 7.

¹³³ HFAC v.1, doc. 126, p. 126, 1371, março, 26.

Esta ideia é reforçada quando, num só documento, referente a matas de Montemor-o-Velho, D. Fernando se refere, no início, aos seus guardadores e no fim, referindo-se aos mesmos indivíduos, lhes chama monteiros.¹³⁴

Estes documentos são suficientes para se entender que até ao reinado de D. João I, os oficiais régios ligados à proteção da fauna e flora ainda não estavam plenamente definidos. Não será por acaso que o primeiro regimento para os monteiros régios, ao qual temos acesso através das *Ordenações Afonsinas*, tenha sido escrito em 1435 e reporte, no caso de vários espaços da *Coutada Velha*, para o reinado de D. João I.¹³⁵ Destaque-se, ainda, que é apenas em 1385 se encontra, de forma inequívoca, a nomeação do primeiro monteiro-mor do Reino¹³⁶ ou, até, que é produzido o primeiro tratado português dedicado à caça de montaria, que é atribuído a este mesmo monarca, “um amante do desporto venatório”.¹³⁷ Assim, percebemos que apesar de termos referências a monteiros, incumbidos de guardar um espaço coutado, desde o tempo de D. Dinis – reportando esta atividade para o reinado anterior, de D. Afonso III – esta função não terá sido plenamente definida até ao reinado de D. João I.

Porém, mesmo com D. João I (1385-1433), estes oficiais não terão visto as suas funções inteiramente regulamentadas desde o início. Terá sido um processo que aconteceu, paulatinamente, ao longo das primeiras décadas de reinado. Veja-se que, em 1394, D. João I ainda confirmava privilégios aos referidos monteiros de foro de Fataunços,¹³⁸ o que prova também que os monteiros-oficiais não sucederam diretamente os monteiros de foro nem os substituíram ou, até, que em 1405, ainda nomeava um guardador.¹³⁹

1.2 Outros oficiais régios relacionados com a fauna ou flora

Para além dos oficiais régios dedicados às coutadas de montaria, a documentação permite-nos identificar outros grupos de oficiais, cujas funções se relacionam com a prática cinegética ou com a proteção de espaços naturais. Procuraremos caracterizar, de forma

¹³⁴ HFAC v.1, doc. 132, p. 134, 1372, julho, 13.

¹³⁵ Sobre o regimento aplicado aos monteiros régios e os espaços coutados na chamada *Coutada Velha* ver o ponto 1.3.2.

¹³⁶ TT, LN, Extras, fls. 233-233v, 1385, maio, 2.

¹³⁷ COELHO, Maria H. da Cruz, *D. João I...*, p. 139.

¹³⁸ HFAC v.1, doc. 238, pp. 182-183, 1394, agosto, 30.

¹³⁹ Nesta nomeação não se encontra qualquer indício de que este teria funções cinegéticas. Talvez tenha sido esse o motivo que levou D. João I a chamá-lo apenas “guardador” do pinhal. HFAC v.1, doc. 274, p. 191, 1405, novembro, 30.

sintetizada, os vários oficialatos ligados à prática cinegética, com o objetivo de diferenciar as suas funções daquelas que eram desempenhadas pelos monteiros-oficiais.

Esta clarificação é essencial, sobretudo no caso dos couteiros (1.2.1) e dos guardadores (1.2.4), uma vez que estes também tinham obrigações diretamente associadas à proteção e gestão de espaços coutados. Tentamos, desta forma, destriçar as diferenças entre os oficialatos, tendo sempre em vista uma melhor compreensão dos monteiros-oficiais.

1.2.1 Couteiros

Os couteiros eram um conjunto de oficiais que, genericamente, se dedicavam à proteção de espaços coutados pelos monarcas. As suas funções estavam sempre dependentes do tipo de proibição que estava aplicada à coutada que guardavam. Este mesmo termo também identificava aqueles que estavam encarregues de gerir as coutadas privadas¹⁴⁰ de uma determinada região, decidindo quem podia utilizá-las e de que forma.

Através da documentação a que tivemos acesso, proveniente de um percurso feito pela obra *História Florestal, Aquícola e Cinegética*, entre 1208 e 1481, percebemos que os couteiros existiram, pelo menos, desde o reinado de D. Pedro I. Atesta-o uma única referência que, apesar de comprovar a existência do cargo, não permite caracterizá-lo, nem perceber se os couteiros já constituíam um conjunto de oficiais minimamente estruturado e organizado.¹⁴¹ No reinado seguinte, de D. Fernando, surgem novos dados documentais, mais explícitos, quanto a estes indivíduos. Numa carta de 1369, onde o rei decide sobre uma coutada privada situada no termo de Montemor-o-Novo, o monarca dirige-se aos juízes e couteiros dessa terra. Apesar de não serem identificados os indivíduos que ocupavam esse cargo, entende-se que estes tinham a incumbência de decidir, porventura em cooperação com os juízes, quais os espaços que deviam, ou não, estar coutados naquele termo.¹⁴² De alguns dias mais tarde, data uma menção semelhante, desta vez endereçada aos couteiros da cidade de Évora.¹⁴³

Estas menções revelam que existiam couteiros locais, encarregues de manter a organização dos espaços coutados pelo rei, para usufruto de terceiros, evitando abusos, tanto por parte dos que, por direito, usufruíam do espaço coutado, como por parte de outros que não

¹⁴⁰ Sobre aquilo a que chamamos “coutada privada” ver ponto 1.3.3.

¹⁴¹ HFAC v.1, doc. 75, pp. 101-106, 1362, março, 1.

¹⁴² “*E diz que ora uos juizes e couteyros lhe nom queredes dar coutada pera suas egoas se nom fizer laurar na dicta herdade*”, HFAC v.1, doc. 114, pp. 120-121, 1369, janeiro, 2.

¹⁴³ HFAC v.1, doc. 115, pp. 121-122, 1369, janeiro, 12.

respeitavam esse mesmo direito. Aliás, no ano de 1452, na carta de nomeação do couteiro e sesmeiro João Gomes, em substituição de Mendo Anes seu tio, faz-se uma declaração expressa deste mesmo encargo: “*damollo por sesmeiro e couteiro pera dar as coutadas aos lavradores*”.¹⁴⁴ Embora, neste caso, a função devesse estar mais relacionada com o facto de ser também sesmeiro. O exercício dos dois cargos em simultâneo não é caso isolado, podemos dar como outros exemplos um couteiro e sesmeiro do couto de Mourão (1475),¹⁴⁵ ou um couteiro e juiz das sesmarias de Elvas (1475).¹⁴⁶

Certo é que a gestão da utilização dos espaços coutados era uma das incumbências dos couteiros, tal como fica patente numa carta régia, que surge em resposta a alguns capítulos apresentados pela cidade de Évora, nas Cortes de Évora, em 1436, entre os quais há um que se refere a ninguém poder guardar ou coutar terra sem ordem do Rei ou dos couteiros.¹⁴⁷

A primeira nomeação, que conseguimos encontrar, para esta função, data de 1371. Por esta carta régia, Pedro Afonso, morador em Sintra, foi nomeado para alcaide dessa vila e couteiro de perdizes e cervos no seu termo.¹⁴⁸ Apenas identificamos a primeira nomeação de um couteiro-mor numa carta de 1439, embora esta seja uma confirmação de um documento outorgado por D. Duarte¹⁴⁹:

*“sabede que Joham d’Oliveyra paaceiro dos nossos paços deste luguar do Vemyeiro nos disse que a elle numca fora dada carta da nossa coutada dos Almadafes que amda com a dita paaçeyria segundo a tinha e ouvera Joham Lourenço que ante del fora paaçeyro e que por esto a dita coutada se devassava e perdia por a qual razam nos mandamos nossa carta a Estevam Coelho nosso vassalo morador nessa villa d’Estremoz que por homees antiguos jurados aos samctos avamjelhos soubessem as devissoees e marcos por homde a dita coutada partia e de quaees cousas era coutada e a pena que pagavam”*¹⁵⁰

Através deste excerto, evidencia-se a falta de conhecimento que o próprio rei D. Duarte demonstrava acerca desta coutada da qual não sabia, ao certo, as delimitações, proibições e

¹⁴⁴ TT, Chanc. D. Afonso V, L.º 12, fl. 38v, 1452, abril, 29.

¹⁴⁵ HFAC v.2, doc. 590, p. 199, 1475, abril, 12.

¹⁴⁶ HFAC v.2, doc. 598, p. 200, 1475, novembro, 29.

¹⁴⁷ *Chancelarias Portuguesas: D. Duarte*, v.1 t.2, p. 401, 1436, abril, 16.

¹⁴⁸ HFAC v.1, doc. 131, p. 133, 1371, novembro, 16.

¹⁴⁹ TT, LN, Odiana L.º 4, fls. 88v-89v, 1439, agosto, 27.

¹⁵⁰ TT, LN, Odiana L.º 4, fls. 88v, 1439, agosto, 27.

respetivas penas. É possível que este cenário fosse semelhante nos restantes espaços coutados no Reino de Portugal.

Assim, esta carta permite-nos entender que o número muito reduzido de menções a estes oficiais, para o século XIV, não representa a realidade da época. Efetivamente, deviam existir diversos couteiros, mas que não estavam plenamente constituídos como um grupo de oficiais organizado e hierarquizado, embora pudessem existir encargos e privilégios atribuídos diretamente a cada couteiro – cujos contornos eram específicos para cada caso – ou pequenas hierarquias locais estabelecidas.

À medida que avançamos no tempo, e a partir do reinado de D. Afonso V (1438-1481), as referências documentais vão aumentando, embora se mantenha alguma variabilidade nas funções de que estavam incumbidos, as quais dependiam da coutada a que os oficiais estavam afetos.

Embora estes oficiais régios guardassem recursos naturais (fauna ou flora) de espaços coutados, tal como os monteiros-oficiais, a grande diferença é que estes não teriam a obrigação de preparar e acompanhar os monarcas na prática cinegética nem manter os equipamentos necessários para tal, ou mesmo de ter um cão. Ao mesmo tempo, enquanto os monteiros protegiam, no âmbito da fauna, sobretudo, a caça grossa,¹⁵¹ própria da caça de montaria, os couteiros defendiam a caça miúda,¹⁵² própria da cetraria, embora surjam exceções.¹⁵³ O próprio monarca destaca este aspeto quando, sobre a coutada das perdizes no termo de Elvas, refere: “*alguuas pessoas matam perdizes com boys nom embargando que o teemos defesso e asy tomam os ouos dellas em tall maneyra que por cause dello nom ha perdizes pera caçar com auees nem com outras cousas acostumadas*”.¹⁵⁴ Terá sido, efetivamente, o gosto dos monarcas pela caça, bem como daqueles que os acompanhavam, que justifica o coutamento de muitos espaços.

¹⁵¹ Por caça grossa entenda-se a caça que é feita aos maiores quadrúpedes existentes em estado selvagem, COSTA, Carlos Eurico da (dir. e coord.), *A Caça em...*, v.2, p. 408.

¹⁵² Por caça miúda ou menor entenda-se a que se faz a coelhos, lebres, perdizes e outros animais de pequena dimensão, COSTA, Carlos Eurico da (dir. e coord.), *A Caça em...*, v.2, p. 407.

¹⁵³ Veja-se, por exemplo, a coutada do monte de Crestado, na região de Belmonte, onde é colocado o couteiro Fernão Cabral e onde seria proibido: cortar lenha ou madeira, pôr fogo, tirar casca, fazer carvão, pôr colmeias, bois, vacas, ovelhas (ou outros gados), colocar armadilhas de caça e caçar qualquer animal. Estes recursos deveriam ser guardados pelo couteiro porque, tal como é referido no documento: “*queremos que seja guardado pera nosso desemfadamento quanto em elle quisermos correr momte*”, HFAC v.2, doc. 537, p. 181, 1471, outubro, 6.

¹⁵⁴ HFAC v.2, doc. 543, p. 184, 1472, maio, 15.

Os dois tipos de couteiros mais frequentemente identificados na documentação recolhida na *História Florestal, Aquícola e Cinegética* são o couteiro de perdizes¹⁵⁵ e o couteiro de lebres.¹⁵⁶

Apesar de não conseguirmos situar no tempo ou perceber claramente qual a organização interna dos couteiros, dispomos de certa documentação que nos ajuda a clarificar e delimitar as suas funções. É o caso da carta de nomeação de Estêvão Coelho para o cargo de couteiro-mor, onde se precisa que este ficava encarregue de proteger a caça de qualquer animal e ainda a pesca de qualquer peixe. Para cumprimento desta função tinha o poder, como couteiro-mor, de nomear quatro guardadores (couteiros menores).¹⁵⁷ Entende-se, portanto, que o couteiro-mor tinha poderes no que concerne à designação de oficiais menores – incumbência também identificada para o caso dos monteiros-oficiais. Contudo, seria expectável que esses oficiais fossem referidos como couteiros e não guardadores.¹⁵⁸ Talvez tenha sido a variedade de espécies coutadas que tenha levado a esta designação mais genérica.

Por fim, importa destacar o excerto que surge no final desta carta: “*E a metade de das dictas penas sse arrecadaram pera o nosso monteiro mor e a outra metade pera o dicto couteiro*”.¹⁵⁹ Esta prática – de metade da pena ou coima reverter para o monteiro-mor – era usual dentro da hierarquia dos monteiros-oficiais.¹⁶⁰ No entanto, neste caso, podemos perceber que essa prática se estendia também aos couteiros, colocando-os, de certa forma, numa posição hierarquicamente inferior ao monteiro-mor local. Fica em aberto a questão se esta prática seria comum em todos os espaços coutados que se situavam dentro das zonas de montaria, um caso isolado, ou um erro no documento.

¹⁵⁵ HFAC v.1, doc. 131, p. 133, 1371, novembro, 16; HFAC v.2, doc. 1, pp. 13-14, 1439, fevereiro, 10; HFAC v.2, doc. 435, pp. 132-133, 1463, janeiro, 24; HFAC v.2, doc. 436, p. 133, 1463, janeiro, 28; HFAC v.2, doc. 501, p. 162, 1469, fevereiro, 3; HFAC v.2, doc. 510, p. 166, 1469, novembro, 17; HFAC v.2, doc. 511, pp. 166-167, 1469, dezembro 8; HFAC v.2, doc. 514, p. 168, 1470, janeiro, 10; HFAC v.2, doc. 543, p. 184, 1472, maio, 15; HFAC v.2, doc. 593, p. 199, 1475, setembro, 11 (?); HFAC v.2, doc. 595, p. 199, 1475, outubro, 8; HFAC v.2, doc. 596, p. 200, 1475, outubro, 18; HFAC v.2, doc. 607, pp. 204-205, 1479, julho, 14; HFAC v.2, doc. 608, pp. 205-207, 1479, outubro, 26; HFAC v.2, doc. 613, p. 208, 1480, janeiro, 17; HFAC v.2, doc. 625, p. 212, 1481, março, 5.

¹⁵⁶ HFAC v.2, doc. 472, pp. 146-147, 1466, julho, 19; HFAC v.2, doc. 507, pp. 164-165, 1469, agosto, 28;

¹⁵⁷ HFAC v.2, doc. 574, pp. 192-193, 1473, junho, 18.

¹⁵⁸ Sobre guardas e guardadores ver o ponto 1.2.4.

¹⁵⁹ HFAC v.2, doc. 574, p. 193, 1473, junho, 18.

¹⁶⁰ Veja-se, por exemplo, o estipulado no regimento dos monteiros contido nas Ordenações Afonsinas, Ord. Af. L.º 1, p. 399.

1.2.2 Falcoeiros e açoreiros

A cetraria é uma prática inquestionável ao longo da Idade Média portuguesa, tendo sido largamente praticada pelos monarcas.¹⁶¹ Os oficiais régios, dedicados a esta prática – falcoeiros, açoreiros e caçadores¹⁶² – são a maior prova do interesse que os reis medievais tinham pela mesma.

Tal como acontecia com o pessoal destinado à caça de montaria, também podemos encontrar evidências de servidores, inteiramente dedicados à cetraria, a acompanhar as comitivas régias.

Destacamos novamente os Regimentos da Casa Real de D. Afonso III, de 1258 e 1261, já referidos a pretexto dos monteiros da Corte, onde encontramos referências, no primeiro, a quatro falcoeiros com os respetivos cavalos¹⁶³ e, no segundo, a três açoreiros, trazendo 12 podengos¹⁶⁴, e a quatro falcoeiros, montados a cavalo.¹⁶⁵

Para o tempo de D. Dinis podemos realçar os dois açoreiros, Afonso *Sem Vinho* e Lourenço Mendes, e os dois falcoeiros, João Martins e Afonso Fernandes de Baião, que surgem como testemunhas, em 1321, num “instrumento, mandado fazer pelo rei, em que se declara o tamanho e peso de um solho pescado no Tejo”.¹⁶⁶ Além destes, mesmo antes de se tornar monarca já podemos identificar, em 1278, a presença de indivíduos ligados à cetraria nos inventários e contas da Casa do Príncipe D. Dinis,¹⁶⁷ por exemplo, Vicente Egídio seu falcoeiro ou Pedro, seu *passarario*.¹⁶⁸

Embora não tenhamos encontrado listas de servidores régios, entre o reinado de D. Dinis e de D. João I, as fontes cronísticas permitem colmatar este vazio, nomeadamente a *Crónica de*

¹⁶¹ Acerca da prática de falcoaria em Portugal, na Idade Média, ver: NEVES, Carlos Baeta, “Subsídios para a História da Falcoaria em Portugal”, *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*, 101 1-6 (1983), pp. 21-46.

¹⁶² O termo caçador surge muitas das vezes associado à prática da cetraria e em oposição à caça de montaria. Para além de servir para identificar os servidores da Corte também será utilizado, a partir de finais da Idade Média, para identificar um grupo de oficiais régios que serviam, mas não acompanhavam, necessariamente, o monarca. Esse assunto será desenvolvido com maior profundidade no ponto 1.2.3.

¹⁶³ PMH LEG v.1 f.2, p. 198, 1258, abril, 11.

¹⁶⁴ Estes não andariam a cavalo, algo que se pressupõe, em primeiro lugar, por não lhe ser expressamente exigido no documento e, segundo, por terem de trazer 4 podengos cada um, tarefa que seria dificultada se fossem montados.

¹⁶⁵ PMH LEG v.1 f.2, p. 200, 1261, janeiro.

¹⁶⁶ HFAC v.1, doc. 37, pp. 64-65, 1321, fevereiro, 5.

¹⁶⁷ “Inventários e contas da casa de D. Denis”, FREIRE, Anselmo Braamcamp (ed.), in *Archivo Historico Portuguez*, v.10, Lisboa, s.n., 1916, pp. 41-59.

¹⁶⁸ Embora destaque também o Pedro *passarario*, este poderia não ter uma ligação direta à cetraria. Talvez se tratasse de um passarinho, com funções semelhantes às descritas em 1552, ainda que num contexto diferente: “tem 8 homens [os passarinhos] que têm por officio ir caçar passarinhos e vendê-los vivos”. BRANDÃO, João, *Grandeza e Abastança de Lisboa em 1552*, ALVES, José Feliciano (ed.), Lisboa, Livros Horizonte, 1990, p. 199.

D. Fernando de Fernão Lopes. Contudo, ao contrário das outras fontes analisadas para este contexto, que nos parecem mais fiéis às realidades da época, esta *Crónica*, que nos indica a presença de um grande número de servidores cetreiros na Corte régia, parece apresentar números que poderão ser algo exagerados. Segundo esta fonte, quando o rei D. Fernando saía para a caça era acompanhado por 45 falcoeiros a cavalo, fora todos aqueles que vinham apeados e ainda pelos moços de caça.¹⁶⁹ Tendo em conta o número de oficiais verificados, para o caso dos monarcas já referidos e de outros que iremos apresentar em seguida, parece-nos anormalmente elevado.¹⁷⁰ Contudo, devemos ressaltar que, aparentemente, de acordo com o que consta na *Crónica*, este conjunto de servidores era constituído não só por aqueles que, de forma continuada, acompanhavam o monarca, como também de outros, habitantes na região que, de forma pontual, vinham em resposta ao chamamento do rei.¹⁷¹

Recorrendo à lista de servidores da Casa Real de D. João I, de 1405-1406, verificamos a referência a um falcoeiro-mor, Lourenço Pires, e a 22 caçadores, cifra que não está longe do número de servidores então dedicados à caça de montaria. Neste caso, realço o pagamento de 2000 libras que recebia o falcoeiro-mor e que supera, largamente, as 1200 libras que à data auferia o monteiro-mor, conforme se verifica no mesmo documento. Os caçadores, que recebiam 800 libras cada um, também superam as 600 libras atribuídas a cada moço de monte.¹⁷² Estes dados não devem ser entendidos como uma maior valorização da falcoaria em detrimento da montaria por parte de D. João I. Aliás, o facto de ter mais indivíduos dedicados à montaria contraria essa ideia. Embora os dados de que dispomos não nos permitam perceber, em concreto, o que motivava esta diferenciação, podemos propor que talvez auferissem mais por terem a incumbência de uma prática que necessitava de maiores cuidados, uma vez que a sua função estava diretamente ligada ao cuidado de, pelo menos, uma ave de presa – um animal não domesticado.¹⁷³

¹⁶⁹ CDF, pp. 4-5.

¹⁷⁰ Não deixa de ser curioso que esta descrição surja associada a D. Fernando, um monarca com uma forte ligação à caça cetraria e que encomendou, a Pero Menino, o *Livro de Falcoaria*. NEVES, Carlos Baeta, “Subsídios para a...”, p. 25. Sobre a relação que D. Fernando tinha com a atividade venatória ver também: GOMES, Rita Costa, *D. Fernando*, Lisboa, Círculo de Leitores, 2011, pp. 87-94. A edição do *Livro de Falcoaria* encontra-se feita em: *Livro de Falcoaria de Pero Menino*, LAPA, Rodrigues (ed.), Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 1931.

¹⁷¹ CDF, pp. 4-5.

¹⁷² FARO, Jorge, *Receitas e despesas...*, p. 40.

¹⁷³ As aves de presa utilizadas na cetraria medieval foram sempre apanhadas no seu estado selvagem, ou ainda no ovo, e depois treinadas. Não configurando uma espécie domesticada como o cão, ou o cavalo. Assim, ao contrário do que sucedia com os equídeos e canídeos domesticados, as aves de presa (falcão, açor, gavião, etc.) não eram reproduzidas no contexto doméstico. Acerca de inexistência de domesticação das aves de presa ver: HEINRICH, Dirk, “Are trained raptors...”, pp. 277-283.

No caso das Casas dos Infantes D. Pedro e D. Fernando, cujas “gentes” estão documentadas num registo de datação anterior a 1437, podemos identificar 12 caçadores e seis moços de caça que, somados, não chegam aos 24 moços de monte. Tal como no caso de D. João I denota-se um maior número de servidores dedicados à montaria.¹⁷⁴

Curiosamente, na *Ordenança dos moradores que ElRey noso Senhor aja de trazer*, pertencente a D. Afonso V, também já referida para o caso dos monteiros da Corte, não se faz menção a nenhum falcoeiro, açoreiro ou caçador. Tal, poderá resultar destes estarem integrados num dos outros grupos referidos, não surgindo de forma diferenciada.¹⁷⁵

Os falcoeiros, açoreiros e caçadores régios foram identificados, por Leontina Ventura, desde o reinado de D. Sancho I.¹⁷⁶ Tal como a historiadora refere, “os que sabiam adestrar as aves de caça eram, naturalmente, muito estimados na Corte”.¹⁷⁷ A existência de falcoeiros como Petrelino, falecido em 1230,¹⁷⁸ ou Mendo Falcoeiro identificado por Saul Gomes ainda em 1182, e novamente em 1225,¹⁷⁹ demonstram que há a possibilidade do próprio D. Afonso Henriques se ter feito rodear deste tipo de servidores, tal como poderá ter sucedido no caso dos monteiros.¹⁸⁰ A aparente falta de definição desta função, em tempos tão recuados, poderá, inclusive, justificar a razão pela qual estes indivíduos não surgem mencionados como tal nas cartas régias. Ainda assim, podemos identificar um falcoeiro do “*conde Alperch*”¹⁸¹ referido numa carta de D. Afonso Henriques, datada de 1142.¹⁸² Além destes, podem ser identificados, nos trabalhos já referidos de Leontina Ventura,¹⁸³ Saul Gomes,¹⁸⁴ e Baeta Neves,¹⁸⁵ e recorrendo à extensa recolha contida na *História Florestal, Aquícola e Cinegética*, outros falcoeiros e açoreiros ao serviço da coroa.¹⁸⁶

¹⁷⁴ *Livro dos conselhos...*, pp. 179-180.

¹⁷⁵ LV, p. 477.

¹⁷⁶ VENTURA, Leontina Domingos, *A Nobreza de...*, v.1, p. 136.

¹⁷⁷ VENTURA, Leontina Domingos, *A Nobreza de...*, v.1, p. 136.

¹⁷⁸ VENTURA, Leontina Domingos, *A Nobreza de...*, v.1, p. 136.

¹⁷⁹ GOMES, Saul António, “Leiria: Crescimento...”, p. 70.

¹⁸⁰ Acerca dos monteiros que poderão ter acompanhado D. Afonso Henriques ver o ponto 1.1.1.

¹⁸¹ Este será Rotrón de Alperche, também referido como Conde de Alperche, um conde normando primo carnal de Alfonso I *el Batallador*, de Aragão e Pamplona (1104-1134). Acerca deste ver: SAGASTIBELZA BERAZA, Manuel, “Rotrón del Perche y la Conquista de Tudela: Restituyendo su protagonismo”, *Revista del Centro de Estudios Merindad de Tudela*, 28 (2020), pp. 39-80.

¹⁸² DMP DR v.1 t.1, doc. 192, pp. 237-238, 1142, março.

¹⁸³ VENTURA, Leontina Domingos, *A Nobreza de...*, v.1, p. 136.

¹⁸⁴ GOMES, Saul António, “Leiria: Crescimento...”, p. 70.

¹⁸⁵ NEVES, Carlos Baeta, “Subsídios para a...”, pp. 24-26.

¹⁸⁶ Dada a profundidade deste estudo e ao tempo de que dispomos não nos ocuparemos dessa tarefa. Contudo, a identificação e caracterização, de forma exaustiva, destes oficiais através de uma extensa recolha documental, encontra-se em desenvolvimento ao abrigo do projeto Falco - Hypothesising Human-Animal Relations in Medieval Portugal (FCT EXPL/HAR-HIS/1135/2021), cujos resultados serão a seu tempo divulgados.

Ainda que seja difícil precisar se estes indivíduos, ou parte deles, eram efetivamente oficiais ou servidores régios, é certo que praticavam a caça, por intermédio de aves de rapina, e que, de alguma forma, pelo menos parte deles, serviam os monarcas nesta prática. D. Sancho I chega mesmo a referir-se aos “*meos aztorariis neque falconariis*”, num documento de 1210.¹⁸⁷

Com a aproximação ao final da Idade Média, o termo falcoeiro, que mormente já vinha a aglutinar também o de açoreiro, parece começar a desaparecer.¹⁸⁸ Efetivamente, entre a documentação que consta na *História Florestal, Aquícola e Cinegética* não foi possível encontrar qualquer referência a falcoeiros régios para o reinado de D. Afonso V.¹⁸⁹ As duas únicas referências presentes na Chancelaria deste monarca, que conseguimos identificar, parecem ser a de um falcoeiro, morador em Leiria, que é tomado por besteiro de cavalo em 1450 – o qual não nos parece que fosse falcoeiro do rei¹⁹⁰ – e uma referência a Martinho Afonso, falcoeiro no tempo de D. Duarte.¹⁹¹

Este parco número de referências contrasta com a quantidade considerável de menções a falcoeiros de que dispomos para os reinados anteriores. Tal facto poderá resultar de um aparente declínio no uso do termo “falcoeiro”, que é acompanhado por uma maior frequência no emprego do termo “caçador”, que começa também a servir para designar um conjunto de oficiais cetreiros.¹⁹²

Tendo em conta a evolução do pessoal cinegético, ligado à cetraria, presente nas Casas régias, que já identificámos, podemos perceber que estes servidores começam por surgir apenas como falcoeiros e açoreiros. Mais tarde, no tempo de D. João I (1405-1406), passam já a ser identificados como caçadores, restando apenas um único indivíduo que aparece com a designação de falcoeiro-mor e que auferia mais do dobro que os ditos caçadores. Também no caso das Casas dos Infantes, conforme já mencionámos, no testemunho produzido antes de 1437, não se refere qualquer falcoeiro, aparecendo apenas caçadores e moços de caça.

¹⁸⁷ NEVES, Carlos Baeta, “Subsídios para a...”, p. 22.

¹⁸⁸ Carlos Baeta Neves também notou o “desaparecimento” do termo falcoeiro. NEVES, Carlos Baeta, “Subsídios para a...”, p. 28.

¹⁸⁹ Aura Carrilho e Maria Martins registaram um total desaparecimento do termo a partir do reinado de D. Duarte, segundo a documentação que consultaram. Embora ainda tenhamos referências posteriores, o quadro apresentado por estas autoras é ilustrativo do processo de extinção do termo “falcoeiro” no contexto das chancelarias régias. CARRILHO, Aura, MARTINS, Maria Sequeira, “Recursos Florestais no Portugal Medieval”, *Media Aetas. Revista de Estudos Medievais*, II série, 1 (2004-2005), p. 57.

¹⁹⁰ GOMES, Saul António, “Leiria: Crescimento...”, p. 70.

¹⁹¹ TT, Chanc. D. Afonso V, L.º 19, fl. 35, 1439, maio, 27.

¹⁹² Sobre os caçadores e caçadores-mores ver o ponto 1.2.3.

Assim, esta evolução parece-nos indiciar que o termo “falcoeiro” terá sofrido, sobretudo nos finais do século XIV e no século XV, uma transformação. Tendo em conta que o termo caçador começou a designar, em muitos contextos, aquele que está relacionado com a cetraria, por oposição ao monteiro, da caça de montaria, e que os servidores e oficiais cetreiros começaram a assumir essa mesma designação, podemos supor que o termo “falcoeiro” terá adquirido uma conotação algo erudita e de maior exclusividade, distanciando-se do termo caçador.¹⁹³

Concluindo, podemos entender que os monarcas portugueses se fizeram rodear de oficiais e servidores de cetraria, talvez desde o reinado de D. Afonso Henriques. As suas funções seriam capturar as aves de presa – uma vez que não eram reproduzidas em cativeiro – treiná-las, cuidá-las e servir o rei com as mesmas.¹⁹⁴ Os açoreiros do rei provavelmente serviriam apeados e os falcoeiros a cavalo, pelo menos segundo as fontes que citámos. Os caçadores e moços de caça que identificámos, nas comitivas dos monarcas, deveriam ter, genericamente, as mesmas funções.

1.2.3 Caçadores

Dentro dos oficiais régios ligados à cetraria, conforme fomos demonstrando, constavam também os caçadores. O primeiro documento em que conseguimos identificar os indivíduos detentores do cargo de caçador, data de 1421.¹⁹⁵ Neste, vêm mencionados Afonso Peres, caçador, e João Vicente, caçador-mor, embora não seja no contexto das funções que desempenhavam. Fica claro que estes indivíduos não eram apenas caçadores, mas sim servidores da Casa de um dos Infantes, filho de D. João I, que não vem especificado. Através deste documento atesta-se, portanto, a existência de caçadores (oficiais) desde, pelo menos, o reinado de D. João I (1385-1433).

¹⁹³ Esta é apenas uma possibilidade baseada no facto de D. João I distinguir, claramente, a designação de falcoeiro, aplicada apenas ao seu oficial maior, da de caçador, utilizada para os menores. FARO, Jorge, *Receitas e despesas...*, p. 40.

¹⁹⁴ Veja-se a multiplicidade de práticas que o falcoeiro deveria dominar que surgem na descrição contida em, LFPM, p. 1.

¹⁹⁵ *Chancelarias Portuguesas: D. João I*, v.4 t.1, p. 177, 1421, março, 8.

Apesar de encontrarmos referências a caçadores para datações anteriores, tal como é sugerido no quadro elaborado por Aura Carrilho e Maria Martins,¹⁹⁶ estes não seriam oficiais régios.¹⁹⁷

Para os reinados seguintes, de D. Duarte e D. Afonso V, novas menções atestam a presença destes oficiais,¹⁹⁸ sendo até possível identificar Vasco Gonçalves, em 1434, como caçador do Infante D. Afonso, irmão do rei D. Duarte.¹⁹⁹

Estes caçadores teriam incumbências muito semelhantes às dos falcoeiros que, como já abordámos, começaram a desaparecer nos finais do século XIV. Embora não nos pareça que uns sucedam diretamente de outros, podemos identificar a progressiva diminuição do uso de um termo e a crescente utilização do outro.²⁰⁰

Com o intuito de compreender as funções destes oficiais, poderíamos remeter para o Regimento dos Caçadores-mores, de 1568.²⁰¹ No entanto, dado o distanciamento temporal entre o reinado de D. Afonso V e o de D. Sebastião, deveremos cingir-nos apenas às fontes medievais que nos permitam compreender o tipo de funções que desempenhavam.

Nesse sentido, a documentação de que dispomos, permite-nos perceber que a captura de novas aves de presa era uma das principais funções dos caçadores.²⁰² Caso estes não o fizessem poderiam não ter aves para a caça, salvo se as comprassem, uma vez que não existiu criação de aves de presa ao longo da Idade Média, ao contrário do que se observa no caso dos equídeos ou dos cães.²⁰³ Consequentemente, a criação e treino destas aves também era uma das suas obrigações. Além destas, e à semelhança de falcoeiros e açoreiros, a sua principal finalidade era servir o rei nas suas caçadas.

¹⁹⁶ CARRILHO, Aura, MARTINS, Maria Sequeira, “Recursos Florestais no..., p. 57.

¹⁹⁷ Vejam-se os seguintes documentos: HFAC v.1, doc. 148, pp. 140-141, 1374, julho, 13; HFAC v.1, doc. 156, pp. 144-145, 1378, março, 30.

¹⁹⁸ CARRILHO, Aura, MARTINS, Maria Sequeira, “Recursos Florestais no..., p. 57.

¹⁹⁹ HFAC v.1, doc. 368, pp. 250-251, 1434, fevereiro, 3.

²⁰⁰ C. Baeta Neves entende-o desta mesma forma. Ver: NEVES, Carlos Baeta, “Subsídios para a..., p. 27.

²⁰¹ Neste sentido veja-se: LIMA, Luís Caetano de, *Geografia histórica de todos os estados soberanos de Europa, com as mudanças, que houve nos seus dominios, especialmente pelos Tratados de Utrecht, Rastad, Baden, da Barreira, da Quadruple Aliança, de Hannover, e de Sevilha; e com as Genealogias das Casas reynantes, e outras muy principais*, v.1, Lisboa Occidental, Na Officina de Joseph Antonio da Sylva, 1734, pp. 344-345.

²⁰² “e queremos que elle tenha e aja de nos em sa vida a ribeira nosa ao lomgo do Tejo des a Porta do Soll atee a torre do porto de Muja pera fazer suas armadilhas e ceuadoiros pera as avees que avera de caçar”, HFAC v.2, doc. 458, pp. 143-144, 1466, fevereiro, 28.

²⁰³ Sobre a inexistência de criação de aves de presa ver a nota de rodapé 173, no ponto 1.2.2. Sobre a criação de gado cavalari e a sua reprodução seletiva ver SOUSA, Afonso Soares de, “O Cavalari na..., pp. 176-186.

Embora os monarcas tivessem caçadores nas suas comitivas, podemos perceber que parte dos caçadores identificados não estariam de forma constante na Casa Real.²⁰⁴ Segundo um documento um pouco posterior, de fevereiro de 1504, podemos reforçar esta ideia, uma vez que nessa carta régia vemos que D. Manuel I procurava indivíduos que quisessem tornar-se seus caçadores em diversas áreas geográficas do país: Santarém, Azinhaga, Golegã, Chamusca, Ulme, Benavente, Coimbra, Évora, Beja e Campo de Ourique.²⁰⁵ Todos teriam incumbências semelhantes: capturar, treinar e cuidar as aves de rapina com as quais serviam o rei.

1.2.4 Guardas ou guardadores

O percurso feito pela documentação também expôs um conjunto de oficiais distinto dos que aludimos até agora. Refiro-me aos guardas ou guardadores de espaços coutados. Estes, não surgem de forma tão regular, muito provavelmente porque a sua função de “guardar” estava, muitas vezes, e sobretudo no reinado de D. Afonso V, afeta aos monteiros-oficiais que acabavam por assumir, de forma generalizada, a denominação de “monteiro e guardador”.²⁰⁶

A análise destes oficiais é dificultada dado que o termo guarda ou guardador pode surgir na documentação medieval para fazer referência a couteiros e monteiros.²⁰⁷ Contudo, há casos em que os indivíduos identificados não integram a categoria de monteiros ou couteiros, nem dispõem dos mesmos privilégios e encargos que estes. Assim, com o intuito de explorar esta função, apresentamos alguns casos que identificámos e que nos permitem perceber quem eram e o que faziam estes guardas.

²⁰⁴ Veja-se, por exemplo, o caso do caçador Aparício Anes, morador em Santarém, ou o de Afonso Pereira que era caçador-mor em Alenquer, local onde residia, e ainda é nomeado couteiro-mor das perdizes no termo de Alenquer. Estes são apenas exemplos de indivíduos que seriam, certamente, oficiais régios, mas que dificilmente estariam de forma continuada junto da Corte. Talvez servissem, tal como os monteiros-oficiais, durante os períodos de estadia do rei na zona onde residiam, estando depois apenas encarregues de manter as aves de presa com que serviam o monarca. HFAC v.2, doc. 458, pp. 143-144, 1466, fevereiro, 28.

²⁰⁵ HFAC v.4, doc. 248, pp. 197-198, 1504, fevereiro, 29.

²⁰⁶ A denominação “monteiro e guardador” é, ao longo dos séculos XIV e XV, a forma mais usual do monarca se dirigir aos monteiros-oficiais. Não sendo apropriado enumerar todos os documentos em que surge tal denominação, dado que estão na ordem das centenas, destacamos apenas um exemplo: HFAC v.1, doc. 386, pp. 261-262.

²⁰⁷ A utilização do termo guardador para fazer referência a monteiros está desenvolvida no tópico 1.1.4. No caso dos couteiros podemos destacar dois documentos contidos na HFAC, cujos sumários indicam a presença de Duarte Teixeira, escudeiro do conde da Atouguia, como guarda das perdizes, quando na verdade se trata de um couteiro, ou até do couteiro-mor. Isto porque lhe são dadas incumbências atribuíveis a couteiros, além do poder para designar quatro couteiros (menores) que o auxiliariam no seu ofício de forma contínua, HFAC v.2, doc. 487, p. 154, 1468, março, 3; HFAC v.2, doc. 488, pp. 154-156, 1468, março, 3. Também importa destacar o caso de Álvaro Pais, almoxarife do infante D. Henrique, que é nomeado para “*couteiro e guardador moor das nossas matas e quintaas e pinhaaes de Riba Tejo*”. Neste último caso não é claro o motivo que levou à aplicação desta terminologia. Embora haja a possibilidade de ser uma função equivalente à do couteiro-mor, é o termo “guardador-mor” que é utilizado. HFAC v.2, doc. 153, p. 61, 1449, julho, 18.

Podemos distinguir, desde logo, dois grupos de guardadores, identificados em documentação proveniente dos finais do século XIV e do XV: aqueles cuja função estava associada à proteção de cursos de água²⁰⁸ e dos seus recursos e os que protegiam pinhais.

Inseridos no primeiro grupo encontrámos o guarda do canal,²⁰⁹ o guarda das trutas²¹⁰ e o guarda do paul.²¹¹ Tinham, de uma forma geral, a incumbência de proteger os recursos presentes nos cursos de água que os monarcas haviam coutado para si. Contudo, por vezes, poderiam ser responsáveis por proteger apenas uma determinada espécie, como podemos perceber nos casos dos guardas das trutas, já identificados.²¹² Assim, tal como no caso dos couteiros, a sua função estava sempre dependente daquilo que o rei determinava por coutado no espaço que tinham à sua guarda.

Relativamente aos guardas de pinhais as suas funções eram, forçosamente, distintas dos anteriores, dado que eram responsáveis pela gestão dos recursos florestais do pinhal que guardavam.²¹³

No caso concreto de João de Coimbra, guardador do pinhal do rei, situado na quinta de João Martins da Barbuda, o monarca pede-lhe que “*garde o dicto pinhal que nom corte nenhuu em el madeira nem ponha em ell nem a redor dell fogo e o linpe e aceeyre como conpre e nom corte nenhuu pinheiro per pee*”, mas concede-lhe, em contrapartida, “*toda a lenha que sayr dalinpamento dos dictos pinhaaes*”.²¹⁴ Além disso, usufruía de um conjunto mais alargado de privilégios, podendo morar nas casas que existiam nesse espaço e ficar com a produção de uma vinha, com a ressalva de que a manutenção de tudo isso estaria às “*suas proprias despesas*”.²¹⁵ Assim, o monarca cedia, a título de empréstimo, o seu pinhal a um indivíduo que ficava

²⁰⁸ Acerca do aproveitamento dos recursos hídricos e da sua gestão ver: COELHO, Maria H. da Cruz, “A Pesca Fluvial na Economia e Sociedade Medieval Portuguesa”, *Cadernos Históricos*, VI (1992), pp. 81-102; FARELO, Mário, “Os recursos hídricos na paisagem medieval portuguesa através do estudo dos documentos da chancelaria régia (1208-1521)”, *Media Aetas. Revista de Estudos Medievais*, II série, 1 (2004-2005), pp. 59-70.

²⁰⁹ Vejam-se os documentos que atestam a presença de guardas dos canais do termo de Abrantes: HFAC v.1, doc. 247, p. 186, 1396, abril, 24; HFAC v.2, doc. 401, pp. 120-121, 1459, maio, 7.

²¹⁰ Surgem dois casos na documentação recolhida: o de João do Paço, criado régio, nomeado couteiro e guarda das trutas da ribeira de Muge; e o de João Gomes que foi designado guardador e matador das trutas da lagoa de Carnide, em substituição João Esteves, seu pai. HFAC v.2, doc. 623, p. 211, 1481, janeiro, 25; HFAC v.2, doc. 527, pp. 173-174, 1471, abril, 1.

²¹¹ Veja-se o caso de Estêvão Anes de Santiago que é escolhido como guardador e medidor do paul de Muge em substituição de seu pai, João de Santiago. HFAC v.2, doc. 559, pp. 188-189, 1472, outubro, 26.

²¹² “*leixem auer as dictas pennas que teemos postas daaquelles que comtra nossa defessa elle achar matando as dictas truytas*”. HFAC v.2, doc. 623, p. 211, 1481, janeiro, 25.

²¹³ Para o caso dos guardadores do pinhal de Leiria veja-se a identificação feita por Saul Gomes em: GOMES, Saul António, “Leiria: Crescimento e...”, pp. 75-78.

²¹⁴ HFAC v.1, doc. 274, p. 191, 1405, novembro, 30.

²¹⁵ “*que el possa morar e more nas casas da dicta quintaa e aia em cada huu anno o ujnho de hua ujnha da dicta quintaa*”, HFAC v.1, doc. 274, p. 191, 1405, novembro, 30.

encarregue de o preservar, mas que, ao mesmo tempo, podia usufruir dos seus recursos, num claro intuito de proteger os pinheiros que nele existiam.²¹⁶ Aqui ao contrário do caso dos monteiros, não vem referida qualquer função ligada à prática cinegética, o que acaba por determinar a distinção entre os dois tipos de oficiais.

Eram também estes oficiais régios que faziam a proteção do conhecido Pinhal de Leiria, pelo menos, desde o reinado de D. João I, tal como o indica uma carta datada de 1442.²¹⁷ Mais uma vez, tal como no caso do pinhal protegido por João de Coimbra, os guardas do pinhal de Leiria tinham a função de “*çararem e gardarem o dicto pinhall*”, ficando de parte as incumbências relacionadas com a cinegética.²¹⁸

Estes guardas ou guardadores de pinhais não devem ser confundidos com os monteiros-oficiais. Para além das funções serem diferenciadas das que competiam aos monteiros, com os quais coexistiram, não estavam sequer sujeitos à mesma hierarquia dos oficiais de montaria. Apesar de serem cargos bastante próximos, os monteiros atuavam sempre sob o poder dos monteiros-mores e do monteiro-mor do reino,²¹⁹ o que não ocorria com os guardadores. Sintomático disto, é o facto de no final das cartas de nomeação e aposentação de monteiros surgir a identificação do monteiro-mor do reino ou de quem o representava,²²⁰ o que não se sucedia nas cartas dos guardas ou guardadores, realçando, mais uma vez, a diferenciação entre estes dois grupos de oficiais.²²¹

²¹⁶ “*asy emprestamos e ele alinpe e açaire o dicto pinhal de gisa que se sse alguu fogo poser em alguu logar que nom faça dano em o dicto pinhal*”, HFAC v.1, doc. 274, p. 191, 1405, novembro, 30.

²¹⁷ “*nos mostrou priuilegios del Rey Dom Joham meu avoo que Deus aja per que o almoxariffe do nosso pinhall que he em termo dessa villa e dez e seis homees que o guardavam e açeirauam de guissa que per todos eram xbij eram escusados e priuiligiados*”, HFAC v.2, doc. 113, pp. 45-46, 1442.

²¹⁸ HFAC v.2, doc. 506, p. 164, 1469, julho, 18.

²¹⁹ Sobre a hierarquia dos monteiros-oficiais ver o ponto 2.1.

²²⁰ Como exemplo deste aspeto: “*El Rey o mandou per o dicto Nuno Uaz de Castel Branco sseu monteiro moor*”, HFAC v.2, doc. 66, p. 37, 1441, setembro, 29.

²²¹ Acerca do Pinhal de Leiria, dos seus oficiais e de outros espaços coutados na mesma região ver: GOMES, Saul António, “Leiria: Crescimento e...”, pp. 70-74.

1.3 Coutadas

As coutadas aparecem largamente documentadas ao longo da época medieval e podem ser de diferentes tipologias. No *Dicionário de História de Portugal*, de Joel Serrão, podemos ler a seguinte definição:

“*coutadas*. Terras em que só o seu proprietário tinha o privilégio de exercer certos tipos de atividade, nomeadamente a caça, a apascentação de gado, a pesca. Apanágio típico do rei e dos nobres, algumas coutadas se constituíram, no entanto, em benefício de lavradores (...)”.²²²

Esta é, genericamente, a definição de coutada, mas importa-nos, neste contexto, distinguir os vários tipos identificados na documentação medieval, de modo a percebermos a sua diversidade e clarificar quais delas estavam à guarda dos monteiros régios.

Assim, dentro dos espaços que os monarcas coutavam para usufruto próprio faremos a distinção entre as coutadas de couteiros e as coutadas de monteiros. Importa também esclarecer que nem todas as coutadas eram criadas para uso privilegiado dos monarcas, existindo ainda outras coutadas particulares, cujos recursos eram reservados e podiam apenas ser explorados por um indivíduo ou grupo de indivíduos.

A prática de reservar um determinado espaço, nomeadamente os seus recursos naturais, parece existir, pelo menos, desde o tempo dos Condes *Portucalenses* D. Henrique e D. Teresa.²²³ Não devemos vê-la como exclusiva do território português, dado que, como destacou Maria Helena da Cruz Coelho e Carlos Guilherme Riley, já os reis merovíngios tinham começado a delimitar os espaços florestais para o seu usufruto exclusivo.²²⁴

No que respeita às coutadas que os monarcas reservavam para si, a maior motivação era a reserva de animais para a prática cinegética, atividade que praticavam regularmente para o seu desenfadamento, tal como os próprios referem.²²⁵ Em 1466, D. Afonso V chega inclusive a criar uma defesa geral que abarcava o Entre-Douro-e-Minho e Trás-os-Montes, onde ninguém, independentemente da condição, podia caçar “*porcos e outra veaçom*”, tanto nas terras do rei como nas dos fidalgos, a não ser que fosse “*a cauallo ou a pee aas lanças e com*

²²² Definição escrita por Ruy D’Abreu Torres em: SERRÃO, Joel (dir.), *Dicionário de História de Portugal*, v.II, Porto, Livraria Figueirinhas, 1984, p. 220.

²²³ Veja-se no ponto 1.1.4 o caso da coutada do Botão que poderá ter sido reservada para a caça do próprio conde D. Henrique, pai de Afonso Henriques.

²²⁴ COELHO, Maria H. da Cruz, RILEY, Carlos Guilherme, “Sobre a Caça...”, p. 245.

²²⁵ “folganças e desenfadamentos de montes e caças”, HFAC v.1, doc. 409, pp. 270-272, 1436, julho, 24.

cãaes.”²²⁶ Desta forma, ficava protegida a caça de montaria, praticada pela nobreza e que integrava a categoria de caça desportiva, em oposição à caça económica feita pelos menos abastados, com recurso a armadilhas, redes ou besta.²²⁷ As palavras do próprio monarca são bastante explícitas quanto ao motivo que o levava a tal proibição:

*“porque tall caça e veaçam mays sse costumou seer rreseruada na terra por ser nobre exercício e gramde desemfadamento do Rey e gramdes do regno que por neçessidade do mantijmento comum”*²²⁸

Contudo, para além do interesse cinegético, também havia um interesse na proteção da flora. A necessidade de salvaguardar estes recursos ter-se-á acentuado à medida que o interesse pela construção naval crescia, algo que podemos associar de forma evidente ao processo de expansão portuguesa.²²⁹ No entanto, esta preocupação com a preservação de madeira para a construção naval é um interesse que só podemos afirmar com segurança a partir do reinado de D. Manuel I, uma vez que, aparentemente, surge documentado pela primeira vez apenas em 1497.²³⁰ Porém, para o caso do reinado de D. Afonso V (1438-1481), o último que nos propomos a explorar, embora a construção naval pudesse ser uma preocupação, os elementos documentais que apurámos não permitem traçar uma fronteira nítida relativamente ao seu interesse cinegético.

Embora não haja dúvidas relativamente à proteção da flora, nos espaços coutados pelo rei, por parte dos monteiros-oficiais, não devemos precipitar a ideia de que há uma mudança profunda entre os séculos XIV e XV. O interesse primordial dos monarcas nos espaços coutados manteve-se o exercício da caça, até ao final do reinado de D. Afonso V, e o facto da flora ser protegida, nestes espaços, não implicava o contrário. Em primeiro lugar, a proteção da flora nas coutadas régias não era uma novidade do século XV.²³¹ Em segundo, devemos ter em conta que

²²⁶ HFAC v.2, doc. 457, p. 143, 1466, janeiro, 16.

²²⁷ Para a compreensão dos conceitos de “caça desportiva” e “caça económica” remetemos para: COELHO, Maria H. da Cruz, RILEY, Carlos Guilherme, “Sobre a Caça...”, pp. 228-229.

²²⁸ HFAC v.2, doc. 457, pp. 142-143, 1466, janeiro, 16.

²²⁹ Sobre esta questão veja-se: DEVY-VARETA, Nicole, “Para uma geografia histórica da floresta portuguesa: as matas...”, pp. 47-67; mas, sobretudo em: DEVY-VARETA, Nicole, “Para uma geografia histórica da floresta: do declínio...”, pp. 5-37.

²³⁰ DEVY-VARETA, Nicole, “Para uma geografia histórica da floresta: do declínio...”, p. 9.

²³¹ Podemos destacar, por exemplo, que em 1358 o rei D. Pedro I pede aos seus oficiais que deixem os moradores de Buarcos colherem a madeira verde, ficando claro que este recurso já era protegido nas coutadas régias em meados do século XIV. HFAC v.1, doc. 55, pp. 88-89, 1358, outubro, 16.

a proteção da flora nas coutadas régias estava intimamente ligada à preservação da fauna e não, necessariamente, à necessidade de garantir a madeira destinada à construção naval.²³²

De qualquer forma, o processo da crescente importância dada aos recursos florestais, como intuito de os preservar para a construção naval, poderá ter-se iniciado ainda no reinado de D. Afonso V, ou mesmo antes disso, embora a sua expressão ainda não se sobrepujasse à vertente cinegética, tal como se observa nos reinados seguintes de forma cada vez mais vincada.²³³

1.3.1 Coutadas de couteiros

Aquilo que designamos por coutadas de couteiros são os espaços coutados, defendidos pelos couteiros, um grupo de oficiais régios já abordado no ponto 1.2.1. Constituíam reservas de caça em tudo semelhantes às coutadas de montaria, mudando apenas o tipo de oficial que estava encarregue de as proteger e, geralmente, os tipos de espécies animais aí reservados.²³⁴

Estas podem ser facilmente confundidas com as coutadas de monteiros, uma vez que num mesmo espaço podiam coexistir vários tipos de coutadas régias e diferentes oficiais. O caso da região de Muge exemplifica de forma clara esta diversidade, uma vez que, ao longo do reinado de D. Afonso V, podemos identificar monteiros,²³⁵ couteiros,²³⁶ guardadores²³⁷ e caçadores²³⁸ a exercer as suas funções neste mesmo espaço.

²³² Veja-se, a título de exemplo, o caso paradigmático de uma coutada particular, cedida a Luís Pires, onde o rei expõe as motivações que o levam a coutar aquele espaço. Nesta carta o monarca proíbe a caça, o corte de lenha e madeira e atear fogo. A motivação desta proibição prende-se com a preservação da fauna naquele espaço, uma vez que, tal como o próprio refere: “*queremos e nos praz que o dicto soueral seja asy coutado e guardado pera quando quer que a elle quisermos hir tomar desemfadamento achemos a dita caça*”. HFAC v.2, doc. 524, pp. 171-172, 1470, novembro, 26. Também podemos destacar a coutada feita por D. Afonso V, em Belmonte, no ano de 1471, onde o próprio menciona: “*nem caçem coelhos nem outra nehuua caça porquamto queremos que seja guardado pera nosso desemfadamento quamto em elle quisermos correr momte*”. HFAC v.2, doc. 537, pp. 181-182, 1471, outubro, 6.

²³³ Para além dos dois artigos de Nicole Devy-Vareta que temos vindo a citar, ver também: DEVY-VARETA, Nicole, ALVES, A. A. Monteiro, “Os avanços e recuos da floresta em Portugal – da Idade Média ao Liberalismo”, in SILVA, Joaquim Sande (coord.), *Floresta e sociedade: uma história em comum*, Lisboa, Público - Comunicação Social SA, Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento, 2007, pp. 55-75.

²³⁴ Tal como vimos no ponto 1.2.1, os couteiros defendiam mormente, a caça miúda, em oposição à caça grossa protegida pelos monteiros do rei.

²³⁵ HFAC v.2, doc. 491, p. 157, 1468, abril, 27.

²³⁶ HFAC v.2, doc. 623, p. 211, 1481, janeiro, 25.

²³⁷ HFAC v.2, doc. 559, pp. 188-189, 1472, outubro, 26.

²³⁸ HFAC v.2, doc. 458, pp. 143-144, 1466, fevereiro, 28.

Contudo, a convivência dos diferentes oficiais régios num mesmo espaço podia não ser totalmente pacífica.²³⁹ Há pelo menos um caso em que se denota que a proteção de uma área coutada, com uma dimensão muito considerável, era feita, exclusivamente, pelos couteiros, afastando por completo a presença de monteiros-oficiais, mesmo sendo esta uma zona integrante da *Coutada Velha*.²⁴⁰ Refiro-me à zona de Mira, situada entre Figueira da Foz e Aveiro. Este espaço surge referido como uma coutada régia no *Livro Vermelho*, ao tempo de D. Afonso V, mas ao contrário de outros espaços coutados, mencionados na mesma fonte, para esta apenas se faz referência ao couteiro-mor e aos guardadores que este devia designar para o ajudar a preservá-la.²⁴¹

Desta forma, embora fosse uma zona plenamente integrada na *Coutada Velha*, entendemos que a jurisdição desta coutada estava totalmente dependente do couteiro-mor, não existindo, aparentemente, qualquer interferência de monteiros ou monteiros-mores na proteção deste espaço.

Esta situação ganha ainda mais expressão se tivermos em conta que, pela análise dos dados recolhidos, relativamente aos locais de residência dos monteiros-oficiais, pudemos constatar um enorme vazio de monteiros a residir em toda a área que está compreendida entre as zonas da Figueira da Foz, Montemor-o-Velho, Coimbra e Aveiro.²⁴²

1.3.2 Coutadas de monteiros e a *Coutada Velha*

Ainda dentro dos espaços que os monarcas portugueses reservavam para si, temos aqueles que estavam direcionados à caça de montaria e para os quais nomeavam os monteiros para assegurar a sua gestão e proteção. Neste ponto, devemos destacar a *Coutada Velha*, uma delimitação que surge descrita, no Livro 1 das *Ordenações Afonsinas*, Título LXVII (*Do*

²³⁹ Embora não seja fácil perceber, a partir das fontes documentais, de que forma estes oficiais conviviam num mesmo espaço coutado, destaco um excerto que pode indiciar que nem sempre as jurisdições de monteiros e couteiros se sobrepunham com naturalidade, sendo necessário que o monarca decidisse entre uma ou outra: “*Que Gil Moreira, a que ora em Torres deu carreguo da Coutaria do dito Zimbral e Ilha de Peniche, nom huse mais do dito carreguo, por quanto sua merce d’ElRey he de ser retornada a montaria d’Obidos e guardada polos Monteiros, segundo se sempre fez (...) que polo dito Monteiro moor ou Monteiros pequenos perante ele demandarem do dito Zimbral e Ilha, e os ajam hy por guardadores, e nam o dito Gil Moreira*”, LV, pp. 498-499.

²⁴⁰ Acerca da *Coutada Velha* ver o ponto 1.3.2.

²⁴¹ LV, pp. 494-495. Referindo-se a este mesmo espaço, Maria João Branco refere: “uma vasta zona em redor de Mira, Vagos e Aveiro é reservada à caça, provavelmente por serem totalmente improdutivas”, SILVA, Maria J. V. B. Marques da, *Esgueira e suas Gentes: A vida de uma aldeia do século XV*, Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 1990 (dissertação de mestrado), p. 51.

²⁴² Os locais de residência estão cartografados na figura 10, no capítulo 3.

Monteiro Moor, e cousas, que a seu officio perteencem),²⁴³ segundo a transcrição do regimento dos monteiros produzido no tempo do rei D. Duarte, em 1435.²⁴⁴ Demarcava o espaço onde estavam localizadas as coutadas, dedicadas à caça de montaria, dos monarcas portugueses.

Embora a sua delimitação tenha sido cartografada por Nicole Devy-Vareta, há, contudo, aspetos que ficam por esclarecer e que, em resultado da leitura da documentação, suscitam algumas dúvidas. Refira-se, mais concretamente, a inclusão do Soajo e do Cabril na *Coutada Velha*.²⁴⁵ De facto, ao longo do período que estudámos (até 1481), no Soajo terá existido uma montaria, tal como atestam duas nomeações de monteiros-mores para o Soajo, por nós identificadas.²⁴⁶ Porém, o mesmo não podemos dizer relativamente ao Cabril para o qual não encontramos quaisquer referências nesse sentido, pelo menos até 1481.²⁴⁷

Pela leitura das delimitações da *Coutada Velha*, conforme consta no Livro 1 das *Ordenações Afonsinas*, percebemos que estes dois espaços em concreto não a integravam:

“Esta he a divisom da coutada velha segundo o depoimento de Vicente Esteves. Item. A foz de Marateca pola ribeira acima ataa Cabrella; e des y pelo termo de Monte-moor ataa ribeira de Canha; e des y ataa ponte de Lavar; e dhi a Amora; e da Amora a Monte-argil pola augua do Soor ; e dhi aas becouças ; e dhi ao val d’Alcoula ; e dhi a Abrantes , resalvãdo o Tamargual , que he acima da estrada , que he coutada , e per Rio de moinhos pola estrada como se vai direito aa foz da ribeira de Tomar , que entra no Zezer ; e dhi a Tomar hindo pola estrada coimbraã atee o Porto. E destas divisooes suso ditas contra o mar todo he coutado de porcos, e porcas, e bacoros, (...) e esto em tempo d’ElRey Dom Joham. Item. Mais a mata de Botam, que he acima da estrada, que he coutada. Item. Todo o termo de Monte moor o Novo, que he todo coutado, o qual coutou El Rey Dom Duarte em seendoIfante, a saber, de porcos (...) Item. Antre Evora, e Monsaras, e o Redondo, e Portel estas matas, que se seguem. Primeiramente des o

²⁴³ Ord. Af. L.º 1, pp. 398-405.

²⁴⁴ DEVY-VARETA, Nicole, “Para uma geografia histórica da floresta portuguesa: as matas...”, p. 60.

²⁴⁵ DEVY-VARETA, Nicole, “Para uma geografia histórica da floresta portuguesa: as matas...”, p. 61.

²⁴⁶ TT, Chanc. D. Afonso V, L.º 27, fl. 41, 1443, março, 8; TT, Chanc. D. Afonso V, L.º 12, fl. 35v, 1452, abril, 14.

²⁴⁷ O acrescento, erróneo, de Cabril deve-se, certamente, às referências dispostas nas *Inquirições Gerais* (1258), onde se lê que os homens de S. Mamede de Lindoso (que eram monteiros) guardavam os Portos de Lindoso e de Cabril, tal como os de S. Martinho do Soajo guardavam a Portela do Galo, PMH INQ v.1 f.3, pp. 396a, 414a. Contudo, eram funções de carácter militar e defesa efetiva do território, tal como Iria Gonçalves já identificou num capítulo intitulado “Os camponeses minhotos e a defesa da terra”. Entende-se, portanto, que não eram incumbências destinadas à proteção de recursos naturais. Acerca deste assunto veja-se: GONÇALVES, Iria, *Por terras de...*, p. 37. A somar a este aspeto, deverá ter pesado na decisão de Nicole Devy-Vareta, ainda, o facto de D. João II, em 1483, ter criado efetivamente uma montaria na Serra de Cabril. HFAC v.3, doc. 166, pp. 56-57, 1483, novembro, 8.

peego do lobo aa mouta de perichalvo ; e des y aa ribeira do allemo ; e dhi aa cabeça das fasquias; e dhi ao paaço da pedra alçada ; e dhi hindo per ribeira da aroeira aa ribeira do freixio, e pela ribeira de bem casadi aa mouta da cegua e des y ao peego do lobo (...) e esto em tempo d'ElRey Dom Joham”²⁴⁸

Parece-nos que o acrescento do Soajo e Cabril, feito por N. Devy-Vareta nesta delimitação, se prende com as referências a monteiros de foro nestes espaços.

Poderíamos supor que, havendo referências aos monteiros do Soajo muito anteriores a 1435, ano em que já estava demarcada a *Coutada Velha*, a Serra do Soajo faria parte deste espaço coutado. No entanto, o caso altera-se quando percebemos que o documento, de 1282, destacado por N. Devy-Vareta como prova da existência de monteiros no Soajo,²⁴⁹ faz referência aos monteiros de foro,²⁵⁰ também presentes nas *Inquirições Gerais*, tal como já abordámos. Este documento é colocado no mesmo plano de outros dois, de 1280, referentes à coutada do Botão, em Coimbra.²⁵¹ No entanto, enquanto os documentos respeitantes a Coimbra fazem referência aos monteiros-oficiais régios, incumbidos de guardar um espaço coutado, o outro refere-se apenas a monteiros que pagavam um foro ao alcaide (em representação do senhor da terra), por exemplo, pelas colmeias que possuíam.²⁵² Ou seja, não é tido em conta que os monteiros referidos na documentação podiam ser de diferentes tipologias, conforme já previamente analisámos. Se haveria já alguma função, dos monteiros do Soajo, de guardar uma coutada de montaria, tal não está presente nesse documento. Mesmo analisando as referências a este espaço até 1481, o caso do Soajo apresenta-se de forma bastante singular uma vez que, para além das duas nomeações de monteiros-mores que já referimos, não foi encontrada nenhuma nomeação de um monteiro (menor), uma situação invulgar, tendo em conta a grande quantidade de nomeações encontradas para outras montarias.

Assim, a *Coutada Velha* apresenta-se como a demarcação, em traços gerais, das zonas onde se situavam as coutadas de montaria que se distribuíam de forma descontínua dentro dessa delimitação. Não podemos deixar de destacar o mapa apresentado por Rita Costa Gomes que demonstra, para além da delineação da *Coutada Velha*, a relação que esta tinha com os Paços régios mais relevantes nos finais da Idade Média.²⁵³

²⁴⁸ Ord. Af., L.º 1, pp. 403-404.

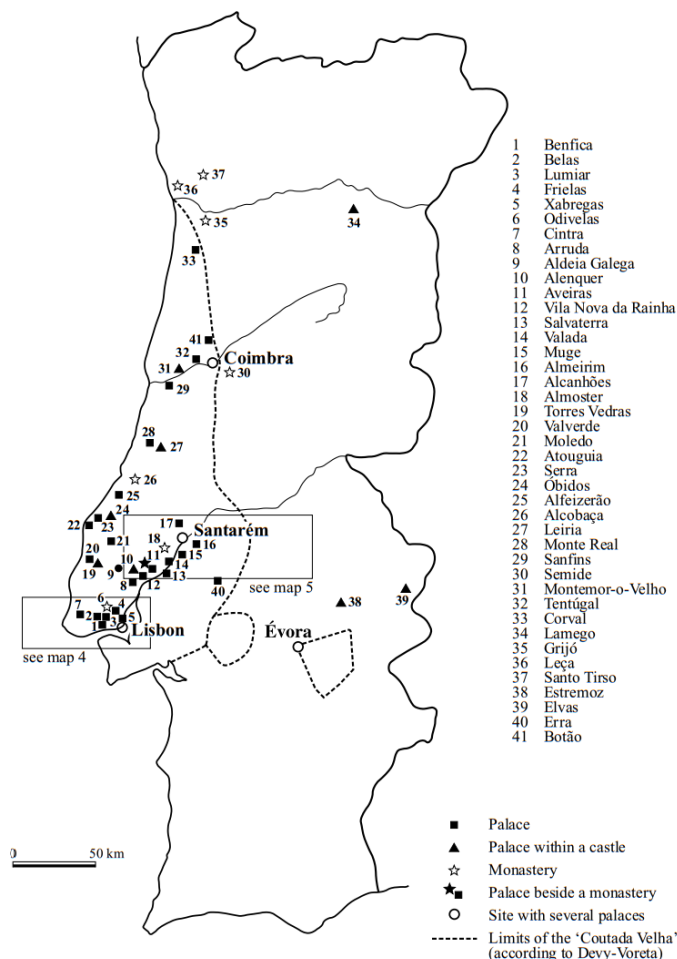
²⁴⁹ DEVY-VARETA, Nicole, “Para uma geografia histórica da floresta portuguesa: as matas..., p. 59.

²⁵⁰ Desenvolvidos no ponto 1.1.1.

²⁵¹ HFAC v.1, doc. 7, pp. 29-31, 1280, abril; HFAC v.1, doc. 8, pp. 31-36, 1280, junho, 9.

²⁵² Assunto desenvolvido por José Mattoso em: MATTOSO, José, “A Caça no..., pp. 205-211.

²⁵³ GOMES, Rita Costa, *A Corte dos...*, p. 257.

Figura 1 – Mapa com a delineação da *Coutada Velha*

Legenda – Mapa com a delineação da *Coutada Velha*, segundo Rita Costa Gomes. Retirado da versão inglesa por facilidade na reprodução da figura: GOMES, Rita Costa, *The Making of a Court Society: Kings and Nobles in Late Medieval Portugal*, Cambridge, Cambridge University Press, 2003, p. 306.

1.3.3 Coutadas particulares

Para além das coutadas régias, também identificámos, pela consulta que fizemos a partir da HFAC, diversos documentos provenientes de diferentes chancelarias régias, onde se mencionam coutadas particulares. Estas, embora estabelecidas pelos monarcas, não serviam para seu usufruto direto.

A primeira coutada particular que conseguimos localizar foi estabelecida por D. Dinis, em 1323.²⁵⁴ Depois desta, multiplicam-se as cartas de instituição de coutadas privadas, tendo

²⁵⁴ HFAC v.1, doc. 38, pp. 66-67, 1323, agosto, 14.

sido possível identificar mais de duas centenas de documentos onde constam referências às mesmas.²⁵⁵

Os recursos que o rei reservava para o usufruto de um indivíduo ou de um grupo de indivíduos, variavam largamente, podendo ser de diferentes tipologias. Identificámos, por exemplo, proibições do corte de madeira e lenha,²⁵⁶ da recolha de lande ou bolota,²⁵⁷ de retirar cortiça ou casca,²⁵⁸ de pastar gado,²⁵⁹ de colher fruta,²⁶⁰ de caçar,²⁶¹ de pescar,²⁶² de se colocarem armadilhas²⁶³ ou colmeias²⁶⁴ ou até mesmo de se aceder à água.²⁶⁵

Percebe-se, portanto, que qualquer produto natural que pudesse ser explorado nos espaços coutados pelo rei poderia ser reservado aos indivíduos a quem se destinava o usufruto dessa reserva. A partir de 1438, pela consulta do segundo volume da HFAC, respeitante ao reinado de D. Afonso V, parece-nos que a criação de coutadas particulares não terá merecido muita atenção desse monarca. Contudo, aquelas que já tinham sido previamente estabelecidas manter-se-iam, muito provavelmente, ainda em vigor. Isto parece explicar a ressalva feita por D. Afonso V, em 1473, numa carta em que dá licença, aos frades do Mosteiro de S. Francisco de Évora, para cortar madeira de sobro, azinho e verga nos termos da comarca de Évora, embora, conforme acrescenta no final da carta, “*esto se nom emtemda nas coutadas e defessas de algumas pessoas particulares*”.²⁶⁶

²⁵⁵ Dados resultantes da consulta feita ao primeiro volume da HFAC (do período 1208-1438). O estudo detalhado destas cartas não foi levado a cabo devido à tipologia destas coutadas, cujos privilégios não diziam respeito diretamente aos monarcas e para as quais não identificámos oficiais régios. Deste modo, limitámos a nossa análise a alguns exemplos que permitem caracterizar genericamente estes espaços coutados.

²⁵⁶ HFAC v.1, doc. 411, p. 272, 1437, março, 11.

²⁵⁷ HFAC v.1, doc. 78, pp. 106-107, 1363, janeiro, 31.

²⁵⁸ HFAC v.1, doc. 178, p. 161, 1381, março, 14.

²⁵⁹ HFAC v.1, doc. 413, p. 273, 1437, julho, 1.

²⁶⁰ HFAC v.1, doc. 403, p. 269, 1435, dezembro, 23.

²⁶¹ HFAC v.1, doc. 137, p. 136, 1373, março, 24.

²⁶² HFAC v.1, doc. 139, p. 137, 1373, junho, 8.

²⁶³ HFAC v.1, doc. 392, p. 264, 1435, janeiro, 6.

²⁶⁴ HFAC v.1, doc. 213, p. 177, 1388, dezembro, 12.

²⁶⁵ HFAC v.1, doc. 365, pp. 246-248, 1434, janeiro, 20.

²⁶⁶ HFAC v.2, doc. 563, pp. 189-190, 1473, fevereiro, 17.

2 Monteiros-oficiais

Os monteiros a que nos referimos neste capítulo são aqueles que identificámos no ponto 1.1.4. Eram os oficiais régios incumbidos de guardar as coutadas que integravam as montarias dos monarcas portugueses. Embora estes apareçam documentados já em finais do século XIII, apenas dispomos de dados mais seguros para perceber as suas funções, privilégios e hierarquia a partir do século XIV.²⁶⁷ Para além disso, a primeira referência que encontramos a um monteiro-mor do reino data de 1385.²⁶⁸

Desta forma, neste capítulo abordamos aqueles que denominámos monteiros-oficiais dos séculos XIV e XV, numa fase para a qual já dispomos de um conjunto documental consistente que nos permite demonstrar, com clareza suficiente, a existência de um grupo de oficiais com uma hierarquia e organização internas devidamente definidas.²⁶⁹

2.1 Hierarquia

Para explorarmos a hierarquia do oficialato régio dos monteiros, podemos recorrer ao regimento desta função que se preserva tanto no Livro 1 das *Ordenações Afonsinas*, como em duas cartas de nomeação para o cargo de monteiro-mor do reino.²⁷⁰

Pelas *Ordenações Afonsinas* percebemos que o monteiro-mor do reino era, aparentemente, superior hierarquicamente não só dos monteiros-mores (das comarcas/montarias) e monteiros (pequenos) dos espaços coutados, mas também daqueles que acompanhavam os monarcas de forma continuada, os quais denominámos, genericamente, de monteiros de Corte.²⁷¹

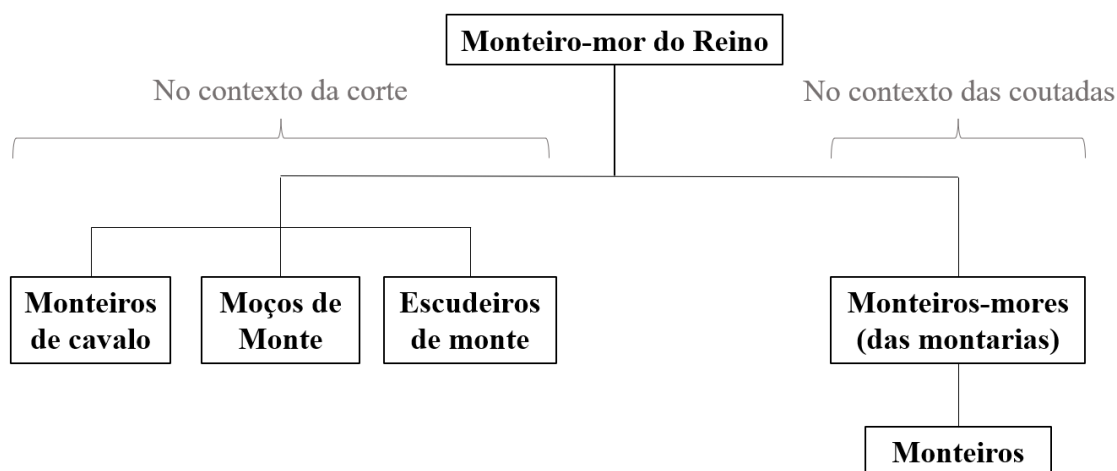
²⁶⁷ Sobre os primeiros dados sobre os monteiros-oficiais ver o ponto 1.1.4.

²⁶⁸ Este assunto é abordado com maior profundidade no ponto 2.2.2. Primeira nomeação de um monteiro-mor do reino: TT, LN, Extras, fls. 233-233v, 1385, maio, 2.

²⁶⁹ Ao longo do capítulo 2 e 3 utilizaremos de forma generalizada a palavra “monteiro” para nos referirmos aos monteiros-oficiais definidos no ponto 1.1.4.

²⁷⁰ Uma das cartas de nomeação que utilizamos neste capítulo vem, até, referida nas *Ordenações Afonsinas* por conter mais informação do que aquela que foi compilada nas ordenações: “segundo esto mais compridamente se contem em hua carta que o dito Lopo Vaasquez dello tem(...)”, Ord. Af. L.º 1, p. 404.

²⁷¹ Nas *Ordenações Afonsinas* podemos perceber que o monteiro-mor do reino era superior também dos moços de monte, monteiros de cavalo e dos escudeiros do rei ou moços de câmara que tivessem cães. Ord. Af. L.º 1, p. 401.

Figura 2 – Esquema da hierarquia dos monteiros régios (século XV)

Legenda – Esquema ilustrativo da hierarquia bipartida dos monteiros régios, no século XV. Fontes: Ord. Af. L.º 1, pp. 398-405; *Chancelarias Portuguesas: D. João I*, v.3 t.3, pp. 179-181, 26, agosto, 1414; HFAC v.2, doc. 100, pp. 42-43, 1442, abril, 27.

Efetivamente, havia duas vertentes na hierarquia dos monteiros, conforme ilustramos na figura 2. Isto pode ser confirmado, ainda, nas cartas de nomeação de Lopo Vasques de Castelo Branco I, outorgada por D. João I, e de Nuno Vasques de Castelo Branco I, dada no reinado de D. Afonso V, para o cargo de monteiro-mor do reino.²⁷² Tendo em conta que ambos os documentos têm um conteúdo muito semelhante no que diz respeito aos excertos relativos à hierarquização da função, apenas nos serviremos de uma delas.

*“Nuno Vaasquez de Castell Branco (...) nosso monteiro moor e damos lhe poder sobre todos os monteiros moores que temos postos pellas comarcas e outrosy sobre os monteiros pequenos que ssom postos por guardadores das matas que ssom por nos coutadas pera lhes mandar fazer aquellas cousas que conpreem a nosso serujço de elles fazerem que pertençam a seus ofiçios”.*²⁷³

Seguem-se outras palavras que evidenciam, para além da hierarquia já exposta, o poder que o monteiro-mor do reino tinha para designar, substituir, ou retirar de funções, tanto os monteiros-mores como os menores.²⁷⁴

²⁷² *Chancelarias Portuguesas: D. João I*, v.3 t.3, pp. 179-181, 1414, agosto, 26; HFAC v.2, doc. 100, pp. 42-43, 1442, abril, 27.

²⁷³ HFAC v.2, doc. 100, p. 42, 1442, abril, 27.

²⁷⁴ “E morendo algúus dos dictos monteiros asy moores como mais pequenos ou sseendo tam uelhos que sse deuum dapousentar segundo costume ou nom sseendo postos nos lugares que deuem pera as matas sseerem bem

Imediatamente abaixo do monteiro-mor do reino estava cada um dos monteiros-mores das montarias. Estes seriam os superiores dos monteiros pequenos, ou menores, que atuavam na sua montaria.²⁷⁵

Quanto à hierarquia dos monteiros que acompanhavam a Corte régia, liderada pelo mesmo monteiro-mor do reino, esta surge expressa, em reforço ao mencionado nas *Ordenações*, no seguinte excerto da carta de nomeação do monteiro-mor do reino:

“Outrosy mandamos aos nossos monteiros de cauallo e moços de monte que andom em a nossa merçee que façom o que lhe o dicto Nuno Uasquez mandar que perteençer ha seus ofiços e lhe sejam objdjentes e mandados e nom partam da nossa Corte sem sua lecença E nom lhe sendo elles bem mandados ou partindo da nossa Corte ssem sua lecença que elle lhe de as penas e escarmentos que ujr que mereçem”.²⁷⁶

Torna-se, portanto, clara a forma bipartida como se estruturava a hierarquia dos monteiros-régios que reproduzimos, esquematicamente, na figura 2.

2.2 Monteiros-mores do Reino

2.2.1 Funções e privilégios

No seguimento da hierarquia que abordámos no ponto 2.1, compreendemos que o monteiro-mor do reino era o mais alto cargo dentro do oficialato da montaria régia.²⁷⁷ Aquele que ocupava este ofício era, certamente, da confiança do monarca e a perda dessa proximidade do rei podia implicar o afastamento dessas funções.²⁷⁸

Recorrendo novamente à carta de nomeação do monteiro-mor do reino, Nuno Vasques de Castelo Branco I, onde está contido o regimento desta função, podemos encontrar descritas

guardadas que ponham outros sseus logos que ssejom boons e perteençentes e que morem nas cabeças das matas pera as poderem bem guardar ou em outros lugares onde ell vir que sse myjlhor poderam guardar ssegundo sse ssooe de fazer e que estes monteiros ponha per nossas cartas asijnaadas per ell”, HFAC v.2, doc. 100, p. 42, 1442, abril, 27.

²⁷⁵ *“Outrosy mandamos a uos todollos nossos monteiros que pertencem a dicta montaria que jaces o dicto Lucas Anes por nosso monteiro mor. E lhe sejaes bem obedientes E mandamos E lhe façaes todas aquellas cousas que uos elle mandar fazer por nosso seruiço”, HFAC v.1, doc. 373, pp. 253-254, 1434, abril, 9.*

²⁷⁶ HFAC v.2, doc. 100, p. 42, 1442, abril, 27.

²⁷⁷ Realço que a primeira referência que temos de um monteiro-mor do reino é do ano de 1385 (TT, LN, Extras, fls. 233-233v, 1385, maio, 2). Desta forma, apenas podemos considerar as funções descritas, ao longo deste capítulo, para os indivíduos que ocuparam o cargo a partir dessa data.

²⁷⁸ Veja-se o caso de Gil Martins de Outel, que ocupou durante muito pouco tempo o cargo de monteiro-mor do reino. Exploramos o curto percurso deste monteiro-mor do reino no ponto 2.2.2.

as funções e poderes que este cargo compreendia. Desde logo, era da responsabilidade deste oficial nomear os monteiros e monteiros-mores que considerava apropriados para exercer as diferentes funções, numa carta emitida pela chancelaria régia. Para tal, concedia cartas, assinadas por ele, atestando a autorização régia. Da mesma forma, tinha também total poder para privar estes oficiais das suas funções.²⁷⁹

Outro dos seus poderes era o de aplicar as penas e coimas, previstas para aqueles que violassem as proibições estabelecidas pelos monarcas dentro das coutadas de montaria.²⁸⁰ Parece-nos, contudo, que tal não sucederia frequentemente, uma vez que as suas funções estariam pouco ligadas, diretamente, ao trabalho de vigilância das coutadas.²⁸¹ O mais comum seria, provavelmente, que a identificação dos infratores fosse feita pelos monteiros pequenos, que habitavam os espaços que guardavam e vigiavam, diariamente, aqueles que por ali andassem.²⁸² Porém, mesmo nestas circunstâncias, uma parte da coima aplicada revertia para o monteiro-mor do reino, tal como demonstra o Regimento presente nas *Ordenações Afonsinas*:

“que paguem por cada hua cooima doos mil re[a]is desta moeda corrente, dos quaaes sejam mil pera o dito Lopo Vaasques, e quinhentos pera o Monteiro Moor da montaria, e os outros quinhentos pera os monteiros da terra, dando por doos aaquelle que os descobrir”.²⁸³

Como se verifica, o monteiro-mor do reino arrecadava metade de todas as coimas que fossem aplicadas por qualquer monteiro do rei. Isto representava, certamente, uma importante fonte de rendimento.

Destacamos, igualmente, o poder que detinha para mandar prender qualquer monteiro que falhasse no cumprimento das suas funções ou, por outro lado, a capacidade de pedir às

²⁷⁹ *“que ssejom boons e perteençentes e que morem nas cabeças das matas pera as poderem bem guardar ou em outros lugares onde ell vir que sse myjlhor poderam guardar ssegundo sse ssooe de fazer e que estes monteiros ponha per nossas cartas asijnaadas per ell e sse per uentura alguus dos dictos monteiros errarem em sseus ofiçios ou fizerem coussas quaaes nom deuem que ell lhe de aquellas penas e escarmentos que ujr que mereçem e priua llos dos dictos ofiçios sse vir que conpre e poer outros em seus logos que ssejom boons e perteençentes segundo dicto he”*, HFAC v.2, doc. 100, pp. 42-43, 1442, abril, 27.

²⁸⁰ *“E queremos que elle aja pera sy as penas que ham de pagar os hussos e porcos e ceruos nos lugares que per nos ssom coutados (...) E mandamos que ell per sy e por sseus procuradores possa demandar e demande as dictas penas e aue llas pera sy como dicto he”*, HFAC v.2, doc. 100, p. 43, 1442, abril, 27.

²⁸¹ Mesmo no que diz respeito à produção escrita emitida com a sua chancela, podemos ver que, de forma recorrente, o monteiro-mor do reino se fazia representar por indivíduos da sua confiança. Este assunto é desenvolvido no ponto 2.2.2.

²⁸² *“que ssejom boons e perteençentes e que morem nas cabeças das matas pera as poderem bem guardar ou em outros lugares onde ell vir que sse myjlhor poderam guardar”*, HFAC v.2, doc. 100, p. 43, 1442, abril, 27.

²⁸³ Ord. Af. L.º1, p. 399.

justiças locais a libertação dos seus subalternos.²⁸⁴ Tinha também autoridade para confiscar os cães de caça, tanto daqueles que serviam na Corte como dos que atuavam diariamente nas coutadas régias, podendo entregar esses animais a outros indivíduos.²⁸⁵ Nestas circunstâncias, além dos monteiros perderem o animal, elemento de trabalho essencial para as funções que desempenhavam, deixavam certamente o seu cargo, uma vez que o cão era uma imposição régia para todos aqueles que serviam como monteiros.²⁸⁶

Desta forma, o ocupante do cargo de monteiro-mor do reino era quem superintendia todos os monteiros régios (mores e menores), servindo como um verdadeiro elo de ligação entre o monarca e os monteiros, tanto os da Corte, como os das montarias. Pela sua relevância, deveria ser um cargo aliciente, pelo que um indivíduo de proveniência nobre olharia para esta posição não apenas como um cargo, mas também como uma forma de afirmação de estatuto, privilégio e de distinção social. Este cargo terá até assumido, no caso dos Vasques de Castelo Branco, um carácter hereditário ao longo dos reinados de D. João I, D. Duarte e D. Afonso V.²⁸⁷

2.2.2 Identificação dos indivíduos e suas relações familiares

Ao longo deste capítulo identificaremos a sucessão de indivíduos que ocuparam o cargo de monteiro-mor do reino, aqueles que o exerceram como interinos e as relações familiares identificadas entre uns e outros. Todas essas informações serão ilustradas nas figuras 3, 4, 5, 6 e 7, expostas ao longo deste ponto.

O primeiro monteiro-mor do reino que conseguimos identificar chamava-se **Gil Martins de Outel** e foi nomeado por D. João I em 1385.²⁸⁸ Apesar de não podermos documentar a existência de um monteiro-mor do reino, ao longo da primeira dinastia, não afastamos essa possibilidade.²⁸⁹

²⁸⁴ “*e sse lhes ell mandar que prendom alguus dos dictos monteiros ou lhes dem alguas outras penas e escarmentos que lhes dem segundo lhos ell enujar djzer per aluara asijnaado per sua maaos e os soltem per seu recado*”, HFAC v.2, doc. 100, p. 43, 1442, abril, 27.

²⁸⁵ “*E que outrosy possa tirar os caaes que teuerem os escudeiros que forem asijnaados pera sseerem escudeiros de monte E outrosy aos moços do monte da terra e da llos a outros e lhe mandar tomar outros de nouo cada que comprir*”, HFAC v.2, doc. 100, p. 43, 1442, abril, 27.

²⁸⁶ Veja-se, apenas como exemplo, o que vem referido na carta de nomeação de um monteiro: “*E o dicto monteiro tenha hua azeuma e huu sabujo pera quando nos del comprir serviço*”, TT, Chanc. D. Afonso V, L.º 23, fl. 97, 1442, novembro, 8.

²⁸⁷ Assunto desenvolvido e documentado no ponto 2.2.2.

²⁸⁸ O documento da sua nomeação foi publicado em: NEVES, Carlos Baeta, “Dos Monteiros-mores aos...”, p. 169.

²⁸⁹ Poderíamos considerar os casos de João Bolo e Gonçalo Aires que surgem identificados, em 1311 e 1367 respetivamente, com o cargo de monteiro-mor, sem qualquer atribuição da respetiva montaria. Contudo as duas referências documentais não o provam e não surgiram mais dados documentais que reforçassem esta ideia. Ainda

O período de exercício de funções de Gil Martins de Outel terá sido bastante curto. Efetivamente, foi nomeado a 2 de maio de 1385,²⁹⁰ mas a 25 de agosto do mesmo ano (9 dias depois da Batalha de Aljubarrota) numa carta emitida por D. João I, podemos ler que todas as *terras e lugares* que pertenciam a Gil Martins de Outel passavam para a posse de Álvaro Pereira, marechal deste monarca.²⁹¹ A motivação que levou D. João I a retirar os bens que outrora lhe tinham sido doados, tanto por aquele rei como pelo seu antecessor, D. Fernando, vem claramente expressa no documento: “*porquanto stando nos na batalha que ouuemos com el rrey de castella o dicto gil martijnz fugio della e nom nos qujs ajudar em ella nem percalçar da honrra que todollos portugueses em ella ouuerom*”.²⁹²

Desta forma entende-se a razão pela qual Gil Martins de Outel apenas foi identificado como monteiro-mor do reino na sua carta de nomeação para o ofício. De facto, ter-se recusado a combater junto do rei terá justificado a perda não só dos seus bens, mas também do seu cargo de oficial régio, que terá exercido apenas durante cerca de 3 meses.

Só voltamos a encontrar referência a um novo monteiro-mor do reino a 29 de agosto de 1407, sendo o seu novo ocupante **Estêvão Gonçalves**.²⁹³ Ainda que não tenhamos a sua carta de nomeação terá assumido funções entre o período 1385 e 1407. Exerceu, pelo menos, até 1412, quando surge mencionado em cartas de fevereiro e de setembro desse mesmo ano.²⁹⁴ Poderá ter mantido estas funções, no máximo, até 26 de agosto de 1414, altura em que é nomeado **Lopo Vasques de Castelo Branco I** para este cargo.²⁹⁵

assim, não deixamos de realçar essa possibilidade. HFAC v.1, doc. 31, p. 55, 1311, agosto, 10; NEVES, Carlos Baeta, “Dos Monteiros-mores aos...”, p. 54.

²⁹⁰ NEVES, Carlos Baeta, “Dos Monteiros-mores aos...”, p. 169.

²⁹¹ *Chancelarias Portuguesas: D. João I*, v.1 t.2, pp. 41-42, 1385, agosto, 25.

²⁹² *Chancelarias Portuguesas: D. João I*, v.1 t.2, pp. 41-42, 1385, agosto, 25.

²⁹³ Embora Estêvão Gonçalves apenas surja como monteiro-mor, depreende-se que se trataria do monteiro-mor do reino dado que a carta onde surge se destina à montaria de Óbidos, Atouguia e Lourinhã e nelas vem identificado também o monteiro-mor dessa montaria. Desta forma, entendendo que os dois não poderiam ser monteiros-mores (dessa montaria), em simultâneo, consideramos que Estêvão Gonçalves era efetivamente monteiro-mor do reino. A somar a este dado Estêvão Gonçalves surge em mais três cartas que reforçam esta ideia. HFAC v.1, doc. 289, pp. 198-199, 1407, agosto, 29.

²⁹⁴ HFAC v.1, doc. 302, pp. 201-202, 1412, fevereiro, 5; HFAC v.1, doc. 304, pp. 202-203, 1412, setembro, 4; HFAC v.1, doc. 305, p. 203, 1412, setembro, 16.

²⁹⁵ Faremos uso da numeração I e II para evitar dúvidas relativas à homonímia. Os nomes que referimos, acompanhados dos respetivos documentos que dizem respeito a cada monteiro-mor do reino (e interinos), estão compilados em anexo nas tabelas A15 e A16, no Anexo2- Quadros Auxiliares. Sobre este indivíduo veja-se a ficha prosopográfica feita por Judite Gonçalves de Freitas em: FREITAS, Judite A. Gonçalves de, *A Burocracia do “Eloquente” (1433-1438): Os textos, as normas, as gentes*, Cascais, Patrimónia, 1996, pp. 192-194.

Este fidalgo, empossado em 1414, foi também alcaide de Moura²⁹⁶ e ocupou o oficialato de monteiro-mor do reino até, pelo menos, 24 de agosto de 1440, data em que aparece a exercê-lo pela última vez.²⁹⁷ Num documento posterior, de 26 de março de 1442, ainda surge no mesmo cargo, mas o mais certo é que se trate de um erro.²⁹⁸ Terá participado na conquista de Ceuta (1415), local onde permaneceu depois da tomada da cidade.²⁹⁹ Facto que talvez explique que, depois da sua nomeação, só volte a surgir no exercício da sua função, de monteiro-mor do reino, no ano de 1421.³⁰⁰ Ao todo aparece mencionado como monteiro-mor do reino em 26 cartas régias, conforme os documentos conservados nas chancelarias régias de D. João I, D. Duarte e D. Afonso V. Os seus serviços à coroa levaram a que este cargo se mantivesse no seio dos Castelo Branco, pelo menos, até ao final do reinado de D. Afonso V.

Assim, sucedeu-lhe **Nuno Vasques de Castelo Branco I**,³⁰¹ o seu filho primogénito fruto do seu casamento com Catarina Pessanha.³⁰² O primeiro documento, em que surge mencionado como tal, data de 11 de junho de 1441.³⁰³ Terá deixado esta função em 1469,³⁰⁴ somando um total de 28 anos no desempenho do cargo, superando assim os cerca de 26 anos de Lopo Vasques de Castelo Branco I.

Antes de ocupar o cargo de monteiro-mor do reino teve destaque noutros contextos. Tal como o seu pai, integrou a expedição destinada à conquista de Ceuta, no reinado de D. João I.

²⁹⁶ GÓIS, Damião de, *Livro de linhagens de Portugal*, VASCONCELOS, António Maria Falcão Pestana de (ed.), Lisboa, Instituto Português de Heráldica, 2014, p. 125.

²⁹⁷ TT, Chanc. D. Afonso V, L.º 20, fl. 135v, 1440, fevereiro, 6.

²⁹⁸ O último documento em que surge Lopo Vasques de Castelo Branco I como monteiro-mor do reino data de 24 de agosto de 1440, fazendo-se representar nessa mesma carta por um interino. (TT, Chanc. D. Afonso V, L.º 20, fl. 135v, 1440, agosto, 24). A partir dessa data é o seu filho Nuno Vasques de Castelo Branco I que começa a surgir como monteiro-mor do reino, fazendo-se representar, diversas vezes, por Lopo Vasques de Castelo Branco II, seu filho e neto de Lopo Vasques de Castelo Branco I. O facto de Nuno Vasques de Castelo Branco I assumir o título e fazer-se representar por terceiros comprova que já estaria em pleno desempenho de funções, embora ainda tivesse de esperar até 27 de abril de 1442 para receber a sua carta de nomeação (HFAC v.2, doc. 100, p. 43, 1442, abril, 27). O único documento, posterior a 24 de agosto de 1440, em que podemos identificar Lopo Vasques de Castelo Branco I refere: “*El Rei o mandou per Lopo Vaasquez monteiro moor em logo de Lopo Vaasquez*” (TT, Chanc. D. Afonso V, L.º 23, fl. 56v, 1442, março, 26). Sucede-se, portanto, uma repetição do nome “Lopo”, contrariando as dezenas de outros documentos anteriores e posteriores em que Nuno Vasques de Castelo Branco I já tinha assumido funções. Parece-nos, dado o contexto cronológico desta referência, no seio das restantes cartas identificadas, que se trata de um erro cometido por quem escreveu essa carta, devendo em esta constar o nome de “Nuno” e não a repetição do “Lopo”.

²⁹⁹ MORENO, Humberto Baquero, *A batalha de...*, v.2, p. 754.

³⁰⁰ *Chancelarias Portuguesas: D. João I*, v.4 t.1, pp. 183-184, 1421, fevereiro, 14.

³⁰¹ Sobre este indivíduo destacamos as seguintes sínteses: MORENO, Humberto Baquero, *A batalha de...*, v.2, pp. 754-757 e FREITAS, Judite A. Gonçalves de, “*Teemos por bem ...*”, v.2, pp. 491-495.

³⁰² MORENO, Humberto Baquero, *A batalha de...*, v.2, p. 754.

³⁰³ TT, Chanc. D. Afonso V, L.º 23, fl. 58, 1441, junho, 11.

³⁰⁴ TT, Chanc. D. Afonso V, L.º 31, fl. 37, 1469, abril, 13.

Mais tarde, já no tempo de D. Duarte, desempenhará as funções de vedor da fazenda e integrará o conselho do rei.³⁰⁵

Será já no período de regência do Infante D. Pedro que assumirá o cargo de monteiro-mor do reino, após a morte do seu pai.³⁰⁶ Apesar de uma doação das dízimas e da mercê de um outro cargo, concedidas pelo regente,³⁰⁷ ter-se-á mantido fiel a D. Afonso V aquando do afastamento do Infante D. Pedro da regência do reino. Prova-o a nomeação que o monarca lhe fez para o cargo de fronteiro-mor da vila de Moura, pouco tempo antes da Batalha de Alfarrobeira, ou, mesmo, a sua participação nessa mesma batalha junto do rei.³⁰⁸

Pode-se destacar, ainda, as tenças que recebeu de D. Afonso V, bem como a carta de perdão que este monarca lhe concedeu por duas mortes de que foi acusado.³⁰⁹ Volta a surgir em destaque numa iniciativa militar, em 1458, tendo integrado a expedição de socorro em direção a Alcácer Ceguer, cercada pouco depois da sua conquista, consumada em outubro de 1458.³¹⁰ Facto é que, entre 16 de agosto de 1458³¹¹ e 20 de fevereiro de 1459,³¹² não aparece no desempenho da função de monteiro-mor do reino.

Embora Baquero Moreno avance que Nuno Vasques de Castelo Branco I já não era vivo em 1476, facto que o historiador depreende por uma carta de privilégio concedida a Lopo Vasques de Castelo Branco II,³¹³ tal não nos parece plausível.³¹⁴

Efetivamente, é **Lopo Vasques de Castelo Branco II**,³¹⁵ filho primogénito do anterior monteiro-mor do reino, que assume este cargo. Podemos apontar que o exerceu, pelo menos, desde 1469, surgindo mencionado numa carta em que se faz representar por Lopo Vaz de Azevedo.³¹⁶ O último documento em que surge no exercício da função de monteiro-mor do

³⁰⁵ MORENO, Humberto Baquero, *A batalha de ...*, p. 754.

³⁰⁶ MORENO, Humberto Baquero, *A batalha de ...*, p. 755.

³⁰⁷ MORENO, Humberto Baquero, *A batalha de ...*, p. 755.

³⁰⁸ MORENO, Humberto Baquero, *A batalha de ...*, p. 755.

³⁰⁹ MORENO, Humberto Baquero, *A batalha de ...*, p. 755.

³¹⁰ MORENO, Humberto Baquero, *A batalha de ...*, p. 755.

³¹¹ TT, Chanc. D. Afonso V, L.º 1, fl. 124, 1458, agosto, 16.

³¹² TT, Chanc. D. Afonso V, L.º 36, fl. 32, 1459, fevereiro, 20.

³¹³ MORENO, Humberto Baquero, *A batalha de ...*, pp. 756-757.

³¹⁴ O motivo que nos leva a determinar que ainda estaria vivo prende-se com o facto de Nuno Vasques de Castelo Branco I ainda voltar a surgir no exercício do cargo de monteiro-mor do reino em três cartas de 1479 (TT, Chanc. D. Afonso V, L.º 26, fl. 69, 1479, novembro, 26; TT, Chanc. D. Afonso V, L.º 26, fl. 126, 1479, novembro, 26) e uma de 1480 (TT, Chanc. D. Afonso V, L.º 32, fl. 104v, 1480, novembro, 27) e ainda em 1481 (TT, Chanc. D. Afonso V, L.º 26, fl. 92v, 1481, fevereiro, 24), por motivos que estão diretamente relacionados com Lopo Vasques de Castelo Branco II. Assunto que desenvolvemos nas seguintes linhas deste ponto.

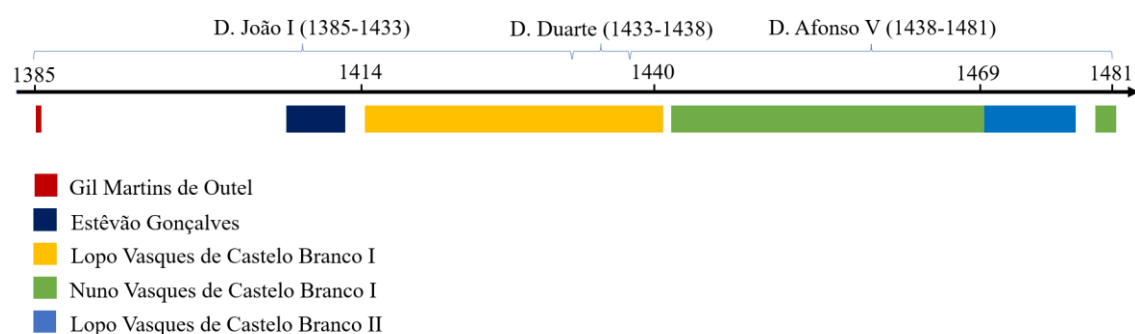
³¹⁵ Sobre os dados biográficos deste indivíduo destaca-se: FREITAS, Judite A. Gonçalves de, *“Teemos por bem ...”*, v.2, pp. 467-468.

³¹⁶ TT, Chanc. D. Afonso V, L.º 28, fl. 99, 1469, abril, 11. Note-se que o seu pai Nuno Vasques de Castelo Branco I aparece, dois dias mais tarde, ainda como monteiro-mor do reino (TT, Chanc. D. Afonso V, L.º 31, fl. 37, 1469,

reino é de 1477, apenas cerca de oito anos mais tarde, um período muito inferior ao de seu pai e avô.³¹⁷

É neste contexto que volta a ser mencionado o seu pai Nuno Vasques de Castelo Branco I como monteiro-mor do reino, em cinco documentos entre 1479³¹⁸ e 1481.³¹⁹ Estes dados apenas podem ser compreendidos à luz dos acontecimentos da época. Estaríamos perante uma fase de eminente transição do reinado de D. Afonso V para o de D. João II, quando Lopo Vasques de Castelo Branco II, membro do conselho do rei, monteiro-mor do reino e alcaide do castelo de Moura, se revoltou tomando voz por Castela.³²⁰ Embora D. Afonso V, ainda reinante, o tenha perdoado, o seu sucessor, futuro D. João II, não terá deixado esta iniciativa passar impune. Desta forma, “na sequência de uma pequena conjura”³²¹ o alcaide de Moura foi eliminado, tendo D. João de imediato ocupado o castelo.³²²

Figura 3 – Cronologia dos monteiros-mores do reino (séculos XIV-XV)



Legenda - Cronologia do exercício de funções dos monteiros-mores do reino, ao longo dos reinados de D. João I, D. Duarte e D. Afonso V, entre 1385 e 1481. Fonte: Quadro A15, no Anexo 2 – Quadros Auxiliares.

abril, 13). Daí em diante, até 1477, apenas aparece Lopo Vasques de Castelo Branco II. Parece, portanto, que terá existido um período de, pelo menos, alguns dias em que ambos usaram dos poderes que o cargo de monteiro-mor do reino conferia. Poderá, por outro lado, tratar-se de um pequeno lapso no manuscrito.

³¹⁷ TT, Chanc. D. Afonso V, L.º 26, fl. 69, 1479, novembro, 26.

³¹⁸ TT, Chanc. D. Afonso V, L.º 26, fl. 69, 1479, novembro, 26; TT, Chanc. D. Afonso V, L.º 26, fl. 126, 1479, novembro, 26. A difícil leitura paleográfica do primeiro documento que referimos nesta nota, levantou algumas dúvidas relativamente ao primeiro nome do indivíduo identificado como monteiro-mor nesse documento. Contudo, é notório que no seguimento do nome, para além do cargo de monteiro-mor, detinha o cargo de “almirante de nossos regnos”. Tendo em conta que esse cargo foi ocupado por Nuno Vasques de Castelo Branco I e nunca por Lopo Vasques de Castelo Branco II, torna-se claro o indivíduo a que essa carta se refere.

³¹⁹ TT, Chanc. D. Afonso V, L.º 32, fl. 104v, 1480, novembro, 27; TT, Chanc. D. Afonso V, L.º 26, fl. 92v, 1481, fevereiro, 24.

³²⁰ ANTUNES, José, OLIVEIRA, António Resende de, MONTEIRO, João Gouveia, “Conflitos políticos no reino de Portugal entre a reconquista e a expansão: estado da questão”, *Revista de História das Ideias*, 6 (1984), p. 156.

³²¹ ANTUNES, José, OLIVEIRA, António Resende de, MONTEIRO, João Gouveia, “Conflitos políticos no..., p. 156.

³²² ANTUNES, José, OLIVEIRA, António Resende de, MONTEIRO, João Gouveia, “Conflitos políticos no..., p. 156.

Ao longo do período de ocupação do cargo, alguns destes monteiros-mores do reino fizeram-se representar por indivíduos que se poderão considerar como interinos. Embora estes homens não fossem, efetivamente, detentores do cargo, assumiam temporariamente as funções dos oficiais-mores da montaria. As relações familiares destes indivíduos, relativamente aos monteiros-mores do reino, estão ilustradas na genealogia disposta na figura 7, no final deste ponto.

O primeiro monteiro-mor do reino a fazer-se representar por outro indivíduo, numa carta da chancelaria régia, foi Lopo Vasques de Castelo Branco I, que exerceu entre 1414 e 1440, tal como já referimos. Aquele que mais vezes exerceu em seu lugar foi, sem dúvida, Nuno Vasques de Castelo Branco I, o seu filho primogénito que aparece em 12 cartas, entre 1433 e 1440, como interino, antes de assumir plenamente o próprio cargo.³²³ Além deste, outros familiares terão também sido temporariamente empossados deste cargo, como são os casos de **Nuno Vasques de Castelo Branco II**, referido três vezes entre 1439 e 1440, e **Rui Gonçalves de Castelo Branco I ou II**, referido por duas vezes em 1440.³²⁴

Nestes dois casos, não conseguimos identificar com certeza de quem se trataria, não deixando de ser certa a relação familiar que tinham com o monteiro-mor do reino. Aquele que identificamos como Nuno Vasques de Castelo Branco II poderá ser o primeiro filho que **Gonçalo Vasques de Castelo Branco I**,³²⁵ alcaide de Castelo Branco, e Leonor Vasques Soares tiveram, sendo nesse caso primo do monteiro-mor do reino. Para o caso de Rui Gonçalves de Castelo Branco I ou II, estamos certos de que seriam os descendentes do referido Gonçalo Vasques de Castelo Branco I, ficando ainda assim a dúvida se seria o filho ou o neto deste, ambos com o mesmo nome.³²⁶

Para além destes indivíduos descendentes dos Castelo Branco, surgiram outros. Um deles, de nome **Vicente Esteves de Barbudo**, foi identificado duas vezes em 1434 como interino e, aparentemente, não teria uma relação familiar ao monteiro-mor do reino. Contudo, as funções que desempenhou não lhe seriam estranhas dado que foi monteiro-mor de Santarém

³²³ Todos os dados relativos aos monteiros-mores do reino interinos estão ilustrados nas figuras 4, 5, 6, neste capítulo.

³²⁴ Ver figura 4.

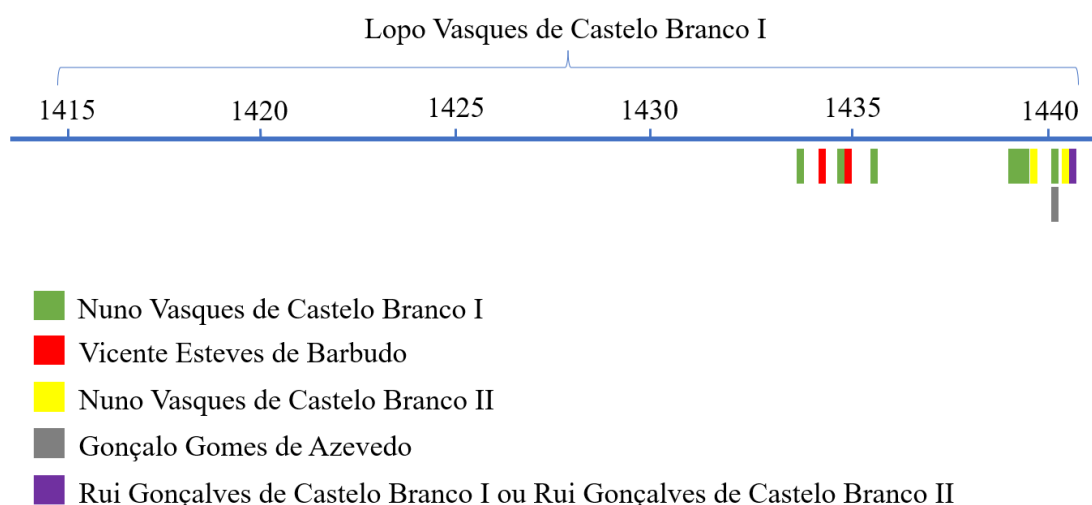
³²⁵ Gonçalo Vasques de Castelo Branco também exerceu como interino, conforme veremos adiante. Acerca deste indivíduo e do seu percurso de vida: FREITAS, Judite A. Gonçalves de, "*Teemos por bem...*", v.2, pp. 429-433.

³²⁶ VASCONCELOS, António M. F. Pestana de, *Nobreza e Ordens Militares, relações sociais e de poder: (séculos XIV a XVI)*, v.1, Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2008 (tese de doutoramento), p. 291.

durante o reinado de D. Duarte, tal como atestam as Ordenações Afonsinas,³²⁷ cargo em que se documenta novamente em 1443 e 1446.³²⁸

O outro indivíduo que também representou o monteiro-mor do reino foi **Gonçalo Gomes de Azevedo**, aparecendo apenas uma vez em 1440. Este não teria uma ligação familiar direta, mas estabelecida pelo matrimónio com Isabel Vasques de Castelo Branco, filha do oficial máximo da montaria Lopo Vasques de Castelo Branco I.³²⁹

Figura 4 – Cronologia de interinos de Lopo Vasques de Castelo Branco I (1414-1440)



Legenda – Cronologia com identificação dos indivíduos que representaram Lopo Vasques de Castelo Branco I no cargo de monteiro-mor do reino (1414-1440). Fonte: Quadro A16 no Anexo2 – Quadros Auxiliares.

Depois de Nuno Vasques de Castelo Branco assumir o cargo de monteiro-mor do reino, entre 1441 e 1469, os monteiros-mores interinos intervenientes mudam, mas a lógica da sua escolha mantém-se muito próxima à que era tida anteriormente, tal como veremos seguidamente.

Desta forma, identifica-se, desde logo, a presença de Lopo Vaz de Castelo Branco II, filho primogénito do então monteiro-mor do reino e quem assumiria este mesmo cargo após 1469. Ao todo foi identificado 48 vezes, entre 1441 e 1446, e 17 vezes entre 1462 e 1468.³³⁰

³²⁷ Ord. Af. L.º 1, p. 398.

³²⁸ HFAC v.2, doc. 120, pp. 49-50, 1443, agosto, 15; HFAC v.2, doc. 145, p. 54, 1446, julho, 20. Sobre os dados biográficos deste indivíduo consulte-se: FREITAS, Judite A. Gonçalves de, *A Burocracia do...*, p. 216.

³²⁹ No exercício do cargo, como interino, veja-se: TT, Chanc. D. Afonso V, L.º 20, fl. 135v, 1440, fevereiro, 6. Sobre este indivíduo, Judite Gonçalves de Freitas já teceu algumas notas biográficas: FREITAS, Judite A. Gonçalves de, *Teemos por bem...*, v.2, p. 428.

³³⁰ Ver Quadro A16 no Anexo 2 – Quadros Auxiliares.

Assim, quando assumiu o oficialato maior da montaria já somava uma larga experiência no desempenho desta função.

Com uma presença ainda mais forte, aparece, também, Gonçalo Vasques de Castelo Branco II, irmão mais novo do monteiro-mor do reino e tio de Lopo Vasques de Castelo Branco II,³³¹ surgindo em 99 cartas como interino, sobretudo entre 1449 e 1462.³³² No meio deste longo período, aparece, apenas uma vez, um indivíduo referido como João Vasques de Castelo Branco, que acreditamos ser, todavia, João Soares de Castelo Branco,³³³ filho de Nuno Vasques de Castelo Branco I, monteiro-mor do reino nessa data, e irmão mais novo de Lopo Vasques de Castelo Branco II.³³⁴

Também damos conta, neste mandato de Nuno Vasques de Castelo Branco I, da presença dos Azevedo. Neste caso, não identificamos Gonçalo Gomes de Azevedo que casara com Isabel Vasques de Castelo Branco, já identificado, mas sim o seu pai, Rui Gomes de Azevedo, e o filho de ambos, Lopo Vaz de Azevedo.³³⁵ Embora António E. Carvalho destaque que a presença de Rui Gomes de Azevedo no exercício do cargo é “provavelmente indiciador da quebra de hegemonia da família dos Castelo Branco”,³³⁶ entendemos, muito pelo contrário, que a presença deste indivíduo e de Lopo Vaz de Azevedo apenas reforça a permanência de pessoas próximas dos Castelo Branco no exercício do cargo, como interinos.

Muito próximo da passagem do cargo de monteiro-mor do reino para as mãos de Lopo Vasques de Castelo Branco II aparece, ainda, o interino Diogo Fernandes de Almeida.³³⁷ Apesar de ter uma ligação menos direta que os restantes indivíduos até agora referidos, conseguimos perceber que este descendia de Martim Lourenço de Almeida e Inês Vasques de Castelo Branco, irmã de Lopo Vasques de Castelo Branco I.³³⁸

³³¹ Acerca deste ver: DURÃO, Maria M. da Silva, *1471- um ano "africano" no desembargo de D. Afonso V*, v. 2, Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2002 (tese de doutoramento), pp. 31-38.

³³² Quadro A16 no Anexo 2 – Quadros Auxiliares.

³³³ Voltará a aparecer em quatro cartas de 1471, já como representante de Lopo Vasques de Castelo Branco II, dado que analisamos em seguida.

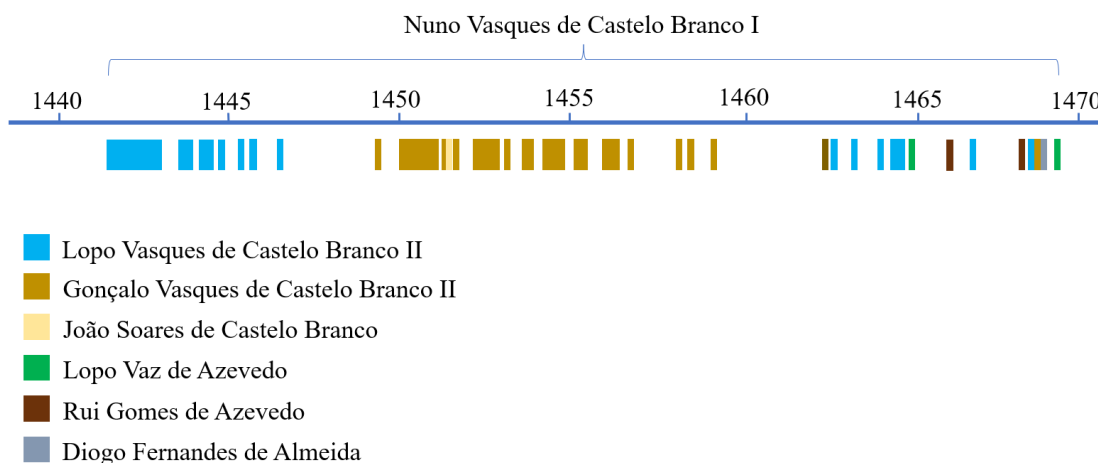
³³⁴ Acerca de João Soares de Castelo Branco ver: DURÃO, Maria M. da Silva, *1471- um ano...*, v.2, pp. 54-55.

³³⁵ Ver figura 7.

³³⁶ CARVALHO, António Eduardo Teixeira de, *A chancelaria régia e os seus oficiais em 1468*, Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2001 (dissertação de mestrado), p. 38.

³³⁷ TT, Chanc. D. Afonso V, L.º 31, fl. 46v, 1468, outubro, 11.

³³⁸ Ver árvore genealógica presente no final deste capítulo na figura 7.

Figura 5 – Cronologia de interinos de Nuno Vasques de Castelo Branco I (1441-1469)

Legenda – Cronologia com identificação dos indivíduos que representaram Nuno Vasques de Castelo Branco I no cargo de monteiro-mor do reino (1441-1469). Fonte: Quadro A16 no Anexo2 – Quadros Auxiliares.

Para finalizar, no curto desempenho de Lopo Vasques de Castelo Branco II, entre 1469-1477, identificámos para além de Gonçalo Vasques de Castelo Branco, tio deste monteiro-mor do reino,³³⁹ e João Soares de Castelo Branco, já mencionados anteriormente, a presença de Rui Besteiro, referido em quatro cartas de 1472.³⁴⁰ Para este último indivíduo não conseguimos detetar possíveis relações familiares. Contudo, tendo em conta que surge identificado como cavaleiro da casa do rei, em três documentos³⁴¹ (o que demonstra as suas ligações à Corte), é possível que se tratasse de alguém próximo de Lopo Vasques de Castelo Branco II, que surge como cavaleiro e fidalgo da casa de D. Duarte e também de D. Afonso V.³⁴² Rui Besteiro terá ainda exercido como monteiro-mor do Soajo, aparentemente, já depois de 1481.³⁴³

Depois do monteiro-mor do reino Lopo Vasques de Castelo Branco ser assassinado e o seu pai ter voltado a assumir, aparentemente, o cargo, tal como já referimos, encontramos ainda

³³⁹ Ainda acerca de Gonçalo Vasques de Castelo Branco veja-se a carta de partilha de bens deste indivíduo, datada de 1493, publicada por Miguel Aguiar: AGUIAR, Miguel, “Carta de partilhas dos bens de Gonçalo Vaz de Castelo Branco (1493)”, *Fragmenta Historica*, 8 (2020), pp. 107-115.

³⁴⁰ Quadro A16 no Anexo 2 – Quadros Auxiliares.

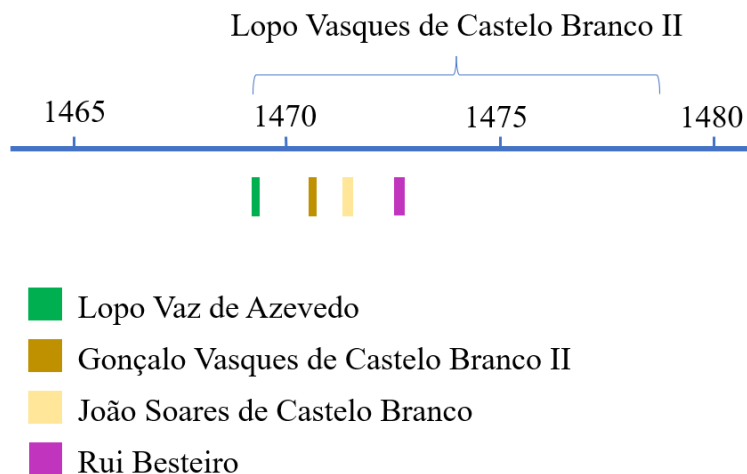
³⁴¹ TT, Chanc. D. Afonso V, L.º 29, fl. 75v, 1472, junho, 15; TT, Chanc. D. Afonso V, L.º 29, fl. 109v, 1472, julho 12.

³⁴² DURÃO, Maria M. da Silva, *1471- um ano...*, v.2, p. 79.

³⁴³ A carta de nomeação de Diogo Vaz para monteiro-mor do Soajo, a 4 de outubro de 1516, atesta que o cargo terá sido anteriormente ocupado por Rui Besteiro, que já teria falecido a essa data, TT, Chanc. D. Manuel, L.º 25, fl. 118v, 1516, outubro, 4.

a exercer, na qualidade de interino, Martim Vasques de Castelo Branco, filho de Gonçalo Vasques de Castelo Branco II e sobrinho daquele que assumia o cargo máximo da montaria.³⁴⁴

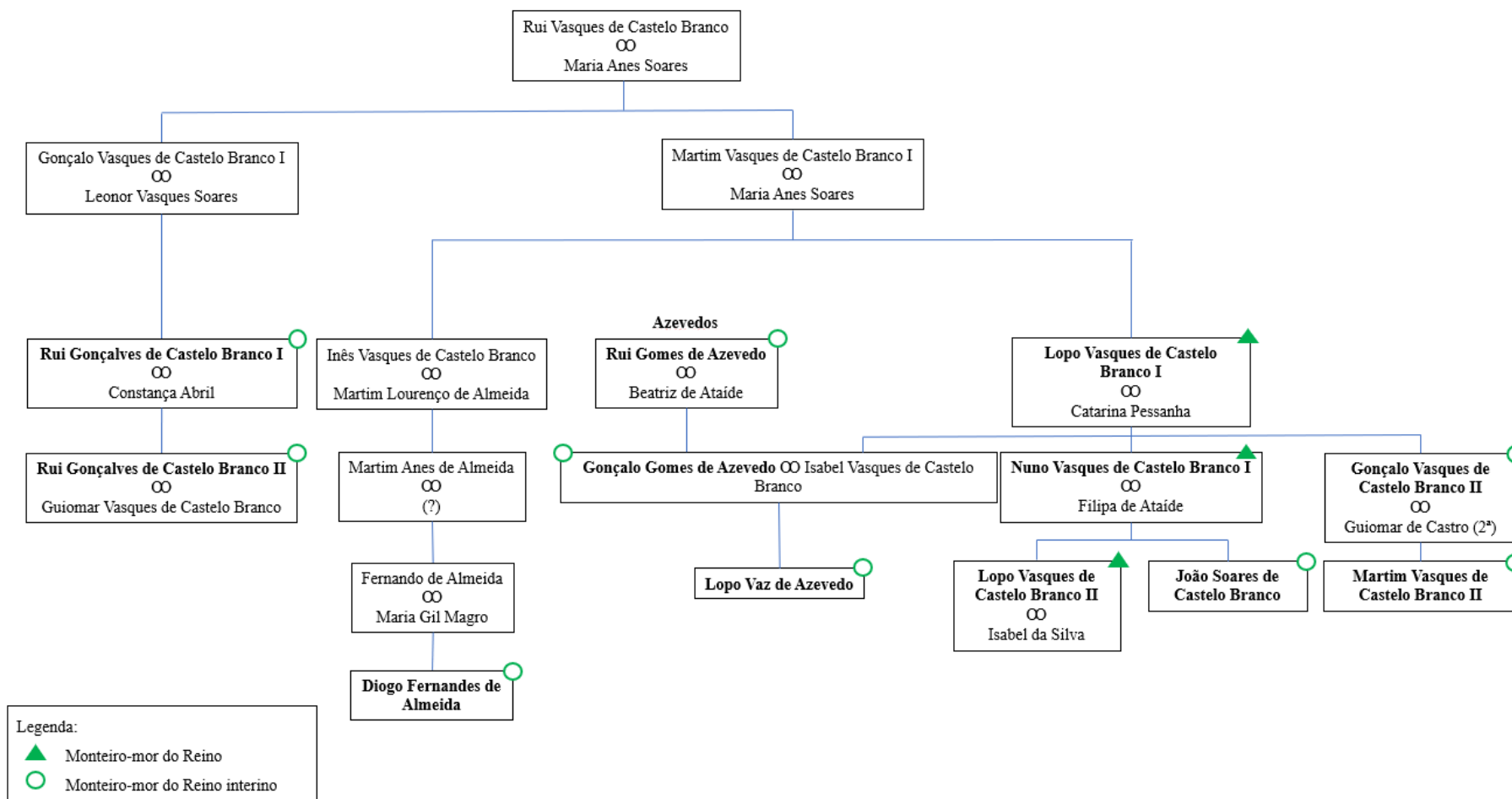
Figura 6 - Cronologia de interinos de Lopo Vasques de Castelo Branco II (1469-1477)



Legenda – Cronologia com identificação dos indivíduos que representaram Lopo Vasques de Castelo Branco II no cargo de monteiro-mor do reino (1469-1477). Fonte: Quadro A16 no Anexo2 – Quadros Auxiliares.

Desta forma, poder-se-á entender, por um lado, a sucessão hereditária, varonil e primogénita que o cargo de monteiro-mor do reino assumiu, desde o tempo de D. João I, mais propriamente desde 1414, até ao final do reinado de D. Afonso V. Por outro, percebemos que os Castelo Branco não só mantiveram este oficialato debaixo da sua alçada, como se fizeram habilmente representar por membros da sua família e, certamente, da sua grande confiança. Não deixamos de destacar que, tanto Nuno Vasques de Castelo Branco I como Lopo Vasques de Castelo Branco II, exerceram largamente o cargo como interinos, ainda antes de o assumirem jurídica e administrativamente de posse plena como seu. Isto poderá ter servido, também, como forma de instrução para estes indivíduos cuja sucessão no exercício deste cargo seria praticamente certa.

³⁴⁴ TT, Chanc. D. Afonso V, L.º 32, fl. 106v, 1480, julho, 12.

Figura 7 - Genealogia das relações de parentesco entre monteiros-mores do reino e interinos (século XV)

Legenda – Árvore genealógica com ligações de parentesco entre os monteiros-mores do reino e aqueles que os representaram (interinos). Fonte: Genealogias presentes em VASCONCELOS, António M. F. Pestana de, *Nobreza e Ordens Militares, relações sociais e de poder: (séculos XIV a XVI)*, v.1, Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2008 (tese de doutoramento), pp. 265, 291.

2.3 Monteiros-mores

2.3.1 Funções e privilégios

Imediatamente abaixo do monteiro-mor do reino, estavam os monteiros-mores das diferentes montarias. Para melhor entendermos as suas funções recorreremos, à semelhança do que fizemos com os seus oficiais superiores, às cartas de nomeação. Escolhemos três documentos distintos, datados entre os reinados de D. Fernando (1367-1383) e de D. Afonso V (1438-1481) de forma a fazermos uma análise que não se limitasse apenas a documentação referente ao século XV. A carta de nomeação mais recuada que conseguimos encontrar data de 1381.³⁴⁵ Para além desta, utilizámos outra de 1407³⁴⁶ (reinado de D. João I) e, ainda, uma outra de 1443,³⁴⁷ relativa ao último reinado a que nos dedicamos neste estudo, o de D. Afonso V.³⁴⁸

Pela análise aos referidos documentos elaborámos o Quadro 1 – Funções dos monteiros-mores (séculos XIV e XV) – onde identificamos as funções discriminadas em cada uma das cartas, conforme disposto em seguida.

Quadro 1 – Funções dos monteiros-mores (séculos XIV e XV)

Funções descritas	1381	1407	1443
Superintender os espaços naturais da sua montaria	x	x	x
Designar monteiros (menores) e requerer as respetivas cartas (com chancela régia e pela "mão" do monteiro-mor do reino)	x	x	x
Aplicar as coimas previstas a quem transgredisse as restrições do espaço coutado	x	x	x
Aprisionar infratores e entregá-los às justiças	x	x	x
Aplicar justiça aos monteiros (menores) da sua montaria (salvo em questões criminais)	x		x

Legenda – Quadro comparativo das funções dos monteiros-mores, segundo três cartas de nomeação, datadas de 1381, 1407 e 1443. Fontes: TT, Chanc. D. Fernando, L.º 3, fls. 58-58v, 1381, janeiro, 8; HFAC v.1, doc. 285, pp. 194-196, 1407, abril, 1; TT, Chanc. D. Afonso V, L.º 24, fls. 12-12v, 1443, novembro, 2.

³⁴⁵ TT, Chanc. D. Fernando, L.º 3, fls. 58-58v, 1381, janeiro, 8.

³⁴⁶ HFAC v.1, doc. 285, pp. 194-196, 1407, abril, 1.

³⁴⁷ TT, Chanc. D. Afonso V, L.º 24, fls. 12-12v, 1443, novembro, 2.

³⁴⁸ Poderíamos utilizar outros documentos, contudo diversas cartas de nomeação que detetámos não descrevem as funções que são requeridas a estes oficiais, limitando-se a informações mais genéricas.

A maior responsabilidade detida pelos monteiros-mores das montarias e que, de certa forma, engloba as restantes que abordaremos, era superintender os espaços naturais afetos à sua montaria. Estes oficiais detinham, portanto, o poder máximo sobre as coutadas régias a nível local, estabelecendo a ponte entre as ordens provenientes do poder central – a Corte e o seu oficial máximo da montaria – e os monteiros (pequenos), que atuavam diretamente nas matas.³⁴⁹

Também assumiam o importante papel de designar os monteiros para as suas respetivas montarias, requerendo, em seguida, a nomeação destes ao monteiro-mor do reino, que os declarava oficiais do rei através das suas cartas, emitidas de forma coordenada pela chancelaria régia.³⁵⁰

Cabia, também, ao monteiro-mor da montaria, aplicar as coimas previstas pelo monarca a quem violasse as restrições impostas nos espaços coutados que administrava, embora este desempenho devesse ser mormente praticado pelos monteiros menores.³⁵¹ Nos casos em que fosse necessário, também podia aprisionar os infratores e entregá-los às justiças locais.

Todas as funções identificadas até este momento surgem, de forma mais ou menos desenvolvida, nas três cartas expostas no Quadro 1. Contudo, uma outra incumbência, relativa à aplicação da justiça pelo monteiro-mor, sobre os monteiros (menores) da sua montaria, não consta na carta de 1407. De qualquer forma, parece-nos que esta incumbência não terá deixado de existir, dado que no documento posterior, de 1443, volta a estar patente, assim como noutros documentos da chancelaria de D. Afonso V.³⁵²

Os monteiros-mores usufruíam igualmente de alguns privilégios. Desta forma, aplicando o mesmo método utilizado para o caso das funções, expomos no Quadro 2 as informações que constam nas cartas de nomeação, já referidas, nas quais identificamos um novo conjunto de tópicos.

³⁴⁹ Esta atribuição foi identificada, em diversos excertos, nos três documentos dispostos no Quadro 1.

³⁵⁰ Esta função também foi identificada nas três cartas. Veja-se o Quadro 1. A título de exemplo: “*nem sejam guardadores das dictas nossas matas salvo aqueles que o dicto Alvaro Annes das Coberturas disser que som idoneos e pertencentes pera ellos e estes que asy en logo pera ello venham por suas cartas que lhe dello mandaremos dar signadas per Nuno Vaasquez de Castell Branco nosso monteiro moor ou per quem seu logo tiver aselladas de nosso sello pendiente.*” TT, Chanc. D. Afonso V, L.º 24, fls. 12-12v, 1443, novembro, 2. Este documento encontra-se transcrito nos anexos, veja-se: Anexo 3 – *Corpus Documental*, documento 7.

³⁵¹ A distribuição das somas recolhidas em cada coima aplicada, no contexto das coutadas de montaria, está exposta no ponto 2.2.1.

³⁵² Podemos destacar também outros exemplos de cartas de nomeação de monteiros-mores que, embora estejam pouco completas no que diz respeito às funções dos monteiros-mores, contêm esta incumbência destacada: TT, Chanc. D. Afonso V, L.º 34, fl. 17v, 1450, janeiro, 11; TT, Chanc. D. Afonso V, L.º 31, fls. 16v-17, 1467, janeiro, 7; TT, Chanc. D. Afonso V, L.º 31, fl. 142v, 1469, dezembro, 24.

Quadro 2 - Privilégios dos monteiros-mores (séculos XIV e XV)

Privilégios	1381	1407	1443
Isento de dar pousada na sua morada e os seus bens contra sua vontade	x	x	
Isenção de pagamentos (p/ex: fintas, talhas, anúduva, jugada)	x	x	
Livre de transportar presos	x	x	
Livre de transportar dinheiro		x	
Escusado de encargos concelhios	x	x	
Livre de ir a <i>chamado</i> , de galés ou fronteira (salvo se for com o rei)	x	x	
Autorização para transportar armas na circunscrição que superintendia (salvo se as usar indevidamente)	x		
Usufruir das "custas de cavaleiro" em demandas judiciais que venciam	x		
Não ser tutor nem curador de nenhuma pessoa		x	
Receber "mantimento e vestir"		x	

Legenda – Quadro comparativo dos privilégios dos monteiros-mores, segundo três cartas de nomeação, datadas de 1381, 1407 e 1443. Fontes: TT, Chanc. D. Fernando, L.º 3, fls. 58-58v, 1381, janeiro, 8; HFAC v.1, doc. 285, pp. 194-196, 1407, abril, 1; TT, Chanc. D. Afonso V, L.º 24, fls. 12-12v, 1443, novembro, 2.

Da análise destes dados conseguimos perceber, desde logo, um elevado número de privilégios dados tanto no tempo de D. Fernando, como no tempo de D. João I. Do conjunto verificado em 1381 apenas dois dos tópicos são omitidos na carta de 1407: usufruir das "custas de cavaleiro" em demandas judiciais que os monteiro-mores vencessem e a autorização para andar com armas nas terras pertencentes à sua montaria.³⁵³

É possível que o transporte de armas não tenha sido uma questão consensual no período que se situa entre os reinados de D. Fernando I e D. Afonso V e a sua permissão, ou proibição, pudesse ter variado. Facto é que, nas *Ordenações Afonsinas* é referido que:

³⁵³ Os privilégios identificados parecem estar em linha com os que eram usualmente atribuídos, naquele tempo, a todos os oficiais que serviam os monarcas.

*“as carta novas vaaõ em outro stillo desvairado do que as antigas soyam de seer, mandamos, que as que se fizerem daqui em diante, sejam feitas em aquelle stillo, que se faziam ataa Era de Cesar de quatrocentos e quarenta annos; e as outras, que feitas som, se guardem per a maneira das que eraõ feitas ata aquelle tempo: salvo no tragimento das armas, que ora novamente mandamos dar lugar a aquelles monteiros, que no-las requerem, aos quaes mandamos, que lhe guardem suas cartas, se dello expressamente fezer meençom”*³⁵⁴

Assim, vemos que no reinado de D. Afonso V os monteiros, tanto mores como menores, podiam transportar armas nos espaços que guardavam, caso o requeressem. De facto, podemos identificar esta permissão expressamente dada em cartas de nomeação como as de Pedro Anes, monteiro-mor de Montemor-o-Novo,³⁵⁵ Vasco Gonçalves, monteiro-mor do Soajo,³⁵⁶ ou mesmo no caso de Fernando Afonso, um monteiro menor.³⁵⁷ Décadas antes, no tempo de D. Duarte, também podemos ver que este monarca concedia o privilégio de transporte de armas, de forma generalizada, a todos os monteiros que serviam nas matas da Ota.³⁵⁸

Assim, através destes dados, é possível aceitar que durante o reinado de D. João I poderá ter surgido algum tipo de restrição ao transporte de armas por parte dos monteiros. Isso poderá ter levado a que esse privilégio fosse atribuído apenas em casos em que era requerido.

Para além deste privilégio, destacamos outros três, que não surgiram em 1381, mas que aparecem em 1407: não ser tutor nem curador de nenhuma pessoa, não ter de fazer o transporte de dinheiro e o recebimento de "mantimento e vestir".

Importa ter em conta que o chamado “mantimento e vestir”, configurava um verdadeiro salário que os monteiro-mores recebiam pelos serviços prestados à coroa. Não dispomos de muitos dados acerca deste assunto, porque, regra geral, quando se dá a nomeação de um novo monteiro-mor vem referido: *“que elle de nos em cada huum ano outro tanto mantimento e vestir como em os outros nosos monteiros moores”*.³⁵⁹ O mesmo vem repetido em muitos outros casos.³⁶⁰ Contudo, podemos destacar uma *“carta de quitação a Jorge Afonso, almoxarife de*

³⁵⁴ Ord. Af. L.º 1, p. 400.

³⁵⁵ TT, Chanc. D. Afonso V, L.º 34, fl. 17v, 1450, janeiro, 11.

³⁵⁶ TT, Chanc. D. Afonso V, L.º 12, fl. 35v, 1452, abril, 14.

³⁵⁷ TT, Chanc. D. Afonso V, L.º 29, fl. 201, 1472, julho, 28.

³⁵⁸ HFAC v.1, doc. 386, pp. 261-262, 1434, outubro, 14.

³⁵⁹ TT, Chanc. D. Afonso V, L.º 11, fl. 44v, 1449, junho, 26.

³⁶⁰ *“que aia tal e tamanho mantimento e vistir des o dia que começar de serujr em o dicto officio emquanto em el serujr qual o auja Gonçallo Annes que destas matas e paulles e Ribeiras foe nosso monteiro e se ora morreo e pago aos tempos pella guisa que elle era pagado”*, HFAC v.1, doc. 285, pp. 194-196, 1407, abril, 1. *“mandamos que elle aja de nos em cada huum ano outro tanto mantimento e vestir como ham os outros nosos monteiros moores*

Coimbra”,³⁶¹ onde constam pagamentos a monteiros-mores. Através desta podemos entender que Afonso Pires recebia, enquanto foi monteiro-mor de Montemor-o-Velho, 7698 libras por ano e que Afonso Esteves e Afonso Anes auferiam, cada um, 5760 libras anualmente.³⁶²

Para finalizar este ponto, destacamos o facto de o documento referente ao reinado de D. Afonso V não conter qualquer privilégio destacado. Mesmo considerando outras cartas semelhantes e desta cronologia, são poucos os privilégios que identificamos e remetem ou para a questão do porte de arma, já abordada, ou para o “mantimento e vestir”.³⁶³ O que nos parece mais plausível é que estes privilégios não tenham desaparecido depois do reinado de D. João I, mas que a regulamentação do oficialato, promovida entre os reinados de D. Duarte e de D. Afonso V e registada nas *Ordenações Afonsinas*,³⁶⁴ fosse suficiente para que os privilégios já estivessem implícitos aquando da nomeação de novos oficiais.

2.3.2 Identificação dos indivíduos e respetivas montarias

Neste capítulo, dedicamo-nos à identificação dos diversos indivíduos que serviram no cargo de monteiro-mor e à delimitação da circunscrição territorial que administravam. Assim, partindo do pressuposto de que cada monteiro-mor chefiava uma montaria, utilizamos os oficiais mores para definir as montarias que existiram no reino de Portugal, ao longo da Idade Média.³⁶⁵

Apesar de Nicole Devy-Vareta ter feito a identificação das regiões onde se situavam os diferentes espaços coutados – da qual nos servimos para identificar a região a que cada mata pertencia – a identificação das montarias necessita de revisão.³⁶⁶ Este aspeto tornou-se claro no decorrer da nossa investigação, uma vez que as mais de duas dezenas de montarias identificadas

das nossas matas segundo lhe per hordenança teemos hordenado”, TT, Chanc. D. Afonso V, L.º 34, fl. 17v, 1450, janeiro, 11. “*queremos e mandamos que ele aja de nos a cada huu ano outro tanto mantimento e vestir como avia o dito seu padre e ele per nos he hordenado*”, TT, Chanc. D. Afonso V, L.º 12, fl. 35v, 1452, abril, 14. “*mandamos que elle aja de nos em cada huu ano outro tanto mantimento e vistir como avia o dicto Andre Gill e como pertencem d’aver os outros monteiros moores das matas dos nossos rregnos*”, TT, Chanc. D. Afonso V, L.º 31, fl. 142v, 1469, dezembro, 24.

³⁶¹ *Chancelarias Portuguesas: D. Duarte*, v.3, p. 319, 1435, junho, 24.

³⁶² *Chancelarias Portuguesas: D. Duarte*, v.3, p. 319, 1435, junho, 24.

³⁶³ TT, Chanc. D. Afonso V, L.º 34, fl. 17v, 1450, janeiro, 11; TT, Chanc. D. Afonso V, L.º 31, fl. 142v, 1469, dezembro, 24.

³⁶⁴ Ord. Af. L.º 1, pp. 398-405.

³⁶⁵ A divisão dos espaços correspondentes a cada montaria, resultaram na seguinte listagem: Soajo; Terra de Santa Maria; Botão (ou Coimbra); Montemor-o-Velho; Penela; Alcobça-Leiria; Óbidos; Santarém; Ota; Sintra; Benavente-Palmela-Setúbal; Montemor-o-Novo.

³⁶⁶ DEVY-VARETA, Nicole, “Para uma geografia histórica da floresta portuguesa: as matas...”, pp. 68-70.

por esta autora, não condiziam com as circunscrições respeitantes aos monteiros-mores identificados.³⁶⁷

Além dos vários monteiros-mores que em seguida analisamos para cada montaria, há dois casos em que não nos foi possível apurar o espaço onde os oficiais exerciam a sua função, havendo ainda a possibilidade de que estes fossem monteiros da Corte, ou, menos provável, monteiros-mores do reino. É o caso de João Bolo, mencionado em 1311,³⁶⁸ e de Gonçalo Aires, identificado em 1367.³⁶⁹ O mais plausível é que ambos tenham sido monteiros-mores locais, embora não tenha sido possível apurar a montaria de cada um.

Seguindo uma ordem geográfica, de norte para sul, começamos por abordar a **montaria do Soajo**, para a qual conseguimos identificar três monteiros-mores. O primeiro, João Anes, começou a exercer em momento incerto e apenas temos registo dele em 1443, numa carta em que é nomeado o seu sucessor, Gonçalo Vasques.³⁷⁰ Temos novamente registo deste cargo quando é nomeado o novo Monteiro-mor do Soajo, a 14 de abril de 1452, tendo sido escolhido Vasco Gonçalves, filho do seu predecessor.³⁷¹

Seguimos para a **montaria da Terra de Santa Maria** que congregava não só as matas da região de Santa Maria da Feira, como também as da zona de Aveiro.³⁷² Para esta identificámos quatro monteiros-mores.

Desde logo, em 1377, aparece documentado João de Castela, como Monteiro-mor desta montaria.³⁷³ Depois desta referência, só voltámos a encontrar menção a um ocupante deste cargo em 1450, numa carta em que D. Afonso V afasta André Gil, criado do Infante D. Pedro, do cargo de Monteiro-mor da Terra de Santa Maria e nomeia Gonçalo Brandão como seu substituto.³⁷⁴ Embora o motivo do afastamento não seja exposto, o facto de André Gil surgir como criado do dito Infante, bem como a datação dessa carta, levanta a forte suspeita de que

³⁶⁷ Os dados tratados neste capítulo são referentes a um período que finda em 1481, com o terminar do reinado de D. Afonso V. Por esse motivo, qualquer espaço coutado pelo rei em datação posterior não é tido em conta.

³⁶⁸ HFAC v.1, doc. 31, p. 55, 1311, agosto, 10.

³⁶⁹ TT, Chanc. D. Fernando, L.º 1, fl. 14v, 1367, julho, 21.

³⁷⁰ TT, Chanc. D. Afonso V, L.º 27, fl. 41, 1443, março, 8.

³⁷¹ TT, Chanc. D. Afonso V, L.º 12, fl. 35v, 1452, abril, 14.

³⁷² Para além de não termos identificado qualquer referência a um Monteiro-mor de Aveiro, o que já torna difícil considerar a existência de uma montaria, um dos Monteiro-mores, da Terra de Santa Maria, identificados era morador em Aveiro. Estes dois factos levam a crer que a montaria da Terra de Santa Maria englobava a região de Santa Maria da Feira e a de Aveiro, não devendo ser divididas em duas circunscrições. Podemos, ainda, destacar o exemplo do Monteiro Pedro Fernandes que morava em Esgueira (atual freguesia do concelho de Aveiro) e foi nomeado para guardar a mata da Ermida que, segundo a carta da sua nomeação, se situava na Terra de Santa Maria, TT, Chanc. D. Afonso V, L.º 8, fl. 59v, 1464, setembro, 26.

³⁷³ HFAC v.1, doc. 152, pp. 141-142, 1377, julho, 8.

³⁷⁴ TT, Chanc. D. Afonso V, L.º 11, fl. 21, 1450, setembro, 18.

tal se tenha devido à sua participação na Batalha de Alfarrobeira contra o monarca. Porém, o seu afastamento não se terá efetivado. Por um lado, Gonçalo Brandão não volta a surgir na posse do cargo, por outro, André Gil aparece novamente, a 6 de fevereiro de 1456, no exercício de funções, embora já seja mencionado como escudeiro do rei.³⁷⁵ Terá, portanto, alterado a sua fidelidade após a vitória do monarca na Batalha de Alfarrobeira, tendo assim recuperado o seu cargo. Voltamos a ter notícia deste monteiro-mor da Terra de Santa Maria em 1469, quando renuncia o cargo em favor de Diogo Barreto.³⁷⁶

Quanto à montaria de Coimbra, mais comumente chamada **Montaria do Botão**, já traçámos os vestígios documentais da sua antiguidade e, inclusive, daquele que poderá ter sido o seu primeiro monteiro-mor, D. Vicente de Larçã.³⁷⁷ Depois deste, identificamos outros dois monteiros-mores do Botão, numa carta onde consta o “mantimento e vestir” que deveriam auferir pelo exercício dos seus cargos:³⁷⁸ Afonso Esteves que terá exercido, no máximo, até 1430, talvez sucedendo D. Vicente de Larçã; e Afonso Anes que ocupou a função, pelo menos, desde 1430 e cujo cargo surge confirmado em 1439.³⁷⁹

Entre Coimbra e o mar existia a **montaria de Montemor-o-Velho**, para a qual também detetámos três oficiais mores, pelo menos até finais do reinado de D. Afonso V. O primeiro, um tal Afonso Pires – à semelhança dos monteiros-mores de Coimbra, Afonso Esteves e Afonso Anes – foi apenas identificado pela carta onde vem o seu “mantimento e vestir”.³⁸⁰ Depreende-se, desse documento, que exerceu, pelo menos, desde 1428. Terá deixado de servir, forçosamente, antes de 1449, visto que é nesse ano que se faz menção a Rodrigo Afonso, monteiro-mor de Montemor-o-Velho, que perdera todos os seus bens, em benefício de um Gomes Ferreira, por ter participado na Batalha de Alfarrobeira, contra o rei.³⁸¹ É bastante provável que, a par dos seus bens, tenha nessa altura perdido também o seu cargo. Esta ideia ganha ainda mais significado quando percebemos que, já no reinado de D. João II, na nomeação de um João Gomes para monteiro-mor de Montemor-o-Velho, aparece a referência a Gomes Ferreira que terá estado na posse do cargo até à sua morte.³⁸² Assim, este Gomes Ferreira que

³⁷⁵ HFAC v.2, doc. 366, p. 110, 1456, fevereiro, 6.

³⁷⁶ TT, Chanc. D. Afonso V, L.º 31, fl. 142v, 1469, dezembro, 24.

³⁷⁷ Tal como já referimos, embora D. Vicente de Larçã fosse apenas referido como monteiro, as funções que desempenhava eram atribuíveis a um monteiro-mor. Sobre este assunto ver ponto 1.1.4 e, sobretudo, a nota de rodapé 126.

³⁷⁸ Sobre esta carta ver ponto 2.3.1. *Chancelarias Portuguesas: D. Duarte*, v.3, p. 319, 1435, junho, 24.

³⁷⁹ *Chancelarias Portuguesas: D. Duarte*, v.3, p. 319, 1435, junho, 24; HFAC v.2 doc. 23, p. 22, 1438, junho, 23.

³⁸⁰ *Chancelarias Portuguesas: D. Duarte*, v.3, p. 319, 1435, junho, 24.

³⁸¹ TT, LN, Estremadura, L.º 8, fl. 268, 1449, setembro, 16.

³⁸² TT, Chanc. D. Afonso V, L.º 26, fl. 143v, 1481, novembro, 16.

ficou com todos os bens confiscados a Rodrigo Afonso, monteiro-mor de Montemor-o-Velho, deverá ser o mesmo que aparece como tendo exercido esse mesmo cargo.

Para o caso da **montaria de Penela**, a sul de Coimbra, apenas encontramos referência a um monteiro-mor. Trata-se de João de Meneses que é nomeado a 26 de junho de 1449. Importa ver que a carta régia de nomeação deste oficial mor foi remetida tanto aos juízes de Penela, como aos de Lousã e os de Miranda do Corvo, pelo que, por esse motivo, e por não termos encontrado outros monteiros-mores para estas áreas geográficas, o mais certo é que configurassem uma só montaria, pelo menos até ao final do reinado de D. Afonso V.³⁸³

Entrando na região de Leiria, Alcobaça, Ourém e Porto de Mós, identificamos um caso um pouco mais complexo que os restantes que analisámos até ao momento. Neste, ressalta, de forma evidente, a imprecisão dos termos utilizados para a identificação do monteiro-mor local, embora esse problema não seja exclusivo deste caso. De forma simplificada, optámos por denominá-la, genericamente, **montaria de Alcobaça-Leiria**.

O primeiro monteiro-mor identificado nesta zona, surge no documento da nomeação de Lourenço Domingues, um monteiro (menor) ao qual é dada a guarda da mata da Urqueira, em 1378. Nesta carta menciona-se João Domingues “*monteiro moor das nosas matas dUrqueira e daRedor dela*”,³⁸⁴ atestando a idoneidade de Lourenço Domingues para servir na sua montaria. Tal como podemos constatar, a denominação com que surge o oficial mor é bastante simplificada e direcionada para a nomeação em questão. O que nos parece mais provável é que João Domingues fosse monteiro-mor de uma circunscrição bastante mais alargada que acaba por não vir descrita nesta carta.

Depois de João Domingues, encontramos Lucas Anes a servir como monteiro-mor, nomeado por D. João I, em data incerta, e confirmado por D. Duarte em 1434.³⁸⁵ O percurso deste oficial terá sido pouco convencional, uma vez que, em 1443, no tempo de regência do Infante D. Pedro, foi substituído por Álvaro Anes das Coberturas,³⁸⁶ voltando a exercer em 1449, por renomeação de D. Afonso V.³⁸⁷ Lucas Anes, entre a documentação que recolhemos, chega a surgir como monteiro-mor de Leiria (e seu termo), Porto de Mós, Ourém e Couto de Alcobaça, numa circunscrição que, segundo o registo, partia de Montemor-o-Velho, Pombal e

³⁸³ TT, Chanc. D. Afonso V, L.º 11, fl. 44v, 1449, junho, 26.

³⁸⁴ HFAC v.1, doc. 154, pp. 142-143, 1378, janeiro, 22.

³⁸⁵ HFAC v.1, doc. 373, pp. 253-254, 1434, abril, 9.

³⁸⁶ TT, Chanc. Afonso V, L.º 24, fls. 12-12v, 1443, novembro, 2.

³⁸⁷ TT, Chanc. D. Afonso V, L.º 10, fl. 8, 1449, janeiro, 17.

Torres Novas, contra o mar.³⁸⁸ Era, desta forma, uma extensa demarcação “cercada”, a norte, pela montaria de Montemor-o-Velho e, a sul, pela montaria de Óbidos e a de Santarém, que iniciava em Torres Novas, tal como veremos em seguida. O mesmo indivíduo também surge associado à “*montaria moor das matas e a comarca de Leirea e de Pederneira e Porto de Moos*”.³⁸⁹

Da mesma forma, o monteiro-mor Álvaro Anes das Coberturas, já referido, assume estas duas denominações a par de: “*monteiro moor em a dicta villa*”, fazendo referência a Leiria.³⁹⁰ Estes casos demonstram a variabilidade da denominação dada aos monteiros-mores locais.

Em 1455 já surge Diogo Álvares, identificado genericamente como monteiro-mor de Leiria, ou de Leiria e seu termo.³⁹¹ Ocupou o cargo até à sua morte, sucedendo-lhe o seu filho Álvaro de Vivar, a 8 de fevereiro de 1472.³⁹² Este último manter-se-á detentor deste cargo até ao reinado de D. João II, mais concretamente até 20 de junho de 1482, data da nomeação de Lopo Peixoto que lhe sucede.³⁹³

Não podemos deixar de destacar que perto da transição do cargo de Diogo Álvares para Álvaro de Vivar, surge, em 1467, a nomeação de um outro monteiro-mor para esta região. Contudo, este indivíduo diferencia-se dos restantes por assumir a seguinte denominação: “*damo llo em toda a mata d’Alcobaça e Carvalhar de Turaquell per nosso monteiro moor*”.³⁹⁴ Assim, aparentemente, o Couto de Alcobaça, englobando Carvalhal de Turquel (topónimo ainda preservado numa aldeia do concelho de Alcobaça), terá merecido a nomeação de um monteiro-mor exclusivamente dedicado a essa área. Por ser uma formação tardia, na cronologia a que nos dedicamos, não conseguimos apurar se esta singularização de Alcobaça se manteve ou foi apenas temporária. Podíamos também considerar que estas estariam já separadas em reinados anteriores. Contudo, o facto de não termos encontrado qualquer referência a outro monteiro-mor de Alcobaça e, sobretudo, de na carta de nomeação deste não vir indicação de um

³⁸⁸ TT, Chanc. D. Afonso V, L.º 24, fls. 12-12v, 1443, novembro, 2.

³⁸⁹ TT, Chanc. D. Afonso V, L.º 10, fl. 8, 1449, janeiro, 17.

³⁹⁰ TT, Chanc. D. Afonso V, L.º 24, fl. 99, 1444, outubro, 8.

³⁹¹ TT, Chanc. D. Afonso V, L.º 15, fl. 6v, 1455, fevereiro, 6; TT, Chanc. D. Afonso V, L.º 13, fl. 112v, 1456, junho, 21; TT, Chanc. D. Afonso V, L.º 37, fl. 91, 1472, fevereiro, 8.

³⁹² TT, Chanc. D. Afonso V, L.º 37, fl. 91, 1472, fevereiro, 8.

³⁹³ TT, Chanc. D. João II, L.º 6, fl. 88v, 1482, junho, 20.

³⁹⁴ Trata-se de Diogo Fernandes do Quintal, um monteiro-mor cuja carta de nomeação se encontra em: TT, Chanc. D. Afonso V, L.º 31, fls. 16v-17.

antecessor, leva-nos a considerar que deverá ter sido uma iniciativa de D. Afonso V, numa fase já bastante tardia do seu reinado, o estabelecer desta separação.³⁹⁵

A sul de Alcobaça, aparece a **montaria de Óbidos**. Esta montaria já possuía um monteiro-mor, pelo menos, desde 1407, ano em que aparece Gonçalo do Monte como monteiro-mor de Óbidos. Nessa carta é coutado o Reguengo de Peniche, termo de Atouguia da Baleia, o que nos permite perceber que a montaria de Óbidos não se circunscrevia apenas às áreas circundantes da localidade.³⁹⁶ Noutra carta, emitida dias depois, onde o monarca couta a caça aos cervos, volta a ser identificado o mesmo monteiro-mor. Contudo, esta carta é dirigida não só aos juízes de Óbidos e da Atouguia da Baleia, mas também aos da Lourinhã.³⁹⁷ Percebe-se, portanto, a grande extensão compreendida pela montaria de Óbidos e superentendida por Gonçalo do Monte.

Durante o reinado de D. Duarte, foi nomeado Gomes Henriques como novo monteiro-mor de Óbidos, porventura sucedendo diretamente a Gonçalo do Monte. Atesta-o uma carta de confirmação dada já no reinado de D. Afonso V, em 1439,³⁹⁸ assim como outras provas documentais produzidas nos anos de 1440,³⁹⁹ 1441⁴⁰⁰ e 1444.⁴⁰¹

Passando para a **montaria de Santarém**, também se identificaram os primeiros monteiros-mores numa carta de 1407. Nesta nomeia-se Afonso Gonçalves para o cargo máximo desta montaria porque Gonçalo Anes, o anterior ocupante desse mesmo cargo, tinha falecido.⁴⁰² O mais relevante nesta carta é que descreve, com algum detalhe, a dispersão geográfica da montaria de Santarém que inclui, entre vários espaços naturais, a referência de que esta se estendia a Abrantes (até o Sardoal) e a Torres Novas, dois espaços que Nicole Devy-Vareta identifica como duas montarias distintas.

³⁹⁵ Parece-nos que esta questão apenas poderá ser esclarecida, com maior segurança, com uma recolha documental mais extensa. Tendo por base os dados recolhidos para a execução deste estudo, apenas conseguimos concluir que o mais provável é que tenha sido criada uma divisão entre a montaria de Leiria e a de Alcobaça com a nomeação deste oficial, em 1467. Dado que esta divisão surge numa fase bastante tardia e é sustentada apenas por uma referência documental, iremos manter os dois espaços numa só montaria ao longo desta dissertação o que, aparentemente, terá sido a realidade na maior parte da cronologia abordada.

³⁹⁶ HFAC v.1, doc. 288, pp. 197-198, 1407, agosto, 26.

³⁹⁷ HFAC v.1, doc. 289, pp. 198-199, 1407, agosto, 29.

³⁹⁸ TT, Chanc. D. Afonso V, L.º 18, fl. 108, 1439, julho, 2.

³⁹⁹ TT, Chanc. D. Afonso V, L.º 20, fl. 135v, 1440, fevereiro, 6; HFAC v.2, doc.53, pp. 30-32, 1441, junho, 27.

⁴⁰⁰ HFAC v.2, doc. 53, pp. 30-32, 1441, junho, 27.

⁴⁰¹ TT, Chanc. D. Afonso V, L.º 25, fl. 15, 1444, outubro, 3; TT, Chanc. D. Afonso V, L.º 25, fls. 14v-15, 1444, outubro, 8.

⁴⁰² *Chancelarias Portuguesas: D. João I*, v.3 t.2, pp. 155-158, 1407, abril, 1.

O monteiro-mor de Santarém, Afonso Gonçalves, terá exercido, no máximo, até ao reinado de D. Duarte, uma vez que as *Ordenações Afonsinas* já nos atestam que nesse reinado já existia um novo monteiro-mor de Santarém chamado Vicente Esteves.⁴⁰³ Tratava-se de Vicente Esteves da Barbudo, que surge em 1443 como monteiro-mor da “dicta uilla de Muja”,⁴⁰⁴ que englobava até a região de Salvaterra de Magos. Mais tarde, em 1446, volta a aparecer com a denominação de monteiro-mor de Santarém.⁴⁰⁵ Depois deste, apenas identificámos, num traslado de 1727, de uma carta de 19 de setembro de 1473 privilegiando os moradores de Muge, a menção a João de Avis como sendo monteiro-mor de Santarém.⁴⁰⁶

Assim, entendemos que a montaria de Santarém iniciava na região de Abrantes, acompanhando o percurso do rio Tejo, até à região de Salvaterra de Magos, estendendo-se, na margem norte, até Torres Novas.

A oeste desta montaria encontramos a **montaria da Ota**, situada na zona de Alenquer. Os dois oficiais mores identificados para esta montaria foram João Monteiro e João Anes. Estes surgem tanto com a denominação de “*monteiro moor da nossa mata d’Ota e Furadoiro e Vigeira*”,⁴⁰⁷ as três matas detetadas para esta montaria, como apenas de “*monteiro moor da mata d’Ota*”.⁴⁰⁸ João Monteiro terá falecido antes de 27 de julho de 1450, tendo exercido por período indeterminado antes dessa data. O seu sucessor, e seu filho, João Anes entrou para o cargo em 1450 e em 1471 ainda surge na posse do mesmo.⁴⁰⁹

Para a **montaria de Sintra** apenas encontrámos um monteiro-mor chamado Afonso Anes *Nadufe* (provavelmente *Nandufe*),⁴¹⁰ também identificado como Afonso Anes de Lobão. Este aparece na posse do cargo em 1435, não sendo possível precisar desde quando o exercia.⁴¹¹ Está também documentado no exercício de funções nos anos de 1444, 1452 e 1468.⁴¹²

⁴⁰³ Ord. Af. L.º 1, p. 398.

⁴⁰⁴ HFAC v.2, doc. 120, pp. 49-50, 1443, agosto, 15.

⁴⁰⁵ HFAC v.2, doc. 145, p. 54, 1446, julho, 20.

⁴⁰⁶ *Livro do Tombo das Escrituras e Privilégios da Vila de Muge*, LOPES, Gonçalo (ed.), Salvaterra de Magos, Câmara Municipal de Salvaterra de Magos, 2020, doc. 53, pp. 89-90, 1473, setembro, 19. As notas biográficas deste monteiro encontram-se, no Anexo 1, no Quadro A14 - Dados biográficos dos monteiros de cavalo, com o ID 722.

⁴⁰⁷ TT, Chanc. D. Afonso V, L.º 37, fl. 29v, 1450, julho, 27.

⁴⁰⁸ TT, Chanc. D. Afonso V, L.º 16, fl. 44v, 1471, março, 13.

⁴⁰⁹ TT, Chanc. D. Afonso V, L.º 37, fl. 29v, 1450, julho, 27; TT, Chanc. D. Afonso V, L.º 16, fl. 44v, 1471, março, 13.

⁴¹⁰ Sobre este monteiro-mor e a variabilidade do seu nome, veja-se o que escrevemos na sua nota biográfica, no Quadro A1, no ID 14.

⁴¹¹ *Chancelarias Portuguesas: D. Duarte*, v.1 t.2, pp. 74-75, 1435, janeiro, 31.

⁴¹² HFAC v.2, doc. 134, pp. 51-52, 1444, julho, 22; HFAC v.2, doc. 297, p. 92, 1452, julho, 22; TT, Chanc. D. Afonso V, L.º 31, fl. 1v, 1468, outubro, 26.

Na fronteira sul da montaria de Santarém encontramos uma montaria que ocupava, grosso modo, o espaço situado entre Benavente, Marateca, Sesimbra e Almada, compreendendo as zonas de Palmela, Serra da Arrábida e Azeitão. Estes espaços vêm dispostos numa carta, de 8 de janeiro de 1381, através da qual é nomeado João Marques para o cargo de monteiro-mor desta montaria, em substituição de Afonso Leal.⁴¹³ Nesta, é também feita menção ao Ribatejo que estaria abarcado por esta montaria, porém não é clara a região à qual se referia. Parece-nos que o mais provável é tratar-se de uma alusão aos espaços coutados na zona de Vila Franca de Xira e Alverca do Ribatejo, espaços muito próximos de Benavente, mas que se situavam na margem norte do Tejo. Novamente, com o intuito de simplificar, denominámo-la **montaria de Benavente-Palmela-Setúbal**.

É mencionado um novo ocupante do cargo mor desta montaria em 1421, através de uma carta em que João Vicente vem identificado como monteiro-mor de Azeitão e de Ribatejo.⁴¹⁴ Depois disso, apenas em 1456 temos uma nova referência, sendo que, desta vez, é a João Afonso. Ao longo do seu percurso vem identificado de diferentes formas: em 1444 vem mencionado como “*monteiro e guardador das matas de Ribatejo e Palmela e Çezimbra e Azeitam*”;⁴¹⁵ em 1456 como “*monteiro moor da dicta montaria*” (Palmela);⁴¹⁶ em 1482, na carta de confirmação do seu sucessor, dada por D. João II, fala-se em monteiro-mor de Setúbal e Palmela.⁴¹⁷

Entende-se, pela análise destes monteiros-mores, a enorme variabilidade da designação do cargo e da respetiva montaria, mesmo quando estes se mantinham na posse de um mesmo indivíduo. Assim, designamos, perante os dados aqui expostos, este espaço como a montaria de Benavente, Palmela e Setúbal.

Para terminar, a última que abordamos é a **montaria de Montemor-o-Novo**. Esta, à exceção de parte da montaria de Benavente-Palmela-Setúbal, é a única que identificámos para a atual região do Alentejo. Para esta montaria apenas encontramos o monteiro-mor Pedro Anes que é nomeado, em 1450, para o cargo de “*monteiro moor das nossas matas da dicta villa e termo com suas comarcas*”.⁴¹⁸

⁴¹³ TT, Chanc. D. Fernando, L.º 3, fls. 58-58v, 1381, janeiro, 8.

⁴¹⁴ Embora o monarca ainda o identifique na posse do cargo, este já deveria ter deixado de exercer uma vez que vem identificado como sendo velho, cego e pobre. *Chancelarias Portuguesas: D. João I*, v.4 t.1, p. 97, 1421, maio, 7.

⁴¹⁵ TT, Chanc. D. Afonso V, L.º 24, fl. 28, 1444, março, 21.

⁴¹⁶ TT, Chanc. D. Afonso V, L.º 13, fl. 32, 1456, setembro, 29.

⁴¹⁷ HFAC v.3, doc. 93, p. 41, 1482, setembro, 4.

⁴¹⁸ TT, Chanc. D. Afonso V, L.º 34, fl. 17v, 1450, janeiro, 11.

Importa ainda referir que, através da documentação rastreada, foi igualmente possível perceber o posicionamento que o conjunto destes monteiros-mores tinham no plano social. Dos casos que conseguimos apurar – expostos no Quadro 3, no final deste ponto – percebemos que eram indivíduos que estavam, comumente, ligados aos monarcas ou infantes, ou às suas Casas. Parece, portanto, que seriam indivíduos escolhidos no seio da fidalguia, ou, pelo menos, de alguma forma relacionados à nobreza. Alguns deles não chegariam a ser considerados “membros da nobreza”, como é o caso dos *cavaleiros* que, segundo A. H. de Oliveira Marques, constituíam uma “camada superior do terceiro Estado”, sendo “por eles que o «popular» se aproximava do nobre.”⁴¹⁹

Quadro 3 – Ocupação/posição social dos monteiros-mores (séculos XIII-XV)

Ocupação/posição social	nº de indivíduos
cavaleiro	1
cavaleiro da Casa Real	1
criados régios	6
almojarife	1
criado do infante	1
escudeiros régios	3
escudeiro do infante	1
vassalo régio	1
não identificados	22
total (de monteiros-mores)	35⁴²⁰

Legenda - Contabilização das ocupações/posições sociais dos monteiros-mores, nos séculos XIII-XV. Fonte: Quadro A1 – Dados Biográficos dos monteiros-mores, no Anexo 1.

⁴¹⁹ MARQUES, A. H. de Oliveira, “Os grupos sociais”, in SERRÃO, Joel, MARQUES, A. H. de Oliveira, (dir.), *Nova História de Portugal, v.4: Portugal na Crise dos séculos XIV e XV*, Lisboa, Editorial Presença, 1987, p. 264.

⁴²⁰ O número total excede o número de monteiros-mores, uma vez que dois dos monteiros têm mais do que uma ocupação/posição social.

2.4 Monteiros

2.4.1 Funções e privilégios

No fundo da hierarquia das montarias régias encontramos os monteiros, ou monteiros e guardadores, como surgem na maior parte das menções. Para a análise das funções que estes tinham e dos privilégios de que usufruíam faremos uma análise semelhante à utilizada no caso dos monteiros-mores. Para esse fim dedicaremos particular atenção a dois documentos, um datado do reinado de D. Fernando e outro de D. Afonso V. Isto justifica-se pelo facto das funções e privilégios destes oficiais se terem mantido, sobretudo, as mesmas, ao longo dos séculos XIV e XV. Além disso, as diversas cartas de confirmação de monteiros nos reinados intermédios, de D. João I e D. Duarte, atestam, não só, que muitos oficiais transitavam de uns reinados para os outros, como também os respetivos privilégios de que usufruíam.

Podemos destacar alguns documentos que ilustram a confirmação dos privilégios destes oficiais com o passar dos reinados, nomeadamente uma carta de 1385, emitida por D. João I, onde são confirmados todos os “*priuyllegios foros liberdades e onrras como sempre ouuerom*”⁴²¹ aos monteiros de Montemor-o-Velho. Também para o reinado de D. Duarte encontramos, em 1434, duas confirmações semelhantes, concedidas a todos os oficiais das montarias da Ota⁴²² e de Óbidos.⁴²³ Já dentro do reinado de D. Afonso V, mais concretamente no período de Regência, identificamos, novamente, a confirmação dos privilégios dos monteiros da montaria de Óbidos⁴²⁴ ou aos oficiais da montaria do Botão.⁴²⁵ Além destas, dispomos também de outras confirmações outorgadas individualmente.

Os documentos que utilizamos como base para caracterizar este cargo, provenientes de cronologias opostas, foram selecionados, por um lado, pelo interesse das suas datações e, por outro, pela descrição detalhada das funções e privilégios. Noutros casos, verificamos apenas a presença de uma ementa da carta, ou de nomeações sucintas que não esclarecem totalmente estes aspetos. Assim, analisamos as cartas de nomeação dos monteiros Pero Luzio⁴²⁶, datada de 1377, e Pedro Anes, de 1450.⁴²⁷ Ambas estão dispostas, em seguida, no Quadro 4 - Funções e obrigações e no Quadro 5 - Privilégios dos monteiros.

⁴²¹ HFAC v.1, doc. 195, p. 172, 1385, março, 13.

⁴²² HFAC v.1, doc. 386, pp. 261-262, 1434, outubro, 14.

⁴²³ HFAC v.1, doc. 388, pp. 262-263, 1434, dezembro, 12.

⁴²⁴ HFAC v.2, doc. 11, p. 18, 1439, junho, 1.

⁴²⁵ HFAC v.2, doc. 28, p. 23, 1439, agosto(?), 20.

⁴²⁶ HFAC v.1, doc. 152, pp. 141-142, 1377, julho, 8. Pero Luzio (ID 633).

⁴²⁷ TT, Chanc. D. Afonso V, L.º 34, fl. 136v, 1450, junho, 16.

Quadro 4 - Funções dos monteiros (séculos XIV e XV)

Funções e obrigações	1377	1450
Guardar o espaço coutado que lhe é destinado	X	X
Aplicar as coimas previstas a quem incumpre as restrições da coutada	X	X
Aprisionar infratores e entregá-los às justiças	X	X
Possuir cão e ascuma (para servir nas montarias)	X	X

Legenda – Quadro comparativo das funções dos monteiros, segundo duas cartas de nomeação, datadas de 1377 e 1450. Fontes: HFAC v.1, doc. 152, pp. 141-142, 1377, julho, 8; TT, Chanc. D. Afonso V, L.º 34, fl. 136v, 1450, junho, 16.

Pela leitura do Quadro 4, verifica-se que as funções desempenhadas pelos monteiros podem ser divididas em duas vertentes: a guarda dos espaços coutados, feita diariamente, e o apoio à caça de montaria do rei, efetuada apenas quando o monarca caçava na região que guardavam.

Os oficiais nomeados habitavam (ou pelo menos deviam)⁴²⁸ nos sítios que guardavam⁴²⁹ e estavam incumbidos de vigiar esses mesmos espaços de forma continuada. Em casos de desrespeito das proibições definidas pelo monarca, nos espaços que protegiam, tinham o dever de aplicar as coimas previstas e aprisionar os infratores, se necessário, tal como já verificámos no caso dos monteiros-mores.

Parte das funções que competiam aos monteiros (menores), não diferem muito das incumbências dos monteiros-mores, embora os segundos tivessem um leque de funções mais alargado. Contudo, e contrariamente aos seus superiores, os oficiais menores das montarias tinham a obrigação de possuir uma ascuma e manter um cão, normalmente um sabujo. Esta obrigação, no contexto dos monteiros-mores, só foi encontrada uma vez, tratando-se de uma clara exceção face aos restantes oficiais mores.⁴³⁰ Por oposição, surge frequentemente nas cartas

⁴²⁸ Nem sempre as nomeações de monteiros eram feitas conforme o rei ordenava. Veja-se a “reformulação de um dos capítulos a que a cidade de Coimbra obtivera deferimento”, de 13 de fevereiro de 1444, onde surge uma queixa sobre os monteiros que eram nomeados apenas para usufruírem dos privilégios e sem que servissem a montaria, recebendo o monteiro-mor da montaria 300 reais por cada um que nomeava. A esta queixa o monarca respondeu: “*que o monteiro moor nom faça mais monteiros dos que hordenados foram antigamente E nos lugares honde ssempre foram E sse alguus alem tem factos que lhe nom guardem os priujllegios E o monteiro lhe torne os dinheiros que lhe leuou*”, *Cortes Portuguesas: Reinado de D. Afonso V (Cortes de 1441-1447)*, pp. 277-278.

⁴²⁹ “*que ssejom boons e perteençentes e que morem nas cabeças das matas pera as poderem bem guardar ou em outros lugares onde ell vir que sse mjllhor poderam guardar ssegundo sse ssooe de fazer*”, HFAC v.2, doc. 100, pp. 42-43, 1442, abril, 27.

⁴³⁰ HFAC v.1, doc. 285, pp. 194-196, 1407, abril, 1.

referentes aos monteiros pequenos. A posse de um cão de caça, para servir na montaria, era uma obrigação que, por vezes, se mantinha mesmo depois do oficial ser aposentado.⁴³¹

Esta obrigação, estava intimamente relacionada com a prática da montaria e a importância destes dois elementos, para este tipo de caça, está espelhada no *Livro de Montaria* de D. João I. Para além do termo “azcuma/s” surgir 175 vezes ao longo deste tratado,⁴³² merece ainda um capítulo, em conjunto com a trela, denominado “*Quejandas an de ser a azcuma e a traela*” (L.º 3, Cap. IV).⁴³³ O cão recebe um destaque ainda mais pronunciado e, neste caso, são mais de duas dezenas de capítulos que lhe são dedicados, ou estão diretamente relacionados com os cães de caça.⁴³⁴

O sabujo, em particular, que aparece nas cartas de nomeação e aposentação dos monteiros-oficiais, é mencionado 156 vezes ao longo do tratado.⁴³⁵ Destacamos o capítulo XIV, do *Livro Primeiro*, “*Que falla do ensinamento dos sabuios tambem dos de correr, como de treella, como de achar*”.⁴³⁶ O sabujo era um tipo de cão de caça, com especial apetência para perseguir o rasto das presas⁴³⁷ e o facto dos monarcas requererem aos seus monteiros-oficiais que tivessem sabujos, em detrimento dos alãos, está intimamente relacionado com esta valência.⁴³⁸

⁴³¹ Veja-se, por exemplo, o caso do monteiro João Frade (ID 250) que é aposentado por ser velho e cego de um olho, mas que mesmo assim não fica livre de manter um sabujo para servir o monarca, TT, Chanc. D. Afonso V, L.º 27, fl. 153, 1443, junho, 25.

⁴³² Esta contagem foi feita pela pesquisa dos termos “azcuma” e “azcumas” em: LM, pp. 79-307.

⁴³³ LM, pp. 257-259.

⁴³⁴ L.º 1: capítulos IX, X, XI, XII, XIII, XIV, XXIV; L.º 2: I, II, III, IV, V, VI, VII, VIII, IX, X, XVI; L.º 3: V, VI, VII, X. LM, pp. 308-313.

⁴³⁵ Esta contagem foi feita pela pesquisa dos termos “sabujo”, “sabuiio”, “sabuios” em: LM, pp. 88-294.

⁴³⁶ LM, pp. 119-126.

⁴³⁷ ESPÍ FORCÉN, Carlos, “El sabueso medieval. Fuentes e iconografía desde su origen hasta los tratados cinegéticos del siglo XIV”, *Boletín de Arte-UMA*, 40 (2019), p. 123.

⁴³⁸ Apesar de D. João I referir “que os alaãos son a mays linda casta de caães que todallas outras que Deus fez e nós conhescemos” (LM, p. 115) e deste cão ser o mais referido ao longo de todo o tratado, as suas apetências eram bastante distintas das que tinha o sabujo. Enquanto o sabujo “servia para procurar (buscar) o porco pelo rasto”, o alão servia “para tomar (filhar) o porco”, PEREIRA, Francisco Esteves, “Introdução”, in *Livro da montaria...*, p. LVII.

Quadro 5 - Privilégios dos monteiros (séculos XIV e XV)

Privilégios	1377	1450
Isento de dar pousada na sua morada e os seus bens contra sua vontade	x	x
Isenção de pagamentos (p/ex: fintas, talhas, anúduva, jugada)	x	x
Livre de transportar presos	x	x
Livre de transportar dinheiro		x
Escusado de encargos concelhios	x	x
Livre de ir a chamado, de galés ou fronteira (salvo se fosse com o rei, ou pertencesse aos besteiros do conto ou às vintenas de mar)	x	x
Autorização para transportar armas na circunscrição que protege (salvo se as usar indevidamente)		x

Legenda - Quadro comparativo dos privilégios dos monteiros, segundo duas cartas de nomeação, datadas de 1377 e 1450. Fontes: HFAC v.1, doc. 152, pp. 141-142, 1377, julho, 8; TT, Chanc. D. Afonso V, L.º 34, fl. 136v, 1450, junho, 16.

Tal como referimos no início deste capítulo, e a par das funções e obrigações dos monteiros, os privilégios ter-se-ão mantido, grosso modo, os mesmos, desde o reinado de D. Fernando até ao final do de D. Afonso V. Esta ideia é, ainda, confirmada pela análise disposta no Quadro 5.

De uma forma geral, todos os privilégios que identificámos já tinham sido detetados para o caso dos monteiros-mores, configurando, certamente, um formulário comum nos finais da Idade Média. As únicas isenções identificadas nos oficiais mores e que não constam no caso dos monteiros (pequenos) são: usufruir das "custas de cavaleiro" em demandas judiciais que vencessem; não ser tutor nem curador de nenhuma pessoa; ou receber "mantimento e vestir".⁴³⁹

A questão do transporte de armas não surge da mesma forma nos dois documentos aqui analisados, tal como sucedeu no caso dos monteiro-mores. De qualquer modo, tal como concluímos no ponto 2.3.1, este privilégio seria atribuído mediante pedido ao monarca.

⁴³⁹ Ver quadro 2, sobre os privilégios dos monteiros-mores.

2.4.2 Desempenho de funções

Para além da compreensão do cargo que os monteiros desempenhavam, importa perceber quem eram os indivíduos que exerciam esta função. Assim, utilizamos os dados biográficos recolhidos com o intuito de caracterizar os ocupantes deste cargo.

Apenas se consegue perceber a idade dos indivíduos nomeados em 13 casos, uma vez que a documentação utilizada não fornece, diretamente, esse dado. Estes valores só foram percebidos para os monteiros que reuniram três informações em simultâneo, salvo em raras exceções: (1) a indicação da data de nomeação, (2) a data de aposentação e, ao mesmo tempo, (3) a informação da idade com que se retiraram do cargo. Os resultados desta recolha foram compendiados no Quadro 6 - Idade dos monteiros no momento da sua nomeação, apresentado em seguida.

Quadro 6 - Idade dos monteiros no momento da sua nomeação

Nº identificador (ID)	Idade (anos)
37	48
44	25
78	50
187	39
233	30
441	48
450	46
454	40
525	45
526	43
528	45
594	45
695	67
Média da idade	43,9

Legenda: Listagem das idades dos monteiros, no momento da sua nomeação, que conseguimos apurar (século XV). Fonte: A2, A3, A4, A5, A6, A7, A8, A9, A10, A11, A12, no Anexo 1- Quadros de base prosopográfica.

Os resultados provenientes desta pequena amostra demonstram que, regra geral, os indivíduos nomeados eram homens entre os 40 e 50 anos de idade. Fora deste grupo, apenas

identificámos quatro monteiros, sendo que três deles tinham uma idade inferior (25, 30, 39 anos) e o outro uma idade muito superior (67 anos), sendo que, este último, terá sido uma verdadeira exceção à época. Desta forma, eram indivíduos maioritariamente pertencentes à *mancebia*, se se seguir as divisões estabelecidas por D. Duarte no *Leal Conselheiro*, tal como destaca A. H. Oliveira de Marques.⁴⁴⁰

A idade de aposentação era, por norma, a dos 70 anos de idade. Esta era a idade estipulada para a aposentação dos monteiros régios, tal como vem explícito nas *Ordenações Afonsinas*: “*se alguí Monteiro das Comarcas era velho, e em hidade de settenta annos, o Monteiro Moor ho apousentava*”.⁴⁴¹ Contudo, também há registo de exceções a esta norma, tendo sido igualmente possível identificar monteiros registados com idades superiores.⁴⁴²

Não deixamos de destacar que os dados relativos às idades destes indivíduos provêm, sobretudo, do registo que era feito nas cartas de aposentação dos mesmos, sendo que a idade neles constante era a que cada monteiro alegava ter. Ainda que, normalmente, fosse destacado na carta que as alegações do monteiro, que o levavam a ser aposentado, eram confirmadas pelo monteiro-mor do reino, nada nos garante que estas fossem verdadeiras.⁴⁴³ É até possível que o próprio indivíduo, que requeria aposentação, não tivesse certezas quanto à sua idade.⁴⁴⁴ De qualquer modo, utilizamos os dados, ainda que cientes da fragilidade dos mesmos, por se afigurarem a melhor aproximação que temos para estudar este tópico.

Um outro aspeto que também importa abordar é a duração do exercício de funções dos monteiros régios. Para este fim reunimos os oficiais para os quais conseguimos datar o início e fim do exercício de funções, cujos dados, surgem compilados no Quadro A17 – Tempo no exercício de funções (monteiros menores), no Anexo 2, e nos permitiram construir a figura 8 apresentada em seguida.

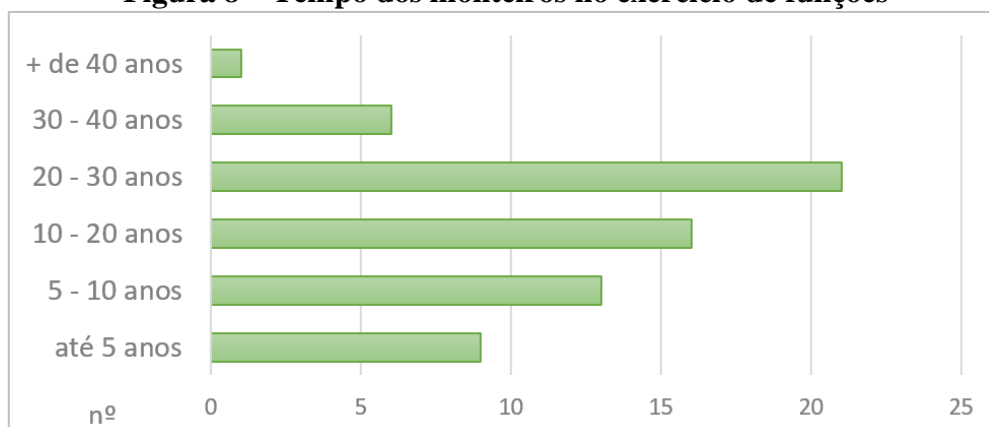
⁴⁴⁰ Sobre as fases da vida segundo a perceção medieval veja-se: MARQUES, A. H. de Oliveira, *A Sociedade Medieval...*, pp. 249-250.

⁴⁴¹ Ord. Af. L.º1, p. 401.

⁴⁴² Veja-se os casos de Gil Aires (ID 82), Rodrigo Álvares (ID 393), João Lopes (ID 396), Estêvão Domingues (ID 448), Afonso Gonçalves (ID 591), nos quadros prosopográficos, no Anexo 1.

⁴⁴³ “*monteiro pousado porquanto foy çerto o dicto Sñor per Nuno Vaaz seu monteiro mor que era muito velho e camsado*”, TT, Chanc. D. Afonso V, L.º 36, fl. 91v, 1458, agosto, 5.

⁴⁴⁴ Apesar de não servir como prova irrefutável, veja-se o caso de Jorge Fernandes (ID 617) que surge, na carta da sua aposentação, de 18 de fevereiro de 1473, como tendo 70 anos de idade, mas na carta de nomeação do seu sucessor para o cargo, datada do mesmo dia, vem referido que tinha 80 anos de idade. Não foi possível apurar onde terá surgido o erro, mas é certo que os valores não coincidem.

Figura 8 – Tempo dos monteiros no exercício de funções

Legenda – Tempo dos monteiros exercício de funções (séculos XIV-XV). Fonte: Quadro A17 – Tempo no exercício de funções (monteiros menores), no Anexo 2.

Pela leitura dos resultados, provenientes desta amostragem, percebemos que o mais comum era que estes oficiais servissem entre 20 e 30 anos, sendo que não era incomum exercerem entre 10 e 20 anos ou, até, entre 5 e 10 anos. Apenas estes três períodos resultaram num total em 76% dos casos.

Menos comuns eram aqueles que se mantinham no cargo entre 30 e 40 anos, período que apenas reuniu cerca de 9% dos oficiais. Destaca-se, sobretudo, um monteiro que serviu durante 45 anos. Este foi nomeado por D. João I, quando teria apenas 25 anos de idade, e atravessou o reinado de D. Duarte, o período de regência do Infante D. Pedro e foi, ainda, confirmado por D. Afonso V, que o aposentou em 1450 por ter atingido os 70 anos de idade.⁴⁴⁵ Uma carreira, certamente, pouco comum, atendendo aos restantes percursos identificados.

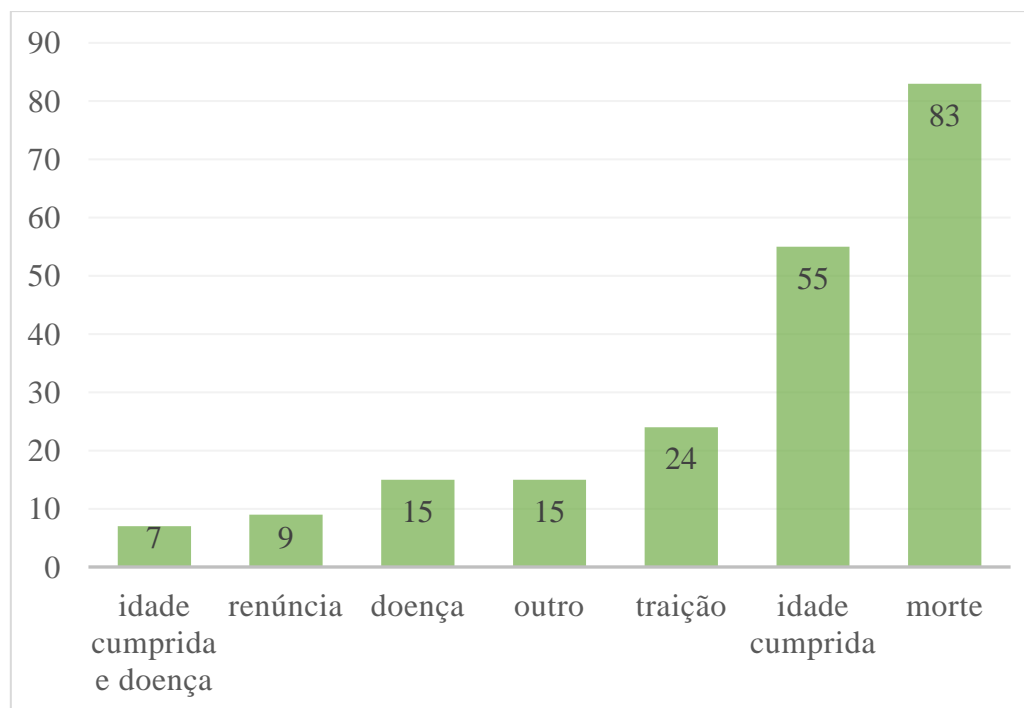
Também se observa que, cerca de 14% dos oficiais, exerceram durante um período inferior aos 5 anos. Estes casos não eram usuais, mas, ainda assim, adquirem uma expressão algo considerável. Isto deve-se, em boa parte, à morte prematura destes oficiais, pouco depois de terem sido nomeados, razão identificada para mais de metade dos monteiros que serviram menos de 5 anos. De realçar, ainda, o caso em particular de Álvaro Pires Rabaldo que exerceu durante pouco mais de 3 anos porque estaria, alegadamente, muito doente haveria quatro anos.⁴⁴⁶

⁴⁴⁵ Sobre este monteiro ver: Rodrigo Anes, ID 44, no Anexo 1.

⁴⁴⁶ O percurso deste monteiro é bastante peculiar, uma vez que foi nomeado em agosto de 1440, não sendo apresentada qualquer situação irregular relativamente à sua saúde. Contudo, em janeiro de 1444, cerca de 3 anos e 5 meses mais tarde, este é aposentado e os motivos que alega são: “*he velho e cansado e muyto doente de tal doença que vay em quatro anos que nunca foy saao*”, TT, Chanc. D. Afonso V, L.º 24, fl. 1v, 1444, janeiro, 9. No seguimento desta carta o monarca refere que foi tirada uma inquirição para se apurar a verdade e conclui que este

Um dos dados mais relevantes que foi possível apurar, em parte dos monteiros que os monarcas aposentaram, foi o motivo que os levou ao término de funções. As diferentes causas da aposentação ou afastamento destes oficiais régios foram agrupadas em sete categorias, conforme disposto na Figura 9 – Motivações para o término de funções dos monteiros, apresentada em seguida. A amostra considera 208 monteiros.

Figura 9 – Motivações para o término de funções dos monteiros



Legenda – Contabilização das motivações que levaram os monteiros ao término de funções. Fonte: A2, A3, A4, A5, A6, A7, A8, A9, A10, A11, A12, no Anexo 1- Quadros de base prosopográfica.

O fator mais recorrente foi a morte dos oficiais, que fez praticamente 40% dos casos identificados. Poder-se-ia considerar que isto resulta da idade avançada com que muitos indivíduos ingressavam no cargo.⁴⁴⁷ No entanto, o facto de uma parte muito considerável dos oficiais deixar o cargo por ter atingido a idade de aposentação (70 anos), leva-nos a crer que existia uma grande mortalidade, entre aqueles que exerciam nas montarias régias, que podia não estar, necessariamente, relacionada com a idade destes homens. Veja-se, ainda, que o motivo mais frequente que levou ao término de funções, daqueles que não chegaram a exercer durante 5 anos, foi a morte, tal como vimos anteriormente neste subcapítulo.

monteiro pode ser aposentado. Sobre este monteiro veja-se a biografia de Álvaro Pires Rabaldo (ID 571), no Anexo 1.

⁴⁴⁷ Sobre isto ver o Quadro 6 - Idade dos monteiros no momento da sua nomeação, no início deste ponto.

Em seguida detetámos 55 oficiais que deixaram de exercer por terem atingido 70 anos de idade. Dado que a idade de aposentação já foi abordada neste ponto, limitamo-nos a interpretar o valor total de casos e o que eles representam quando comparadas com as restantes motivações. Efetivamente, através desta amostragem, percebemos que cerca de 26% dos monteiros chegava a uma idade consideravelmente avançada, tendo em conta a conceção da época.⁴⁴⁸

Para além do falecimento e da idade de aposentação, motivos que totalizam cerca de 2/3 de todos os casos, existem outras razões que, apesar de menos frequentes, são de uma enorme relevância. A traição ao monarca figura como o terceiro fator mais comum. Todos estes casos resultaram da Batalha de Alfarrobeira, tendo sido privados do cargo muitos dos monteiros que acompanharam o Infante D. Pedro, em oposição à hoste de D. Afonso V. Recontro que aconteceu a 20 de maio de 1449 e resultou na derrota do Infante, e na sua própria morte.⁴⁴⁹

Tendo em conta que eram oficiais régios e que tinham, inclusivamente, a incumbência de acompanhar a hoste régia,⁴⁵⁰ é normal que tenham sido privados do cargo aqueles que afrontaram o monarca. Ainda assim, registaram-se algumas exceções. Vários monteiros foram perdoados e, conseqüentemente, nomeados ou confirmados como monteiros, embora tivessem tomado o partido do Infante.⁴⁵¹ Outros acabaram por ser afastados, apenas temporariamente, voltando pouco depois a exercer na montaria.⁴⁵² Poder-se-á, ainda, realçar o caso de Fernando Esteves Romeu cujo cargo de monteiro foi confirmado por se ter provado que este tinha acompanhado o exército do Infante por ter sido constrangido para tal.⁴⁵³

Os monteiros identificados no contexto desta batalha eram pertencentes às montarias de Botão (ou Coimbra), Montemor-o-Velho, Terra de Santa Maria e, alguns deles, integrariam a

⁴⁴⁸ Destacamos, novamente, no contexto do que referiu D. Duarte acerca das fases da vida consoante a idade, que entre os 50 e 70 anos os indivíduos eram considerados velhos e que entre os 70 e os 80 entravam no patamar do *senyum*, restando depois disso apenas a *decrepitude*, MARQUES, A. H. de Oliveira, *A Sociedade Medieval...*, p. 249.

⁴⁴⁹ Acerca dos intervenientes na Batalha de Alfarrobeira ver: MORENO, Humberto Baquero, *A batalha de...* Recorde-se o caso já referido do monteiro-mor do reino, Gil Martins de Outel, cujo afastamento também se deveu à traição ao rei. Nesse caso terá fugido da Batalha de Aljubarrota, não integrando a hoste de D. João I. Acerca deste assunto, veja-se o que escrevemos no ponto 2.2.2.

⁴⁵⁰ Sobre esta e outras incumbências ver Quadro 4, no ponto 2.4.1.

⁴⁵¹ Veja-se os casos dos seguintes monteiros (ID's): 367; 649; 681; 558; 559; 564; 182; 184; 360; 361; 363; 366; 350;

⁴⁵² Veja-se os casos dos seguintes monteiros (ID): 686; 148; 187.

⁴⁵³ Acerca de Fernando Esteves Romeu veja-se (ID): 674.

futura montaria de Penela. Isto porque, estas montarias integravam, pelo menos em parte, a região de maior influência do Infante D. Pedro, o Ducado de Coimbra.⁴⁵⁴

A quarta motivação mais comum está relacionada com a saúde dos oficiais. Este tópico foi identificado 15 vezes, a par do grupo que se denominou “outros”. Este último, por ser composto por fatores de diferente índole, será deixado para o final desta análise. Aos casos de doença que agora analisamos, identificados de forma isolada, acrescentamos também aqueles que surgiram associados à idade cumprida (70 anos), apresentados na Figura 9 – Motivações para o término de funções dos monteiros, em separado.

As descrições mais comuns apenas identificam, genericamente, que o monteiro é doente ou sofre de dores, sem desenvolver de forma mais detalhada a doença de que sofria.⁴⁵⁵ Contudo, há descrições mais minuciosas. Os problemas relacionados com a cegueira foram os mais identificados. Na maior parte dos casos os indivíduos alegam ser cegos, problema que, forçosamente, os impedia de servir.⁴⁵⁶ No caso do monteiro João Frade surge uma descrição mais detalhada: “*porquanto fomos certo per Nuno Vasquez de Castell Branco nosso monteiro moor que vio o dicto Joham Frade per pessoa velho e cego de huu olho que perdeo em sendo nosso monteiro e guardador da nossa mata*”.⁴⁵⁷

Esta descrição realça os perigos das funções dos monteiros. Estes eram, por um lado, vigilantes de um espaço natural, com incumbências de o policiar, com todos os perigos que isso implica e, por outro, ajudantes da caça de montaria que também pressupunha, naturalmente, diversos perigos.⁴⁵⁸ É neste contexto que devemos entender as várias menções a monteiros que são aposentados por serem aleijados,⁴⁵⁹ ou terem partido um braço ou uma perna.⁴⁶⁰ É necessário perceber que, nestes casos, estes indivíduos podiam passar anos a recuperar das

⁴⁵⁴ Acerca disto ver: MORENO, Humberto Baquero, “O Infante D. Pedro e o Ducado de Coimbra”, *Revista de História*, 5 (1983-1984), pp. 27-52.

⁴⁵⁵ Veja-se os seguintes casos (ID): 57; 147; 248; 545; 571; 699.

⁴⁵⁶ Veja-se os seguintes casos (ID): 182; 250; 396; 400; 530; 591.

⁴⁵⁷ TT, Chanc. D. Afonso V, L.º 27, fl. 153, 1443, junho, 15, cuja transcrição consta, no Anexo 3 – *Corpus Documental*, no documento 6. Sobre João Frade ver (ID): 250.

⁴⁵⁸ A caça de montaria apresentava sérios perigos, sobretudo por serem perseguidos animais selvagens de grande porte, como o urso ou o javali. Sobre os perigos da caça de montaria Francisco Esteves Pereira destaca alguns eventos que as fontes preservaram e que, embora possam estar envoltos de algum misticismo, não deixam de realçar os vários perigos que a caça de animais bravios configurava; PEREIRA, Francisco Esteves, “Introdução”, in *Livro da montaria...*, pp. XXXIX-XLI. Aos danos que estes perigos podiam causar, aos monteiros, D. João I chama, no Livro da Montaria, *cajões* (palavra que José A. Buceta traduz, para castelhano, como: “*daño, desgracia, mal*”, LM, p. 315). Destacamos, numa destas referências de D. João I, o seguinte excerto: “*e polla mingoa de o bem non saberem fazer, muytas uezes recebem cajões de feridas, as quaes algũas uezes son taaes que os faz tolher das pernas e dos braços ou os faz morrer dellas*”, LM, p. 240.

⁴⁵⁹ Veja-se os seguintes casos (ID): 69; 90; 574.

⁴⁶⁰ Veja-se os seguintes casos (ID): 72; 205; 374; 536.

lesões e o monteiro Álvaro Martins é exemplo disso: “*poussado por quanto he aleijado de huua perna que lhe quebrou passa de huum ano e he em tall ponto que nom pode servir como ja servio em vimte e sete annos*”.⁴⁶¹

Uma doença que foi possível detetar é a gota. Esta foi, por exemplo, mencionada na carta de aposentação de João Cunqueiro que: “*he adorado de gota e iso mesmo he per muitas vezes inchado e quebrado e tambem adorado de outras dores per tall guisa que muitas vezes nom handa senom em dous paaos*”.⁴⁶²

Outro caso onde se identifica a gota e uma outra doença, denominada reira, é o de Álvaro Dias.⁴⁶³ A somar a estes problemas, este monteiro sofria ainda de problemas de visão: “*damollo daquy en diante por nosso monteiro apousentado por quanto se provou per huua inqueriçom (...) que o dicto Alvaro Diaz he adorado de dor de rreira e gotosso das pernas e braaços e tall da vista que nom pode bem veer de tal guisa que o mais do tempo do anno jaz em cama*”.⁴⁶⁴

Para finalizar esta temática relativa às doenças destacamos, ainda, a descrição feita sobre a condição em que se encontrava Lourenço Anes no momento da sua aposentação: “*o quall Lourenço Annes he ja muito velho e cansado e a dous anos que he entrevado que se nom alevanta*”.⁴⁶⁵

Para além destas motivações como a morte, doença ou idade de serviço cumprida que, de certa forma, forçavam o término de funções, também detetámos situações em que os próprios monteiros renunciaram ao cargo. Este fator representou uma pequena fração dos casos (cerca de 4%) e, em boa parte deles, não foi possível apurar qual o motivo que levava à renúncia destes oficiais.⁴⁶⁶ Ainda assim, foi perceptível que duas das renúncias se deveram à mudança do local de morada dos oficiais régios, fator que os impedia de continuarem a exercer na montaria.⁴⁶⁷ A alegada idade avançada e a falta de capacidade para servir, foram também motivos que levaram monteiros a renunciar aos seus cargos.⁴⁶⁸

⁴⁶¹ TT, Chanc. D. Afonso V, L.º 11, fl. 79v, 1451, maio, 31, cuja transcrição consta, no Anexo 3 – *Corpus Documental*, no documento 15.

⁴⁶² TT, Chanc. D. Afonso V, L.º 13, fl. 69, 1450, novembro, 20, cuja transcrição consta, no Anexo 3 – *Corpus Documental*, no documento 14. Sobre João Cunqueiro ver (ID): 75.

⁴⁶³ Sobre Álvaro Dias ver (ID): 51.

⁴⁶⁴ TT, Chanc. D. Afonso V, L.º 15, fl. 6v, 1455, fevereiro, 6.

⁴⁶⁵ TT, Chanc. D. Afonso V, L.º 24, fl. 69v, 1444, maio, 27. Sobre Lourenço Anes (ID): 589.

⁴⁶⁶ Vejam-se os casos dos monteiros (ID): 49; 391; 394; 455; 461; 684.

⁴⁶⁷ Vejam-se os casos dos monteiros (ID): 38; 321.

⁴⁶⁸ Vejam-se os casos dos monteiros (ID): 241; 684.

Para finalizar este tópico, falta apenas referir os casos que se incluem no campo “outros”, onde reunimos diversas motivações que não encaixavam nos restantes grupos. Neste ponto destaca-se o monteiro Fernão Gonçalves *Saira* que deixou de exercer na montaria por se ter tornado besteiro de cavalo,⁴⁶⁹ Afonso Anes(2) que foi substituído por se ter tornado moleiro,⁴⁷⁰ ou os casos de Fernão Rodrigues(2) e Estêvão Anes Portocarreiro que foram aposentados, mantendo os seus privilégios, embora não tivessem atingido a idade de 70 anos.⁴⁷¹

Além destes, importará destacar aqueles que foram retirados do cargo a pedido de outrem. São os casos de João Anes, aposentado por requerimento de D. Isabel de Sousa,⁴⁷² e de Gonçalo Vasques Almardeiro, a pedido da condessa de Vila Real, D. Beatriz.⁴⁷³

Por último expomos, ainda dentro da categoria “outros”, aqueles que deixaram de exercer por terem ascendido à posição de vassalos régios.⁴⁷⁴ Efetivamente, nenhum dos monteiros (menores) identificado, surgiu referido como cavaleiro, vassalo ou escudeiro régio – tal como foi detetado no caso dos monteiros-mores – pelos menos, enquanto exercia a função de monteiro.⁴⁷⁵ No entanto, 23 dos monteiros identificados detinham outra ocupação. Embora tenham sido raras referências como essas, tendo em conta que provêm de um universo de 686 monteiros (menores) identificados, não deixam de ser relevantes, uma vez que demonstram a grande variedade de mesteres a que estes oficiais se poderiam dedicar, enquanto exerciam na montaria. Apresenta-se, em seguida, no Quadro 7 – Ocupação/posição social dos monteiros (séculos XIV-XV), os diferentes ofícios por eles desempenhados.

⁴⁶⁹ Sobre Fernão Gonçalves *Saira* ver ID 272.

⁴⁷⁰ Sobre Afonso Anes(2) ver ID 179.

⁴⁷¹ Sobre estes ver (ID): 224; 549.

⁴⁷² “*apousentado per nossa carta a requerrimento de Dona Isabell de Sousa que no llo por elle pedio*”, TT, Chanc. D. Afonso V, L.º 28, fl. 99, 1469, abril, 11.

⁴⁷³ Sobres estes monteiros ver (ID): 86; 567.

⁴⁷⁴ Para este caso ver (ID): 50; 136; 239; 244; 605.

⁴⁷⁵ Sobre outras ocupações ou posições sociais, no contexto dos monteiros-mores, veja-se o Quadro 3 – Ocupação/posição social dos monteiros-mores (séculos XIII-XV), no ponto 2.3.2.

Quadro 7 – Ocupação/posição social dos monteiros (séculos XIV-XV)

Ocupação/posição social	nº de vezes identificado
alfaiate	1
almocreve	1
almuinheiro	1
barbeiro	1
calafate	1
carniceiro	1
carpinteiro	1
coelheiro	1
cordoeiro	1
criados	6
ferrador	1
lavrador	3
oleiro	1
sapateiro	2
tecelão	1

Legenda – Contabilização das ocupações/posições sociais dos monteiros nos séculos XIV-XV. Fonte: A2, A3, A4, A5, A6, A7, A8, A9, A10, A11, A12, no Anexo 1- Quadros de base prosopográfica.

Para concluir este subcapítulo, onde procuramos caracterizar os indivíduos que ocuparam o cargo de monteiro, importa ressaltar alguns dados relativos às ligações familiares que estes tinham entre si. Do conjunto total de monteiros, foi possível identificar 41 casos em que o monteiro nomeado tinha algum laço familiar com outro monteiro. Essa ligação de parentesco existia, mormente, em relação àquele que substituíra no desempenho da função. Apesar destes casos não terem uma grande expressão numérica, no universo de monteiros estudados, devemos ter em conta que apenas foram considerados aqueles para os quais é referido de forma explícita a ligação familiar. Muitos outros poderiam ter relações familiares a outros monteiros, sem que isso fosse referido nas suas cartas de nomeação ou aposentação, mas por falta de uma menção a comprová-lo não os contabilizámos.⁴⁷⁶

Não nos parece estranho que existisse uma sucessão familiar no seio dos oficiais de montaria. No entanto, não equiparamos essa prática à sucessão hierárquica e primogénita identificada nos monteiros-mores do reino, por estarem em planos sociais antagónicos e não

⁴⁷⁶ Veja-se, por exemplo, o caso de Gil Martins (ID 83) que não foi considerado familiar de nenhum outro monteiro, mas que teria, quase certamente, laços familiares com outros monteiros. Este terá sido nomeado, a 19 de junho de 1455, em substituição de Pedro Anes Alvão (ID 48) e vem identificado como filho de Martim Alvão que, embora não fosse monteiro, seria, muito provavelmente, familiar do monteiro que substituíra. O próprio Pedro Anes Alvão (ID 48) já tinha sucedido a João Alvão (ID 21) mencionado como seu pai.

terem, certamente, as mesmas motivações. Neste caso, dos monteiros (pequenos), esta sucessão deverá estar intimamente ligada à transmissão do conhecimento e das práticas relacionadas com o meio natural selvagem.

Quadro 8 – Quantificação das ligações de parentesco entre monteiros (séculos XIV-XV)

Ligações familiares de monteiros nomeados	nº
filho de monteiro	39
neto de monteiro	1
sobrinho de monteiro	1
total	41

Legenda – Quantificação das ligações de parentesco entre monteiros, nos séculos XIV e XV. Fonte: A2, A3, A4, A5, A6, A7, A8, A9, A10, A11, A12, no Anexo 1- Quadros de base prosopográfica.

2.5 Monteiros de cavalo

No desenrolar da pesquisa sobre monteiros conseguiu-se identificar apenas três monteiros de cavalo. Estes indivíduos, embora fossem monteiros, não integravam o conjunto de oficiais encarregues de proteger as montarias, nem surgiram associados, em qualquer documento, a uma mata coutada pelo rei para a prática da caça de montaria. Pelo que se conseguiu apurar, estes pertenciam ao grupo dos monteiros da corte régia, já tratados no ponto 1.1.2, embora não deixassem de estar hierarquicamente subjugados ao poder do monteiro-mor do reino.⁴⁷⁷ A existência de monteiros de cavalo remonta, pelo menos, ao reinado de D. Afonso III⁴⁷⁸ e as *Ordenações Afonsinas* voltam a comprovar a sua existência.⁴⁷⁹ Sublinhe-se que estes não eram oficiais, mas sim servidores do rei, à semelhança dos moços de caça que acompanhavam a Corte. Apesar disso, estes não seriam de baixa condição social, muito pelo contrário, e, tal como veremos nos seus percursos, seria natural que acabassem por assumir funções dentro do oficialato régio.

Só em meados do século XV se consegue identificar um indivíduo no desempenho desta função. O monteiro de cavalo João de Avis⁴⁸⁰ surge mencionado, a 30 de janeiro de 1450, recebendo os bens confiscados de João de Lisboa e João Martins, moradores em Esgueira, que tinham acompanhado o Infante D. Pedro na Batalha de Alfarrobeira.⁴⁸¹ É possível que tenha acedido a um oficialato régio, neste caso o de monteiro-mor de Santarém.⁴⁸² Não é certo que as duas referências remetam para o mesmo indivíduo, mas não podemos deixar de assinalar essa possibilidade. Tal como veremos no caso de João da Póvoa e Rui Pires era normal que os monteiros de cavalo, que acompanhavam a comitiva do monarca, acabassem por assumir um determinado cargo no oficialato régio.

No caso de João da Póvoa⁴⁸³ foi encontrada a primeira menção numa carta de perdão, datada de 24 de julho de 1476, estando já identificado como monteiro de cavalo.⁴⁸⁴ Neste documento, entende-se que João da Póvoa foi perdoado pela justiça régia, por ter agredido e cortado o cabelo a Catarina Lourenço, mulher de Gonçalo Pires, moradores em Almeirim. Esta

⁴⁷⁷ Sobre a hierarquia entre monteiros régios ver o ponto 2.1.

⁴⁷⁸ Tal como já analisámos no ponto 1.1.2, foi possível detetar a primeira referência ao monteiro de cavalo no Regimentos da Casa Real de D. Afonso III, de 1258. PMH LEGES v.1 f.2, p. 198, 1258, abril, 11.

⁴⁷⁹ Ord. Af. L.º 1, pp. 398-402.

⁴⁸⁰ Sobre João de Avis ver (ID): 722.

⁴⁸¹ TT, LN, Estremadura, L.º 8, fl.199v, 1450, janeiro, 30.

⁴⁸² *Livro do Tombo...*, doc. 53, pp. 89-90, 1473, setembro, 19.

⁴⁸³ Sobre João da Póvoa ver (ID): 723.

⁴⁸⁴ HFAC v.2, doc. 602, pp. 202-203, 1476, julho, 24.

escusa surgia depois dos querelosos o perdoarem, ficando a dever-se também aos serviços prestados na guerra, em Castela.

É novamente referido, mantendo a denominação de monteiro de cavalo, a 11 de abril de 1481, quando recebe o cargo de couteiro da coutada régia de Almeirim, em substituição de Afonso de Matos, cavaleiro régio.⁴⁸⁵ Este exercício do cargo de couteiro garantia-lhe, tal como ao seu antecessor, um pagamento anual de 1000 reais e um moio de trigo.

Poder-se-ia admitir que a coutada de Almeirim era um espaço que João da Póvoa estava encarregue de guardar, não apenas como couteiro, mas também como monteiro. No entanto, este espaço não consta na lista das matas pertencentes à montaria de Santarém, ou de qualquer outra. A isto, acresce o facto de este mesmo espaço estar entregue, a 1 de abril de 1473, à guarda do couteiro Afonso de Matos,⁴⁸⁶ a quem João da Póvoa sucede em 1481.⁴⁸⁷ Era, sem qualquer dúvida, uma coutada de couteiro, não estando destinada a ser uma reserva de montaria.

O terceiro monteiro de cavalo que se documenta é Rui Pires, que pudemos encontrar numa carta, de 18 de janeiro de 1470, em que é nomeado para o cargo de porteiro dos contos da casa régia. Nesta carta é referido: “*Ruy Pirez que foy nosso monteiro de cavallo que bem e fiellmente nos servira*”.⁴⁸⁸ Terá sido, portanto, monteiro de cavalo de D. Afonso V, por tempo indefinido, num período anterior a 1470.

⁴⁸⁵ TT, Chanc. D. Afonso V, L.º 26, fl. 140, 1481, abril, 11.

⁴⁸⁶ O caso de Afonso de Matos é deveras intrigante. Este surge numa carta de legitimação, datada de 7 de junho de 1471, como cavaleiro da casa do rei. (TT, LN, Livro 2 de Legitimações, fls.179-179v, 1471, junho, 7). Cerca de dois anos mais tarde, a 1 de abril de 1473, volta surgir – como cavaleiro da casa do rei e couteiro da coutada de Almeirim – recebendo do rei uma tença anual de 11796 reais, a partir daquele ano, acrescentando ao que já recebia de sua moradia (TT, Chanc. D. Afonso V, L.º 33, fl. 94, 1473, abril, 1). Em 1481 é substituído por João da Póvoa no cargo de couteiro de Almeirim, perdendo os direitos e privilégios que lhe estão afetos, sendo referido que “*o ora tiramos e nom quessemos que o mais rreceba por allguas razoes que nos a ello moverom*” (TT, Chanc. D. Afonso V, L.º 26, fl. 140, 1481, abril, 11).

⁴⁸⁷ TT, Chanc. D. Afonso V, L.º 33, fl. 94, 1473, abril, 1.

⁴⁸⁸ TT, Chanc. D. Afonso V, L.º 31, fl. 146v, 1470, janeiro, 18.

3 Montarias régias

Os espaços que os monarcas portugueses coutaram para a prática da montaria, entre os reinados de D. Dinis e D. Afonso V, eram especialmente localizados nos territórios da antiga comarca da *Estremadura*, mas também em parte do *Além-Tejo*, devendo destacar-se, neste ponto, as terras de caça da chamada *Coutada Velha*, delimitada em 1435.⁴⁸⁹

No período histórico considerado existiu, aparentemente, um aumento do número das coutadas. Destaca-se, também, que a progressiva organização dos oficiais responsáveis pela sua proteção, parece ser um indicador da crescente importância que estes espaços tinham para a coroa. Assim, dedica-se este terceiro capítulo a uma breve caracterização montarias régias que existiram no Portugal medievo.

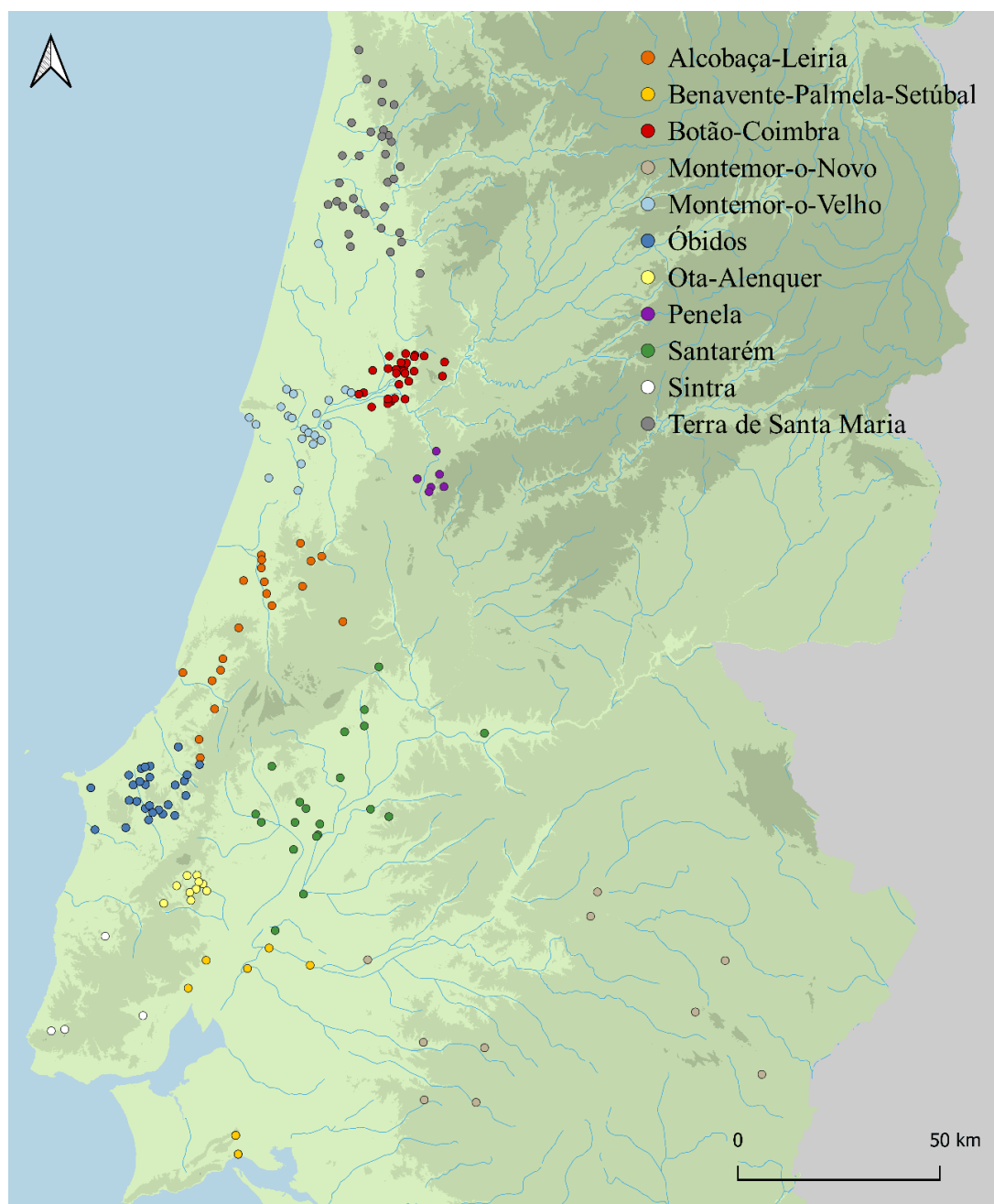
Tendo em conta que os monteiros (menores) residiam muito próximo das áreas que guardavam,⁴⁹⁰ cartografámos os seus lugares de residência, informação esta recolhida para a construção das notas biográficas de cada monteiro, com o intuito de criar uma aproximação das montarias régias nos séculos XIV e XV.⁴⁹¹ O mapa é apresentado, em seguida, na figura 10.⁴⁹²

⁴⁸⁹ Sobre a *Coutada Velha* ver ponto 1.3.2. As Comarcas a que nos referimos estão de acordo com a divisão proposta por A. H. Oliveira Marques: MARQUES, A. H. de Oliveira, “O Estado e as Relações Diplomáticas”, in SERRÃO, Joel, MARQUES, A. H. de Oliveira, (dir.), *Nova História de Portugal, v.4: Portugal na Crise dos séculos XIV e XV*, Lisboa, Editorial Presença, 1987, p. 297.

⁴⁹⁰ Assunto já desenvolvido no ponto 2.4.1 Funções e privilégios. Veja-se, também, que nos capítulos gerais das Cortes de Santarém, em 1441, era referido que os monteiros estavam obrigados a morar, no máximo, até uma légua de distância das matas que guardavam, SOUSA, Armindo de, *As cortes medievais portuguesas (1385-1490)*, v.2, Porto, Instituto Nacional de Investigação Científica, Centro de História da Universidade do Porto, 1990, p. 344. Segundo Oliveira Marques as léguas variavam entre 1125 metros e 4500 metros: SERRÃO, Joel (dir.), *Dicionário de História...* v.5, p. 68.

⁴⁹¹ Ao longo deste capítulo utilizaremos recortes ampliados desta cartografia, com o intuito de auxiliar o processo de leitura e compreensão dos espaços em questão.

⁴⁹² Para a leitura do mapa em questão é necessário destacar alguns aspetos. Em primeiro lugar, realçamos que este não configura a distribuição das matas coutadas pelos monarcas, mas sim dos locais onde foram identificadas residências de monteiros (menores). Também é essencial referir que apenas foram considerados os monteiros que exerceram nos séculos XIV e XV (praticamente todos os que identificámos), de modo a não estender em demasia a cronologia representada sobre o mesmo plano. Ponderámos dividir os oficiais destes dois séculos, em duas cartografias distintas, mas concluímos que isso não traria qualquer benefício na interpretação dos dados, pelos seguintes motivos: 1) os locais de morada repetem-se, grosso modo, nos dois séculos; 2) a maior parte dos monteiros foi identificada no século XV, mas já exercia em reinados anteriores; 3) estes oficiais estavam em funções durante várias décadas atravessando a viragem do século, ou novas coroações. Estes motivos resultaram na construção de um mapa que abrange moradas de oficiais dos séculos XIV e XV, sendo necessária alguma precaução na leitura do mesmo. Destacamos, por exemplo, a montaria de Penela que surgiu apenas em meados do século XV. Para finalizar, importa referir que equacionámos a possibilidade de cartografar as coutadas identificadas em cada uma das montarias, num estudo semelhante ao que Nicole Devy-Vareta levou a cabo, para a região de Óbidos, mas tal não foi possível. Apesar da irrefutável relevância desse estudo, as centenas de coutadas identificadas apenas poderiam ser cartografadas através de uma profunda análise da toponímia (e microtoponímia) de todas as áreas onde identificámos a presença de montarias que – ainda que contando com apoio de estudos da história local – necessitaria de uma profunda investigação pouco exequível neste contexto. Além disso, poderiam ainda ser consideradas as delimitações que, esporadicamente, surgem nas cartas de nomeação dos oficiais e onde são descritos os pontos de referência (daquela época) que marcavam os termos geográficos dos diferentes espaços

Figura 10 – Mapeamento dos lugares de residência dos monteiros (séculos XIV-XV)

©António Soares de Sousa; Afonso Soares de Sousa

Legenda – Mapeamento dos lugares de residência dos monteiros, nos séculos XIV e XV. Elaborado com recurso ao software QGIS. Fontes: A2, A3, A4, A5, A6, A7, A8, A9, A10, A11, A12, no Anexo 1- Quadros de base prosopográfica.

coutados. Veja-se, por exemplo, a seguinte descrição da mata d’El Rei: “*como parte com a ponte de Marateca ribeira acima com o Furadoiro e com a mata do Torado e como sse vay per Vall Longo e parte pella Mouta do Acor? com toda a Ribeira augas bertentes e armadas d’El Rey*” (TT, Chanc. D. Afonso V, L.º 34, fl. 163, 1449, dezembro, 16). Esta análise, de uma enorme complexidade, requereria uma leitura e interpretação documental ainda mais aturada. De qualquer modo, não deixamos de identificar todos os espaços naturais coutados, no contexto de cada montaria, que apresentamos neste capítulo e compilamos nos quadros A18, A19, A20, A21, A22, A23, A24, A25, A26, A27, A28 e A29, no Anexo 2.

A distribuição das moradas dos monteiros faz realçar, desde logo, o afastamento que, de uma forma geral, estes tinham das áreas mais montanhosas e a grande concentração destes oficiais na faixa litoral entre o Douro e o Tejo.⁴⁹³ É notória a preferência pela nomeação de indivíduos que habitavam em zonas de planície e, em boa parte dos casos, nos paus junto de rios como o Vouga, o Mondego, o Lis ou o Tejo. Enquanto para o Entre-Douro-e-Minho, marcadamente montanhoso, se pode interpretar este afastamento com a forte presença senhorial – fator que de certa forma se alarga a todo o território a norte do Douro⁴⁹⁴ – para as restantes regiões, como a Beira Interior, o sul do Alentejo, ou o Algarve, esse fator não parece ser o determinante. De facto, parece que haverá três elementos fundamentais que explicam, largamente, a distribuição encontrada para os locais de residência dos monteiros: 1) a forte presença senhorial a norte do Douro, que parece afastar a presença de oficiais régios de montaria, 2) a orografia da região cujas características influenciam a prática da montaria, 3) as áreas de maior permanência dos monarcas e da sua corte.

A forte presença nas zonas mais planas e, sobretudo, nas margens de cursos de água, deverá estar relacionada com o tipo de caça a que estes espaços eram destinados: a montaria. Uma vertente cinegética que o monteiro (servidor) fazia a pé, com cão, corno e ascuma, mas que o monteiro (nobre) praticava montado a cavalo.⁴⁹⁵ Esta dicotomia vem inclusive espelhada na iconografia medieval, destacando-se as pormenorizadas representações esculpidas na tumulária. Um dos casos mais paradigmáticos é, por exemplo, o túmulo de D. Pedro, Conde de Barcelos, onde é visível, de um lado, monteiros (servidores) com ascumas, cornos (instrumento de sopro) e cães, que perseguem um javali e, na face contrária dessa sepultura, um cavaleiro montado a trespassar um javali com a sua lança.⁴⁹⁶ Outro exemplo aparece num túmulo de um anónimo, do século XIV, onde estes elementos são novamente visíveis, desta vez, juntos numa só representação. Curiosamente, neste caso, surge o cão na perseguição do javali e o monteiro (servidor) com a ascuma, mas sem possuir o corno, ainda que aparentemente esteja a comunicar com o cão.⁴⁹⁷

⁴⁹³ Este segundo dado já era esperado tendo em conta a área ocupada pela *Coutada Velha*, assunto que abordámos, sobretudo, no ponto 1.3.2.

⁴⁹⁴ Sobre a forte implantação senhorial a Norte do Douro, e sobretudo, no Entre-Douro-e-Minho, nos séculos XIII e XIV, veja-se o mapa presente em: MARQUES, A. H. de Oliveira, DIAS, João J. Alves, *Atlas Histórico de Portugal e do Ultramar Português*, Lisboa, Centro de Estudos Históricos, 2003, pp. 95-96.

⁴⁹⁵ No *Livro da Montaria* surge até um capítulo estritamente dedicado aos cavalos apropriados para montar: L.º 3, capítulo 3 “*Que jandos an de ser os caualos con que am de andar ao monte os monteyros*”, LM, pp. 256-257.

⁴⁹⁶ Trata-se de duas cenas de caça presentes no túmulo de D. Pedro Afonso, conde de Barcelos (século XIV), atualmente em São João de Tarouca, reproduzidas, no Anexo 4, na Figura A5.

⁴⁹⁷ Este jacente, atualmente preservado no Museu de Lamego, está reproduzido na Figura A4, no Anexo 4. Para além desta representação e da que está referida na nota anterior, destacamos também as cenas de caça presentes

Entende-se, portanto, que os espaços de lezírias, charnecas, terras de planície e chãs, tão características das paisagens naturais da antiga Estremadura, seriam, certamente, melhores para as perseguições a cavalo, ainda que se pudesse praticar esta caça também em zonas montanhosas.⁴⁹⁸ Será este o motivo para a distribuição de oficiais das montarias pelas áreas que podemos caracterizar como “planos baixos sobre rochas sedimentares”, “planícies e colinas” e “planos baixos sobre soco antigo”, se seguirmos as divisões de relevo do território ibérico, apresentadas por A. H. de Oliveira Marques.⁴⁹⁹

Para além do facto destes oficiais estarem distribuídos, sobretudo, por áreas de planície e baixa altitude e do afastamento, quase por completo, do Norte senhorial, interpretamos também a localização das montarias atendendo a um terceiro fator. Dado que estes espaços eram reservados pelos monarcas, e para usufruto próprio, denota-se também a preocupação em distribuí-los pelas regiões que frequentavam de forma mais assídua. Neste aspeto, recorreremos aos estudos dos itinerários dos reis medievais portugueses que nos permitem perceber os lugares onde estariam de forma mais frequente.

Os monarcas, que mais importa destacar, são os que reinaram nos finais do século XIV e no século XV, por serem de uma época em que as montarias já estavam largamente estabelecidas. Contudo, não deixamos de destacar também reis anteriores, de forma a ser traçada uma certa evolução. Efetivamente, nos casos de D. Afonso III, D. Dinis, D. Afonso IV e D. Pedro I, em cujos reinados já existiam, pelo menos, alguns espaços de montaria⁵⁰⁰, surgem itinerários bastante dispersos por diversos espaços do reino.⁵⁰¹ É a partir do reinado de D. Fernando (1367-1383) que se poderá começar a perceber uma maior permanência na faixa litoral e nas regiões alentejanas de Montemor-o-Novo, Évora e Estremoz.⁵⁰²

Neste plano, os itinerários de D. João I afiguram-se como uma exceção. Isto está diretamente relacionado com o facto do seu reinado ter sido marcadamente belicoso. Não só

em: túmulo de Vasco Esteves de Gatuz (século XIV), atualmente na Igreja de São Francisco de Estremoz, na Figura A2, no Anexo 4; o túmulo de Túmulo de Gomes Martins Silvestre, na posse da Igreja de Nossa Senhora da Lagoa, Monsaraz, na Figura A1, no Anexo 4; Túmulo de Fernão Sanches, presente no Museu Arqueológico do Carmo, em Lisboa, na Figura A3, no Anexo 4.

⁴⁹⁸ O caso da montaria do Soajo, implantada numa área de grande altitude, é exemplo disso, mas não deixa de ser curioso o interesse quase inexistente dos monarcas por esta montaria, nos séculos XIV e XV.

⁴⁹⁹ MARQUES, A. H. de Oliveira, *História de Portugal*, v.1, Lisboa, Editorial Presença, 2010, p. 21.

⁵⁰⁰ Não podemos esquecer-nos, por exemplo, da antiguidade da coutada do Botão onde estão documentados monteiros a guardar aquele espaço desde 1280 e cujas funções já vinham a exercer desde o reinado anterior. Assunto que desenvolvemos no subcapítulo 1.1.4.

⁵⁰¹ Os itinerários destes monarcas foram consultados segundo: MARQUES, A. H. de Oliveira, DIAS, João J. Alves, *Atlas Histórico de...*, pp. 101-104.

⁵⁰² MARQUES, A. H. de Oliveira, DIAS, João J. Alves, *Atlas Histórico de...*, p. 105.

por todas as lutas peninsulares que travou pela afirmação do seu poder régio,⁵⁰³ mas também na expansão para o Norte de África.⁵⁰⁴ Ainda assim, considerando os locais por onde passou entre 1416 e 1433, não se deixará de notar que grande parte das suas deslocações se deram entre espaços coutados para a prática de montaria.⁵⁰⁵

Nos casos de D. Duarte⁵⁰⁶ e D. Afonso V,⁵⁰⁷ reinantes no século XV, é por demais evidente a forte presença destes reis nas zonas onde existiam coutadas para a prática da caça de montaria. Rita Costa Gomes apresenta, ainda, o conjunto de principais paços régios, cujas localizações são, em boa medida, concordantes com as montarias do rei.⁵⁰⁸

A **montaria do Soajo** é o espaço coutado que surge menos documentado, no percurso de investigação efetuado. Para além dos monteiro-mores nomeados para esta região, documentados apenas no século XV, não foi possível identificar qualquer referência à nomeação de monteiros (menores), nem às matas que compreendia.

Neste espaço, no ano de 1288, ainda identificamos a presença de monteiros de foro através das *Inquirições Gerais* de D. Dinis⁵⁰⁹ e não surge identificado na *Coutada Velha*, de 1435.⁵¹⁰ Parece-nos que a implantação desta montaria, que destoa totalmente das restantes – localizadas, sobretudo, na faixa costeira entre a cidade do Porto e a região de Setúbal, com a exceção da montaria de Montemor-o-Novo – terá alguma relação com os monteiros de foro.⁵¹¹ Ao mesmo tempo, o tipo de terreno em que se situa, com uma orografia fortemente acentuada, também faz com que a montaria do Soajo se destaque das restantes.⁵¹² A resistência das gentes

⁵⁰³ A Batalha Real, ou Batalha de Aljubarrota, é o evento mais emblemático no plano militar, no contexto da afirmação do poder régio que o levou de Mestre de Avis a D. João I, mas o belicismo que se sucedeu ao longo de todo o seu reinado está longe de se esgotar neste recontro. Sobre esta conflitualidade que marcou os primeiros anos do reinado de D. João I veja-se: COELHO, Maria H. da Cruz, *D. João I...*, pp. 90-111. Sobre a Batalha de Aljubarrota veja-se: MONTEIRO, João Gouveia, *Aljubarrota revisitada*, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2001.

⁵⁰⁴ COELHO, Maria H. da Cruz, *D. João I...*, pp. 170-188.

⁵⁰⁵ O extenso trabalho da marcação dos itinerários foi cartografado, anualmente, por H. Baquero Moreno em: MORENO, Humberto Baquero, *Os Itinerários de El-Rei Dom João I (1384-1433)*, Lisboa, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1988, pp. 147-220.

⁵⁰⁶ As regiões em que terá estado situam-se, praticamente todas, em áreas de montaria, MARQUES, A. H. de Oliveira, DIAS, João J. Alves, *Atlas Histórico de...*, p. 106.

⁵⁰⁷ A cartografia dos itinerários de D. Afonso V foi elaborada por Saul António Gomes em sete mapas distribuídos pelos períodos 1438-1447, 1448-1457, 1458-1462, 1463-1467, 1468-1472, 1473-1477 e 1478-1481: GOMES, Saul António, *D. Afonso V: o africano*, Lisboa, Círculo de Leitores, 2012, pp. 291-297.

⁵⁰⁸ Veja-se o mapa, já reproduzido neste estudo, na Figura 1 – Mapa com a delimitação da Coutada Velha, no ponto 1.3.2.

⁵⁰⁹ PMH NS INQ v. IV/1, p. 245, 1288.

⁵¹⁰ Este assunto é largamente desenvolvido no ponto 1.3.2.

⁵¹¹ Sobre os monteiros de foro, identificados sobretudo segundo as *Inquirições Gerais* de D. Afonso II, D. Afonso III e D. Dinis, ver subcapítulo 1.1.1.

⁵¹² Sobre as características geográficas veja-se a síntese presente em: CALDAS, Eugénio de Castro, *Terra de Valdevez e Montaria do Soajo*, Lisboa, Verbo, 1994, pp. 21-25.

que lá viviam à implantação senhorial, fortemente estabelecida no Entre-Douro-e-Minho, identificada por José Mattoso,⁵¹³ e a preservação do foro que detinham como monteiros, terá levado ao surgimento de uma montaria régia, seguramente documentada para o século XV.

Ao longo da faixa litoral, entre a região de Santa Maria da Feira e a de Aveiro, existia a **montaria da Terra de Santa Maria**.⁵¹⁴ Como limites geográficos tinha, a Norte o rio Douro, a Sul a coutada de Mira,⁵¹⁵ a Oeste o oceano e a Este detinha-se no início das regiões montanhosas, onde se encontram as serras de Montemuro, Freita, Arada, Arestal e Caramulo.⁵¹⁶ As primeiras menções à presença de oficiais de montaria neste espaço datam do reinado de D. Fernando I e ter-se-ão mantido, pelo menos, até ao final reinado de D. Afonso V.⁵¹⁷ Ao longo de todo esse período foram detetados 82 monteiros⁵¹⁸ que exerceram funções num conjunto de 28 espaços coutados.

Os topónimos identificados para estes espaços foram os seguintes: Espargo (ou Espargo e Sá),⁵¹⁹ Macieira, Demande, Arriba, Ribeira, Adães, Perrães, Cebolelos, Felgueira do Campo de Asno, Gontemil, Mata de Longa, Malsabula, Parada, Espadanheira, matas da Terra de Santa

⁵¹³ “Verifica-se, assim, que a dura gente do Soajo, habituada às vicissitudes e violências da caça, conseguiu, através de toda a Idade Média, manter a sua solidariedade e o seu modo de vida, sem se deixar curvar pelas tentativas de senhorialização que, entretanto, haviam inundado quase todo o país.” MATTOSO, José, “A Caça no...”, p. 208.

⁵¹⁴ A opção de colocar a região de Aveiro na montaria da Terra de Santa Maria, resultou da análise dos dados recolhidos relativos aos monteiros-mores locais. Para esta zona apenas encontrámos monteiros-mores da Terra de Santa Maria e, um deles, era até morador em Aveiro. Veja-se as considerações feitas no ponto 2.3.2, sobre os monteiros-mores identificados e, no Quadro A1, no Anexo 1, o caso do monteiro-mor André Gil (ID 27), morador em Aveiro.

⁵¹⁵ Uma coutada de couteiros que já referimos no ponto 1.3.1.

⁵¹⁶ Sobre as características geográficas da Terra de Santa Maria veja-se: MATTOSO, José, *A Terra de Santa Maria na Idade Média: Limites Geográficos e Identidade Peculiar*, Santa Maria da Feira, Comissão de Vigilância do Castelo de Santa Maria da Feira, 1993, pp. 32-34. Para a caracterização da Bacia do Vouga veja-se o que escreveu de Maria R. Costa Bastos e, também, Delfim Bismarck Ferreira: BASTOS, Maria Costa, *O baixo Vouga em Tempos Medievos: do preâmbulo da monarquia aos finais do reinado de D. Dinis*, Lisboa, Universidade Aberta, 2006 (tese de doutoramento), pp. 22-28. FERREIRA, Delfim Bismarck, *A Terra de Vouga nos Séculos IX a XIV*, Aveiro, ADERAV, 2008, pp. 37-42. Numa perspetiva geográfica mais alargada vejam-se também as considerações de Orlando Ribeiro: RIBEIRO, Orlando, *Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico*, Lisboa, Livraria Sá da Costa Editora, 1967, pp. 146-147.

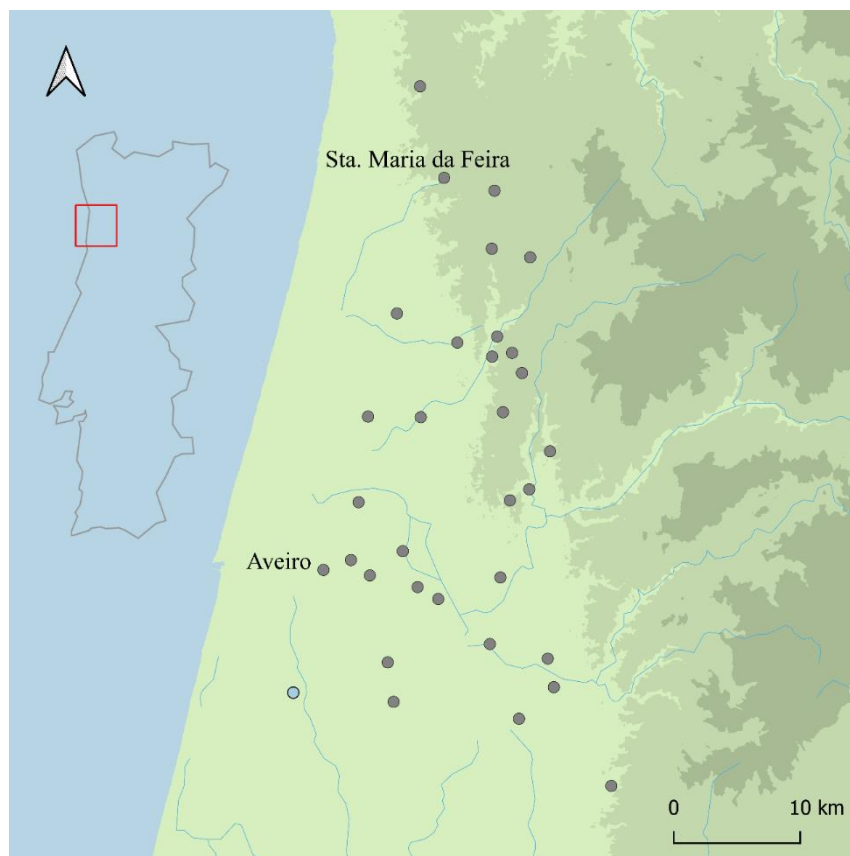
⁵¹⁷ O primeiro monteiro (menor) identificado para esta montaria é Pero Luzio (ID 633). Para o caso dos monteiros-mores veja-se o subcapítulo 2.3.2.

⁵¹⁸ As notas biográficas acerca dos monteiros da montaria da Terra de Santa Maria estão dispostas no Quadro A12, no anexo A1.

⁵¹⁹ Sobre as matas de Espargo Rita Costa Gomes refere: “situada junto à ribeira de Remolha um pouco a norte da foz do Vouga, parecem ter sido de dimensão reduzida, e tinham limites bem claros. Nelas se caçava o veado e o porco-montês, mas o rei concedia às populações, neste como em muitos outros lugares, que pudessem usar o bosque para alimentar os seus porcos, na época em que as árvores se carregavam de bolota.”, GOMES, Rita Costa, *D. Fernando...*, p. 91.

Maria, Carregal, Fontão, Frossos, Canal, Ermida, Paradela, Eixo, Molembra, Soutelo, Valverde, Ponte da Azurva, Pé de Frade, Taboeira⁵²⁰ e Vila Nova.⁵²¹

Figura 11 - Mapeamento dos lugares de residência dos monteiros da montaria da Terra de Santa Maria (séculos XIV e XV)



©António Soares de Sousa; Afonso Soares de Sousa

Legenda - Mapeamento dos lugares de residência dos monteiros da montaria da Terra de Santa Maria, nos séculos XIV e XV. Elaborado com recurso ao software QGIS. Fontes: Quadro A12, no anexo A1.

A **montaria do Botão**, ou de Coimbra, situava-se na margem Norte do rio Mondego, a Norte da urbe de Coimbra, espaço onde habitavam praticamente todos os monteiros identificados. Aos monteiros nomeados para esta circunscrição era atribuída, por norma, a guarda das matas de Botão e Lagares, tendo-se verificado em apenas um caso a referência a Brasfemes.⁵²² Estes dois espaços representariam uma extensa circunscrição que, pela

⁵²⁰ Sobre esta mata em particular vejam-se as considerações de Maria João Branco em: SILVA, Maria J. V. B. Marques da, *Esgueira e suas ...*, pp. 170-171.

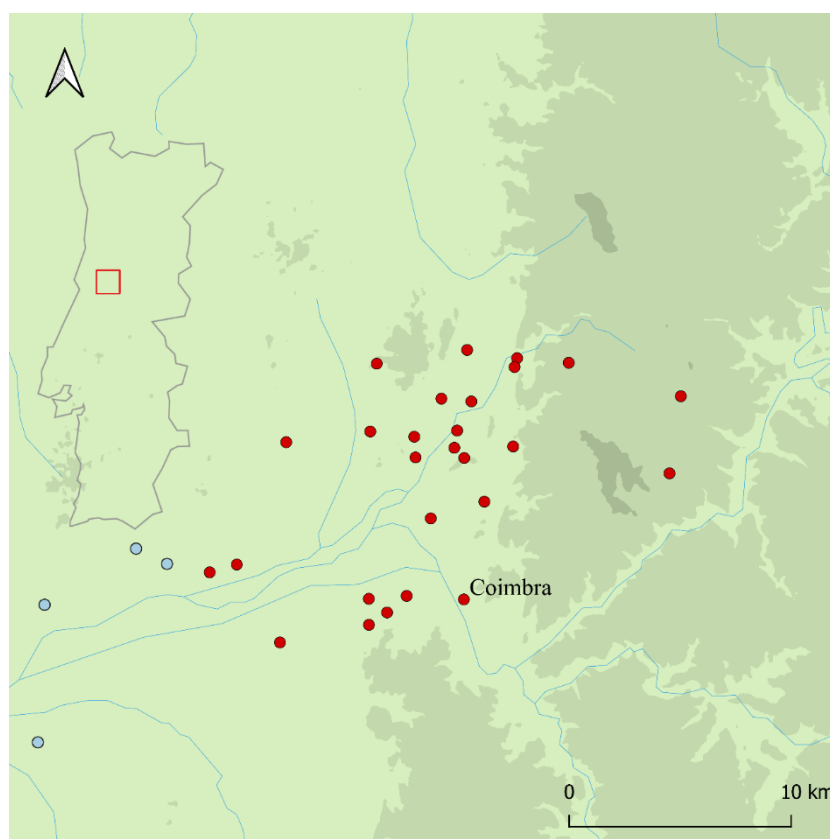
⁵²¹ Estes dados estão compilados no Quadro A28 – Lista de topónimos dos espaços coutados na montaria da Terra de Santa Maria, no Anexo 2, com as respetivas datações da primeira menção encontrada, no contexto da montaria.

⁵²² Veja-se o Quadro A4, no Anexo 1, relativo aos monteiros da montaria do Botão.

distribuição das moradas dos monteiros, fazia fronteira, a Oeste, com a montaria de Montemor-o-Velho, e, a Este, com Lorvão.

Esta foi a primeira montaria que encontramos documentada, ainda no século XIII, devido a uma contenda entre o D. Dinis e, precisamente, o Mosteiro de Lorvão. Tinha monteiros encarregues de a proteger, pelo menos, desde o reinado de D. Afonso III e poderá ter sido um espaço reservado para a caça desde o tempo do Conde D. Henrique.⁵²³

Figura 12 - Mapeamento dos lugares de residência dos monteiros da montaria do Botão (séculos XIV e XV)



©António Soares de Sousa; Afonso Soares de Sousa

Legenda – Mapeamento dos lugares de residência dos monteiros da montaria do Botão, nos séculos XIV e XV. Elaborado com recurso ao software QGIS. Fontes: Quadro A4, no Anexo 1.

Entre Coimbra e o mar, com a coutada de Mira a Norte e a montaria de Leiria-Alcobaça a Sul, encontrava-se a **montaria de Montemor-o-Velho**.⁵²⁴ Temos evidências da sua existência desde o reinado de D. João I. O monteiro-mor local mais recuado, que conseguimos identificar,

⁵²³ Sobre este assunto ver o que escrevemos no ponto 1.1.4.

⁵²⁴ Sobre a descrição do meio físico desta montaria é feita por Maria H. da Cruz Coelho no contexto da caracterização do baixo Mondego: COELHO, Maria H. da Cruz, *O Baixo Mondego nos Finais da Idade Média (Estudo de História Rural)*, v.1, Coimbra, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 1983, pp. 1- 5.

exerceu pelo menos desde 1428⁵²⁵ e a primeira carta que recolhemos onde são identificados monteiros (menores) para esta montaria data de 1449, onde vem identificado o monteiro João Lourenço que tinha exercido antes daquela data, possivelmente já desde o reinado de D. João I.⁵²⁶ Outros oficiais surgem aposentados na década de 40 do século XV com a indicação de que tinham sido nomeados, ou pelo menos confirmados, por D. Duarte⁵²⁷ e as nomeações mantiveram-se até ao final do reinado de D. Afonso V.⁵²⁸ São dados suficientes para atestar, com segurança, a manutenção desta montaria entre os reinados de D. João I e de D. Afonso V.

Ainda assim, estes dados não permitem clarificar a data da criação desta montaria. A esse respeito, podemos apenas acrescentar que nos capítulos especiais das Cortes respeitantes a Montemor-o-Velho, em 1361, surgem queixas apresentadas contra os guardadores que são postos por D. Pedro I nestas matas e paul.⁵²⁹ Não é certo se esses oficiais eram meros guardas, ou se já eram considerados monteiros, nem se a caça era interdita nesses espaços, mas se ainda não existia esta montaria, estavam, pelo menos, lançadas as bases para a sua criação.

Para além de um grande número de oficiais identificados, totalizando 89 monteiros pequenos,⁵³⁰ também abrangia um número muito considerável de espaços coutados, tendo sido possível identificar 42 topónimos distintos: Rio de Lobos, Salgueira, Aceição, Feixe, São Lourenço, Ochã, Ribeira de Carnide, Cana, Azenha, Penedos do Bispo, Fervença, Rego do Brulho, Conha, Porto Godinho, Leça (Liceia?), Liceia, Ejo, Azambuqueira, Abobodeira, Carvalhal, Tição (ou Chição), Quiaios, Freixiosa, Bispo, Madriça, Botelho, Mariscote, Ribeira de Livra, Cantanhede (ou Ribeira de Cantanhede), Brunhós, Carnide, São Bento, Lanedrosa, Ceição, Moinhos, Mata do Boi, Anobra, Pai Majam, Ameal, Marca (?), Mata dos Penedos, Mouta do Boi.⁵³¹

⁵²⁵ Sobre este assunto veja-se o que escrevemos no ponto 2.3.2.

⁵²⁶ Veja-se o caso do monteiro Fernando Anes (ID 296) nomeado em substituição do seu pai João Lourenço (ID 297) a 7 de junho de 1449.

⁵²⁷ Vejam-se os seguintes casos (ID): 302; 305; 306.

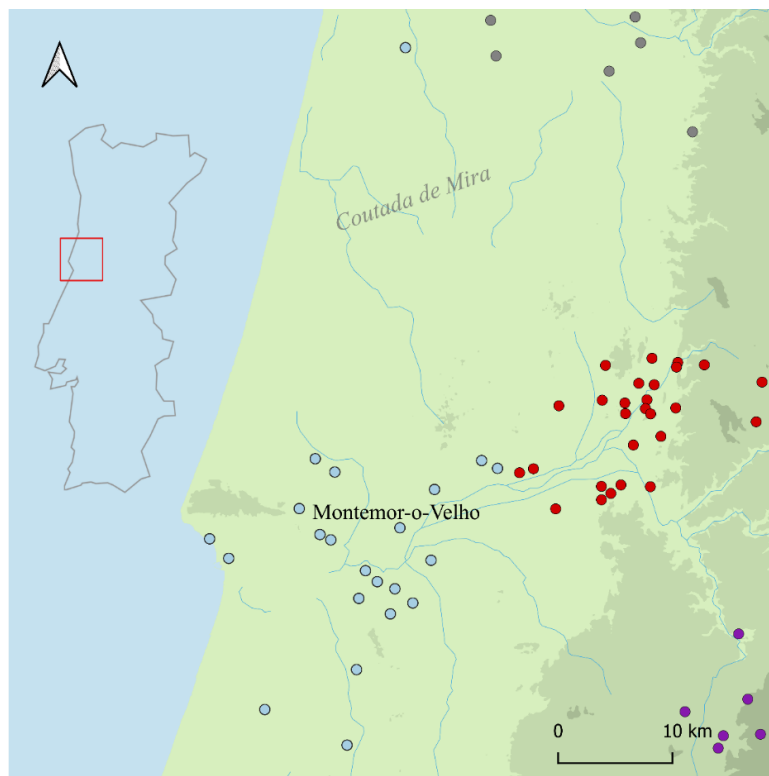
⁵²⁸ O monteiro Fernando Afonso(2) (ID 384) foi nomeado a 12 de julho de 1480.

⁵²⁹ *Cortes Portuguesas: Reinado de D. Pedro I (1357-1367)*, p. 104. Sobre as questões levantadas pelo concelho de Montemor-o-Velho em Cortes, veja-se: COELHO, Maria H. da Cruz, *Montemor-o-Velho a caminho da corte e das cortes*, Montemor-o-Velho, Câmara Municipal de Montemor-o-Velho, 2010.

⁵³⁰ Dado proveniente do Quadro A6, no Anexo 1.

⁵³¹ A listagem dos topónimos destes espaços, com as respetivas datações da primeira menção detetada, está reunida no Quadro A22, no Anexo 2.

Figura 13 - Mapeamento dos lugares de residência dos monteiros da montaria de Montemor-o-Velho (séculos XIV e XV)



©António Soares de Sousa; Afonso Soares de Sousa

Legenda – Mapeamento dos lugares de residência dos monteiros da montaria de Montemor-o-Velho, nos séculos XIV e XV. Elaborado com recurso ao software QGIS. Fontes: Quadro A6, no Anexo 1.

Uma montaria que apenas surgiu no reinado de D. Afonso V, é a **de Penela**. Para este espaço surge o primeiro Monteiro-mor a 26 de junho de 1449, cerca de um mês depois da Batalha de Alfarrobeira.⁵³² Este oficial mor terá organizado esta montaria, os espaços a coutar e foi, certamente, o responsável por recrutar os monteiros que nela serviram e que começaram a receber cartas de nomeação, provenientes de D. Afonso V, cerca de 2 anos mais tarde.

Esta região não seria uma montaria régia antes dessa data porque este espaço estava integrado no ducado de Coimbra, na posse do Infante D. Pedro, que defrontou o seu sobrinho D. Afonso V, como é consabido, na referida batalha. A própria vila de Penela tinha sido doada a este Infante por D. João I, em outubro de 1408, constituindo à data o “embrião do futuro ducado de Coimbra”.⁵³³ É por este motivo que este espaço apenas surge como montaria régia

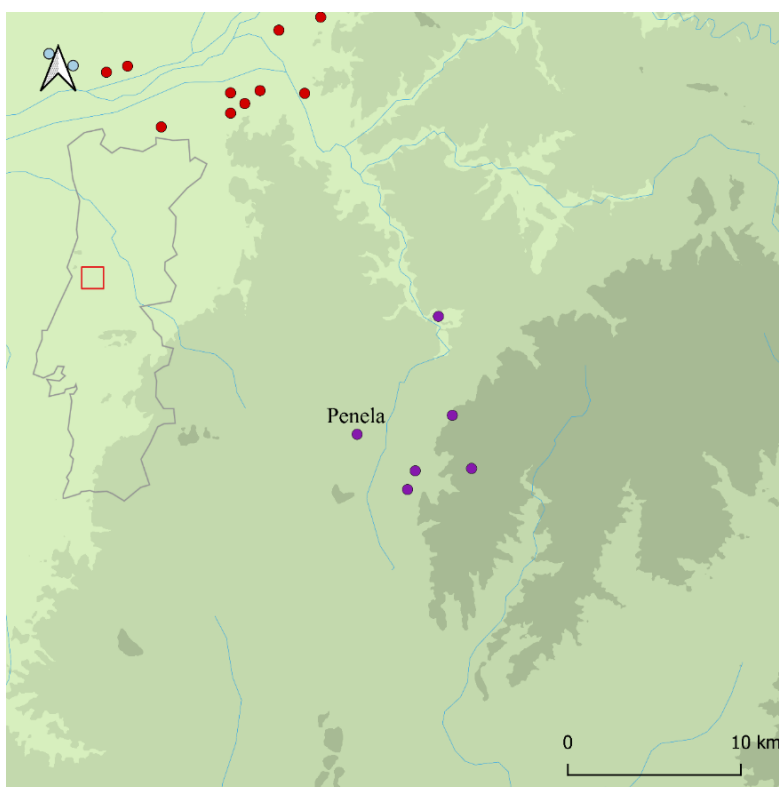
⁵³² Sobre o Monteiro-mor de Penela veja-se a ponto 2.2.3.

⁵³³ MORENO, Humberto Baquero, “O Infante D. Pedro...”, p. 45.

em junho de 1449, após a derrota e morte do Infante D. Pedro a 20 de maio desse mesmo ano, na já referida Batalha.⁵³⁴

Apesar da criação tardia, comparativamente às restantes, e da pequena quantidade de oficiais nomeados,⁵³⁵ esta montaria ainda chegou a abarcar oito coutadas nas regiões de Penela, Espinhal e Miranda do Corvo: Alborrol, Riba Cabrela, Ribeiro de São Gens (ou *Gimiz*), Pedra da Ferida, Pedro Moço, Carvalhais, Pessegueiro e Miranda.⁵³⁶

Figura 14 - Mapeamento dos lugares de residência dos monteiros da montaria de Penela (século XV)



©António Soares de Sousa; Afonso Soares de Sousa

Legenda – Mapeamento dos lugares de residência dos monteiros da montaria de Penela, no século XV. Elaborado com recurso ao software QGIS. Fontes: Quadro A9, no Anexo 1.

Seguindo para Sul, acompanhando a orla costeira, entre as montarias de Montemor-o-Velho e a de Óbidos, situava-se a que denominámos de **montaria de Alcobaça-Leiria**. Tal

⁵³⁴ MORENO, Humberto Baquero, “O Infante D. Pedro...”, p. 49.

⁵³⁵ Para esta montaria apenas contabilizámos 9 monteiros dispostos no Quadro A9, no Anexo 1.

⁵³⁶ A listagem dos topónimos destes espaços, com as respetivas datações da primeira menção detetada, está reunida no Quadro A25, no Anexo 2.

como vimos no ponto 2.3.2, esta englobava as regiões de Leiria,⁵³⁷ Alcobaça,⁵³⁸ Ourém⁵³⁹ e Porto de Mós⁵⁴⁰ e, aparentemente, poderá ter-se dado uma separação da região de Alcobaça, talvez temporária, numa fase tardia do reinado de D. Afonso V.⁵⁴¹

Temos registo do primeiro monteiro-mor nesta região, ainda no tempo de D. Fernando I.⁵⁴² Também é deste período que data a primeira menção a oficiais menores.⁵⁴³ Nos dois reinados que se seguem não encontramos novas menções, mas temos informação da existência de oficiais nessa região através de referências posteriores, como é o caso do monteiro Rodrigo Anes, nomeado no reinado de D. João I, mas apenas referido na Chancelaria de D. Afonso V.⁵⁴⁴

Apesar de não ser das montarias com um número mais elevado de oficiais identificados – tendo sido registados apenas 64 monteiros⁵⁴⁵ – é aquela que reúne um maior número de espaços coutados, totalizando 49 topónimos identificados: Alagoa das Toradas, Algazira, Ulmar, Bespeiro, Bouça de Agodim (ou Bouça), Cabeça Alta, Cabeça das Rosas, Carnide, Carvalhal de Turquel, Colmeias, Fonte Cova, Fornha (Fórnea?), Galeotas, Lapedo, Linhares da Cabeça do Moinho da Mata, Loba, Maiorga, Marassa (ou Rassa), Mata da Ruiva, Mata das Fontes, Mata das Porcas, Mata do Pico, Mata Gorda, Mata Longa, matas de Alcobaça,⁵⁴⁶

⁵³⁷ Destacamos, para o caso da região de Leiria, a análise levada a cabo sobre as suas matas coutadas e respetivos monteiros em: GOMES, Saul António, “Leiria: Crescimento e...”, pp. 70-78.

⁵³⁸ O couto de Alcobaça, apesar de pertencer ao Mosteiro de Alcobaça, que colocava os seus mateiros guardando-as, fazia parte das coutadas de montaria régias, tendo os monarcas designado oficiais para esta zona, tal como já destacou Iria Gonçalves. GONÇALVES, Iria, *O Património no Mosteiro de Alcobaça nos séculos XIV e XV*, Lisboa, Universidade Nova de Lisboa – Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, 1989, pp. 163-164. A proibição de caçar javalis no Couto de Alcobaça levou até, em 1440, o seu abade a pedir a D. Afonso V autorização para que pudessem caçá-los, uma vez que “*se criaram e criam muitos porcos monteses e por nossa defesa que he posta que hos nam matem sam cada vez mais em tanto que pella grande multidoe delles (...) fazem muytos daptos e nehuu os nam ousa matar*”. HFAC v.2, doc. 32, pp. 24-25, 1440, maio, 6. O próprio Álvaro Anes das Coberturas (ID 21), monteiro-mor (local), detinha uma jurisdição que abrangia este mesmo Couto. Percebe-se, através deste caso que as coutadas régias de montaria se sobrepunham às propriedades privadas, de instituições eclesíásticas, ou senhoriais. Isto é espelhado, também, num documento, de 1466, em que D. Afonso V reserva a caça aos “porcos e outra veaçom” em todo o território a Norte do Douro “*assy nas nossas terras como dos outros gramdes fidalgos*”, salvo se o fizessem “*a cauallo ou a pee aas lanças e com câaes*”. HFAC v.2, doc. 457, pp. 142-143, 1466, janeiro, 16.

⁵³⁹ No recente estudo monográfico sobre Ourém, podemos encontrar algumas considerações sobre a mata da Urqueira, um dos espaços identificados dentro da montaria Alcobaça-Leiria, e ainda a identificação de diversos monteiros documentados ao longo do reinado de D. João II, GOMES, Saul António, *Forais de Ourém*, Ourém, Câmara Municipal de Ourém e Fundação da Casa de Bragança, 2016, pp. 22, 56.

⁵⁴⁰ Sobre o espaço geográfico e natural de Porto de Mós veja-se a seguinte síntese: TEIXEIRA, António J. de Menezes, “Porto de Mós: Espaço Geográfico, Natural e Arqueológico”, in GOMES, Saul António (coord.), *Forais de Porto de Mós*, Porto de Mós, Câmara Municipal de Porto de Mós, 2015, pp. 17-33.

⁵⁴¹ Sobre esta questão dos oficiais mores nomeados para a montaria de Leiria-Alcobaça leia-se o que escrevemos no ponto 2.3.2.

⁵⁴² O monteiro-mor João Domingues (ID 5) foi nomeado a 22 de janeiro de 1378.

⁵⁴³ Veja-se o monteiro Lourenço Domingues (ID 36).

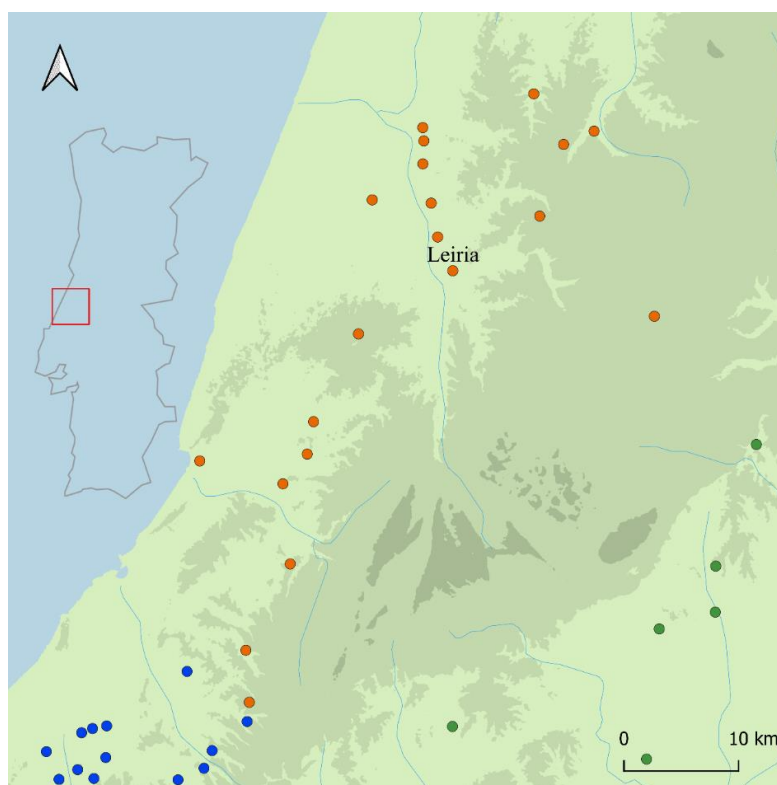
⁵⁴⁴ Para as notas biográficas de Rodrigo Anes (ID 44).

⁵⁴⁵ Veja-se o Quadro A2, no Anexo 1.

⁵⁴⁶ Sobre as matas de Alcobaça veja-se: GONÇALVES, Iria, *O Património no...*, pp. 261-269.

Molhadoiro dos Carvalhais, Monte Redondo, Morzeleira, Mouta do Brejo das Sovereiras, Paul da Ortigosa, Paul da Pedra, Paul do Toro, Paul do Valado, Pendom, Pereiras, Pomares, Pontas, Portas da Alagoa, Porto do Mouro, Redemuinhos, Rego Travesso, Ribeira de Carnide, Torre das Colmeias, Urqueira, Valbom, Vale da Figueira, Vale de Ulmar, Valverde.⁵⁴⁷

Figura 15 - Mapeamento dos lugares de residência dos monteiros da montaria de Alcobaça-Leiria (séculos XIV-XV)



©António Soares de Sousa; Afonso Soares de Sousa

Legenda – Mapeamento dos lugares de residência dos monteiros da montaria de Alcobaça-Leiria, nos séculos XIV e XV. Elaborado com recurso ao software QGIS. Fontes: Quadro A2, no Anexo 1.

A **montaria de Óbidos** compreendia não só a região de Óbidos, mas estendia-se ainda até a Atouguia (da Baleia) e a Lourinhã.⁵⁴⁸ Esta poderá ter surgido no reinado de D. João I, uma vez que data de 1407 a primeira referência a um monteiro-mor de Óbidos que conseguimos encontrar.⁵⁴⁹ No caso dos monteiros (menores), apesar de não termos encontrado qualquer oficial para esta montaria, a confirmação de várias dezenas de monteiros feita por D. Duarte

⁵⁴⁷ A listagem dos topónimos destes espaços, com as respetivas datações da primeira menção detetada, está reunida no Quadro A18, no Anexo 2. Neste aspeto destacamos, ainda, a análise sobre os monteiros e os espaços coutados da região de Colmeias em: GOMES, Saul António (coord.), *Colmeias- uma comunidade secular*, v.1, Leiria, Jorlis-Edições e Publicações Lda, 2021, pp. 333-334.

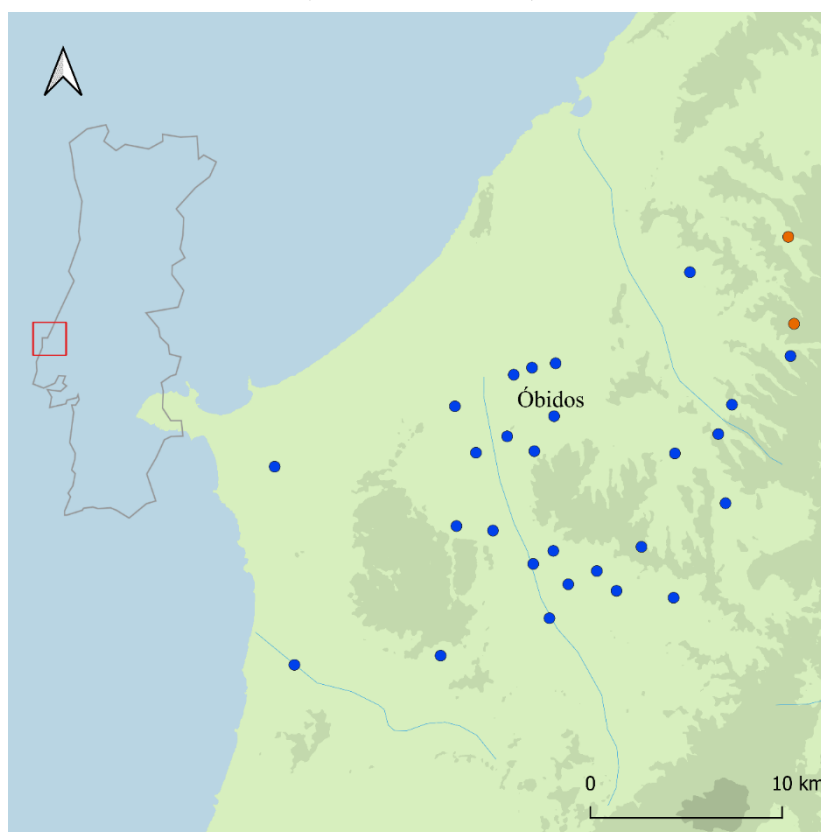
⁵⁴⁸ Sobre a extensão da montaria veja-se o que escrevemos no ponto 2.3.2.

⁵⁴⁹ Assunto já abordado no ponto 2.3.2.

atesta a grande quantidade de oficiais que terão sido nomeados no primeiro reinado da segunda dinastia.⁵⁵⁰

Para esta montaria identificámos 19 espaços coutados, nos quais terão exercido 128 monteiros, excetuando os mores, entre o reinado de D. João I e o de D. Afonso V: Avenal, Delgada, Mouta Longa, Vale Benfeito, Mata Velha, Amoreira, Formigal, Navalhas, Arada, Olho Marinho, Ribeira do Soveral, Tracalaia, Codesseira, Vale das Águas Vermelhas, Vale da Pereira, Vale da Água, Vale da Sorveira, Áspera e Ameal.⁵⁵¹

Figura 16 - Mapeamento dos lugares de residência dos monteiros da montaria de Óbidos (séculos XIV-XV)



©António Soares de Sousa; Afonso Soares de Sousa

Legenda – Mapeamento dos lugares de residência dos monteiros da montaria de Óbidos, nos séculos XIV e XV. Elaborado com recurso ao software QGIS. Fontes: Quadro A7, no Anexo 1.

⁵⁵⁰ Vejam-se os seguintes monteiros, no Quadro A7, no Anexo 1.

⁵⁵¹ Esta lista de espaços coutados, e as respetivas datações da primeira menção está reunida no Quadro A23, no Anexo 2. Sobre as matas coutadas da região de Óbidos veja-se a análise detalhada de Manuela Santos Silva, que caracteriza cada um destes espaços: SILVA, Manuela Santos, “O concelho de...”, pp. 79-92. Nicole Devy-Vareta apresenta, ainda, a cartografia dos espaços coutados na região de Óbidos na figura 2 – As matas da montaria de óbidos no século XV, presente em: DEVY-VARETA, Nicole, “Para uma geografia histórica da floresta: do declínio das matas...”, p. 63.

Acompanhando o curso do rio Tejo, existia a **montaria de Santarém**, com início na região de Abrantes (até ao Sardoal)⁵⁵² e percorrendo as margens do rio até Salvaterra de Magos. Prolongava-se, ainda, pela planície ribatejana até à região de Torres Novas.⁵⁵³

Esta montaria existiu, pelo menos, desde o reinado de D. João I. Os monteiros-mores mencionados em 1407 – o aposentado Gonçalo Anes e o nomeado Afonso Gonçalves – são prova de que esta montaria estava em pleno funcionamento.⁵⁵⁴ No que diz respeito aos oficiais menores, também é provável que estivessem presentes nesta região, pelo menos, desde o reinado de D. João I. A aposentação feita por D. Duarte, em 1435,⁵⁵⁵ e as diversas confirmações e aposentações feitas nos primeiros anos do período de regência do Infante D. Pedro, atestam a presença de monteiros que terão exercido nas décadas anteriores.⁵⁵⁶

A nomeação de monteiros manteve-se até finais do reinado de D. Afonso V, tendo sido identificados 53 monteiros (menores) para a montaria de Santarém,⁵⁵⁷ distribuídos por um conjunto de 32 espaços coutados: Ribeira de Muge, Orta de *Porraes*, Ribeira de Ulme, Paul da Atela (ou só Atela), São Vicente, Valverde, Paul de *Sanhoane* (ou só *Sanhoane*), Porto de Remelado, Vale de Soeiro Tição, Paul de Caçaria, Ribeira de Calhariz, Freixial, vinhas de Valada, Paul de Mata Quatro, Ponte do Calhariz, Paul de Magos, Fungalvaz, Boquilobo, Mofrolido, Fundalva, Couceira, Fonte Alviela, Alfanzira, Cimalhas da Brancalha, Cuinhal, Longomel, Maria Ouriz, Ribeira de Viuvães, Ribeira do Souto, Rio de Moinhos, Tancos e Vale da Amoreira.⁵⁵⁸

⁵⁵² Sobre o espaço geográfico do termo de Abrantes na Idade Média veja-se: VILAR, Hermínia Vasconcelos, *Abrantes Medieval: séculos XIV e XV*, Lisboa, Câmara Municipal de Abrantes, 1988, pp. 13-18.

⁵⁵³ Esta extensa circunscrição é ditada, sobretudo, pela carta já mencionada no ponto 2.3.2 (HFAC v.1, doc. 285, pp. 194-196, 1407, abril, 1). Este documento já foi utilizado para uma análise dos espaços naturais, pertencentes à montaria de Santarém, por Mário Viana em: VIANA, Mário, “Povoamento, geomorfologia e toponímia do baixo Tejo e do campo de Valada (1200-1350)”, in GONÇALVES, Iria (coord.), *Paisagens Rurais e Urbanas*, v.IV, Lisboa, Centro de Estudos Históricos – Universidade Nova de Lisboa, 2009, pp. 127-148. Mário Viana também compilou uma extensa listagem dos locais de povoamento no termo de Santarém, contendo 220 topónimos dessa região, detetados no contexto medieval: VIANA, Mário, “A evolução do povoamento em Santarém na Idade Média e a sua relação com a área periurbana”, in GONÇALVES, Iria (coord.), *Paisagens Rurais e Urbanas- Fontes Metodologias, Problemáticas. Actas das Terceiras Jornadas*, v.III, Lisboa, Centro de Estudos Históricos – Universidade Nova de Lisboa, 2007, pp. 100-104.

⁵⁵⁴ Sobres estes monteiros-mores de Santarém, bem como dos que lhes sucederam, veja-se o ponto 2.3.2.

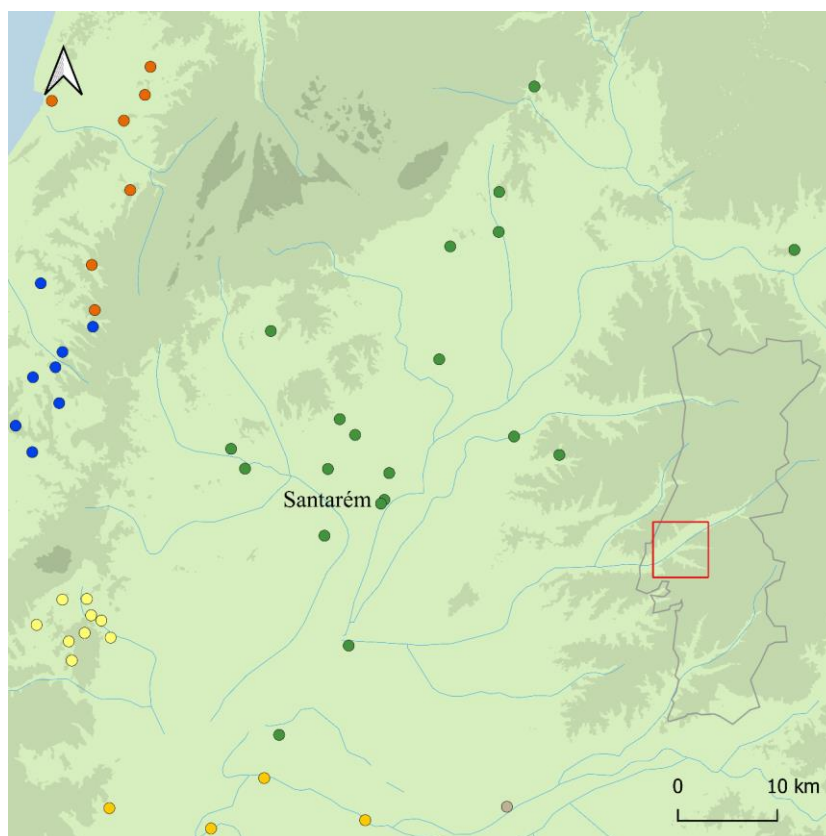
⁵⁵⁵ Veja-se o caso de Gonçalo Vasques (ID 567).

⁵⁵⁶ Vejam-se os seguintes casos: Gonçalo Vasques (ID 568); Diogo Lourenço (ID 569); Rui Vasques (ID 570); João Anes (ID 572); João Eanes Gago (ID 574);

⁵⁵⁷ Para a consulta das notas biográficas de todos os monteiros nomeados para a montaria de Santarém, veja-se o Quadro A10, no Anexo 1.

⁵⁵⁸ Esta lista de espaços coutados, e as respetivas datações da primeira menção, está reunida no Quadro A26, no Anexo 2.

Figura 17 - Mapeamento dos lugares de residência dos monteiros da montaria de Santarém (séculos XIV-XV)



©António Soares de Sousa; Afonso Soares de Sousa

Legenda - Mapeamento dos lugares de residência dos monteiros da montaria de Santarém, nos séculos XIV e XV. Elaborado com recurso ao software QGIS. Fontes: Quadro A10, no Anexo 1.

A **montaria da Ota**, situada na região de Alenquer, compreendia uma área relativamente pequena, se comparada com outras montarias, abrangendo, grosso modo, a área entre as margens dos rios Ota e Alenquer.⁵⁵⁹

Terá sido um espaço coutado para a caça de montaria, pelo menos, desde o reinado de D. João I, uma vez que no início do reinado de D. Duarte são confirmados uma dezena de monteiros.⁵⁶⁰ No caso dos mores, tal como já analisámos, apenas surgem documentados em meados do século XV, embora seja certo que um deles tenha exercido antes dessa data.⁵⁶¹ O

⁵⁵⁹ Numa perspetiva diacrónica, Carlos Baeta Neves já escreveu a História do Paul da Ota, numa análise que inicia no século XII, ainda antes deste ser um espaço coutado para a caça de montaria: NEVES, Carlos Baeta, “Da História do Paul da Ota e a defesa das «Zonas Húmidas»”, *Anais do Instituto Superior de Agronomia*, 37 (1979), pp. 257-274.

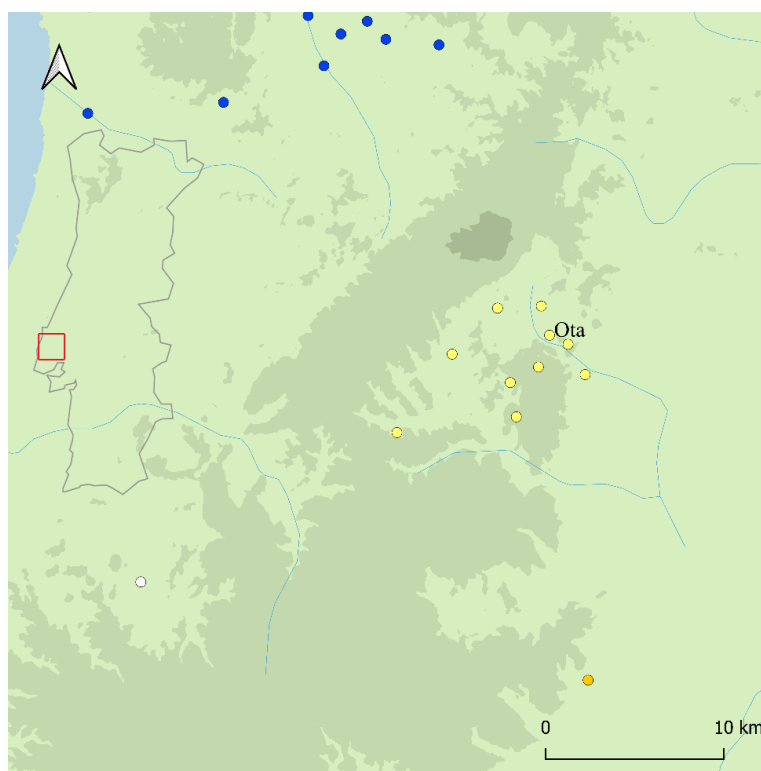
⁵⁶⁰ Vejam-se os seguintes monteiros (ID): 513; 514; 516; 517; 518; 519; 520; 521; 522; 523.

⁵⁶¹ Sobre este assunto veja-se o ponto 2.3.2.

mais provável é que existisse um oficial máximo desta montaria desde o momento em que existiram monteiros (menores).

Apesar da dimensão geográfica reduzida, foram identificados 45 monteiros a exercer nas matas da Ota,⁵⁶² topónimo comumente utilizado nas nomeações e aposentações de novos monteiros. Para além desta coutada, surgem também referência, ainda que poucas vezes, às matas do Furadoiro e da Vidigueira.⁵⁶³

Figura 18 - Mapeamento dos lugares de residência dos monteiros da montaria da Ota (séculos XIV-XV)



©António Soares de Sousa; Afonso Soares de Sousa

Legenda – Mapeamento dos lugares de residência dos monteiros da montaria de Ota, nos séculos XIV e XV. Elaborado com recurso ao software QGIS. Fontes: Quadro A8, no Anexo 1.

Nos arredores de Lisboa encontrava-se a **montaria de Sintra**. Nesta exerciam, sobretudo, oficiais residentes em Sintra, mas não só, tendo sido identificado, por exemplo, um monteiro morador em Loures, que guardava as matas desse lugar.⁵⁶⁴ Esta montaria era

⁵⁶² Para a consulta das notas biográficas de todos os monteiros nomeados para a montaria de Ota, veja-se o Quadro A8, no Anexo 1.

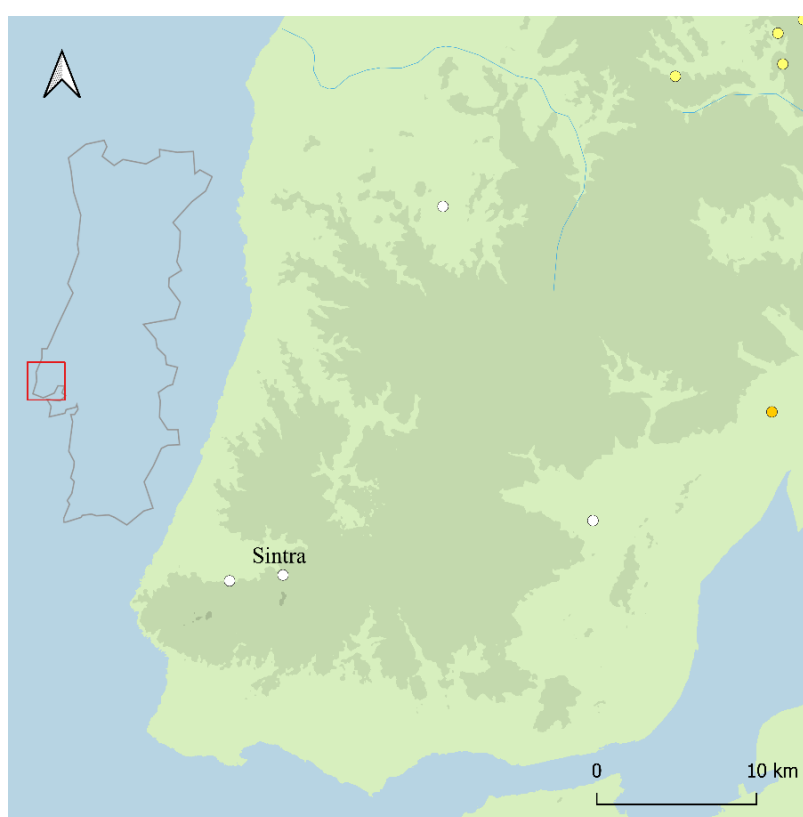
⁵⁶³ Esta lista de espaços coutados, e as respetivas datações da primeira menção, está reunida no Quadro A24, no Anexo 2.

⁵⁶⁴ Sobre este monteiro veja-se, o monteiro João Rodrigues (ID 623). Identificámos outro monteiro da mata de Loures, de nome Vicente Anes Moreira (ID 630), morador no Bairro, no termo da cidade de Lisboa, embora não tenha sido possível localizar este lugar.

constituída por 10 espaços coutados – Foz do Touro, Pera Longa, Rainha, Mestre de Cristo, Serra (de Sintra), Loures, Barrocas, Buça, Vale de Lobos, Serra de Caneças⁵⁶⁵ – para os quais estão documentados 13 monteiros (menores) a partir de 1439.⁵⁶⁶

Tal como noutros casos, as primeiras referências que temos destes monteiros são confirmações dos seus oficialatos, sendo certo que já estavam em funções no reinado anterior, de D. João I.⁵⁶⁷ No caso dos monteiros-mores, também encontramos a primeira referência apenas em 1435, estando estes já em desempenho de funções.⁵⁶⁸

Figura 19 - Mapeamento dos lugares de residência dos monteiros da montaria da Sintra (séculos XIV-XV)



©António Soares de Sousa; Afonso Soares de Sousa

Legenda – Mapeamento dos lugares de residência dos monteiros da montaria de Sintra, nos séculos XIV e XV. Elaborado com recurso ao software QGIS. Fontes: Quadro A11, no Anexo 1.

A fronteira que as fontes nos permitem traçar, para a montaria que denominámos **Benavente-Palmela-Setúbal**, é delineada pelas regiões de Benavente, Marateca, Sesimbra e Almada. Abrangia, portanto, na margem esquerda do Tejo, na parte final do seu curso, as matas

⁵⁶⁵ Esta lista de espaços coutados, e as respetivas datações da primeira menção, está reunida no Quadro A27, no Anexo 2.

⁵⁶⁶ Sobre estes monteiros da montaria de Sintra veja-se o Quadro A11, no Anexo 1.

⁵⁶⁷ Vejam-se os casos de Vasco Anes (ID 620) e Martim Vicente (ID 621).

⁵⁶⁸ Sobre este monteiro-mor, Afonso Anes de *Nadufe*, ou Lobão (ID 14), veja-se o ponto 2.3.2.

da região de Benavente e Samora Correia – locais onde identificámos inclusivamente residências de monteiros –, mais o que José A. C. Freitas de Oliveira se refere como a *Outra Banda*, “entre a costa atlântica e o curso final da ribeira de Coina”.⁵⁶⁹ Na margem direita do Tejo, contaria ainda com algumas coutadas nas zonas de Vila Franca de Xira e Alverca do Ribatejo, tal como já indicámos anteriormente.⁵⁷⁰ Grande parte desta área está integrada naquilo que hoje chamamos de Península de Setúbal que, nas palavras de João Costa, pelas “condições geográficas e climáticas da região permitiam afirmá-la como uma zona de grande potencial económico, com elevada aptidão agrícola, cinegética, de exploração de minérios, de recursos piscícolas, entre outros”.⁵⁷¹

As referências aos monteiros-mores para esta montaria remontam ao reinado de D. Fernando.⁵⁷² No caso dos oficiais menores, identificámos 41 oficiais, mas as primeiras menções datam do período de regência do Infante D. Pedro, embora tenhamos registado, pelo menos, um monteiro que exerceu desde o reinado de D. João I.⁵⁷³ Apesar da falta de referências para o século XIV, parece-nos que o mais provável é que os oficiais menores também existissem desde o tempo de D. Fernando.

Ao todo foi possível identificar 27 coutadas afetas a esta montaria: Cerveiras, Chacoteca, Chamouta da Xoreiba, Formiga, Lavouras, Maracal, Matas da Torre, Pai Real, Pêgo do Corvo, matas do concelho (no termo de Setúbal), Barris, Motrena (ou Angra de Motrena), Redonda, São Luís (ou Serra de São Luís), Arontela, Almilão, Soveral, Ribeira de Coina-a-Velha, Caeira, Lançada, Eira da Marrara, Apostiça, Mata d'El Rei, Lezíria do Cabo, Mata de Alverca, Lezíria da Praia dos Cachões e Lezíria das Bolas.⁵⁷⁴

⁵⁶⁹ Com base no que referiu José Leite de Vasconcelos, este autor indica que: “a “Outra Banda”, aqui entendida, de forma lata, como toda a faixa litorânea do Tejo, entre a costa atlântica e o curso final da ribeira de Coina, percorrendo as zonas da Caparica, dos arredores de Almada, Corroios, Amora, Arrentela e Coina.” OLIVEIRA, José A. C. Freitas, “Exploração das matas nos finais do século XV: aspectos da desflorestação na Outra Banda”, *Media Aetas. Revista de Estudos Medievais*, II série, 2 (2005-2006), p. 56. Do mesmo autor veja-se, também, sobre o termo de Almada, o seguinte estudo: OLIVEIRA, José A. C. Freitas, “Estrutura do Povoamento no termo de Almada (Séculos XIV e XV), in GONÇALVES, Iria (coord.), *Paisagens Rurais e Urbanas*, v.IV, Lisboa, Centro de Estudos Históricos – Universidade Nova de Lisboa, 2009, pp. 153-166.

⁵⁷⁰ As áreas abrangidas nesta montaria foram por nós referidas no ponto 2.3.2.

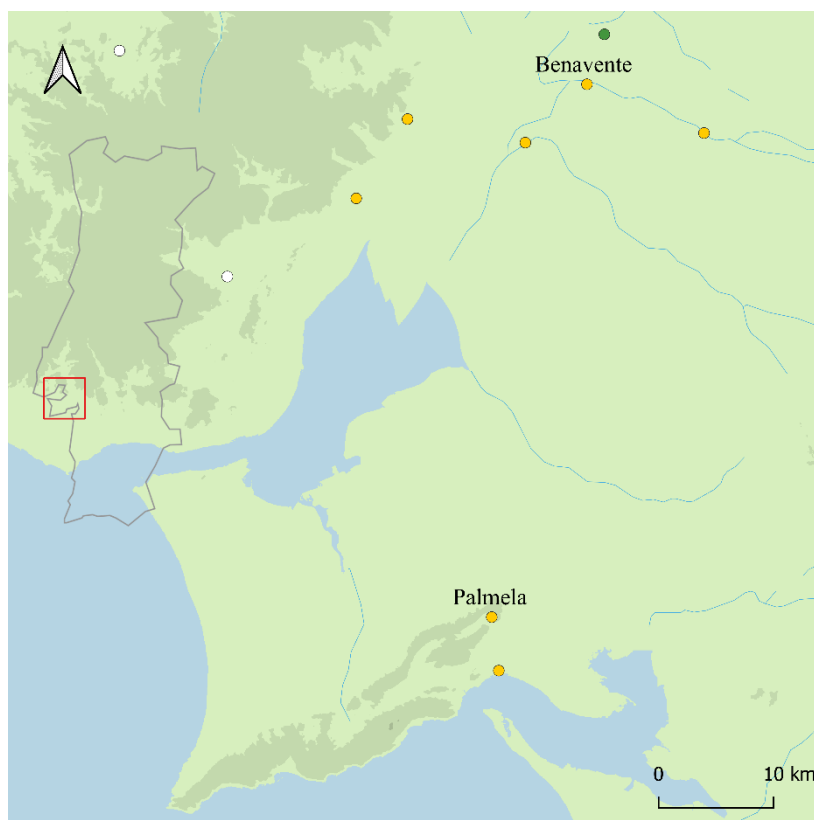
⁵⁷¹ COSTA, João Santos, *Palmela: o espaço...*, v.1, p. 24.

⁵⁷² Em 1381 João Marques (ID 7) substitui, no cargo de monteiro-mor, Afonso Leal (ID 6) que exerceu, por tem indeterminado, antes dessa data. Sobre este assunto veja-se o ponto 2.3.2.

⁵⁷³ Veja-se o caso do monteiro Vasco Domingues (ID 104).

⁵⁷⁴ Esta lista de espaços coutados, e as respetivas datações da primeira menção, está reunida no Quadro A19, no Anexo 2.

Figura 20 - Mapeamento dos lugares de residência dos monteiros da montaria de Benavente-Palmela-Setúbal (séculos XIV-XV)



©António Soares de Sousa; Afonso Soares de Sousa

Legenda – Mapeamento dos lugares de residência dos monteiros da montaria de Benavente-Palmela-Setúbal, nos séculos XIV e XV. Elaborado com recurso ao software QGIS. Fontes: Quadro A3, no Anexo 1.

Por fim, a **montaria de Montemor-o-Novo** distribuía-se, de forma descontínua, por uma extensa área do *Além-Tejo*. Os locais de residência identificados com maior frequência foram Coruche, Montemor-o-Novo,⁵⁷⁵ Alandroal, Estremoz e Avis, dado que demonstra a dispersão geográfica desta montaria.⁵⁷⁶

A data para o aparecimento das matas coutadas nesta região é difícil de precisar. A primeira nomeação de um monteiro-mor, de Montemor-o-Novo, que conseguimos encontrar, surge apenas em meados do século XV.⁵⁷⁷ Os oficiais menores estão documentados, tal como

⁵⁷⁵ Acerca de Montemor-o-Novo e do espaço natural da região em que se insere, veja-se: FONSECA, Jorge, *Montemor-o-Novo no Século XV*, Montemor-o-Novo, Câmara Municipal de Montemor-o-Novo, 1998, pp. 5-10. Estes mesmo autor tece algumas considerações acerca das proibições feitas à caça grossa e das queixas que os moradores de Montemor-o-Novo faziam dos monteiros que eram colocados nas imediações desta localidade. FONSECA, Jorge, *Montemor-o-Novo no Século...*, pp. 39-40.

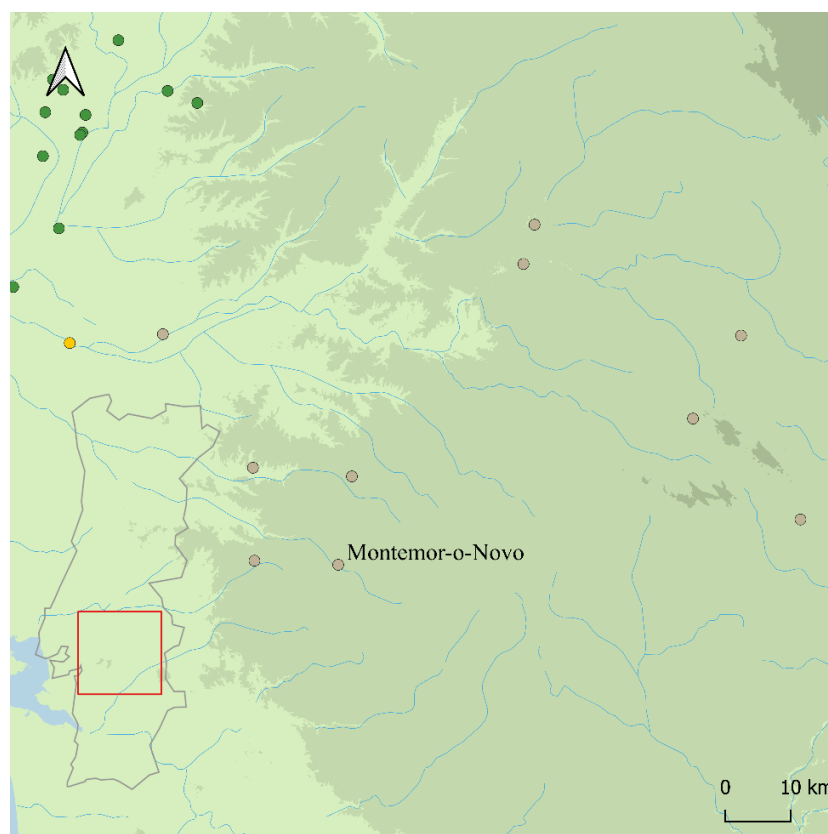
⁵⁷⁶ Os monteiros identificados para esta montaria, bem como os seus dados biográficos, estão dispostos no Quadro A5, no Anexo 1.

⁵⁷⁷ Trata-se de Pedro Anes (ID 24). Sobre este assunto veja-se o ponto 2.3.2.

em muitas outras montarias, em confirmações, a partir de 1439.⁵⁷⁸ Tal facto, atesta a existência dos mesmos desde, pelo menos, o reinado anterior, de D. Duarte.

Para um total de 58 monteiro pequenos, identificados ao longo do século XV, foi possível recolher um conjunto de 36 topónimos de espaços coutados, pelos monarcas, para a prática de montaria: Regelho (ou Reselo), Cavaleiro, Pereiras, Cabeça das Pereiras, Castelo Velho, Portaleiro, Azambujeira (termo de Cabrela), Taipas, Carvalhal, Cabeça da Gesteira, Cuncos, Chapelar, Lavar, Moutas de Pedrogão, Charneca, Mata do Cavaleiro, Montalvo, Estebeira del Rei, Cabril de S. Miguel, Coles, Melreu, Afonso das Vacas, Colmeiro, Ribeira do Divor, Mata Lobos, Amoreira, Urra (ou Erra), Mora, Ribeira de Erra, Cabeça de Sina, Mata da Ordem de Avis (em Almuro), Águas Belas, Caniçal, Caniceira, Vale de Cabeças, Cabril do Coitado.⁵⁷⁹

Figura 21 - Mapeamento dos lugares de residência dos monteiros da montaria de Montemor-o-Novo (século XV)



©António Soares de Sousa; Afonso Soares de Sousa

Legenda - Mapeamento dos lugares de residência dos monteiros da montaria de Montemor-o-Novo, no século XV. Elaborado com recurso ao software QGIS. Fontes: Quadro A5, no Anexo 1.

⁵⁷⁸ Neste ano são confirmados dois monteiros, para duas coutadas distintas, ambos com residência em Coruche: Afonso Anes da Cota (ID 238); Álvaro Afonso da Cota (ID 239).

⁵⁷⁹ Esta lista de espaços coutados, e as respetivas datações da primeira menção, está reunida no Quadro A21, no Anexo 2.

Conclusão

Este estudo resulta numa análise alargada ao oficialato régio dedicado à proteção das coutadas de montaria. Consequentemente, afigura-se também como um contributo para o estudo da cinegética na Idade Média e para história da floresta portuguesa.

No primeiro capítulo conseguimos traçar uma divisão clara dos diferentes grupos de indivíduos que, entre os séculos XII e XV, foram denominados como “monteiros”. Uma análise essencial para a compreensão dos monteiros-oficiais, que se procurou explorar neste estudo, dado que não seria possível compreender este oficialato sem, primeiro, destrinçar as referências que lhes dizem, ou não, respeito.

No caso em particular dos monteiros de foro, tantas vezes erroneamente equiparados ao monteiros-oficiais, percebemos que eram homens que viviam dos produtos do “monte”. Eram, portanto, aqueles que exploravam a *silva*, através da caça e da recolção, e cuja condição socioprofissional estava prevista na tributação da época. O foro que lhes era atribuído, e os encargos que dele advinham, terão caído em desuso com a aproximação ao final do século XIII, embora não tenham desaparecido. Apesar da proximidade entre estes monteiros e os oficiais régios das montarias, não existiu uma relação direta de sucessão entre uns e outros.

Para além destes monteiros de foro, distinguimos também os da Corte - que acompanharam os monarcas portugueses, talvez, desde o reinado de D. Afonso Henriques – e identificámos a frequente utilização do termo monteiro para fazer menção aquele que praticava a caça de montaria.

A distinção destes vários conceitos, a par de uma breve caracterização dos monteiros-oficiais, ainda no primeiro capítulo, permitiu identificar e distinguir os diferentes grupos que, na documentação medieval, surgem denominados da mesma forma. Um ponto de partida essencial no estudo que desenvolvemos e que vem contrariar a associação, errónea, que tantas vezes foi feita na historiografia portuguesa, entre monteiros de tipologias distintas.

Da mesma forma, a caracterização de outros oficiais régios ligados à fauna e flora (couteiros, falcoeiros, açoreiros, caçadores e guardas/guardadores), permitiu não só um maior entendimento do universo destes cargos, criados pela monarquia medieval portuguesa, como ajudou à melhor compreensão das diferenças que tinham em relação aos monteiros. Neste ponto, o caso mais importante é, certamente, o dos couteiros cujas coutadas são facilmente confundidas com os espaços da montaria. É precisamente nesta linha de ideias que se

estabelece, nos três últimos pontos do primeiro capítulo, a distinção de diferentes coutadas. Afigura-se, portanto, como um trabalho acrescido e que tomou uma boa parte desta dissertação, mas sem o qual não se podia enquadrar devidamente o restante estudo.

Desta forma, estando clarificado o oficialato a que nos dedicamos e os respetivos espaços naturais que estes tinham à sua guarda, foi, então, possível tratar de forma sistemática os oficiais da montaria, no segundo capítulo desta dissertação.

Ficou claro que, entre os reinados de D. João I e D. Afonso V, se verificou uma supremacia dos Castelo Branco na ocupação do cargo de monteiro-mor do reino, que assumiram de forma hereditária, pelo menos entre 1414 e 1481. Apesar disto não ser uma novidade, o levantamento sistemático da documentação (onde estes surgem mencionados) permitiu delimitar, com maior rigor, as datações em que cada indivíduo exerceu, sobretudo no decurso do século XV. A par da identificação dos detentores do cargo, foi igualmente possível detetar os indivíduos que serviram como interinos, sendo que praticamente todos eles tinham uma ligação de parentesco próxima ao monteiro-mor do reino.

Por seu turno, a análise aos monteiros-mores das montarias, revelou-se fulcral, não só por possibilitar a caracterização deste cargo e dos seus ocupantes, mas também por ter viabilizado a perceção dos espaços ocupados por cada montaria, nos finais da Idade Média, até 1481. A interpretação de um conjunto alargado de documentos, em que estes surgem referidos, permitiu entender que as denominações atribuídas a cada um dos monteiro-mores era variável, não devendo ser interpretada de forma isolada, o que despoletou a necessidade de “redesenhar” os limites de cada montaria.

Verificou-se que estes homens podiam pertencer às camadas mais elevadas do terceiro estado, ou até à pequena nobreza. Muitos deles estavam relacionados com Casa Real, ou dos infantes. O cargo que desempenhavam garantia-lhes um conjunto de privilégios, sendo que, entre eles, se destacava o “mantimento e vestir”, que lhes garantia um rendimento regular. Assumiam, portanto, a chefia de uma montaria, estando incumbidos de superintender os espaços coutados e os monteiros que os guardavam, uma função que, para além dos poderes, lhes conferia uma posição social de destaque nas comunidades em que viviam e os colocava mais próximos do poder central, nomeadamente do rei.

A estes seguiam-se, no fundo da hierarquia das montarias régias, os monteiros, também denominados monteiros e guardadores.

Percebemos que eram indivíduos comuns, recrutados de entre o povo, já em idade adulta e em muitos casos avançada, dados os padrões medievais. Dos poucos casos em que conseguimos apurar outras atividades socioprofissionais, que estes oficiais da montaria praticavam, ressalta a banalidade e diversidade das funções, sendo que entre eles os mais abastados seriam, muito provavelmente, os lavradores. Teriam, certamente, interesse em ser oficiais régios dado que, através dessa posição, se tornavam privilegiados no seio das comunidades em que viviam. Proveito esse que desaparecia quando ascendiam, por exemplo, a vassallos régios – um dos motivos que os levava ao término de funções, como monteiros. Nos casos em que não se verificava qualquer tipo de ascensão social, desempenhavam, comumente, até atingirem os 70 anos de idade ou falecerem.

A elevada taxa de mortalidade entre estes oficiais parece demonstrar os perigos das funções que desempenhavam, tanto como guardas-florestais como caçadores de animais bravios, e os problemas de saúde identificados apenas reforçam esta ideia.

Eram, portanto, na sua maioria, indivíduos que habitavam comunidades intimamente conectadas com o meio natural, mais ou menos afastadas dos grandes centros urbanos, consoante cada caso. O contexto em que nasciam seria determinante para saberem desempenhar o oficialato de monteiro e guardador do rei, não sendo poucos os casos em que o herdavam dos seus pais, com quem, muito provavelmente, aprendiam os “segredos do ofício”.

O último capítulo serviu para identificar as montarias, referidas ao longo de todo o trabalho, delimitando, ainda que muito genericamente, as suas fronteiras. Não se alcança uma profunda caracterização do meio natural de cada um destes espaços – objetivo que comportaria uma investigação mais aprofundada dos vestígios que a flora deixou na documentação medieval – mas sim a compreensão das fronteiras artificiais que Homem lhes impôs. Não é esquecida, de qualquer forma, a importância que os traços “permanentes” da paisagem tiveram na implantação das montarias régias.

Fontes e Bibliografia

Fontes manuscritas

Arquivo Nacional da Torre do Tombo

Chancelaria de D. Fernando I – L.º 1, 3.

Chancelaria de D. Afonso V – L.º 1, 2, 3, 4, 5, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 18, 19, 20, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38.

Chancelaria de D. João II – L.º 6.

Chancelaria de D. Manuel I – L.º 25, 30.

Leitura Nova – Livro dos Extras.

Leitura Nova – Livro 4 de Odiana; Livro 6 de Odiana.

Leitura Nova – Livro 8 da Estremadura.

Leitura Nova – Livro 2 de Legitimações.

Fontes Impressas

BRANDÃO, João, *Grandeza e Abastança de Lisboa em 1552*, ALVES, José Feliciano (ed.), Lisboa, Livros Horizonte, 1990.

Chancelaria de D. Afonso III: Livros II e III, VENTURA, Leontina Domingos, OLIVEIRA, António Resende de (eds.), Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2011.

Chancelarias Portuguesas: D. João I, v.1 t.1, DIAS, João J. Alves (ed.), Lisboa, Centro de Estudos Históricos da Universidade Nova de Lisboa, 2004.

Chancelarias Portuguesas: D. João I, v.1 t.2, DIAS, João J. Alves (ed.), Lisboa, Centro de Estudos Históricos da Universidade Nova de Lisboa, 2005.

Chancelarias Portuguesas: D. João I, v.3 t.2, DIAS, João J. Alves (ed.), Lisboa, Centro de Estudos Históricos da Universidade Nova de Lisboa, 2006.

Chancelarias Portuguesas: D. João I, v.3 t.3, DIAS, João J. Alves (ed.), Lisboa, Centro de Estudos Históricos da Universidade Nova de Lisboa, 2006.

Chancelarias Portuguesas: D. João I, v.4 t.1, DIAS, João J. Alves (ed.), Lisboa, Centro de Estudos Históricos da Universidade Nova de Lisboa, 2006.

Chancelarias Portuguesas: D. Duarte, v.1 t.2, DIAS, João J. Alves (ed.), Lisboa, Centro de Estudos Históricos da Universidade Nova de Lisboa, 1998.

Chancelarias Portuguesas: D. Duarte, v.3, DIAS, João J. Alves (ed.), Lisboa, Centro de Estudos Históricos da Universidade Nova de Lisboa, 2002.

“Livro Vermelho do Senhor Rey D. Affonso V”, in *Collecção de Livros Inéditos de História Portugeza dos reinados de D. João I, D. Duarte, D. Affonso V, e D. João II*, t.III, SERRA, José Correia da (ed.), Lisboa, Academia Real das Sciencias, 1793, pp. 387-541.

Cortes Portuguesas: Reinado de D. Afonso IV (1325-1357), MARQUES, A. H. de Oliveira, RODRIGUES, Maria T. Campos, DIAS, Nuno J. Pinto (eds.), Lisboa, Instituto Nacional de Investigação Científica e Centro de Estudos Históricos da Universidade Nova de Lisboa, 1982.

Cortes Portuguesas: Reinado de D. Pedro I (1357-1367), MARQUES, A. H. de Oliveira, DIAS, Nuno J. Pinto (eds.), Lisboa, Instituto Nacional de Investigação Científica e Centro de Estudos Históricos da Universidade Nova de Lisboa, 1986.

Cortes Portuguesas: Reinado de D. Fernando (1367-1383), v.2, MARQUES, A. H. de Oliveira, SALVADO, João Paulo (eds.), Lisboa, Instituto Nacional de Investigação Científica e Centro de Estudos Históricos da Universidade Nova de Lisboa, 1993.

Cortes Portuguesas: Reinado de D. Duarte (Cortes de 1436 e 1438), DIAS, João J. Alves (ed.), Lisboa, Centro de Estudos Históricos da Universidade Nova de Lisboa, 2004.

Cortes Portuguesas: Reinado de D. Afonso V (Cortes de 1438), DIAS, João J. Alves, PINTO, Pedro (eds.), Lisboa, Centro de Estudos Históricos da Universidade Nova de Lisboa, 2014.

Cortes Portuguesas: Reinado de D. Afonso V (Cortes de 1439), DIAS, João J. Alves, PINTO, Pedro (eds.), Lisboa, Centro de Estudos Históricos da Universidade Nova de Lisboa, 2016.

Cortes Portuguesas: Reinado de D. Afonso V (Cortes de 1441-1447), DIAS, João J. Alves, PINTO, Pedro (eds.), Lisboa, Centro de Estudos Históricos da Universidade Nova de Lisboa, 2018.

Diplomatário da Sé de Viseu (1078-1278), VENTURA, Leontina Domingos, MATOS, João da Cunha (eds.), Coimbra, Instituto de Estudos Medievais, Centro de História da Sociedade e da Cultura da Universidade de Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2010.

Documentos de D. Sancho I (1174-1211), AZEVEDO, Rui de, COSTA, Avelino de Jesus da, PEREIRA, Marcelino Rodrigues (eds.), Coimbra, Centro de História da Universidade de Coimbra, 1979.

Documentos medievais portugueses – Documentos Régios: documentos dos Condes Portugaleses e de D. Afonso Henriques, A.D. 1095-1185, v.1, t.1, AZEVEDO, Rui de (ed.), Lisboa, Academia Portuguesa de História, 1958.

GÓIS, Damião de, *Livro de linhagens de Portugal*, VASCONCELOS, António Maria Falcão Pestana de (ed.), Lisboa, Instituto Português de Heráldica, 2014.

História florestal, aquícola e cinegética: colectânea de documentos existentes no Arquivo Nacional da Torre do Tombo: chancelarias reais, v.1, NEVES, Carlos Baeta (dir.), Lisboa, Ministério da Agricultura e Pescas Direcção-Geral do Ordenamento e Gestão Florestal, 1980.

História florestal, aquícola e cinegética: colectânea de documentos existentes no Arquivo Nacional da Torre do Tombo: chancelarias reais, v.2, NEVES, Carlos Baeta (dir.), Lisboa, Ministério da Agricultura, Comércio e Pescas Direcção-Geral das Florestas, 1982.

História florestal, aquícola e cinegética: colectânea de documentos existentes no Arquivo Nacional da Torre do Tombo: chancelarias reais, v.3, NEVES, Carlos Baeta (dir.), Lisboa, Ministério da Agricultura, Comércio e Pescas Direcção-Geral das Florestas, 1982.

História florestal, aquícola e cinegética: colectânea de documentos existentes no Arquivo Nacional da Torre do Tombo: chancelarias reais, v.4, NEVES, Carlos Baeta (dir.), Lisboa, Ministério da Agricultura, Comércio e Pescas Direcção-Geral das Florestas, 1983.

“Inventários e contas da casa de D. Denis”, FREIRE, Anselmo Braamcamp (ed.), in *Archivo Historico Portuguez*, v.10, Lisboa, s.n., 1916, pp. 41-59.

Liber Fidei Sanctae Bracarensis Ecclesiae, 2 vols., COSTA, Avelino de Jesus da, MARQUES, José (eds.), Braga, Arquidiocese de Braga, 2016.

Liber testamentorum coenobii laurbanensis (estúdios), NASCIMENTO, Aires A., FERNÁNDEZ CATÓN, José M. (eds.), Leão: Centro de Estudios e Investigación «SanIsidoro», 2008.

“Libro de Monteria”, in *Obras dos Príncipes de Avis*, ALMEIDA, Mário Lopes de (ed.), Porto, Lello & Irmão, 1981, pp. 1-232.

Livro da ensinança de bem cavalgar toda a sela que fez El-Rey Dom Eduarte de Portugal e do Algarve e senhor de Ceuta, PIEL, Joseph M. (ed.), Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1986.

Livro da montaria feito por D. João I, rei de Portugal, conforme o manuscrito nº 4352, da Biblioteca Nacional de Lisboa, PEREIRA, Francisco M. Esteves (ed.), Coimbra, Imprensa da Universidade, 1918.

Livro de Falcoaria de Pero Menino, LAPA, Rodrigues (ed.), Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 1931.

Livro de Montaria, MENDONÇA, Manuela (ed.), Ericeira, Mar de Letras, 2003.

Livro do Tombo das Escrituras e Privilégios da Vila de Muge, LOPES, Gonçalo (ed.), Salvaterra de Magos, Câmara Municipal de Salvaterra de Magos, 2020.

Livro dos bens de D. João de Portel: cartulário do século XIII, AZEVEDO, Pedro de, FREIRE, Anselmo Braamcamp (eds.), Lisboa e Portel, Edições Colibri e Câmara Municipal de Portel, 2003.

Livro dos conselhos de el-rei D. Duarte: Livro da Cartuxa, DIAS, João J. Alves (ed.), Lisboa, Estampa, 1982.

LOPES, Fernão, *Crónica de D. Fernando*, MACCHI, Giuliano (ed.), Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2004.

Ordenações Del-Rei Dom Duarte, ALBUQUERQUE, Martim de, NUNES, Eduardo Borges (eds.), Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1988.

Ordenações Afonsinas: Livro I, COSTA, Mário de Almeida, NUNES, Eduardo Borges (eds.), Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1998.

Portvgaliae Monvmenta Historica: a saeculo octavo post Christum usque ad quintumdecimum: Leges et consvetvdines, v.I, fasc. I, II, IV, V, HERCULANO, Alexandre (ed.), Lisboa, Typis Academicis, 1856-1866;

Portvgaliae Monvmenta Historica: a saeculo octavo post Christum usque ad quintumdecimum: Scriptorum, v.I, fasc. II, III, HERCULANO, Alexandre (ed.), Lisboa: Typis Academicis, 1860-1861.

Portvgaliae Monvmenta Historica: a saeculo octavo post Christum usque ad quintumdecimum: Diplomata et Chartae, v.I, fasc. II HERCULANO, Alexandre (ed.), Lisboa, Typis Academicis, 1869.

Portvgaliae Monvmenta Historica: a saeculo octavo post Christum usque ad quintumdecimum: Inquisitiones, v.I, fasc. I-II, III, IV-V, VI, VII, VIII, IX HERCULANO, Alexandre (ed.), Lisboa, Typis Academicis, 1888-1977.

Portvgaliae Monvmenta Historica Nova Série, v.II/1, *Livro de Linhagens do Conde D. Pedro*, MATTOSO, José (ed.), Lisboa, Academia das Ciências de Lisboa, 1980.

Portvgaliae Monvmenta Historica Nova Série, v.II/2, *Livro de Linhagens do Conde D. Pedro*, MATTOSO, José (ed.), Lisboa, Academia das Ciências de Lisboa, 1980.

Portvgaliae Monvmenta Historica Nova Série, v.IV/1, *Inquisitiones: inquirições gerais de D. Dinis de 1288, sentenças de 1290 e execuções de 1291*, PIZARRO, José A. Sottomayor (ed.), Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda e Academia das Ciências de Lisboa, 2012.

Portvgaliae Monvmenta Historica Nova Série, v.IV/2, *Inquisitiones: inquirições gerais de D. Dinis de 1288, sentenças de 1290 e execuções de 1290*, PIZARRO, José A. Sottomayor (ed.), Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda e Academia das Ciências de Lisboa, 2015.

Portvgaliae Monvmenta Historica Nova Série, v.IX/1, *Leges et Consuetudines: Forais e Cartas de Povoamento. 1ª parte: 1050-1244*, REIS, António Matos (ed.), Lisboa, Academia das Ciências de Lisboa, 2017.

ZURARA, Gomes Eanes, *Crónica da Tomada de Ceuta por El Rei Dom João I*, PEREIRA, Francisco M. Esteves (ed.), Lisboa, Academia das Ciências de Lisboa, 1915.

Estudos

ABALO BUCETA, *José María*, *Livro da Montaria de D. João I de Portugal (1415-1433)*, Valladolid, Universidad de Valladolid. Facultad de Filosofía y Letras, 2008 (tese de doutoramento).

AGUIAR, Miguel, “Carta de partilhas dos bens de Gonçalo Vaz de Castelo Branco (1493)”, *Fragmenta Historica*, 8 (2020), pp. 107-115.

ANTUNES, José, OLIVEIRA, António Resende de, MONTEIRO, João Gouveia, “Conflitos políticos no reino de Portugal entre a reconquista e a expansão: estado da questão”, *Revista de História das Ideias*, 6 (1984), pp. 25-160.

ARNAUD, José Morais, FERNANDES, Carla Varela (coord.), *Construindo a Memória: As Coleções do Museu Arqueológico*, Lisboa, Associação dos Arqueólogos Portugueses, 2005.

BARROCA, Mário Jorge, *Epigrafia Medieval Portuguesa (862-1422)*, v.II, t.2, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, Fundação para a Ciência e Tecnologia, 2000.

BARROS, Henrique Gama, *História da Administração Pública em Portugal nos séculos XII a XV*, t. VI, Lisboa, Livraria Sá da Costa - Editora, 1950.

BARROS, Henrique Gama, *História da Administração Pública em Portugal nos séculos XII a XV*, t. IX, Lisboa, Livraria Sá da Costa - Editora, 1953.

BASTOS, Maria Costa, *O baixo Vouga em Tempos Medievos: do preâmbulo da monarquia aos finais do reinado de D. Dinis*, Lisboa, Universidade Aberta, 2006 (tese de doutoramento).

CALDAS, Eugénio de Castro, *Terra de Valdevez e Montaria do Soajo*, Lisboa, Verbo, 1994.

CANABRAVA, José V. de Lucena, *A Lei da Floresta: Poder e Política na Inglaterra Medieval (séculos XI-XIII)*, Brasília, Universidade de Brasília, 2019 (dissertação de mestrado).

CARRILHO, Aura, MARTINS, Maria Sequeira, “Recursos Florestais no Portugal Medieval”, *Media Aetas. Revista de Estudos Medievais*, II série, 1 (2004-2005), pp. 47-58.

CARVALHO, António Eduardo Teixeira de, *A chancelaria régia e os seus oficiais em 1468*, Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2001 (dissertação de mestrado).

COELHO, Maria H. da Cruz, *O Baixo Mondego nos Finais da Idade Média (Estudo de História Rural)*, 2 vols., Coimbra, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 1983.

COELHO, Maria H. da Cruz, RILEY, Carlos Guilherme, “Sobre a Caça Medieval”, *Estudos Medievais*, 9 (1988), pp. 221-267.

COELHO, Maria H. da Cruz, “A Pesca Fluvial na Economia e Sociedade Medieval Portuguesa”, *Cadernos Históricos*, VI (1992), pp. 81-102.

COELHO, Maria H. Cruz; HOMEM, Armando L. Carvalho, “Origines et évolution du registre de la chancellerie royale portugaise (XIIIe-XVe) siècles”, *Revista da Faculdade de Letras*, 12 (1995), pp. 47-74.

COELHO, Maria H. da Cruz, HOMEM, Armando L. de Carvalho, “A Diversificação Económica”, in SERRÃO, Joel, MARQUES, A. H. de Oliveira (dir.), COELHO, Maria H. da Cruz, HOMEM, Armando L. de Carvalho (coord.), *Nova História de Portugal*, v.3, *Portugal em Definição de Fronteiras: Do Condado Portucalense à Crise do Século XIV*, Lisboa, Editorial Presença, 1996, pp. 385-528.

COELHO, Maria H. da Cruz, *Montemor-o-Velho a caminho da corte e das cortes*, Montemor-o-Velho, Câmara Municipal de Montemor-o-Velho, 2010.

COELHO, Maria H. da Cruz, *D. João I: o que re-colheu Boa Memória*, Lisboa, Círculo de Leitores, 2011.

COSTA, Carlos Eurico da (dir. e coord.), *A Caça em Portugal*, 2 vols., Lisboa, Editorial Estampa, 1988.

COSTA, João Santos, *Palmela: o espaço e as gentes (séculos XII a XVI)*, 2 vols., Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 2016 (tese de doutoramento).

COSTA, Mário A. Nunes, “O arquivo da Montaria-Mor do Reino: (1583-1833)”, *Revista Portuguesa de História*, 11 (1964), pp. 151-176.

COX, John Charles, *The Royal Forests of England*, Londres, Methuen & Co., 1905.

DEVY-VARETA, Nicole, “Para uma geografia histórica da floresta portuguesa: as matas medievais e a "coutada velha" do Rei”, *Revista da Faculdade de Letras-Geografia*, 1ª série, 1 (1985), pp. 47-67.

DEVY-VARETA, Nicole, “Para uma geografia histórica da floresta: do declínio das matas medievais à política florestal do Renascimento (XV-XVI)”, *Revista da Faculdade de Letras-Geografia*, 1ª série, 2 (1986), pp. 5-37.

DEVY-VARETA, Nicole, ALVES, A. A. Monteiro, “Os avanços e recuos da floresta em Portugal – da Idade Média ao Liberalismo”, in SILVA, Joaquim Sande (coord.), *Floresta e sociedade: uma história em comum*, Lisboa, Público - Comunicação Social SA, Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento, 2007, pp. 55-75.

DIAS, Diogo Teixeira, *As últimas Cortes em Coimbra – Dados para o estudo da política parlamentar portuguesa em 1472-1473*, Coimbra, Câmara Municipal de Coimbra, 2021.

DURÃO, Maria M. da Silva, *1471- um ano "africano" no desembargo de D. Afonso V*, 2 vols, Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2002 (tese de doutoramento).

ESPÍ FORCÉN, Carlos, “El sabueso medieval. Fuentes e iconografía desde su origen hasta los tratados cinegéticos del siglo XIV”, *Boletín de Arte-UMA*, 40 (2019), pp. 123-133.

FARELO, Mário, “Os recursos hídricos na paisagem medieval portuguesa através do estudo dos documentos da chancelaria régia (1208-1521)”, *Media Aetas. Revista de Estudos Medievais*, II série, 1 (2004-2005), pp. 59-70.

FARO, Jorge, *Receitas e despesas da Fazenda Real de 1384 a 1481: subsídios documentais*, Lisboa, Publicações do Centro de Estudos Económicos, 1965.

FERREIRA, Delfim Bismarck, *A Terra de Vouga nos Séculos IX a XIV*, Aveiro, ADERAV, 2008.

FONSECA, Jorge, *Montemor-o-Novo no Século XV*, Montemor-o-Novo, Câmara Municipal de Montemor-o-Novo, 1998.

FREITAS, Judite A. Gonçalves de, *A Burocracia do “Eloquente” (1433-1438): Os textos, as normas, as gentes*, Cascais, Patrimónia, 1996.

FREITAS, Judite A. Gonçalves de, “*Teemos por bem e mandamos*”. *A Burocracia Régia e os Oficiais em meados de Quatrocentos (1439-1460)*, 2 vols., Cascais, Patrimónia, 2001.

GOMES, Mário Varela, “O Oriente no Ocidente. Testemunhos iconográficos na Proto-história do Sul de Portugal: smiting gods ou deuses ameaçadores”, *Revista ICALP*, 22-23 (1990-1991), pp. 125-177.

GOMES, Rita Costa, *A Corte dos Reis de Portugal no Final da Idade Média*, Lisboa, Difel, 1995 [versão inglesa: GOMES, Rita Costa, *The Making of a Court Society: Kings and Nobles in Late Medieval Portugal*, Cambridge, Cambridge University Press, 2003].

GOMES, Rita Costa, *D. Fernando*, Lisboa, Círculo de Leitores, 2011.

GOMES, Saul António, *D. Afonso V: o africano*, Lisboa, Círculo de Leitores, 2012.

GOMES, Saul António, “A chancelaria régia de D. Dinis: breves observações diplomáticas”, *Fragmenta Histórica*, 1 (2013), pp. 9-29.

GOMES, Saul António, *Forais de Ourém*, Ourém, Câmara Municipal de Ourém e Fundação da Casa de Bragança, 2016.

GOMES, Saul António, “Leiria: Crescimento e Consolidação”, in GOMES, Saul António (coord.), *Forais de Leiria*, Leiria, Textiverso, 2017.

GOMES, Saul António (coord.), *Coimbrão, uma História por Revelar*, Leiria, Jorlis- Edições e Publicações Lda, 2017.

GOMES, Saul António (coord.), *Colmeias- uma comunidade secular*, 2 vols., Leiria, Jorlis-Edições e Publicações Lda, 2021.

GONÇALVES, Iria, *O Património no Mosteiro de Alcobaça nos séculos XIV e XV*, Lisboa, Universidade Nova de Lisboa – Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, 1989.

GONÇALVES, Iria, *Por terras de Entre-Douro-e-Minho com as Inquirições de Afonso III*, Porto, Afrontamento, CITCEM - Centro de Investigação Transdisciplinar "Cultura, Espaço e Memória", 2012.

HEINRICH, Dirk, “Are trained raptors domesticated birds?”, in GERSMANN, Karl-Heinz, GRIMM, Oliver (eds.), *Raptor and human: falconry and bird symbolism throughout the millennia on a global scale*, v.1, Kiel, Wachholtz, 2018, pp. 277-283.

LAKE-GIGUÈRE, Danny, *Administrer les forêts du roi au Moyen Âge: le negotium forestarum en Normandie capétienne (1204-1328)*, Rouen, Université de Rouen Normandie, Université de Montréal, 2021 (tese de doutoramento).

LIMA, Luís Caetano de, *Geografia histórica de todos os estados soberanos de Europa, com as mudanças, que houve nos seus dominios, especialmente pelos Tratados de Utrecht, Rastad, Baden, da Barreira, da Quadruple Alliança, de Hannover, e de Sevilha; e com as Genealogias das Casas reynantes, e outras muy principaes*, v.1, Lisboa Occidental, Na Officina de Joseph Antonio da Sylva, 1734.

MARQUES, A. H. de Oliveira, *História de Portugal*, v.1, Lisboa, Editorial Presença, 2010.

MARQUES, A. H. de Oliveira, *A Sociedade Medieval Portuguesa*, Lisboa, Esfera dos Livros, 2010.

MATTOSO, José, *Ricos-Homens, Infanções e Cavaleiros*, Lisboa, Guimarães Editores, 1985.

MATTOSO, José, “A Caça no Soajo”, in MATTOSO, José, *Fragmentos de uma composição medieval*, Lisboa, Editorial Estampa, 1987, pp. 205-211.

MATTOSO, José, *A Terra de Santa Maria na Idade Média: Limites Geográficos e Identidade Peculiar*, Santa Maria da Feira, Comissão de Vigilância do Castelo de Santa Maria da Feira, 1993.

MENDONÇA, Manuela, *Livro de Montaria*, Ericeira, Mar de Letras, 2003.

MONTEIRO, João Gouveia, *Aljubarrota revisitada*, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2001.

MORENO, Humberto Baquero, *A batalha de Alfarrobeira: antecedentes e significado histórico*, 2 vols., Coimbra, Por ordem da Universidade, 1979-1980.

MORENO, Humberto Baquero, “O Infante D. Pedro e o Ducado de Coimbra”, *Revista de História*, 5 (1983-1984), pp. 27-52.

MORENO, Humberto Baquero, *Os Itinerários de El-Rei Dom João I (1384-1433)*, Lisboa, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1988.

NEVES, Carlos Baeta, “Dos Monteiros-mores aos Engenheiros Silvicultores”, *Anais do Instituto Superior de Agronomia*, 28 (1965), pp. 19-172.

NEVES, Carlos Baeta, “Alguns Documentos do Arquivo Nacional da Torre do Tombo sobre Monteiros-mores, Caçadores-mores e Caçadores e Couteiros de perdizes”, *Anais do Instituto Superior de Agronomia*, 28 (1965), pp. 173-304.

NEVES, Carlos Baeta, “Da História do Paul da Ota e a defesa das «Zonas Húmidas»”, *Anais do Instituto Superior de Agronomia*, 37 (1979), pp. 257-274.

NEVES, Carlos Baeta, “Alguns dos Principais Aspectos da Política Florestal em Portugal até ao Século XVII”, *Boletim do Instituto dos Produtos Florestais* (1980), pp. 1-6.

NEVES, Carlos Baeta, “Subsídios para a História da Falcoaria em Portugal”, *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*, 101 1-6 (1983), pp. 21-46.

NEVES, Carlos Baeta, “O Ensino Superior Florestal em Portugal: antecedentes históricos, origem e evolução até à atualidade”, *Anais do Instituto Superior de Agronomia*, 41 (1984), pp. 153-174.

OLIVEIRA, José A. C. Freitas, “Exploração das matas nos finais do século XV: aspectos da desflorestação na Outra Banda”, *Media Aetas. Revista de Estudos Medievais*, II série, 2 (2005-2006), pp. 55-65.

OLIVEIRA, José A. C. Freitas, “Estrutura do Povoamento no termo de Almada (Séculos XIV e XV), in GONÇALVES, Iria (coord.), *Paisagens Rurais e Urbanas*, v.IV, Lisboa, Centro de Estudos Históricos – Universidade Nova de Lisboa, 2009, pp. 153-166.

PIMENTA, Miguel Brandão, CAETANO, Paulo, *Feras e Homens – A Fauna no Portugal Medieval*, Lisboa, Editorial Bizâncio, 2022.

RIBEIRO, Orlando, *Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico*, Lisboa, Livraria Sá da Costa Editora, 1967.

SAGASTIBELZA BERAZA, Manuel, “Rotrón del Perche y la Conquista de Tudela: Restituyendo su protagonismo”, *Revista del Centro de Estudios Merindad de Tudela*, 28 (2020), pp. 39-80.

SERRÃO, Joel, MARQUES, A. H. de Oliveira, (dir.), *Nova História de Portugal*, v.4: *Portugal na Crise dos séculos XIV e XV*, Lisboa, Editorial Presença, 1987.

SILVA, Maria J. V. B. Marques da, *Esgueira e suas Gentes: A vida de uma aldeia do século XV*, Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 1990 (dissertação de mestrado).

SOUSA, Afonso Soares de, “O Cavalo na Idade Média Portuguesa”, *Medievalista*, 32 (2022), pp. 171-216.

SOUSA, Armindo de, *As cortes medievais portuguesas (1385-1490)*, 2 vols., Porto, Instituto Nacional de Investigação Científica, Centro de História da Universidade do Porto, 1990.

TEIXEIRA, António J. de Menezes, “Porto de Mós: Espaço Geográfico, Natural e Arqueológico” in GOMES, Saul António (coord.), *Forais de Porto de Mós*, Porto de Mós, Câmara Municipal de Porto de Mós, 2015, pp. 17-33.

TRÁPAGA MONCHET, Koldo, “El estudio de los bosques reales de Portugal a través de la legislación forestal en las dinastías Avis, Habsburgo y Braganza (ca. 1435-1650)”, *Philostrato. Revista de Historia y Arte*, 1 (2017), pp. 5-27.

TRÁPAGA MONCHET, Koldo, “Las políticas forestales en los reinos de Castilla y Portugal (siglos XV-XVII)” in DATTERO, Alessandra (coord.), *Il bosco: Biodiversità, diritti e culture dal medioevo al nostro tempo*, Roma, Viella, 2022, pp. 85-103.

VASCONCELOS, António M. F. Pestana de, *Nobreza e Ordens Militares, relações sociais e de poder: (séculos XIV a XVI)*, 2 vols., Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2008 (tese de doutoramento).

VENTURA, Leontina Domingos, *A Nobreza de Corte de D. Afonso III*, 2 vols., Coimbra, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 1992 (tese de doutoramento).

VIANA, Mário, “A evolução do povoamento em Santarém na Idade Média e a sua relação com a área periurbana”, in GONÇALVES, Iria (coord.), *Paisagens Rurais e Urbanas- Fontes Metodologias, Problemáticas. Actas das Terceiras Jornadas*, v.III, Lisboa, Centro de Estudos Históricos – Universidade Nova de Lisboa, 2007, pp. 83-108.

VIANA, Mário, “Povoamento, geomorfologia e toponímia do baixo Tejo e do campo de Valada (1200-1350)”, in GONÇALVES, Iria (coord.), *Paisagens Rurais e Urbanas*, v.IV, Lisboa, Centro de Estudos Históricos – Universidade Nova de Lisboa, 2009, pp. 127-148.

VILAR, Hermínia Vasconcelos, *Abrantes Medieval: séculos XIV e XV*, Lisboa, Câmara Municipal de Abrantes, 1988.

ZELLER, Ulrich, GÖTTERT, “The relations between evolution and domestication reconsidered- implications for systematics, ecology, and nature conservation”, *Global Ecology and Conservation*, 20 (2019), pp. 1-18.

Instrumentos auxiliares de pesquisa

COSTA, Avelino de Jesus da, *Normas Gerais de Transcrição e Publicação de Documentos e Textos Medievais e Modernos*, Coimbra, Instituto de Paleografia e Diplomática, 1993.

MARQUES, A. H. de Oliveira, DIAS, João J. Alves, *Atlas Histórico de Portugal e do Ultramar Português*, Lisboa, Centro de Estudos Históricos, 2003.

SERRÃO, Joel (dir.), *Dicionário de História de Portugal*, v.2, v.5, Porto, Livraria Figueirinhas, 1984.

VITERBO, Joaquim de S. Rosa, *Elucidário das palavras, termos, e frases, que em Portugal antigamente se usaram e que hoje regularmente se ignoram*, 2 vols., Lisboa, A. J. Fernandes Lopes, 1865.

Webgrafia

CANDEIAS, Tiago, “A Tumulária Medieval Portuguesa: O Túmulo de Gomes Martins Silvestre” (2020)
[https://www.academia.edu/42202222/O_T%C3%BAmulo_de_Gomes_Martins_Silvestre_Monsaraz_A_Tumul%C3%A1ria_Medieval_Portuguesa].

SILVA, Manuela Santos, “O concelho de Óbidos na Idade Média” (2008)
[<https://www.academia.edu/1327638>].

ANEXOS

Anexo 1 – Quadros de base prosopográfica

Quadro A1 – Dados Biográficos dos monteiros-mores

ID	Nome	Residência	Cargo	Ocupação/ posição social	Percurso	Fontes
1	D. Vicente de Larçã	não identificado	Monteiro-mor	não identificado	Com o encargo de monteiro desde o reinado de D. Afonso III; surge referido no exercício de funções em ?/04/1280 e a 09/06/1280.	HFAC v.1 doc.7; HFAC v.1 doc.8; HFAC v.1 doc.190.
2	João Bolo	não identificado	Monteiro-mor	não identificado	Mencionado a 10/08/1311 numa carta de aforamento de alqueive na Abrunheira e identificado como Monteiro-mor, sem indicação da respetiva montaria.	HFAC v.1 doc.31.
3	Gonçalo Aires	não identificado	Monteiro-mor	não identificado	Referido numa carta de doação da Quinta do Ribatejo a 21/07/1367 como Monteiro-mor, sem indicação da montaria.	Chanc. D. Fernando, L ^o 1, fl.14v.
4	João de Castela	não identificado	Monteiro-mor	não identificado	Referido a 08/07/1377 como Monteiro-mor da Terra de Santa Maria.	HFAC v.1 doc.152.
5	João Domingues	não identificado	Monteiro-mor	não identificado	Referido no exercício de funções numa carta de nomeação de Lourenço Domingues, monteiro e guardador, a 22/01/1378.	HFAC v.1 doc.154.

6	Afonso Leal ⁵⁸⁰	não identificado	Monteiro-mor	não identificado	Substituído a 08/01/1381 por João Marques.	Chanc. D. Fernando, L ^o 3, fls.58-58v.
7	João Marques ⁵⁸¹	não identificado	Monteiro-mor	criado de D. Fernando	Nomeado a 08/01/1381 em substituição de Afonso Leal.	Chanc. D. Fernando, L ^o 3, fls.58-58v.
8	Gonçalo Anes	não identificado	Monteiro-mor	não identificado	Mencionado a 01/04/1407 numa carta de nomeação do seu sucessor Afonso Gonçalves; nesta data já teria falecido.	HFAC v.1 dos.285.
9	Afonso Gonçalves	Santarém	Monteiro-mor	não identificado	Nomeado a 01/04/1407 para o cargo de Monteiro-mor de Santarém, em substituição de Gonçalo Anes.	HFAC v.1 dos.285.
10	Gonçalo do Monte	não identificado	Monteiro-mor	não identificado	Referido a 26/08/1407 como Monteiro-mor de Óbidos, numa carta onde é coutado o Reguengo de Peniche, termo de Atouguia; surge novamente a 29/08/1407 com a mesma função, numa carta de coutada dirigida aos juízes de Óbidos, Atouguia e Lourinhã.	HFAC v.1 doc.288; HFAC v.1 doc.289.
11	João Vicente	não identificado	Monteiro-mor	não identificado	Referido a 07/05/1421 como Monteiro-mor de Azeitão e de Ribatejo.	<i>Chancelarias Portuguesas - D. João I</i> , v.4, t.1, p.97; HFAC v.2 doc.128.

⁵⁸⁰ Referido por COSTA, João Santos, *Palmela: o espaço...*, v.2, p. 73.

⁵⁸¹ Referido por COSTA, João Santos, *Palmela: o espaço...*, v.2, p. 1125.

12	Lucas Anes ⁵⁸²	não identificado	Monteiro-mor	criado de D. João I	Nomeado por D. João I; confirmado a 09/04/1434 por D. Duarte; substituído a 02/11/1443, no tempo de regência do Infante D. Pedro, por Álvaro Anes das Coberturas; foi nomeado de novo, por D. Afonso V, a 17/01/1449 e terá deixado de exercer antes de 06/02/1455.	HFAC v.1 doc.373; Chanc. D. Afonso V, Lº24, fls.12-12v; Chanc. D. Afonso V, Lº10, fl.8.
13	Vicente Esteves de Barbudo	não identificado	Monteiro-mor	vassalo régio	Referido a 09/04/1434 e 23/10/1434 como Monteiro-mor do reino (interino) no lugar de Lopo Vaz de Castelo Branco; desempenha a 15/08/1443 a função de Monteiro-mor de Muge; surge a 20/07/1446 como Monteiro-mor de Santarém; deverá ser o indivíduo que vem referido nas <i>Ordenações Afonsinas</i> como o Monteiro-mor da montaria de Santarém, no tempo de D. Duarte (1433-1438).	HFAC v.1 doc.373; HFAC v.1 doc.388; HFAC v.2 doc.120; HFAC v.2 doc.145; Ord. Af. Lº1 p.398.

⁵⁸² Referido em GOMES, Saul António, "Leiria: Crescimento e...", p. 75.

14	Afonso Anes <i>Adufe/Nadufe</i>	não identificado	Monteiro- mor	criado de D. Duarte	Afonso Anes <i>Adufe</i> – neto de Afonso Anes <i>Nadufe</i> e Guiomar Sanches e criado de D. Duarte – está mencionado na posse do cargo de Monteiro-mor de Sintra a 31/01/1435; a 22/07/1444 surge como Afonso Anes de Lobão e na posse do mesmo cargo; volta a surgir a 22/07/1452 como Afonso Anes de Lobão e como criado de D. Duarte, numa carta que confirma o cargo que tinha vindo a desempenhar; a 26/10/1468 aparece na posse do cargo de Monteiro-mor de Sintra e novamente identificado como neto de Afonso Anes <i>Nadufe</i> e Guiomar Sanches; A variação do nome pode dever-se ao seguinte facto: se <i>Adufe/Nadufe</i> forem uma referência a <i>Nandufe</i> (c.Tondela), Lobão deve corresponder a Lobão da Beira (c.Tondela), duas localidades muito próximas e de onde seria natural.	<i>Chancelarias Portuguesas - D. Duarte</i> , v.I t.2, p.74; HFAC v.2 doc.134; HFAC v.2 doc.297; Chanc. D. Afonso V, L°31, fl.1v.
15	Afonso Pires	não identificado	Monteiro- mor	não identificado	Mencionado a 24/06/1435 porque está em falta o seu "mantimento e vestir" dos sete anos em que exerceu neste cargo (7698 libras p/ano; total de 53886 libras).	<i>Chancelarias Portuguesas - D. Duarte</i> , v.III, p.319.
16	Afonso Esteves	não identificado	Monteiro- mor	não identificado	Mencionado a 24/06/1435 porque está em falta o seu "mantimento e vestir" de um ano e parte de outro em que exerceu neste cargo (5670 libras p/ano; total de 10395 libras).	<i>Chancelarias Portuguesas - D. Duarte</i> , v.III, p.319.

17	Afonso Anes	Outeiro do Botão	Monteiro-mor	criado de D. Duarte	Mencionado a 24/06/1435 porque está em falta o seu "mantimento e vestir" de cinco anos em que exerceu neste cargo, depois de suceder a Afonso Esteves (5670 libras p/ano; total de 28050 libras); confirmado a 23/06/1439 como Monteiro-mor da Montaria do Botão (Coimbra).	<i>Chancelarias Portuguesas - D. Duarte</i> , v.III, p.319; HFAC v.2 doc.23.
18	Gomes Henriques	não identificado	Monteiro-mor	criado de D. Duarte; almoxarife em Óbidos;	A 02/07/1439 D. Afonso V confirma a nomeação para o cargo de Monteiro-mor de Óbidos feita por D. Duarte (entre 1433-1438); surge a 06/02/1440, 27/06/1441, 03/10/1444 e 08/10/1444 no exercício da mesma função.	Chanc. D. Afonso V, L°18, fl.108; Chanc. D. Afonso V, L°20, fl.135v; HFAC v.2 doc.53; Chanc. D. Afonso V, L°25, fl.15; Chanc. D. Afonso V, L°25, fls.14v-15.
19	João Anes	não identificado	Monteiro-mor	não identificado	Substituído por Gonçalo Vasques no cargo de Monteiro-mor do Soajo a 08/03/1443 por ter falecido.	Chanc. D. Afonso V, L°27, fl.41.
20	Gonçalo Vasques	não identificado	Monteiro-mor	não identificado	Nomeado a 08/03/1443 para o cargo de Monteiro-mor do Soajo; substituído a 14/04/1452, por ter falecido, pelo seu filho Vasco Gonçalves.	Chanc. D. Afonso V, L°27, fl.41; Chanc. D. Afonso V, L°12, fl.35v.

21	Álvaro Anes das Coberturas ⁵⁸³	Leiria	Monteiro-mor e Procurador de Leiria, Porto de Mós, Ourém e Couto de Alcobaça	escudeiro do Infante D. Pedro	Nomeado a 02/11/1443 para o cargo de Monteiro-mor e Procurador de Leiria, Porto de Mós, Ourém e Couto de Alcobaça em substituição de Lucas Anes; aparece a 08/10/1444 como Monteiro-mor num documento referente a Leiria.	Chanc. D. Afonso V, L°24, fls.12-12v; Chanc. D. Afonso V, L°24, fl.99; Chanc. D. Afonso V, L°10, fl.8.
22	João de Meneses	Penela	Monteiro-mor	criado de D. Afonso V	Nomeado a 26/06/1449 para Monteiro-mor de Penela, Lousã e Miranda do Corvo.	Chanc. D. Afonso V, L°11, fl.44v.
23	Rodrigo Afonso ⁵⁸⁴	não identificado	Monteiro-mor	não identificado	Surge a 16/09/1449 numa carta onde lhe são confiscados os bens que possuía e entregues a Gomes Ferreira escudeiro do rei (e talvez o seu sucessor na montaria) porque participou na Batalha de Alfarrobeira contra o rei.	Estremadura, L°8, fl.268.
24	Pedro Anes	Montemor-o-Novo	Monteiro-mor	não identificado	Nomeado a 11/01/1450 para o cargo de Monteiro-mor de Montemor-o-Novo.	Chanc. D. Afonso V, L°34, fl.17v.

⁵⁸³ Referido em GOMES, Saul António, "Leiria: Crescimento e...", p.75.

⁵⁸⁴ Referido por MORENO, Humberto Baquero, *A batalha de...*, v.1, pp. 475, 481, 601.

25	João Monteiro	não identificado	Monteiro-mor	não identificado	Substituído a 27/07/1450 pelo seu filho João Anes no cargo de Monteiro-mor das matas da Ota, Furadoiro e Vigeira (Alenquer) por ter morrido.	Chanc. D. Afonso V, L°37, fl.29v; Chanc. D. Afonso V, L°16, fl.44v.
26	João Anes	Atougua das Cabras	Monteiro-mor	não identificado	Nomeado a 27/07/1450 para Monteiro-mor das matas da Ota, Furadoiro e Vigeira (Alenquer) em substituição de João Monteiro seu pai; surge a 13/03/1471 como Monteiro-mor da Ota.	Chanc. D. Afonso V, L°37, fl.29v; Chanc. D. Afonso V, L°16, fl.44v.
27	André Gil ⁵⁸⁵	Aveiro	Monteiro-mor	criado de Infante D. Pedro; escudeiro do Rei	A 18/09/1450 é substituído no cargo de Monteiro-mor por Gonçalo Brandão; Embora não seja explícito o motivo deste afastamento o facto de André Gil surgir como criado do Infante D. Pedro, associado à datação da carta, levantam a forte suspeita de que se deve à sua participação na Batalha de Alfarrobeira contra o Rei; contudo surge a 06/02/1456 ainda no exercício de funções e passa a ser tratado como escudeiro do Rei; renuncia ao cargo apenas a 24/12/1469 sendo substituído por Diogo Barreto.	Chanc. D. Afonso V, L°11, fl.21; HFAC v.2 doc.366; Chanc. D. Afonso V, L°31, fl.142v.
28	Gonçalo Brandão	Santa Maria da Feira	Monteiro-mor	não identificado	Nomeado a 18/09/1450 em substituição de André Gil; contudo não volta a aparecer referido e André Gil mantém-se no cargo até 1469; esta substituição não se concretizou ou foi apenas momentânea.	Chanc. D. Afonso V, L°11, fl.21.

⁵⁸⁵ Referido por MORENO, Humberto Baquero, *A batalha de...*, v.1, p. 478.

29	Vasco Gonçalves	não identificado	Monteiro-mor	não identificado	Nomeado Monteiro-mor do Soajo a 14/04/1452 em substituição do seu pai Gonçalo Vasques que falecera.	Chanc. D. Afonso V, L°12, fl.35v.
30	Diogo Álvares ⁵⁸⁶	não identificado	Monteiro-mor	cavaleiro da Casa Régia	Surge a 06/02/1455 no desempenho da função de Monteiro-mor em Leiria; novamente referido, na mesma condição, a 21/06/1456; substituído a 08/02/1472 pelo seu filho Álvaro de Vivar por ter falecido.	Chanc. D. Afonso V, L°15, fl.6v; Chanc. D. Afonso V, L°13, fl.112v; Chanc. D. Afonso V, L°37, fl.91.
31	João Afonso ⁵⁸⁷	Azeitão	Monteiro-mor	não identificado	Surge a 29/09/1456 com a função de Monteiro-mor de Palmela; volta a aparecer apenas na confirmação do seu sucessor Pedro Anes da Frota, referido como monteiro-mor de Setúbal e Palmela, feita por D. João II a 04/09/1482; João Afonso foi aposentado por não poder servir, dada a sua velhice, algures entre 1456 e 1481; É crível que seja o mesmo João Afonso que surge como monteiro e guardador das matas de Ribatejo, Palmela, Sesimbra e Azeitão numa confirmação de 21/03/1444 e que exercia desde o reinado de D. João I.	Chanc. D. Afonso V, L°13, fl.32; HFAC v.3 doc.93; Chanc. D. Afonso V, L°24, fl.28.
32	Diogo Fernandes do Quintal	não identificado	Monteiro-mor	escudeiro da Casa do Rei	Nomeado a 07/01/1467 para Monteiro-mor de Alcobaça e Carvalhal de Turquel.	Chanc. D. Afonso V, L°31, fls.16v-17.

⁵⁸⁶ Referido em GOMES, Saul António, "Leiria: Crescimento e...", p. 75.

⁵⁸⁷ Referido por COSTA, João Santos, *Palmela: o espaço...*, v.2, p. 887. Identificado, por este autor, como mero monteiro embora se trate de um monteiro-mor.

33	Diogo Barreto	Santa Maria da Feira	Monteiro-mor	escudeiro do Rei	Nomeado a 24/12/1469 para o cargo de Monteiro-mor da Terra de Santa Maria em substituição de André Gil.	Chanc. D. Afonso V, L°31, fl.142v.
34	Álvaro de Vivar ⁵⁸⁸	não identificado	Monteiro-mor	cavaleiro	Nomeado a 08/02/1471 para Monteiro-mor em Leiria em substituição do seu pai Diogo Álvares que falecera; exerceu até 20/06/1482 e foi substituído por Lopo Peixoto.	Chanc. D. Afonso V, L°37, fl.91; Chanc. D. João II L°6, fl.88v.
35	Gomes Ferreira	não identificado	Monteiro-mor	não identificado	Substituído a 16/11/1481, já no reinado de D. João II, por João Gomes seu genro porque falecera; talvez seja o mesmo indivíduo que a 16/09/1449 fica com todos os bens de Rodrigo Afonso, anterior monteiro-mor de Montemor-o-Velho, sendo provável que tenha assumido o cargo também nessa altura.	Chanc. D. Afonso V, L°26, fl.143v.

⁵⁸⁸ Referido em GOMES, Saul António, "Leiria: Crescimento e...", p.75.

Quadro A2 – Dados biográficos dos monteiros da montaria de Alcobaça-Leiria

ID	Nome	Residência	Cargo	Matas	Ocupação/ Posição social	Percurso	Fontes
36	Lourenço Domingues	Olival (conc. Ourém)	Monteiro e guardador	Urqueira	não identificado	Nomeado a 22/01/1378.	HFAC v.1 doc.154.
37	Diogo Afonso ⁵⁸⁹	Alpedriz	Monteiro e guardador	Mata Longa	não identificado	Nomeado a 24/08/1440 com 48 anos de idade para monteiro e guardador em substituição de Afonso Anes que renunciara; aposentado a 10/10/1462 por ter 70 anos de idade; substituído na mesma data por João Anes.	HFAC v.2 doc.42; HFAC v.2 doc.425; HFAC v.2 doc.426.
38	Afonso Anes	<i>Pederneira</i> ; Torres Novas;	Monteiro e guardador	Mata Longa	não identificado	Renunciou a 24/08/1440 ao cargo de monteiro e guardador porque deixou de morar na Pederneira e foi para Torres Novas; substituído por Diogo Afonso.	HFAC v.2 doc.42.
39	Afonso André	Évora de Alcobaça	Monteiro e guardador	Vale da Figueira	não identificado	D. Afonso V confirma 09/09/1440 o cargo de monteiro e guardador que lhe tinha sido dado por D. Duarte (entre 1433-1438).	Chanc. D. Afonso V, L°20, fl.142.

⁵⁸⁹ Referido em Referido em GOMES, Saul António, “Leiria: Crescimento e..., p. 77.

40	Lourenço Afonso	Coz	Monteiro e guardador	Linhares da Cabeça do Moinho da Mata	não identificado	D. Afonso V confirma a 09/09/1440 o cargo de monteiro e guardador que lhe tinha sido dado por D. Duarte; nomeado entre 1433-1438.	Chanc. D. Afonso V, L ^o 20, fl.142.
41	Pedro Vasques ⁵⁹⁰	Leiria	Monteiro e guardador	Paul do Toro	não identificado	Noameado em 1441 em substituição de João de Picoto que se aposentara.	Chanc. D. Afonso V, L ^o 2, fl.72v.
42	João de Picoto	Picoto?	Monteiro e guardador	Paul do Toro	não identificado	Aposentado em 1441 e substituído por Pedro Vasques.	Chanc. D. Afonso V, L ^o 2, fl.72v.
43	Pedro Anes ⁵⁹¹	Leiria	Monteiro e guardador	Rego Travesso	não identificado	D. Afonso V confirma a 03/05/1441 o cargo que lhe tinha sido dado por D. Duarte (entre 1433-1438).	Chanc. D. Afonso V, L ^o 2, fl.101.
44	Rodrigo Anes	Leiria	Monteiro e guardador	Valverde; Ulmar	não identificado	Confirmado por D. Afonso V a 23/06/1441; aposentado a 11/01/1450 por ter 70 anos de idade e servir há 45 anos; terá sido nomeado em 1405 (com 25 anos de idade) no reinado de D. João I.	Chanc. D. Afonso V, L ^o 2, fl.86; Chanc. D. Afonso V, L ^o 34, fl.3.
45	João Gonçalves Machom ⁵⁹²	Leiria	Monteiro e guardador	Mata das Porcas	não identificado	Nomeado por D. Duarte (entre 1433-1438) e confirmado por D. Afonso V a 26/06/1441.	Chanc. D. Afonso V, L ^o 2, fl.86.

⁵⁹⁰ Referido em GOMES, Saul António, “Leiria: Crescimento e...”, p. 76.

⁵⁹¹ Referido em GOMES, Saul António, “Leiria: Crescimento e...”, p. 75.

⁵⁹² Referido em GOMES, Saul António, “Leiria: Crescimento e...”, p. 75.

46	Pedro Afonso ⁵⁹³	Leiria	Monteiro e guardador	Paul do Toro	não identificado	Nomeado por D. Duarte (entre 1433-1438) e confirmado por D. Afonso V a 26/06/1441; novamente confirmado a 16/10/1452 uma vez que não participou na Batalha de Alfarrobeira contra o Rei; aposentado em 1452 e substituído por Lourenço Anes.	Chanc. D. Afonso V, L ^o 2, fl.85v; Chanc. D. Afonso V, L ^o 12, fl.113; Chanc. D. Afonso V, L ^o 12, fl.125v.
47	Pedro Anes do <i>Cinho</i>	Leiria	Monteiro e guardador	Morzeleira	não identificado	Nomeado por D. Duarte (entre 1433-1438) e confirmado por D. Afonso V a 27/06/1441.	Chanc. D. Afonso V, L ^o 2, fls.85v-86.
48	Pedro Anes Alvão ⁵⁹⁴	Leiria	Monteiro e guardador	Portas de Alagoa; Mouta de Brejo das Sovereiras; Paul de Ortigosa; Molhadoiro dos Carvalhais	não identificado	Nomeado a 28/06/1441 em substituição de João Alvão, seu pai, que renunciara; substituído a 19/06/1455 por Gil Martins(2) porque falecera.	Chanc. D. Afonso V, L ^o 2, fl.92v; Chanc. D. Afonso V, L ^o 15, fl.53v.

⁵⁹³ Identificado como Gonçalo Afonso em GOMES, Saul António, "Leiria: Crescimento e...", p. 75.

⁵⁹⁴ Referido em GOMES, Saul António, "Leiria: Crescimento e...", p. 75.

49	João Alvão	não identificado	Monteiro e guardador	Portas de Alagoa; Mouta de Brejo das Sovereiras; Paul de Ortigosa; Molhadoiro dos Carvalhais	não identificado	Renunciou ao cargo a 28/06/1441 e foi substituído pelo seu filho Pedro Anes Alvão.	Chanc. D. Afonso V, L ^o 2, fl.92v.
50	João Dias ⁵⁹⁵	Leiria	Monteiro e guardador	Lapedo	vassalo régio	Confirmado por D. Afonso V a 28/06/1441; novamente confirmado a 16/10/1452; substituído em janeiro de 1455 por Gil de Prazeres porque se tornara vassalo régio.	Chanc. D. Afonso V, L ^o 2, fl.86; Chanc. D. Afonso V, L ^o 12, fl.115v; Chanc. D. Afonso V, L ^o 15, fl.1.
51	Álvaro Dias	Leiria	Monteiro e guardador	Lapedo	não identificado	Confirmado por D. Afonso V a 28/06/1441; aposentado a 06/02/1455 porque sofria de reira, gota (que lhe afetava braços e pernas) e tinha falta de visão, passando a maior parte do ano acamado; foi substituído a 06/02/1455 por Gil Aires; quando foi aposentado já servia há mais de 20	HFAC v.2 doc.57; Chanc. D. Afonso V, L ^o 15, fl.6; Chanc. D. Afonso V, L ^o 15, fl.6v.

⁵⁹⁵ Referido em GOMES, Saul António, "Leiria: Crescimento e...", p. 75.

						anos, tendo o cargo, pelo menos, desde 1435.	
52	Diogo Mateus ⁵⁹⁶	Leiria	Monteiro e guardador	Bouça de Agodim/Bouça	não identificado	Nomeado por D. Duarte (entre 1433-1438) e confirmado por D. Afonso V a 31/06/1441.	Chanc. D. Afonso V, Lº2, fl.80.
53	João Esteves Oliveiros ⁵⁹⁷	Leiria	Monteiro e guardador	Colmeias; Pontas	não identificado	Nomeado a 13/08/1441 em substituição de Antão Vasques; confirmado a 16/10/1452 como Monteiro e guardador.	Chanc. D. Afonso V, Lº2, fl.72v; Chanc. D. Afonso V, Lº12, fl.113.
54	Antão Vasques	não identificado	Monteiro e guardador	Colmeias; Pontas; Pomares	não identificado	Substituído a 13/08/1441, nas matas de Colmeias e Pontas, por João Esteves Oliveiros e na mata de Pomares a 01/12/1441 por Martim Vasques, porque falecera.	Chanc. D. Afonso V, Lº2, fl.72v; Chanc. D. Afonso V, Lº2, fl.65.
55	João Martins ⁵⁹⁸	Vermoil	Monteiro e guardador	Colmeias	não identificado	Nomeado a 03/09/1441 em substituição de Diogo Pires que falecera; confirmado como Monteiro e guardador da mesma mata em 1452.	Chanc. D. Afonso V, Lº2, fl.72v; GOMES, Saul António (coord.), <i>Colmeias- uma comunidade...</i> , v.2 p.35.

⁵⁹⁶ Referido em GOMES, Saul António, “Leiria: Crescimento e...”, p. 75. GOMES, Saul António (coord.), *Colmeias- uma comunidade...*, v.1, p. 333.

⁵⁹⁷ Referido em GOMES, Saul António, “Leiria: Crescimento e...”, p. 75. Identificado como João Oliveira, em GOMES, Saul António (coord.), *Colmeias- uma comunidade...*, v.1, p. 333.

⁵⁹⁸ Referido em Referido em GOMES, Saul António, “Leiria: Crescimento e...”, p.76. GOMES, Saul António (coord.), *Colmeias- uma comunidade...*, v.1, p. 334.

56	Diogo Pires	não identificado	Monteiro e guardador	Colmeias	não identificado	Substituído por João Martins a 03/09/1441 porque falecera.	Chanc. D. Afonso V, Lº2, fl.72v.
57	João do Pinhal ⁵⁹⁹	não identificado	Monteiro e guardador	Pereiras; Galeotas; Mata Gorda	não identificado	Aposentado a 16/09/1441 por ter 70 anos de idade e sofrer de dores que o impediam de servir; já servindo há mais de 30 anos, no momento da aposentação, exercia, pelo menos, desde 1411 (tinha 40 anos de idade); substituído por Gonçalo Vasques do Pinhal a 19/10/1441.	Chanc. D. Afonso V, Lº2, fl.74v; Chanc. D. Afonso V, Lº2, fl.72v.
58	Gonçalo Vasques do Pinhal ⁶⁰⁰	Leiria	Monteiro e guardador	Pereiras; Galeotas; Mata Gorda	não identificado	Nomeado a 19/10/1441 em substituição de João do Pinhal.	Chanc. D. Afonso V, Lº2, fl.72v.
59	Álvaro Rodrigues ⁶⁰¹	Leiria	Monteiro e guardador	Torre das Colmeias; Redemuinhos	não identificado	Nomeado a 19/10/1441 em substituição de Lourenço Anes(2).	HFAC v.2, doc.77.
60	Lourenço Anes(2)	não identificado	Monteiro e guardador	Torre das Colmeias; Redemuinhos	não identificado	Substituído a 19/10/1441 por Álvaro Rodrigues porque faleceu.	HFAC v.2, doc.77.

⁵⁹⁹ Referido em GOMES, Saul António, “Leiria: Crescimento e...”, p. 75.

⁶⁰⁰ Referido em GOMES, Saul António, “Leiria: Crescimento e...”, p. 75.

⁶⁰¹ Referido em GOMES, Saul António, “Leiria: Crescimento e...”, p. 75.

61	Martim Vasques	não identificado	Monteiro e guardador	Pomares	criado de Rodrigo Anes do Pinhal	Nomeado a 01/12/1441 em substituição de Antão Vasques que falecera.	Chanc. D. Afonso V, L ^o 2, fl.65.
62	Fernando Anes ⁶⁰²	Carnide (conc. Pombal)	Monteiro e guardador	Carnide; Ribeira de Carnide; Loba	não identificado	Nomeado por D. Duarte (entre 1433-1438) e confirmado a 15/12/1441 por D. Afonso V; aposentado a 15/10/1452 por ter 70 anos de idade e substituído, no mesmo dia, pelo seu filho Gil Fernandes.	Chanc. D. Afonso V, L ^o 2, fl.75; Chanc. D. Afonso V, L ^o 12, fl.113.
63	Pedro Lourenço	<i>Pederneira</i>	Monteiro e guardador	Maiorga; Paul do Valado	não identificado	Aposentado a 16/04/1442 por ter 70 anos de idade; substituído na mesma data por Diogo Lourenço.	Chanc. D. Afonso V, L ^o 23, fl.89v.
64	Diogo Lourenço	Maiorga	Monteiro e guardador	Maiorga; Paul do Valado	não identificado	Nomeado a 16/04/1442 para o cargo de monteiro e guardador em substituição de Pedro Lourenço.	Chanc. D. Afonso V, L ^o 23, fl.89v.
65	João Afonso	Maiorga	Monteiro e guardador	Maiorga	não identificado	D. Afonso V confirma a 08/05/1442 o cargo de monteiro e guardador que lhe tinha sido dado por D. Duarte (entre 1433-1438); substituído por Lourenço Martins a 10/05/1445 por ter falecido.	Chanc. D. Afonso V, L ^o 35, fl.102v; Chanc. D. Afonso V, L ^o 25, fl.64.

⁶⁰² Referido em GOMES, Saul António, "Leiria: Crescimento e...", p. 76.

66	João Anes Franco ⁶⁰³	Gândara	Monteiro e guardador	Paul da Pedra	não identificado	Nomeado a 17/10/1442 em substituição de João Franco seu pai.	Chanc. D. Afonso V, L°23, fl.86.
67	João Franco	não identificado	Monteiro e guardador	Paul da Pedra	não identificado	Aposentado a 17/10/1442 e substituído pelo seu filho João Anes Franco.	Chanc. D. Afonso V, L°23, fl.86.
68	Afonso Eanes da Amada ⁶⁰⁴	Coucineira	Monteiro e guardador	Mata das Fontes	não identificado	Nomeado a 08/10/1444 em substituição de João Martins(3); aposentado a 18/10/1452 e substituído por Afonso Anes.	Chanc. D. Afonso V, L°24, fl.99; Chanc. D. Afonso V, L°12, fl.115v.
69	João Martins(3)	não identificado	Monteiro e guardador	Mata das Fontes	não identificado	Aposentado a 08/10/1444 porque seria velho, aleijado e doente de tal forma que não podia exercer a sua função; substituído por Afonso Eanes da Amada.	Chanc. D. Afonso V, L°24, fl.99.
70	Rodrigo Anes de Pinhel ⁶⁰⁵	Leiria	Monteiro e guardador	Mata da Ruiva	não identificado	Aposentado a 03/11/1444 porque atingiu 70 anos de idade; substituído a 30/11/1450 por João Fernandes.	Chanc. D. Afonso V, L°4, fl.41v; Chanc. D. Afonso V, L°25, fl.23.

⁶⁰³ Referido em GOMES, Saul António, "Leiria: Crescimento e...", p. 76.

⁶⁰⁴ Referido em GOMES, Saul António, "Leiria: Crescimento e...", p. 76.

⁶⁰⁵ Referido em GOMES, Saul António, "Leiria: Crescimento e...", p. 76.

71	Lourenço Martins ⁶⁰⁶	Leiria	Monteiro e guardador	Maiorga; matas de Alcobaça	não identificado	Nomeado a 10/05/1445 para o cargo de monteiro e guardador em substituição de João Afonso que falecera.	Chanc. D. Afonso V, Lº25, fl.64.
72	João Martins(4) ⁶⁰⁷	Leiria	Monteiro e guardador	não identificado	não identificado	Aposentado a 22/02/1446 por ter um braço quebrado.	Chanc. D. Afonso V, Lº25, fl.34v.
73	Afonso Anes(3) ⁶⁰⁸	Soveral	Monteiro e guardador	Pomares; Marassa/Rassa	não identificado	Nomeado a 12/11/1450 em substituição de António Domingues que atingira 70 anos; em 1452 já teria falecido e é substituído por Gil Vaz.	Chanc. D. Afonso V, Lº34, fl.184v; Chanc. D. Afonso V, Lº12, fl.114v.
74	António Domingues ⁶⁰⁹	Leiria	Monteiro e guardador	Pomares; Marassa/Rassa	não identificado	Aposentado a 12/11/1450 porque atingira a idade de 70 anos; substituído, no mesmo dia, por Afonso Anes(3).	Chanc. D. Afonso V, Lº34, fl.184v.
75	João Cunqueiro ⁶¹⁰	não identificado	Monteiro e guardador	Monte Redondo; Fonte Cova; Bouça de Agodim/Bouça	não identificado	Aposentado a 20/11/1450 porque sofria de gota e de outras dores que lhe limitavam a locomoção ("muitas vezes nom handa senom em dous paaos").	Chanc. D. Afonso V, Lº13, fl.69.

⁶⁰⁶ Referido em GOMES, Saul António, "Leiria: Crescimento e...", p. 76.

⁶⁰⁷ Referido em GOMES, Saul António, "Leiria: Crescimento e...", p.76.

⁶⁰⁸ Referido em GOMES, Saul António, "Leiria: Crescimento e...", p.76.

⁶⁰⁹ Identificado com o nome António Rodrigues em GOMES, Saul António, "Leiria: Crescimento e...", p.76.

⁶¹⁰ Referido em GOMES, Saul António, "Leiria: Crescimento e...", p.76.

76	João Fernandes	Leiria	Monteiro e guardador	Mata da Ruiva	não identificado	Nomeado a 30/11/1450 substituindo Rodrigo Anes de Pinhel.	Chanc. D. Afonso V, L ^o 4, fl.41v.
77	Gil Fernandes ⁶¹¹	Carnide (conc. Pombal)	Monteiro e guardador	Ribeira de Carnide; Loba	não identificado	Nomeado a 30/11/1450 em substituição de Fernando Anes seu pai.	Chanc. D. Afonso V, L ^o 12, fl.113.
78	Lourenço Anes ⁶¹²	Meirinhas	Monteiro e guardador	Paul do Toro	não identificado	Nomeado em 1452 (com 50 anos de idade) em substituição de Pedro Afonso; aposentado a 25/07/1472 porque tinha 70 anos de idade e substituído por Domingos Lourenço.	Chanc. D. Afonso V, L ^o 12, fl.125v; Chanc. D. Afonso V, L ^o 29, fl.85v.
79	Gil Vasques ⁶¹³	não identificado	Monteiro e guardador	Pomares; Marassa/Rassa	não identificado	Nomeado em 1452 em substituição de Afonso Anes(3).	Chanc. D. Afonso V, L ^o 12, fl.114v.
80	Afonso Anes (2)	Soveral	Monteiro e guardador	Mata das Fontes	não identificado	Nomeado a 18/10/1452 em substituição de Afonso Anes da Amada.	Chanc. D. Afonso V, L ^o 12, fl.115v.
81	Gil Prazeres ⁶¹⁴	Leiria	Monteiro e guardador	Lapedo	não identificado	Nomeado a 01/01/1455 em substituição de João Dias; substituído a 05/11/1464 por Martim Gonçalves porque faleceu.	Chanc. D. Afonso V, L ^o 15, fl.1; Chanc. D. Afonso V, L ^o 8, fl.180.

⁶¹¹ Referido em GOMES, Saul António, “Leiria: Crescimento e...”, p. 76.

⁶¹² Referido em GOMES, Saul António, “Leiria: Crescimento e...”, pp.76-77.

⁶¹³ Referido em GOMES, Saul António, “Leiria: Crescimento e...”, p. 77.

⁶¹⁴ Referido em GOMES, Saul António, “Leiria: Crescimento e...”, p. 76.

82	Gil Aires ⁶¹⁵	Raposeira	Monteiro e guardador	Lapedo	não identificado	Nomeado a 06/02/1455 em substituição de Álvaro Dias. confirmado a 23/10/1461; Aposentado a 16/06/1482 porque era demasiado velho para servir.	Chanc. D. Afonso V, L°15, fl.6.
83	Gil Martins(2) ⁶¹⁶	Ortigosa	Monteiro e guardador	Bespeiro; Pendom; Algazira; Alagoa das Toradas	não identificado	Nomeado a 19/06/1455 em substituição de Pedro Anes Alvão; vem identificado como filho de Martim Alvão que embora não fosse monteiro seria, muito provavelmente, familiar de Pedro Anes Alvão; confirmado a 19/06/1482.	Chanc. D. Afonso V, L°15, fl.53v.
84	Gil Eanes ⁶¹⁷	Capelães?	Monteiro e guardador	Valbom	não identificado	Nomeado a 21/06/1456 em substituição de Afonso Dias.	Chanc. D. Afonso V, L°13, fl.112v.
85	Afonso Dias	não identificado	Monteiro e guardador	Valbom	não identificado	Aposentado a 21/06/1456 e substituído por Gil Eanes.	Chanc. D. Afonso V, L°13, fl.112v.
86	João Anes ⁶¹⁸	Leiria	Monteiro e guardador	Mata Longa	não identificado	Nomeado a 10/10/1462 em substituição de Diogo Afonso; aposentado a 11/04/1469 porque D. Isabel de Sousa o pediu ao rei;	Chanc. D. Afonso V, L°1, fl.110v; Chanc. D. Afonso V, L°28, fl.99.

⁶¹⁵ Referido em GOMES, Saul António, "Leiria: Crescimento e...", p. 76. GOMES, Saul António (coord.), *Colmeias- uma comunidade...*, v.1, p. 334.

⁶¹⁶ Referido em GOMES, Saul António, "Leiria: Crescimento e...", p. 76.

⁶¹⁷ Referido em GOMES, Saul António, "Leiria: Crescimento e...", p. 77.

⁶¹⁸ Referido em GOMES, Saul António, "Leiria: Crescimento e...", p. 77.

						substituído, no mesmo dia, por Gil Eanes Cunqueiro.	
87	Martim Gonçalves ⁶¹⁹	Coucineira	Monteiro e guardador	Lapedo	não identificado	Nomeado a 05/11/1464 em substituição de Gil Prazeres.	Chanc. D. Afonso V, L°8, fl.180.
88	Álvaro Vasques ⁶²⁰	Regueira de Pontes	Monteiro e guardador	Fornha (Fórnea?)	não identificado	Nomeado a 27/10/1467 em substituição de Gil Martins.	Chanc. D. Afonso V, L°31, fl.120.
89	Gil Eanes Cunqueiro ⁶²¹	Leiria	Monteiro e guardador	Mata Longa	não identificado	Nomeado a 11/04/1469 em substituição de João Anes; confirmado a 19/06/1482.	Chanc. D. Afonso V, L°28, fl.99.
90	Gil Martins ⁶²²	Leiria	Monteiro e guardador	Fornha (Fórnea?)	não identificado	Aposentado a 27/10/1469 porque era muito velho e alejado e substituído no mesmo dia por Álvaro Vasques.	Chanc. D. Afonso V, L°31, fl.121.
91	João Pires ⁶²³	Vale da Gunha	Monteiro e guardador	Mata do Pico	não identificado	Nomeado a 14/04/1471 em substituição de Pedro Vaz.	Chanc. D. Afonso V, L°16, fl.53v.
92	Pedro Vaz	não identificado	Monteiro e guardador	Mata do Pico	não identificado	Aposentado antes de 14/04/1471 quando é substituído por João Pires.	Chanc. D. Afonso V, L°16, fl.53v.
93	João Martins(2)	Santa Catarina	Monteiro e guardador	Vale de Ulmar; Cabeça das	não identificado	Nomeado a 12/07/1472.	Chanc. D. Afonso V, L°29, fl.109v.

⁶¹⁹ Referido em GOMES, Saul António, “Leiria: Crescimento e...”, p. 77.

⁶²⁰ Referido em GOMES, Saul António, “Leiria: Crescimento e...”, p. 77.

⁶²¹ Referido em GOMES, Saul António, “Leiria: Crescimento e...”, p. 77.

⁶²² Referido em GOMES, Saul António, “Leiria: Crescimento e...”, p. 77.

⁶²³ Referido em GOMES, Saul António, “Leiria: Crescimento e...”, p. 77.

				Rosas; Porto do Mouro; Cabeça Alta			
94	Domingos Lourenço ⁶²⁴	Chãs de Vermoim	Monteiro e guardador	Paul do Toro	não identificado	Nomeado a 25/07/1472 em substituição de Lourenço Anes.	Chanc. D. Afonso V, L ^o 29, fl.85v.
95	Álvaro Afonso	Ramalhosa	Monteiro e guardador	Carvalho de Turquel; matas de Alcobaça	não identificado	Nomeado a 15/01/1473.	Chanc. D. Afonso V, L ^o 33, fl.8.
96	João Esteves	Várzeas	Monteiro e guardador	não identificado	não identificado	Nomeado a 27/03/1473 em substituição de João Anes do Souto; confirmado, por D. João II, a 19/06/1482. ⁶²⁵	Chanc. D. Afonso V, L ^o 33, fl.89v.
97	João Anes do Souto	não identificado	Monteiro e guardador	não identificado	não identificado	Aposentado a 27/03/1473 e substituído por João Esteves.	Chanc. D. Afonso V, L ^o 33, fl.89v.
98	Álvaro Vaz Mamão ⁶²⁶	Leiria	Porteiro dos Monteiros	Montaria de Leiria	não identificado	Nomeado a 15/08/1475 em substituição de Pero Vaz; confirmado por D. João II a 19/11/1482; renunciou a 05/09/1485.	Chanc. D. Afonso V, L ^o 30, fl.18; HFAC v.3 doc.111.

⁶²⁴ Referido em GOMES, Saul António, "Leiria: Crescimento e...", p. 77.

⁶²⁵ GOMES, Saul António (coord.), *Coimbrão, uma História por Revelar*, Leiria, Jorlis- Edições e Publicações Lda, 2017, doc. 5, p. 422.

⁶²⁶ Referido em GOMES, Saul António, "Leiria: Crescimento e...", p. 75.

99	Pero Vaz ⁶²⁷	não identificado	Porteiro dos Monteiros	Montaria de Leiria	não identificado	Substituído a 15/08/1475 por Álvaro Vaz Mamão.	Chanc. D. Afonso V, Lº30, fl.18.
-----------	-------------------------	---------------------	------------------------------	-----------------------	---------------------	---	-------------------------------------

⁶²⁷ Referido em GOMES, Saul António, “Leiria: Crescimento e...”, p. 75.

Quadro A3 – Dados biográficos dos monteiros da montaria de Benavente-Palmela-Setúbal

ID	Nome	Residência	Cargo	Matas	Ocupação/ posição social	Percurso	Fontes
100	Afonso Martins	Setúbal	Monteiro e guardador	matas do Concelho (Setúbal)	não identificado	Confirmado a 29/05/1439.	HFAC v.2 doc.8.
101	Afonso Anes ⁶²⁸	Palmela	Monteiro e guardador	Barris	não identificado	Confirmado a 02/06/1439.	Chanc. D. Afonso V, Lº19, fl.12v.
102	João Anes	Setúbal	Monteiro e guardador	Redonda	não identificado	Confirmado a 02/06/1439.	Chanc. D. Afonso V, Lº19, fl.12v.
103	Lourenço Anes ⁶²⁹	Setúbal	Monteiro e guardador	São Luís/Serra de São Luís	não identificado	Confirmado a 02/06/1439; substituído 25/06/1454 por Afonso Lourenço.	Chanc. D. Afonso V, Lº19, fl.12v; HFAC v.2 doc.341.
104	Vasco Domingues	Setúbal	Monteiro e guardador	Angra de Motrena/Motrena	não identificado	Nomeado no reinado de D. João I e confirmado no reinado de D. Duarte; novamente confirmado, no reinado de D. Afonso V, em 02/06/1439 e 24/03/1444; substituído a 27/11/1462	Chanc. D. Afonso V, Lº19, fl.12v; Chanc. D. Afonso V, Lº24, fl.28; HFAC v.2 doc.434.

⁶²⁸ Referido por COSTA, João Santos, *Palmela: o espaço...*, v.2, p. 19. Este autor acrescenta uma nomeação que lhe terá sido feita a 15/05/1477 (não sendo clara a fonte de onde provém esta informação), uma confirmação a 27/08/1482 por D. João II e nomeação de Martim Anes da Frota em sua substituição a 29/04/1490. No entanto, tendo em conta a extensão temporal e o facto de haver uma nomeação em 1477, segundo o autor, parece-nos mais provável que sejam de dois indivíduos diferentes. De qualquer forma, não afastamos a possibilidade de ser o mesmo indivíduo.

⁶²⁹ Referido por COSTA, João Santos, *Palmela: o espaço...*, v.2, p. 1319.

						por Afonso Pires Castelão quando já estaria aposentado.	
105	Fernando Álvares	Vila Franca de Xira	Monteiro e guardador	Lezíria do Cabo	não identificado	Confirmado por D. Afonso V a 20/05/1442.	Chanc. D. Afonso V, L°27, fl.82.
106	Dinis Eanes	não identificado	Monteiro e guardador	Mata de Alverca	não identificado	Substituído a 27/05/1443 por João Dinis, porque falecera.	Chanc. D. Afonso V, L°27, fl.151v.
107	João Dinis	Alverca	Monteiro e guardador	Mata de Alverca	não identificado	Nomeado a 27/05/1443 em substituição de Dinis Eanes; substituído por Fernão de Freitas a 15/12/1450, porque falecera.	Chanc. D. Afonso V, L°27, fl.151v; Chanc. D. Afonso V, L°34, fl.191v.
108	João Afonso	não identificado	Monteiro e guardador	Arontela	não identificado	Substituído a 14/07/1450 por João Farinha.	Chanc. D. Afonso V, L°34, fl.119.
109	João Farinha	não identificado	Monteiro e guardador	Arontela	não identificado	Nomeado a 14/07/1450 em substituição de João Afonso.	Chanc. D. Afonso V, L°34, fl.119.
110	Afonso Anes <i>Malgues</i> ⁶³⁰	Palmela	Monteiro e guardador	Almilão	não identificado	Confirmado a 06/10/1450; substituído a 29/09/1456 por Diogo Afonso porque faleceu.	Chanc. D. Afonso V, L°34, fl.163; Chanc. D. Afonso V, L°13, fl.32.
111	Afonso Pires	Benavente	Monteiro e guardador	matas da Torre	não identificado	Confirmado a 06/10/1450.	Chanc. D. Afonso V, L°34, fl.163.

⁶³⁰ Referido por COSTA, João Santos, *Palmela: o espaço...*, v.2, p. 36. Também está identificado, no mesmo trabalho, como Afonso Anes VII, embora nós consideremos que se trata do mesmo indivíduo COSTA, João Santos, *Palmela: o espaço...*, v.2, p. 21.

112	Álvaro Guilherme	Benavente	Monteiro e guardador	Pêgo do Corvo	não identificado	Confirmado a 06/10/1450.	Chanc. D. Afonso V, Lº34, fl.163.
113	Bartolomeu Afonso Belo ⁶³¹	Palmela	Monteiro e guardador	Barris	não identificado	Confirmado a 06/10/1450.	Chanc. D. Afonso V, Lº34, fl.163.
114	Fernão Guilherme	Benavente	Monteiro e guardador	não identificado	não identificado	Confirmado a 06/10/1450.	Chanc. D. Afonso V, Lº34, fl.163.
115	Gonçalo Geraldês	Setúbal	Monteiro e guardador	Ribeira de Coína-a- Velha;	não identificado	Confirmado a 06/10/1450.	Chanc. D. Afonso V, Lº34, fl.163.
116	Lopo Rodrigues de Seixo ⁶³²	Palmela	Monteiro e guardador	Soveral	não identificado	Confirmado a 06/10/1450 por D. Afonso V; novamente confirmado a 27/08/1482 por D. João II.	Chanc. D. Afonso V, Lº34, fl.163.
117	Afonso Vaz	Palmela	Monteiro e guardador	Almilão	não identificado	Confirmado a 27/10/1450.	Chanc. D. Afonso V, Lº34, fl.196v.
118	Fernão de Freitas	Vila Franca de Xira	Monteiro e guardador	Mata de Alverca	não identificado	Nomeado a 15/12/1450 em substituição de João Dinis que falecera.	Chanc. D. Afonso V, Lº34, fl.191v.
119	Fernando Álvares(2)	Vila Franca de Xira	Monteiro e guardador	Lezíria da Praia dos Cachões	não identificado	Nomeado a 08/01/1451 em substituição de João Anes(2) que falecera.	Chanc. D. Afonso V, Lº31, fl.72.

⁶³¹ Referido por COSTA, João Santos, *Palmela: o espaço...*, v.2, p. 270.

⁶³² Referido por COSTA, João Santos, *Palmela: o espaço...*, v.2, p. 270.

120	João Anes(2)	não identificado	Monteiro e guardador	Lezíria da Praia dos Cachões	não identificado	Substituído a 08/01/1451 por Fernando Álvares(2) porque falecera.	Chanc. D. Afonso V, L°31, fl.72.
121	Afonso Pires da Póvoa	<i>Póvoa?</i>	Monteiro e guardador	Lezíria das Bolas	não identificado	Aposentado a 20/06/1451 porque atingiu os 70 anos de idade e substituído por Pedro do Ramalhal.	Chanc. D. Afonso V, L°37, fl.17.
122	Pedro do Ramalhal	Alverca	Monteiro e guardador	Lezíria das Bolas	não identificado	Nomeado a 20/06/1451 em substituição de Afonso Pires da Póvoa.	Chanc. D. Afonso V, L°37, fl.17.
123	Gomes Eanes ⁶³³	Palmela	Monteiro e guardador	Caeira; Lançada	não identificado	Confirmado a 07/10/1450.	Chanc. D. Afonso V, L°34, fl.163.
124	João Afonso Cibrães ⁶³⁴	Palmela	Monteiro e guardador	Eira da Marrara	não identificado	Nomeado a 05/12/1451 em substituição de João Sem Mal.	Chanc. D. Afonso V, L°37, fl.55.
125	João Sem Mal ⁶³⁵	Setúbal	Monteiro e guardador	Eira da Marrara	não identificado	Substituído a 05/12/1451 por João Afonso Cibrães.	Chanc. D. Afonso V, L.° 37, fl.55.
126	Afonso Vicente	não identificado	Monteiro e guardador	Chamouta da Xoreiba	não identificado	Substituído a 10/03/1453 por Martim Esteves porque falecera.	Chanc. D. Afonso V, L°3, fl.24v.
127	Álvaro Fernandes	Samora Correia	Monteiro e guardador	Maracal; Cerveiras; Chacoteca;	não identificado	Substituído a 10/03/1453 por Lourenço Anes porque falecera.	Chanc. D. Afonso V, L°3 fl.24v.

⁶³³ Referido por COSTA, João Santos, *Palmela: o espaço...*, v.2, p. 733.

⁶³⁴ Referido por COSTA, João Santos, *Palmela: o espaço...*, v.2, p. 901.

⁶³⁵ Referido por COSTA, João Santos, *Palmela: o espaço...*, v.2, p. 997.

				Pai Real; Lavoiras;			
128	Lourenço Anes	Benavente	Monteiro e guardador	Maracal; Cerveiras; Chacoteca; Pai Real; Lavoiras;	não identificado	Nomeado a 10/03/1453 em substituição de Álvaro Fernandes.	Chanc. D. Afonso V, Lº3, fl.24v.
129	Martim Esteves	Benavente	Monteiro e guardador	Chamouta da Xoreiba	não identificado	Nomeado a 10/03/1453 em substituição de Afonso Vicente.	Chanc. D. Afonso V, Lº3, fl.24v.
130	Álvaro Pires	<i>Funcal?</i>	Monteiro e guardador	Apostiça	não identificado	Nomeado a 14/06/1454 em substituição de Vicente Vasques.	HFAC v.2 doc.340.
131	Vicente Vasques	não identificado	Monteiro e guardador	Apostiça	não identificado	Substituído a 14/06/1454 por Álvaro Pires porque faleceu.	HFAC v.2 doc.340.
132	Afonso Lourenço ⁶³⁶	Palmela	Monteiro e guardador	São Luís/ Serra de São Luís	não identificado	Nomeado a 25/06/1454 em substituição de Lourenço; confirmado por D. João II a 27/08/1482.	HFAC v.2 doc.341.
133	Afonso Gonçalves Menino ⁶³⁷	não identificado	Monteiro e guardador	Mata d'El Rei	não identificado	Confirmado a 16/12/1449; substituído a 20/09/1456 por Gomes Fernandes porque faleceu.	Chanc. D. Afonso V, Lº34, fl.163; HFAC v.2 doc.372.

⁶³⁶ Referido por COSTA, João Santos, *Palmela: o espaço...*, v.2, p. 77.

⁶³⁷ Referido por COSTA, João Santos, *Palmela: o espaço...*, v.2, p. 70.

134	Gomes Fernandes ⁶³⁸	Palmela	Monteiro e guardador	Mata d'El Rei	não identificado	Nomeado a 20/09/1456 em substituição de Afonso Gonçalves Menino.	HFAC v.2 doc.372.
135	Diogo Afonso ⁶³⁹	Palmela	Monteiro e guardador	Almilão	não identificado	Nomeado a 29/09/1456 em substituição de Afonso Anes(2).	Chanc. D. Afonso V, L°13, fl.32.
136	Fernão Álvares <i>Torado</i>	não identificado	Monteiro e guardador	Formiga	vassalo régio	Substituído a 26/04/1459 por João Lopes porque se tornou vassalo de D. Afonso V.	Chanc. D. Afonso V, L°36, fl.112v.
137	João Lopes	Benavente	Monteiro e guardador	Formiga	não identificado	Nomeado a 26/04/1459 em substituição de Fernão Álvares <i>Torado</i> .	Chanc. D. Afonso V, L°36, fl.112v.
138	Afonso Pires Castelão	Palmela	Monteiro e guardador	Motrena	não identificado	Nomeado a 27/11/1462 em substituição de Vasco Domingues.	HAFC v.2 doc.434.
139	Gonçalo Anes	Setúbal	Monteiro e guardador	Motrena	não identificado	Substituído a 11/07/1470 por Jorge Fernandes porque faleceu.	Chanc. D. Afonso V, L°22, fl.3.
140	Jorge Fernandes	Palmela	Monteiro e guardador	Motrena	não identificado	Nomeado a 11/07/1470 em substituição de Gonçalo Anes.	Chanc. D. Afonso V, L°22, fl.3.

⁶³⁸ Referido por COSTA, João Santos, *Palmela: o espaço...*, v.2, p. 754.

⁶³⁹ Referido por COSTA, João Santos, *Palmela: o espaço...*, v.2, p. 408. Poderá ser o mesmo indivíduo identificado como Diego Afonso V, COSTA, João Santos, *Palmela: o espaço...*, v.2, p. 409.

Quadro A4 – Dados biográficos dos monteiros da montaria do Botão

ID	Nome	Residência	Cargo	Matas	Ocupação/ posição social	Percurso	Fontes
141	Mendo Mendes	não identificado	Monteiro e guardador	Botão	não identificado	Terá sido nomeado no tempo de D. Afonso III; Referido em abril de 1280 quando já teria falecido.	HFAC v.1 doc.7.
142	Domingos Miguéis	Ribela	Monteiro e guardador	Botão	não identificado	Mencionado em abril de 1280 no desempenho do cargo.	HFAC v.1 doc.7.
143	Miguel Anes Sarrado	não identificado	Monteiro e guardador	Botão	não identificado	Mencionado em abril de 1280 e a 09/06/1280 no exercício de funções; foi colocado no cargo pelo seu pai D. Vicente de Larçã (monteiro-mor).	HFAC v.1 doc.7; HFAC v.1 doc.8.
144	Martim Salvador	não identificado	Monteiro e guardador	Botão	não identificado	Referido a 09/06/1280.	HFAC v.1 doc.8.
145	Lourenço Miguéis	não identificado	Monteiro e guardador	Botão	não identificado	Referido a 09/06/1280 no exercício de funções; filho de Miguel Anes Sarrado e neto de D. Vicente de Larçã (monteiro-mor).	HFAC v.1 doc.8.

146	Domingos Afonso	<i>Rio Frio</i> (atual Rios Frios)	Monteiro e guardador	Botão	não identificado	Confirmado a 20/08/1439.	HFAC v.2 doc.28.
147	João Lourenço	<i>Ribeiro</i> (talvez o atual Ribeiro de Vilela)	Monteiro e guardador	Botão	não identificado	Confirmado a 20/08/1439; aposentado a 02/10/1452, sem ter atingido os 70 anos de idade, porque sofria de dores; substituído a 03/10/1452 pelo seu filho Álvaro Anes.	HFAC v.2 doc.28; Chanc. D. Afonso V, L°12, fl.113.
148	Fernão Rodrigues ⁶⁴⁰	Souselas	Monteiro e guardador	Botão; Lagares	não identificado	Confirmado no desempenho de funções a 20/08/1439; privado do ofício a 22/10/1450 e substituído por Pedro Garcia porque participou na Batalha de Alfarrobeira contra o rei; volta a exercer a 06/06/1451 (apesar de ter ido à batalha com o Infante D. Pedro) substituindo Pedro Esteves; substituído por Gonçalo Fernandes a 08/03/1473 porque falecera.	HFAC v.2 doc.28; Chanc. D. Afonso V, L°34, fl.179; Chanc. D. Afonso V, L°11, fl.137; Chanc. D. Afonso V, L°33, fl.216v.
149	Lourenço Martins	Souselas	Monteiro e guardador	Botão	não identificado	Confirmado a 20/08/1439; aposentado a 08/11/1442 e substituído pelo seu filho Vasco Lourenço.	HFAC v.2 doc.28; Chanc. D. Afonso V, L°23, fl.97.

⁶⁴⁰ MORENO, Humberto Baquero, *A batalha de...*, v.1, p. 480.

150	Pero Leonardes de Vasconcelos	Monte Redondo (conc. Penacova)	Monteiro e guardador	Botão	não identificado	Confirmado a 20/08/1439.	HFAC v.2 doc.28.
151	Pero Bartolomeu	Monte Redondo (conc. Penacova)	Monteiro e guardador	Botão	não identificado	Confirmado a 20/08/1439; substituído a 12/10/1453 por Afonso Eanes porque falecera.	HFAC v.2 doc.28; Chanc. D. Afonso V, L ^o 4, fl.35.
152	Estêvão Anes	Monte Redondo (conc. Penacova)	Monteiro e guardador	Botão	não identificado	Confirmado a 20/08/1439.	HFAC v.2 doc.28.
153	Gonçalo Pires	Outeiro do Botão	Monteiro e guardador	Botão; Lagares	não identificado	Confirmado a 20/08/1439 (com 57 anos de idade); aposentado a 29/05/1452 por ter atingido os 70 anos de idade e substituído por Martim Vaz.	Chanc. D. Afonso V, L ^o 19, fl.96v.
154	Pero Anes	Coimbra	Monteiro e guardador	Botão	sapateiro	Confirmado a 20/08/1439.	HFAC v.2 doc.28.
155	Rodrigo Afonso	Coimbra	Monteiro e guardador	Botão	não identificado	Confirmado a 20/08/1439.	HFAC v.2 doc.28.

156	Lopo Rodrigues	Coimbra	Monteiro e guardador	Botão	não identificado	Confirmado a 20/08/1439.	HFAC v.2 doc.28.
157	Álvaro Afonso ⁶⁴¹	Brasfemes	Monteiro e guardador	Brasfemes; Botão; Lagares;	não identificado	Nomeado a 25/09/1441 em substituição de Lourenço Afonso; confirmado a 02/10/1452.	HFAC v.2 doc.62; Chanc. D. Afonso V, Lº12, fl.113.
158	Álvaro Afonso da Torre ⁶⁴²	Brasfemes	Monteiro e guardador	Botão; Lagares	não identificado	Nomeado a 25/09/1441 em substituição de Afonso Anes Copas; privado do ofício a 16/06/1450 por ter acompanhado o Infante D. Pedro na Batalha de Alfarrobeira; substituído no mesmo dia por João Anes.	HFAC v.2 doc.63; Chanc. D. Afonso V, Lº34, fl.137.
159	Lourenço Afonso	Vilela (freg. Torre de Vilela, conc. Coimbra)	Monteiro e guardador	Botão; Lagares	não identificado	Aposentado a 25/09/1441 e substituído por Álvaro Afonso.	HFAC v.2 doc.62.
160	Afonso Anes Copas	Eiras	Monteiro e guardador	Botão; Lagares	não identificado	Substituído a 25/09/1441 por Álvaro Afonso da Torre porque falecera.	HFAC v.2 doc.63.

⁶⁴¹ Referido por MORENO, Humberto Baquero, *A batalha de...*, v.1, pp. 474, 621.

⁶⁴² Referido por MORENO, Humberto Baquero, *A batalha de...*, v.1, p. 480.

161	Estêvão Pires	Brasfemes	Monteiro e guardador	Botão; Lagares	não identificado	Nomeado a 27/09/1441 em substituição de Estêvão Lourenço seu avô; confirmado a 02/10/1452 não tendo ido à Batalha de Alfarrobeira.	HFAC v.2 doc.64; Chanc. D. Afonso V, Lº12, fl.113.
162	Estêvão Lourenço	não identificado	Monteiro e guardador	Botão; Lagares	não identificado	Substituído a 27/09/1441 por Estêvão Pires seu neto porque falecera.	HFAC v.2 doc.64.
163	Rodrigo Anes	Outeiro do Botão	Monteiro e guardador	Botão; Lagares	não identificado	Nomeado a 01/10/1441 em substituição de João Afonso; confirmado a 02/10/1452.	Chanc. D. Afonso V, Lº2, fl.72v; Chanc. D. Afonso V, Lº12, fl.113.
164	João Afonso	não identificado	Monteiro e guardador	Botão; Lagares	não identificado	Aposentado a 01/10/1441 e substituído por Rodrigo Anes.	Chanc. D. Afonso V, Lº2, fl.72v.
165	Álvaro Gonçalves	não identificado	Monteiro e guardador	Botão; Lagares	alfaiate	Aposentado a 05/10/1441; substituído a 08/11/1442 por Pedro Afonso.	Chanc. D. Afonso V, Lº2, fl.63v; Chanc. D. Afonso V, Lº23, fl.48.
166	Gonçalo Esteves	Lorvão	Monteiro e guardador	Botão; Lagares	não identificado	Nomeado a 10/10/1441 em substituição de Diogo Pires; substituído a 09/10/1469 por Afonso Álvares porque falecera.	Chanc. D. Afonso V, Lº2, fl.72v; Chanc. D. Afonso V, Lº31, fl.143v.

167	Diogo Pires	Marmeleira (Souselas)	Monteiro e guardador	Botão; Lagares	não identificado	Substituído a 10/10/1441 por Gonçalo Esteves porque falecera.	Chanc. D. Afonso V, L ^o 2, fl.72v.
168	João de Pena	Zouparria do Monte	Monteiro e guardador	Botão; Lagares	não identificado	Nomeado a 11/10/1441 em substituição de Afonso Miguéis Palheiro.	Chanc. D. Afonso V, L ^o 2, fl.72v.
169	Afonso Miguéis Palheiro	não identificado	Monteiro e guardador	Botão; Lagares	não identificado	Substituído por João de Pena a 11/10/1441 porque falecera.	Chanc. D. Afonso V, L ^o 2, fl.72v.
170	João Lourenço(2)	Zouparria do Monte	Monteiro e guardador	Botão; Lagares	não identificado	Nomeado a 12/10/1441 em substituição de Afonso Esteves Pato.	Chanc. D. Afonso V, L ^o 2, fls.64-64v.
171	Afonso Esteves Pato	Ançã	Monteiro e guardador	Botão; Lagares	não identificado	Substituído por João Lourenço a 12/10/1441 porque falecera.	Chanc. D. Afonso V, L ^o 2, fls.64-64v.
172	Afonso Anes Moreiro	Souselas	Monteiro e guardador	Botão; Lagares	não identificado	Nomeado a 13/10/1441 em substituição de Afonso Anes.	HFAC v.2 doc.74.
173	Afonso Anes	Marmeleira (Souselas)	Monteiro e guardador	Botão; Lagares	não identificado	Substituído por Afonso Anes Moreiro a 13/10/1441 porque falecera.	HFAC v.2 doc.74.

174	João Lourenço(3)	Botão	Monteiro e guardador	Botão; Lagares	não identificado	Nomeado a 25/10/1441 em substituição de Sebastião Esteves.	Chanc. D. Afonso V, Lº2, fl.72v.
175	Martim Anes	Coimbra	Monteiro e guardador	Botão; Lagares	ferrador	Serviu, pelo menos, desde 1421 (reinado de D. João I); Aposentado a 25/10/1441 porque atingira os 70 anos de idade; substituído a 20/10/1443 por João Afonso Sobrinho.	Chanc. D. Afonso V, Lº2, fl.62v; Chanc. D. Afonso V, Lº27, fl.149v.
176	Sebastião Esteves	não identificado	Monteiro e guardador	Botão; Lagares	não identificado	Substituído a 25/10/1441 por João Lourenço(3).	Chanc. D. Afonso V, Lº2, fl.72v.
177	João Bartolomeu	Vilela (freg. Torre de Vilela, conc. Coimbra)	Monteiro e guardador	Botão; Lagares	não identificado	Nomeado a 25/10/1441 em substituição de Gonçalo Anes.	Chanc. D. Afonso V, Lº2, fl.72.
178	Gonçalo Anes	Souselas	Monteiro e guardador	Botão; Lagares	não identificado	Substituído a 25/10/1441 por João Bartolomeu porque falecera.	Chanc. D. Afonso V, Lº2, fl.72.
179	Afonso Anes(2)	Logo de Deus	Monteiro e guardador	Botão; Lagares	moleiro	Nomeado a 26/09/1442 em substituição de Gonçalo Domingues; substituído a 11/08/1458 por João Martins porque se tornou moleiro.	Chanc. D. Afonso V, Lº23, fl.115v; Chanc. D. Afonso V, Lº36, fl.36v.

180	Gonçalo Domingues	Eiras	Monteiro e guardador	Botão; Lagares	não identificado	Substituído a 26/09/1442 por Afonso Anes(2) porque falecera.	Chanc. D. Afonso V, L°23, fl.115v.
181	Gil Pires	Vilela (freg. Torre de Vilela, conc. Coimbra)	Monteiro e guardador	Botão; Lagares	não identificado	Nomeado a 01/10/1442; afastado do cargo a 15/10/1453 por ter ido com o Infante D. Pedro à Batalha de Alfarrobeira e substituído por Lourenço Pires.	Chanc. D. Afonso V, L°23, fl.115v; Chanc. D. Afonso V, L°4, fl.37.
182	Martim Pires ⁶⁴³	Botão	Monteiro e guardador	Botão; Lagares	não identificado	Nomeado a 08/11/1442 em substituição de João Mateus; confirmado no exercício de funções a 02/10/1452 após ser perdoado pelo rei por ter ido com o Infante D. Pedro para a Batalha de Alfarrobeira; substituído a 08/03/1473 por Afonso Álvares(4) por motivo de cegueira.	Chanc. D. Afonso V, L°23, fl.97; Chanc. D. Afonso V, L°12, fl.113.
183	João Mateus	Botão	Monteiro e guardador	Botão; Lagares	não identificado	Aposentado a 08/11/1442 e substituído por Martim Pires.	Chanc. D. Afonso V, L°23, fl.97.

⁶⁴³ Baquero Moreno identifica este indivíduo erroneamente como monteiro-mor do Botão. (MORENO, Humberto Baquero, *A batalha de...*, v.1, pp. 480, 481, 651) Provavelmente pela leitura errada da abreviatura de "morador".

184	Vasco Lourenço ⁶⁴⁴	Souselas	Monteiro e guardador	Botão; Lagares	não identificado	Nomeado a 08/11/1442 em substituição de Lourenço Martins; confirmado a 02/10/1452, mesmo tendo participado na Batalha de Alfarrobeira contra o rei; substituído a 16/08/1468 por Pedro Gonçalves porque falecera.	Chanc. D. Afonso V, L°23, fl.97; Chanc. D. Afonso V, L°12, fl.113.
185	Pedro Afonso ⁶⁴⁵	Botão	Monteiro e guardador	Botão; Lagares	não identificado	Nomeado a 08/11/1442 em substituição de Álvaro Gonçalves; confirmado a 03/10/1452; substituído por João Fernandes a 16/08/1464 porque falecera.	Chanc. D. Afonso V, L°23, fl.48; Chanc. D. Afonso V, L°12, fl.113.
186	Afonso Álvares	Souselas	Monteiro e guardador	Botão; Lagares	não identificado	Nomeado a 11/11/1442.	Chanc. D. Afonso V, L°27, fl.80v.

⁶⁴⁴ Referido por MORENO, Humberto Baquero, *A batalha de...*, v.1, pp.479, 645.

⁶⁴⁵ Baquero moreno identifica erroneamente este indivíduo como monteiro-mor do Botão. (MORENO, Humberto Baquero, *A batalha de...*, v.1, pp .474, 481, 603, 624) Provavelmente pela leitura errada da abreviatura de "morador". Associa-o, ainda, a um outro indivíduo, com o mesmo nome e também morador no Botão, mencionado noutro documento (TT, Chanc. D. Afonso V, L.º 34, fl. 201v). Contudo, nessa carta não vem referido como monteiro, muito menos monteiro-mor, podendo perfeitamente tratar-se de outro indivíduo.

187	Pedro Vasques ⁶⁴⁶	Cioga do Monte	Monteiro e guardador	Botão; Lagares	não identificado	Nomeado a 12/11/1442 (com 39 anos de idade) em substituição de Vasco Anes; privado do ofício a 16/06/1450 porque foi com o Infante D. Pedro à Batalha de Alfarrobeira e substituído por Fagundes Anes; novamente nomeado a 03/10/1452; aposentado a 08/03/1473 porque atingira os 70 anos de idade e substituído por Vasco Pires(2).	Chanc. D. Afonso V, L°27, fls.80-80v; Chanc. D. Afonso V, L°34, fl.137; HFAC v.2 doc.312; Chanc. D. Afonso V, L°33, fl.216v.
188	Vasco Anes	Botão	Monteiro e guardador	Botão; Lagares	não identificado	Substituído a 12/11/1442 por Pedro Vasques porque falecera.	Chanc. D. Afonso V, L°27, fls.80-80v.
189	João Afonso Sobrinho ⁶⁴⁷	Zouparria do Monte	Monteiro e guardador	Botão; Lagares	não identificado	Nomeado a 20/10/1443 em substituição de Martim Anes; privado do ofício a 16/06/1450 porque foi com o Infante D. Pedro à Batalha de Alfarrobeira e substituído por Vasco Afonso.	Chanc. D. Afonso V, L°27, fl.149v.
190	Vasco Lourenço(2)	Coimbra	Monteiro e guardador	Botão; Lagares	não identificado	Aposentado a 23/10/1443 porque estava demasiado velho e fraco para	Chanc. D. Afonso V, L°35, fls.24-24v.

⁶⁴⁶ Referido por MORENO, Humberto Baquero, *A batalha de...*, v.1, p. 481.

⁶⁴⁷ Referido por MORENO, Humberto Baquero, *A batalha de...*, v.1, p. 480.

						servir a montaria; substituído no mesmo dia por Pedro Anes.	
191	Pedro Anes	Outeiro do Botão	Monteiro e guardador	Botão; Lagares	não identificado	Nomeado a 23/10/1443 em substituição de Vasco Lourenço(2).	Chanc. D. Afonso V, L°35, fls.24-24v.
192	Rodrigo Afonso(2)	Botão	Monteiro e guardador	Botão; Lagares	não identificado	Substituído por Rodrigo Anes(2) a 28/09/1445 porque falecera.	Chanc. D. Afonso V, L°25, fl.40v.
193	Afonso Domingues ⁶⁴⁸	Souselas	Monteiro e guardador	Botão; Lagares	não identificado	Nomeado a 28/09/1445 em substituição de Pedro Leonardes; privado do cargo a 16/06/1450 por ter acompanhado o Infante D. Pedro na Batalha de Alfarrobeira e substituído por João Fernandes.	Chanc. D. Afonso V, L°25, fl.40v; Chanc. D. Afonso V, L°34, fl.137.
194	Pedro Leonardes	Brasfemes	Monteiro e guardador	Botão; Lagares	não identificado	Substituído a 28/09/1445 por Afonso Domingues porque falecera.	Chanc. D. Afonso V, L°25, fl.40v.
195	Vasco Lourenço(3)	não identificado	Monteiro e guardador	Botão; Lagares	não identificado	Substituído por João de Monte Redondo a 06/03/1450 porque falecera.	Chanc. D. Afonso V, L°11, fl.148v.

⁶⁴⁸ Referido por MORENO, Humberto Baquero, *A batalha de...*, v.1, p. 476.

196	João de Monte Redondo	Monte Redondo (conc. Penacova)	Monteiro e guardador	Botão; Lagares	não identificado	Nomeado a 06/03/1450 em substituição de Vasco Lourenço(3).	Chanc. D. Afonso V, L°11, fl.148v.
197	Rodrigo Afonso(3) ⁶⁴⁹	Trouxemil	Monteiro e guardador	Botão; Lagares	não identificado	Privado do cargo a 16/06/1450 por ter ido com o Infante D. Pedro para a Batalha de Alfarrobeira e substituído por João Fernandes.	Chanc. D. Afonso V, L°34, fl.137.
198	Pedro Anes Pequeno	São Martinho de Árvore	Monteiro e guardador	Botão; Lagares	não identificado	Nomeado a 16/06/1450 em substituição de Afonso Domingues; substituído a 23/08/1464 por João Vasques porque falecera.	Chanc. D. Afonso V, L°34, fl.137; Chanc. D. Afonso V, L°8, fl.91.
199	Vasco Afonso	Zouparria do Monte	Monteiro e guardador	Botão; Lagares	não identificado	Nomeado a 16/06/1450 em substituição de João Afonso Sobrinho; substituído a 04/10/1473 por Pedro Afonso(2) porque falecera.	Chanc. D. Afonso V, L°34, fl.137; Chanc. D. Afonso V, L°33, fl.216v.
200	João Anes	Zouparria do Monte	Monteiro e guardador	Botão; Lagares	não identificado	Nomeado a 16/06/1450 em substituição de Álvaro Afonso da Torre.	Chanc. D. Afonso V, L°34, fl.137.

⁶⁴⁹ Referido por MORENO, Humberto Baquero, *A batalha de...*, v.1, p. 475.

201	Fagundes Anes	Zouparria do Monte	Monteiro e guardador	Botão; Lagares	não identificado	Nomeado a 16/06/1450 em substituição de Pedro Vasques.	Chanc. D. Afonso V, L°34, fl.137.
202	João Fernandes	Zouparria do Monte	Monteiro e guardador	Botão; Lagares	não identificado	Nomeado a 16/06/1450 em substituição de Rodrigo Afonso(3); substituído a 09/10/1469 por Estêvão Vicente porque falecera.	Chanc. D. Afonso V, L°34, fl.137; Chanc. D. Afonso V, L°16, fl.54.
203	Pedro Garcia	Coimbra	Monteiro e guardador	Botão; Lagares	almocreve	Nomeado a 22/10/1450 em substituição de Fernão Rodrigues.	Chanc. D. Afonso V, L°34, fl.179.
204	Afonso Álvares(2)	Eiras	Monteiro e guardador	Botão; Lagares	não identificado	Nomeado a 30/05/1451 em substituição de Álvaro Martins seu pai.	Chanc. D. Afonso V, L°11, fl.79.
205	Álvaro Martins	Coimbra	Monteiro e guardador	Botão; Lagares	não identificado	Terá sido nomeado em 1424 (reinado de D. João I); Substituído a 30/05/1451 por Afonso Álvares(2) seu filho; a 31/05/1451 recebe a sua carta de aposentação indicando que por ter partido uma perna, há mais de um ano, não consegue exercer.	Chanc. D. Afonso V, L°11, fl.79; Chanc. D. Afonso V, L°11, fl.79v.
206	Pedro Esteves	Souselas	Monteiro e guardador	Botão; Lagares	não identificado	Privado do cargo e substituído a 06/06/1451 por Fernão Rodrigues porque acompanhou o Infante D. Pedro na Batalha de Alfarrobeira.	Chanc. D. Afonso V, L°11, fl.137.

207	Martim Vaz	Botão	Monteiro e guardador	Botão; Lagares	não identificado	Nomeado a 29/05/1452 em substituição de Gonçalo Pires; aposentado a 08/03/1473 e substituído por Fernando Afonso.	Chanc. D. Afonso V, L°12, fl.113; Chanc. D. Afonso V, L°33, fl.216v.
208	João Pires	Botão	Monteiro e guardador	Botão; Lagares	não identificado	Nomeado a 15/09/1452.	Chanc. D. Afonso V, L°12, fl.105v.
209	Estêvão Anes(2)	Barcouço	Monteiro e guardador	Botão; Lagares	não identificado	Confirmado a 02/10/1452 uma vez que não foi à Batalha de Alfarrobeira; substituído a 05/07/1459 por João Aires.	Chanc. D. Afonso V, L°12, fl.113; Chanc. D. Afonso V, L°36, fl.115.
210	Pedro Anes(2) ⁶⁵⁰	Botão	Monteiro e guardador	Botão; Lagares	não identificado	Confirmado a 02/10/1452.	Chanc. D. Afonso V, L°12, fl.113.
211	Vasco Martins ⁶⁵¹	Vilela (freg. Torre de Vilela, conc. Coimbra)	Monteiro e guardador	Botão; Lagares	não identificado	Confirmado a 02/10/1452.	Chanc. D. Afonso V, L°12, fl.113.
212	Álvaro Anes	<i>Ribeiro</i> (talvez o atual Ribeiro de Vilela)	Monteiro e guardador	Botão; Lagares	não identificado	Nomeado a 03/10/1452 em substituição de João Lourenço seu pai.	Chanc. D. Afonso V, L°12, fl.113.

⁶⁵⁰ Referido por MORENO, Humberto Baquero, *A batalha de...*, v.1, p. 477.

⁶⁵¹ Referido por MORENO, Humberto Baquero, *A batalha de...*, v.1, pp. 479, 646.

213	João Afonso(2)	Coimbra	Monteiro e guardador	Botão; Lagares	não identificado	Nomeado a 16/10/1452 em substituição de Estêvão Gonçalves.	Chanc. D. Afonso V, L°12, fl.113.
214	Estêvão Gonçalves	Outeiro do Botão	Monteiro e guardador	Botão; Lagares	não identificado	Substituído a 16/10/1452 por João Afonso(2) porque falecera.	Chanc. D. Afonso V, L°12, fl.113.
215	Afonso Anes(4)	Souselas	Monteiro e guardador	Botão; Lagares	não identificado	Nomeado a 12/10/1453 em substituição de Pedro Bartolomeu; aposentado a 11/08/1458 e substituído por Pedro Álvares.	Chanc. D. Afonso V, L°4, fl.35; Chanc. D. Afonso V, L°36, fl.115.
216	Lourenço Pires	Coimbra	Monteiro e guardador	Botão; Lagares	almuinheiro	Nomeado a 15/10/1453 em substituição de Gil Pires.	Chanc. D. Afonso V, L°4, fl.37
217	Rodrigo Anes(2)	Trouxemil	Monteiro e guardador	Botão; Lagares	não identificado	Nomeado a 28/09/1455 em substituição de Rodrigo Afonso(2).	Chanc. D. Afonso V, L°25, fl.40v.
218	Pedro Álvares	Coalhadas	Monteiro e guardador	Botão; Lagares	não identificado	Nomeado a 11/08/1458 em substituição de Afonso Anes(4).	Chanc. D. Afonso V, L°36, fl.115.
219	João Martins	Pedrulha	Monteiro e guardador	Botão	não identificado	Nomeado a 11/08/1458 em substituição de Afonso Anes(2).	Chanc. D. Afonso V, L°36, fl.36v.

220	João Aires	Fala (conc. Coimbra)	Monteiro e guardador	Botão; Lagares	não identificado	Nomeado a 05/07/1459 em substituição de Estevão Anes.	Chanc. D. Afonso V, L°36, fl.115.
221	João Fernandes(2)	Coimbra	Monteiro e guardador	Botão; Lagares	tecelão	Nomeado a 16/08/1464 em substituição de Pedro Afonso.	Chanc. D. Afonso V L°8, fl.91.
222	João Vasques	Zouparria do Monte	Monteiro e guardador	Botão; Lagares	não identificado	Nomeado a 23/08/1464 em substituição de Pedro Anes Pequeno.	Chanc. D. Afonso V, L°8, fl.91.
223	Afonso Anes(5)	Fala (conc. Coimbra)	Monteiro e guardador	Botão; Lagares	não identificado	Nomeado a 21/09/1464 em substituição de Fernão Rodrigues(2).	Chanc. D. Afonso V, L°8, fl.19.
224	Fernão Rodrigues(2)	<i>Rio Frio</i> (atual Rios Frios)	Monteiro e guardador	Botão; Lagares	não identificado	Aposentado a 21/09/1464 e substituído por Afonso Anes(5); recebe a carta de aposentação a 23/09/1464 ainda que não tivesse atingido os 70 anos de idade.	Chanc. D. Afonso V, L°8, fl.19; Chanc. D. Afonso V, L°8, fl.56v.
225	João Álvares	Vila Pouca (Vila Pouca do Campo?)	Monteiro e guardador	Botão; Lagares	não identificado	Nomeado a 28/09/1464 em substituição de Pedro Anes que falecera.	Chanc. D. Afonso V, L°8, fl.168v.
226	Vasco Pires	São Martinho do Bispo	Monteiro e guardador	Botão; Lagares	não identificado	Nomeado a 01/10/1464 em substituição de João Vicente.	Chanc. D. Afonso V, L°8, fl.62v.

227	João Vicente	Monte Redondo (conc. Penacova)	Monteiro e guardador	Botão; Lagares	não identificado	Substituído a 01/10/1464 por Vasco Pires; recebeu a carta de aposentação a 03/10/1464 indicando que tinha 70 anos de idade.	Chanc. D. Afonso V, L°8, fl.62v.
228	Pedro Gonçalves	Pé de Cão (conc. Coimbra)	Monteiro e guardador	Botão; Lagares	não identificado	Nomeado a 16/08/1468 em substituição de Vasco Lourenço.	Chanc. D. Afonso V, L°28, fl.81.
229	Afonso Álvares(3)	Fala (conc. Coimbra)	Monteiro e guardador	Botão; Lagares	não identificado	Nomeado a 09/10/1469 em substituição de Gonçalo Esteves.	Chanc. D. Afonso V, L°31, fl.143v.
230	Estêvão Vicente	Fala (conc. Coimbra)	Monteiro e guardador	Botão; Lagares	não identificado	Nomeado a 09/10/1469 em substituição de João Fernandes.	Chanc. D. Afonso V, L°16, fl.54.
231	Afonso Álvares(4)	Souselas	Monteiro e guardador	Botão; Lagares	não identificado	Nomeado a 08/03/1473 em substituição de Martim Pires.	Chanc. D. Afonso V, L°33, fl.216v.
232	Vasco Pires(2)	<i>Rio Frio</i> (atual Rios Frios)	Monteiro e guardador	Botão; Lagares	não identificado	Nomeado a 08/03/1473 em substituição de Pedro Vasques.	Chanc. D. Afonso V, L°33, fl.216v.
233	Dinis Geraldês	Coimbra	Monteiro e guardador	Botão; Lagares	não identificado	Nomeado em 1433 (com 30 anos de idade); aposentado a 08/03/1473 porque atingiu 70 anos de idade.	Chanc. D. Afonso V, L°33, fl.216v.

						substituído, no mesmo dia, por Lopo Rodrigues.	
234	Fernando Afonso	Souselas	Monteiro e guardador	Botão; Lagares	não identificado	Nomeado a 08/03/1473 em substituição de Martim Vaz.	Chanc. D. Afonso V, Lº33, fl.216v.
235	Lopo Rodrigues	não identificado	Monteiro e guardador	Botão; Lagares	não identificado	Nomeado a 08/03/1473 em substituição de Dinis Geraldês.	Chanc. D. Afonso V, Lº33, fl.216v.
236	Gonçalo Fernandes	Souselas	Monteiro e guardador	Botão; Lagares	não identificado	Nomeado a 08/03/1473 em substituição de Fernão Rodrigues.	Chanc. D. Afonso V, Lº33, fl.216v.
237	Pedro Afonso(2)	Quimbres	Monteiro e guardador	Botão e Lagares	não identificado	Nomeado a 04/10/1473 em substituição de Vasco Afonso.	Chanc. D. Afonso V, Lº33, fl.216v.

Quadro A5 – Dados biográficos dos monteiros da montaria de Montemor-o-Novo

ID	Nome	Residência	Cargo	Matas	Ocupação/ posição social	Percurso	Fontes
238	Afonso Anes da Cota	Coruche	Monteiro e guardador	Afonso das Vacas	não identificado	Confirmado a 18/05/1439 (com 60 anos de idade); aposentado a 18/12/1449 porque atingiu os 70 anos de idade; substituído a 14/06/1450 por Pedro Afonso; pai de Álvaro Afonso da Cota.	Chanc. D. Afonso V, Lº19, fl.16; Chanc. D. Afonso V, Lº34, fl.1v; Chanc. D. Afonso V, Lº34, fl.132v.
239	Álvaro Afonso da Cota	Coruche	Monteiro e guardador	Colmeiro	vassalo régio	Confirmado a 18/05/1439; substituído a 06/07/1451 por Afonso Anes Vidigal, sendo que o motivo terá sido, provavelmente, a passagem para vassalo régio; filho de Afonso Anes da Cota.	Chanc. D. Afonso V, Lº19, fl.16; Chanc. D. Afonso V, Lº11, fl.87.
240	Álvaro Afonso	Coruche	Monteiro e guardador	Ribeira do Divor	não identificado	Nomeado a 30/07/1440 em substituição de João Dias.	HFAC v.2 doc.37.
241	João Dias	não identificado	Monteiro e guardador	Ribeira do Divor	não identificado	Renunciou o ofício alegando ser velho e foi substituído por Álvaro Afonso a 30/07/1440.	HFAC v.2 doc.37.

242	Gonçalo Preto	não identificado	Monteiro e guardador	Mata Lobos	não identificado	Substituído a 26/08/1440 pelo seu filho João Gonçalves Preto.	Chanc. D. Afonso V, L ^o 20, fl.135v.
243	João Gonçalves Preto	Coruche	Monteiro e guardador	Mata Lobos	não identificado	Nomeado a 26/08/1440 em substituição de Gonçalo Preto seu pai.	Chanc. D. Afonso V, L ^o 20, fl.135v.
244	Gomes Frade	não identificado	Monteiro e guardador	Regelho/Reselo	vassalo	Substituído a 28/02/1442 por Vasco Vicente porque se tornou vassalo.	Chanc. D. Afonso V, L ^o 35, fl.102v.
245	Vasco Vicente	Montemor-o-Novo	Monteiro e guardador	Regelho/Reselo	coelheiro	Nomeado a 28/02/1442; confirmado a 14/01/1450 no desempenho do cargo.	Chanc. D. Afonso V, L ^o 35, fl.102v; Chanc. D. Afonso V, L ^o 34, fl.2.
246	Afonso Eanes Menouto	<i>Rapoula</i> (atual São Geraldo, Montemor-o-Novo)	Monteiro e guardador	Cavaleiro; Pereiras	não identificado	Nomeado a 28/03/1442 para a mata do Cavaleiro em substituição de Gil Aires; nomeado a 14/01/1450 para a mata das Pereiras, no mesmo dia em que André Eanes Menouto (monteiro e guardador da mata das Pereiras) é nomeado para a mata do Chapelar.	Chanc. D. Afonso V, L ^o 23, fl.95.

247	Gil Aires	não identificado	Monteiro e guardador	Cavaleiro	não identificado	Substituído a 28/03/1442 por Afonso Anes Menouto porque falecera.	Chanc. D. Afonso V, Lº23, fl.95.
248	Fernando Afonso	Montemor-o-Novo	Monteiro e guardador	Pereiras;	não identificado	Aposentado a 13/04/1442 porque tinha 70 anos e era doente; substituído por André Eanes Menouto a 13/05/1442.	Chanc. D. Afonso V, Lº35, fl.102v.
249	André Eanes Menouto	Montemor-o-Novo	Monteiro e guardador	Cabeça das Pereiras	não identificado	Nomeado a 13/05/1442 para a mata da Cabeça das Pereiras em substituição de Fernando Afonso; nomeado a 14/01/1450 para a mata do Chapelar.	Chanc. D. Afonso V, Lº35, fl.102v; Chanc. D. Afonso V, Lº34, fl.2.
250	João Frade	Montemor-o-Novo	Monteiro e guardador	Castelo Velho;	não identificado	Aposentado a 15/06/1443 porque era velho e cego de um olho que perdera no exercício de funções; substituído a 01/07/1443 por Afonso Esteves.	Chanc. D. Afonso V, Lº27, fl.153.
251	Afonso Esteves	Montemor-o-Novo	Monteiro e guardador	Castelo Velho; Portaleiro	não identificado	Nomeado a 01/07/1443 em substituição de João Frade; foi o próprio que pediu para ser nomeado depois de notar a ausência de monteiro e guardador das matas de Castelo Velho e Portaleiro (a segunda mata foi acrescentada apenas nesta carta, mantendo-se à guardas dos oficiais que lhe sucederam).	Chanc. D. Afonso V, Lº27, fl.153.

252	Álvaro Monteiro	não identificado	Monteiro e guardador	Azambujeira (termo de Cabrela)	não identificado	Substituído a 08/05/1444 por Martim Vicente porque falecera.	Chanc. D. Afonso V, L ^o 24, fl.69v.
253	Martim Vicente	Montemor-o-Novo	Monteiro e guardador	Azambujeira (termo de Cabrela)	não identificado	Nomeado a 08/05/1444 em substituição de Álvaro Monteiro.	Chanc. D. Afonso V, L ^o 24, fl.69v.
254	João Martins	Estremoz	Monteiro e guardador	Mata do Cavaleiro	não identificado	Nomeado por D. Duarte (entre 1433-1438); confirmado a 18/01/1445.	Chanc. D. Afonso V, L ^o 25, fl.7.
255	Pedro Anes Farto	Avis	Monteiro e guardador	Vale de Cabeças	não identificado	Nomeado a 18/12/1449 em substituição de Pedro Marques.	Chanc. D. Afonso V, L ^o 12, fl.30.
256	Pedro Marques	não identificado	Monteiro e guardador	Vale de Cabeças	não identificado	Aposentado a 18/12/1449 e substituído por Pedro Anes Farto.	Chanc. D. Afonso V, L ^o 12, fl.30.
257	Gonçalo Pires	Avis	Monteiro e guardador	Caniçal	não identificado	Nomeado a 30/05/1450.	Chanc. D. Afonso V, L ^o 34, fl.79v.
258	Pedro Afonso	Coruche	Monteiro e guardador	Afonso das Vacas	não identificado	Nomeado a 14/06/1450 em substituição de Afonso Anes da Cota; substituído a 28/05/1455 por Gonçalo Anes das Cachopas porque falecera.	Chanc. D. Afonso V, L ^o 34, fl.132v; Chanc. D. Afonso V, L ^o 15, fl.149.

259	Gonçalo Lourenço	Alandroal	Monteiro e guardador	Cabril de S. Miguel	não identificado	Nomeado a 04/08/1450 para a mata de Cabril de S. Miguel, coutada nesse momento.	Chanc. D. Afonso V, L ^o 34, fl.118.
260	Lopo Martins	Alandroal	Monteiro e guardador	Coles	não identificado	Nomeado a 04/08/1450 para a mata de Coles, coutada nesse momento; substituído a 19/01/1473 por Pedro Gomes porque falecera.	Chanc. D. Afonso V, L ^o 34, fl.118.
261	Gonçalo Martins	Veiros	Monteiro e guardador	Mata da Ordem de Avis (em Almuro)	não identificado	Nomeado a 13/10/1450, quando esta mata é coutada pela primeira vez.	Chanc. D. Afonso V, L ^o 4, fl.19v.
262	Afonso Anes	Estremoz	Monteiro e guardador	Montalvo	não identificado	Nomeado a 14/10/1450 para a mata de Montalvo, coutada nesse momento.	HFAC v.2 doc.236.
263	Fernão Lourenço	Alandroal	Monteiro e guardador	Cabril do Coitado	não identificado	Nomeado a 16/10/1450; aparentemente o primeiro oficial nesta mata.	Chanc. D. Afonso V, L ^o 11, fl.8v.
264	Rodrigo Afonso	Alandroal	Monteiro e guardador	Melreu	não identificado	Nomeado a 16/10/1450 para a mata de Melreu, coutada naquele momento; substituído a 19/01/1473 por Rui Fernandes porque falecera.	Chanc. D. Afonso V, L ^o 37, fl.29; Chanc. D. Afonso V, L ^o 35, fl.67.
265	Vicente Afonso Besteiro	Benavila	Monteiro e guardador	Águas Belas	não identificado	Nomeado a 21/10/1450.	Chanc. D. Afonso V, L ^o 15, fl.91.

266	Afonso Pires Mortágoa	Avis	Monteiro e guardador	Caniceira	não identificado	Nomeado a 25/10/1450.	Chanc. D. Afonso V, L ^o 11, fl.143.
267	Fernão Gonçalves	Estremoz	Monteiro e guardador	Estebeira d'el Rei	não identificado	Nomeado a 02/11/1450 para a mata de Estebeira d'el Rei, coutada nesse momento.	Chanc. D. Afonso V, L ^o 34, fl.176v.
268	Fernão Vicente	Alandroal	Monteiro e guardador	Cabeça de Sina	não identificado	Nomeado a 28/11/1450 sendo o primeiro oficial a guardar esta mata.	Chanc. D. Afonso V, L ^o 37, fl.29.
269	Afonso Anes Vidigal	Coruche	Monteiro e guardador	Colmeiro	não identificado	Nomeado a 06/07/1451 em substituição de Álvaro Afonso da Cota.	Chanc. D. Afonso V, L ^o 11, fl.87.
270	Diogo Álvares	Coruche	Monteiro e guardador	Caniceira	não identificado	Nomeado a 03/01/1453 em substituição de João Lourenço Vidigal.	Chanc. D. Afonso V, L ^o 15, fl.122.
271	Silvestre Fernandes	Ribeira de Lavre	Monteiro e guardador	Taipas	não identificado	Nomeado a 03/03/1453 para a mata das Taipas coutada pelo rei naquele momento.	Chanc. D. Afonso V, L ^o 3, fl.68.
272	Fernão Gonçalves <i>Saira</i>	não identificado	Monteiro e guardador	Carvalhal; Cabeça da Gesteira	besteiro de cavalo	Substituído a 08/03/1455 por João Martins Abegão porque se tornou besteiro de cavalo.	Chanc. D. Afonso V, L ^o 15, fl.16.

273	João Carvalho	Montemor-o-Novo	Monteiro e guardador	Cuncos	não identificado	Nomeado a 08/03/1455 em substituição de Rodrigo Anes.	Chanc. D. Afonso V, Lº15, fl.16.
274	João Martins Abegão	Montemor-o-Novo	Monteiro e guardador	Carvalhal; Cabeça da Gesteira	não identificado	Nomeado a 08/03/1455 em substituição de Fernão Gonçalves <i>Saira</i> .	Chanc. D. Afonso V, Lº15, fl.16.
275	Rodrigo Anes	não identificado	Monteiro e guardador	Cuncos	não identificado	Substituído por João Carvalho a 08/03/1455 porque falecera.	Chanc. D. Afonso V, Lº15, fl.16.
276	Gonçalo Dias o Velho	Coruche	Monteiro e guardador	Amieira dos Poços	não identificado	Substituído a 09/03/1455 por João Afonso Gião porque falecera.	Chanc. D. Afonso V, Lº13, fl.172.
277	João Afonso Gião	<i>Ribeira de Avide?</i>	Monteiro e guardador	Amieira dos Poços	não identificado	Nomeado a 09/03/1455 em substituição de Gonçalo Dias o Velho.	Chanc. D. Afonso V, Lº13, fl.172.
278	Gonçalo Anes das Cachopas	Coruche	Monteiro e guardador	Afonso das Vacas	não identificado	Nomeado a 28/05/1455 em substituição de Pedro Afonso.	Chanc. D. Afonso V, Lº15, fl.149.
279	João Lourenço Vidigal	não identificado	Monteiro e guardador	Caniceira	não identificado	Substituído por Diogo Álvares a 03/01/1456 porque falecera.	Chanc. D. Afonso V, Lº15, fl.122

280	Rodrigo Esteves	Coruche	Monteiro e guardador	Amoreira	não identificado	Nomeado a 03/01/1456 em substituição de Vasco Lourenço.	Chanc. D. Afonso V, Lº15, fl.122.
281	Vasco Lourenço	não identificado	Monteiro e guardador	Amoreira	não identificado	Substituído a 03/01/1456 por Rodrigo Esteves porque falecera.	Chanc. D. Afonso V, Lº15, fl.122.
282	Lourenço Vasques	Coruche	Monteiro e guardador	Urra/Erra; Mora;	não identificado	Nomeado a 02/02/1456; substituído a 28/03/1470 por Diogo Álvares Galego porque falecera.	Chanc. D. Afonso V, Lº15, fl.113; Chanc. D. Afonso V, Lº16, fl.2.
283	Afonso Anes <i>Moneto</i>	não identificado	Monteiro e guardador	Chapelar	não identificado	Aposentado a 14/05/1459 e substituído por João André Vargo.	Chanc. D. Afonso V, Lº36, fl.115.
284	Estêvão Lopes	não identificado	Monteiro e guardador	Castelo Velho; Portaleiro	não identificado	Aposentado a 14/05/1459 e substituído por Pedro Anes Vargo.	Chanc. D. Afonso V, Lº36, fl.116.
285	João André Vargo	Montemor-o-Novo	Monteiro e guardador	Chapelar	não identificado	Nomeado a 14/05/1459 em substituição de Afonso Anes <i>Moneto</i> .	Chanc. D. Afonso V, Lº36, fl.115.

286	Pedro Anes Vargo	Montemor-o-Novo	Monteiro e guardador	Castelo Velho; Portaleiro	não identificado	Nomeado a 14/05/1459 em substituição de Estêvão Lopes; confirmado a 24/01/1483 por D. João II.	Chanc. D. Afonso V, L ^o 36, fl.116; HFAC v.3 doc.123.
287	Afonso de Viana	Monte da Freixeira (freg. Silveiras)	Monteiro e guardador	Lavar (Lavre); moutas de Pedrogão; Charneca	não identificado	Nomeado a 17/09/1466 em substituição de Gonçalo Anes.	Chanc. D. Afonso V, L ^o 38, fl.50v.
288	Gonçalo Anes	não identificado	Monteiro e guardador	Lavar (Lavre); moutas de Pedrogão; Charneca	não identificado	Substituído a 17/09/1466 por Afonso de Viana porque falecera.	Chanc. D. Afonso V, L ^o 38, fl.50v.
289	João Gomes Abegão	Coruche	Monteiro e guardador	Afonso das Vacas	não identificado	Nomeado a 13/04/1469 em substituição de Lopo Álvares.	Chanc. D. Afonso V, L ^o 31, fl.37.
290	João Gonçalves	Coruche	Monteiro e guardador	Ribeira de Erra	não identificado	Nomeado a 13/04/1469 em substituição de João Vaz; é filho de Gonçalo Anes das Cachopas.	Chanc. D. Afonso V, L ^o 31, fl.37.
291	João Vaz	Coruche	Monteiro e guardador	Ribeira de Erra	não identificado	Substituído a 13/04/1469 por João Gonçalves porque falecera.	Chanc. D. Afonso V, L ^o 31, fl.37.

292	Lopo Álvares	não identificado	Monteiro e guardador	Afonso das Vacas	não identificado	Substituído a 13/04/1469 por João Gomes Abegão porque falecera.	Chanc. D. Afonso V, L ^o 31, fl.37.
293	Diogo Álvares Galego	Coruche	Monteiro e guardador	Urra/Erra; Mora;	não identificado	Nomeado a 28/03/1470 em substituição de Lourenço Vasques.	Chanc. D. Afonso V, L ^o 16, fl.2.
294	Pedro Gomes	Alandroal	Monteiro e guardador	Coles	não identificado	Nomeado a 19/01/1473 em substituição de Lopo Martins.	Chanc. D. Afonso V, L ^o 35, fl.67.
295	Rui Fernandes	Alandroal	Monteiro e guardador	Melreu	não identificado	Nomeado a 19/01/1473 em substituição de Rodrigo Afonso.	Chanc. D. Afonso V, L ^o 35, fl.67.

Quadro A6 – Dados biográficos dos monteiros da montaria de Montemor-o-Velho

ID	Nome	Residência	Cargo	Matas	Ocupação/ posição social	Percurso	Fontes
296	Fernando Anes	Tentúgal	Monteiro e guardador	Rio de Lobos	não identificado	Nomeado a 07/06/1439 em substituição de João Lourenço seu pai.	Chanc. D. Afonso V, Lº26, fl.163.
297	João Lourenço	não identificado	Monteiro e guardador	Rio de Lobos	não identificado	Substituído a 07/06/1439 pelo seu filho Fernando Anes; terá sido aposentado antes dessa data porque, devido à idade, não conseguia exercer.	Chanc. D. Afonso V, Lº26, fl.163.
298	João Afonso	<i>Peras Alvas?</i>	Monteiro e guardador	Salgueira; Aceição	não identificado	Nomeado a 31/08/1441 em substituição de Gonçalo Domingues que falecera.	Chanc. D. Afonso V, Lº2, fls.72-72v.
299	Gonçalo Domingues	<i>Peras Alvas?</i>	Monteiro e guardador	Salgueira; Aceição	não identificado	Substituído por João Afonso a 31/08/1441; faleceu antes desta data.	Chanc. D. Afonso V, Lº2, fls.72-72v.
300	Fernando Anes(2)	Casais?	Monteiro e guardador	Feixe	não identificado	Nomeado a 16/09/1441 em substituição de Afonso Esteves; aposentado a 09/01/1450 e substituído por João Anes(2).	HFAC v.2 doc.61; Chanc. D. Afonso V, Lº37, fl.9.
301	Afonso Esteves	não identificado	Monteiro e guardador	Feixe	não identificado	Substituído a 16/09/1441 por Fernando Anes(2).	HFAC v.2 doc.61.

302	Diogo Lourenço ⁶⁵²	Verride	Monteiro e guardador	São Lourenço	não identificado	Nomeado por D. Duarte (1433-1438); confirmado por D. Afonso V a 16/09/1441; afastado do cargo a 16/06/1450 porque acompanhou o Infante D. Pedro na Batalha de Alfarrobeira e substituído por Jorge Afonso.	Chanc. D. Afonso V, L ^o 2, fl.50; Chanc. D. Afonso V, L ^o 34, fl.137.
303	Rui Fernandes	Verride	Monteiro e guardador	Ochã	não identificado	Nomeado a 16/10/1441 em substituição de Fernão Martins seu pai.	Chanc. D. Afonso V, L ^o 2, fl.72v.
304	Fernão Martins	não identificado	Monteiro e guardador	Ochã	não identificado	Substituído a 16/10/1441 por Rui Fernandes seu filho.	Chanc. D. Afonso V, L ^o 2, fl.72v.
305	Martim Afonso	Figueira da Foz	Monteiro e guardador	Ribeira de Carnide	não identificado	Nomeado por D. Duarte (1433-1438); confirmado por D. Afonso V a 07/11/1441.	Chanc. D. Afonso V, L ^o 2, fl.48.
306	João Afonso(2)	Verride	Monteiro e guardador	Cana	não identificado	Nomeado por D. Duarte (1433-1438); Confirmado a 09/11/1441; substituído a 08/01/1450 por Vasco Anes.	Chanc. D. Afonso V, L ^o 2, fl.48; Chanc. D. Afonso V, L ^o 37, fl.9.

⁶⁵² Referido por MORENO, Humberto Baquero, *A batalha de...*, v. 1, p. 478.

307	Pedro Domingues	Vinha da Rainha	Monteiro e guardador	Azenha; Penedos do Bispo	não identificado	Nomeado a 27/09/1445 em substituição de Estêvão Lourenço.	Chanc. D. Afonso V, L ^o 25, fl.40v.
308	Estêvão Lourenço	não identificado	Monteiro e guardador	Azenha; Penedos do Bispo	não identificado	Aposentado a 27/09/1445 e substituído por Pedro Domingues.	Chanc. D. Afonso V, L ^o 25, fl.40v.
309	João Anes	não identificado	Monteiro e guardador	Fervença; Ribeira de Cantanhede	não identificado	Nomeado 04/01/1450.	Chanc. D. Afonso V, L ^o 37, fl.9.
310	Rodrigo Anes	Casais?	Monteiro e guardador	Rego do Brulho	não identificado	Nomeado a 08/01/1450 em substituição de Lourenço Afonso.	Chanc. D. Afonso V, L ^o 37, fl.9.
311	Lourenço Afonso	Brunhós	Monteiro e guardador	Rego do Brulho	não identificado	Substituído a 08/01/1450 por Rodrigo Anes.	Chanc. D. Afonso V, L ^o 37, fl.9.
312	Vasco Anes	Verride	Monteiro e guardador	Cana	não identificado	Nomeado a 08/01/1450 em substituição de João Afonso(2); substituído por Diogo Afonso a 31/07/1472 porque falecera.	Chanc. D. Afonso V, L ^o 37, fl.9; Chanc. D. Afonso V, L ^o 29, fl.82.
313	Afonso Pinheiro	Verride	Monteiro e guardador	Conha	não identificado	Nomeado a 08/01/1450 em substituição de Rui Fernandes(2).	Chanc. D. Afonso V, L ^o 37, fl.9.

314	Rui Fernandes(2)	Verride	Monteiro e guardador	Conha	não identificado	Substituído a 08/01/1450 por Afonso Pinheiro.	Chanc. D. Afonso V, Lº37, fl.9.
315	Pedro Afonso	Abrunheira (conc. Montemor-o-Velho)	Monteiro e guardador	Porto Godinho	não identificado	Nomeado a 09/01/1450.	Chanc. D. Afonso V, Lº37, fl.9.
316	João Anes(2)	Abrunheira (conc. Montemor-o-Velho)	Monteiro e guardador	Feixe	não identificado	Nomeado a 09/01/1450 em substituição de Fernando Anes(2); substituído a 10/09/1462 por João Eanes seu filho.	Chanc. D. Afonso V, Lº37, fl.9; HFAC v.2 doc.422.
317	João Afonso Preto	Montemor-o-Velho	Monteiro e guardador	Leça (Liceia?)	não identificado	Nomeado a 10/01/1450 em substituição de João Vasco.	Chanc. D. Afonso V, Lº37, fl.9.
318	João Vasco	Montemor-o-Velho	Monteiro e guardador	Leça (Liceia?)	não identificado	Substituído a 10/01/1450 por João Afonso Preto.	Chanc. D. Afonso V, Lº37, fl.9.
319	Francisco Lourenço	Montemor-o-Velho	Monteiro e guardador	Ejo	não identificado	Nomeado a 10/01/1450 em substituição de João Vasco(2); substituído a 10/09/1462 por Álvaro Lourenço seu filho.	Chanc. D. Afonso V, Lº37, fl.9; HFAC v.2 doc.423.

320	João Vasco(2)	não identificado	Monteiro e guardador	Ejo	não identificado	Substituído a 10/01/1450 por Francisco Lourenço.	Chanc. D. Afonso V, L ^o 37, fl.9.
321	Brás Lourenço	Marinha (Marinha das Ondas?)	Monteiro e guardador	Azambujeira	não identificado	Nomeado a 10/01/1450 em substituição de João Gonçalves; Renunciou o cargo porque foi morar para Leiria; substituído por João Gonçalves(2) a 13/08/1459.	Chanc. D. Afonso V, L ^o 37, fl.9; Chanc. D. Afonso V, L ^o 36, fl.110.
322	João Gonçalves	não identificado	Monteiro e guardador	Azambujeira	não identificado	Substituído por Brás Lourenço a 10/01/1450;	Chanc. D. Afonso V, L ^o 37, fl.9;
323	João Anes(3)	Alhadas	Monteiro e guardador	Abobobeira; Rio de Lobos	não identificado	Nomeado a 10/01/1450; substituído a 12/10/1454 pelo seu irmão Rodrigo Anes(3) porque falecera.	Chanc. D. Afonso V, L ^o 37, fl.9; Chanc. D. Afonso V, L ^o 10, fl.107v.
324	João de São João	Montemor-o-Velho	Monteiro e guardador	Liceia	não identificado	Nomeado a 10/01/1450; aposentado a 10/09/1462 e substituído por Pero Coelho.	Chanc. D. Afonso V, L ^o 37, fl.9; Chanc. D. Afonso V, L ^o 1, fl.67v.

325	Lopo Gonçalves	Abrunheira (conc. Montemor-o-Velho)	Monteiro e guardador	Salgueira	não identificado	Nomeado a 13/01/1450.	Chanc. D. Afonso V, L ^o 37, fl.9.
326	Fernão Gonçalves	não identificado	Monteiro e guardador	Carvalhal	não identificado	Confirmado por D. Afonso V a 02/03/1450.	Chanc. D. Afonso V, L ^o 34, fl.27v.
327	Jorge Afonso	Vila Nova da Barca	Monteiro e guardador	São Lourenço	não identificado	Nomeado a 16/06/1450 em substituição de Diogo Lourenço.	Chanc. D. Afonso V, L ^o 34, fl.137.
328	Martim Anes	Verride	Monteiro e guardador	Tiçã/Chiçã	não identificado	Nomeado a 16/06/1450 em substituição de Rodrigo Afonso; surge noutra carta, com o mesmo conteúdo e datação, mas que denomina a mata pelo nome de Chiçã.	Chanc. D. Afonso V, L ^o 34, fl.136v; Chanc. D. Afonso V, L.34, fl.137.
329	Rodrigo Afonso ⁶⁵³	não identificado	Monteiro e guardador	Tiçã/Chiçã	não identificado	Privado e substituído por Martim Anes a 16/06/1450 porque participou na Batalha de Alfarrobeira contra o rei; surge noutra carta, com o mesmo conteúdo e datação, mas que denomina a mata pelo nome de Chiçã.	Chanc. D. Afonso V, L ^o 34, fl.136v; Chanc. D. Afonso V, L.34, fl.137.

⁶⁵³ Referido por MORENO, Humberto Baquero, *A batalha de...*, v.1, p. 475.

330	Gonçalo Coelho	Casal de Oliveira?	Monteiro e guardador	São Lourenço	não identificado	Nomeado a 16/06/1450 em substituição de João <i>Estação</i> .	Chanc. D. Afonso V, L ^o 34, fl.137.
331	João Estação ⁶⁵⁴	Verride	Monteiro e guardador	São Lourenço	não identificado	Afastado do cargo a 16/06/1450 porque participou na Batalha de Alfarrobeira contra o rei e substituído por Gonçalo Coelho.	Chanc. D. Afonso V, L ^o 34, fl.137.
332	Pedro Eanes	Moinhos (Moinhos da Gândara, conc. Figueira da Foz?)	Monteiro e guardador	Quiaios	não identificado	Nomeado a 16/06/1450 em substituição de Pedro Afonso(2).	Chanc. D. Afonso V, L ^o 34, fl.136v.
333	Pedro Afonso(2) ⁶⁵⁵	Verride	Monteiro e guardador	Quiaios	não identificado	Aposentado a 16/06/1450 porque participou na Batalha de Alfarrobeira contra o rei e substituído por Pedro Eanes.	Chanc. D. Afonso V, L ^o 34, fl.136v.
334	Lopo Álvares	Verride	Monteiro e guardador	Salgueira	não identificado	Nomeado a 16/06/1450 em substituição de João Afonso o Ruço.	Chanc. D. Afonso V, L ^o 34, fl.137.

⁶⁵⁴ Referido por MORENO, Humberto Baquero, *A batalha de...*, v.1, p. 477.

⁶⁵⁵ Referido por MORENO, Humberto Baquero, *A batalha de...*, v.1, p. 475.

335	João Afonso o Ruço ⁶⁵⁶	Verride	Monteiro e guardador	Salgueira	não identificado	Afastado do cargo a 16/06/1450 porque participou na Batalha de Alfarrobeira contra o rei e substituído por Lopo Álvares.	Chanc. D. Afonso V, L ^o 34, fl.137.
336	João Gonçalves(3)	<i>Vale?</i> (atual lugar chamado Vale Clérigo, em Vila Nova da Barca)	Monteiro e guardador	Freixiosa	não identificado	Nomeado a 16/06/1450 em substituição de Álvaro Pires.	Chanc. D. Afonso V, L ^o 34, fl.137.
337	Álvaro Pires ⁶⁵⁷	<i>Vale?</i> (atual lugar chamado Vale Clérigo, em Vila Nova da Barca)	Monteiro e guardador	Freixiosa	não identificado	Privado do cargo a 16/06/1450 por ter participado na Batalha de Alfarrobeira contra o rei e substituído por João Gonçalves(3).	Chanc. D. Afonso V, L ^o 34, fl.137.
338	Estêvão Anes	Verride	Monteiro e guardador	Bispo	não identificado	Nomeado a 16/06/1450 em substituição de João Afonso Manso seu pai.	Chanc. D. Afonso V, L ^o 34, fl.137.

⁶⁵⁶ Referido por MORENO, Humberto Baquero, *A batalha de...*, v.1, p. 474.

⁶⁵⁷ Referido por MORENO, Humberto Baquero, *A batalha de...*, v.1, p. 479.

339	João Afonso Manso	não identificado	Monteiro e guardador	Bispo	não identificado	Aposentado a 16/06/1450 por ter atingido os 70 anos de idade e substituído por Estêvão Anes.	Chanc. D. Afonso V, L ^o 34, fl.137.
340	Lourenço Anes	Vila Nova da Barca	Monteiro e guardador	Madriça	não identificado	Nomeado 16/06/1450; primeiro monteiro e guardador da mata da Madriça.	Chanc. D. Afonso V, L ^o 34, fl.137.
341	João Anes(4)	Carapinheira	Monteiro e guardador	Botelho	não identificado	Nomeado a 16/06/1450 em substituição de João de Buarcos.	Chanc. D. Afonso V, L ^o 34, fl.137.
342	João de Buarcos ⁶⁵⁸	Buarcos?	Monteiro e guardador	Botelho	não identificado	Privado do cargo a 16/06/1450 porque participou na Batalha de Alfarrobeira contra o rei e substituído por João Anes(4).	Chanc. D. Afonso V, L ^o 34, fl.137.
343	Gonçalo Anes	Póvoa de Santa Cristina	Monteiro e guardador	Mariscote; Ribeira de Livra; Cantanhede;	não identificado	Nomeado a 16/06/1450 em substituição de João Dias.	Chanc. D. Afonso V, L ^o 34, fl.137.
344	João Dias	Vagos	Monteiro e guardador	Mariscote; Ribeira de Livra; Cantanhede;	não identificado	Aposentado a 16/06/1450 por ter atingido 70 anos de idade; substituído por Gonçalo Anes.	Chanc. D. Afonso V, L ^o 34, fl.137; Chanc. D. Afonso V, L ^o 34, fl.136.

⁶⁵⁸ Referido por MORENO, Humberto Baquero, *A batalha de...*, v.1, p. 476.

345	Afonso Pires	Brunhós	Monteiro e guardador	Brunhós	não identificado	Nomeado a 16/06/1450 em substituição de Lourenço Pires.	Chanc. D. Afonso V, L ^o 34, fl.137.
346	Lourenço Pires ⁶⁵⁹	<i>Cardosas?</i>	Monteiro e guardador	Brunhós	não identificado	Privado a 16/06/1450 por ter participado na Batalha de Alfarrobeira contra o rei e substituído por Afonso Pires.	Chanc. D. Afonso V, L ^o 34, fl.137.
347	Álvaro Gonçalves	Verride	Monteiro e guardador	Carnide	não identificado	Nomeado a 16/06/1450 em substituição de João Eanes(2).	Chanc. D. Afonso V, L ^o 34, fl.137.
348	João Eanes(2) ⁶⁶⁰	Outeiro da Moura	Monteiro e guardador	Carnide	não identificado	Privado a 16/06/1450 do cargo por ter participado na Batalha de Alfarrobeira contra o rei e substituído por João Álvaro Gonçalves.	Chanc. D. Afonso V, L ^o 34, fl.137.
349	Rodrigo Anes(2)	Verride	Monteiro e guardador	São Bento	não identificado	Nomeado a 17/06/1450 em substituição de João Domingues; foi substituído por Fernando Afonso a 12/07/1480 porque falecera.	Chanc. D. Afonso V, L ^o 34, fl.137; Chanc. D. Afonso V, L ^o 32, fl.106v.
350	João Afonso(3) ⁶⁶¹	Vila Nova da Barca	Monteiro e guardador	Lanedrosa	não identificado	Nomeado a 17/06/1450 apesar de ter participado na Batalha de Alfarrobeira contra o rei.	Chanc. D. Afonso V, L ^o 34, fl.137.

⁶⁵⁹ Referido por MORENO, Humberto Baquero, *A batalha de...*, v.1, p. 479.

⁶⁶⁰ Referido por MORENO, Humberto Baquero, *A batalha de...*, v.1, p. 477.

⁶⁶¹ Referido por MORENO, Humberto Baquero, *A batalha de...*, v.1, p. 474.

351	Afonso Vaz	Verride	Monteiro e guardador	Ceiço	não identificado	Nomeado a 17/06/1450 em substituição de Pedro Anes.	Chanc. D. Afonso V, L ^o 34, fl.137.
352	Pedro Anes ⁶⁶²	não identificado	Monteiro e guardador	Ceiço	não identificado	Privado do cargo a 17/06/1450 por ter participado na Batalha de Alfarrobeira contra o rei e substituído por Afonso Vaz.	Chanc. D. Afonso V, L ^o 34, fl.137.
353	Afonso Anes	Carapinheira	Monteiro e guardador	Moinhos	não identificado	Nomeado a 17/06/1450 em substituição de Afonso Bartolomeu.	Chanc. D. Afonso V, L ^o 34, fl.137
354	Álvaro Esteves	Cardosas?	Monteiro e guardador	Feixe	não identificado	Nomeado a 17/06/1450 em substituição de João do Vale.	Chanc. D. Afonso V, L ^o 34, fl.137;
355	João do Vale ⁶⁶³	Louriçal	Monteiro e guardador	Feixe; Cana	não identificado	Privado do cargo (mata de Feixe) a 17/06/1450 e substituído por Álvaro Esteves; nomeado em 1458 para exercer na mata da Cana em substituição de Bento Domingues.	Chanc. D. Afonso V, L ^o 34, fl.137; Chanc. D. Afonso V, L ^o 36, fl.89v.
356	João Domingues ⁶⁶⁴	não identificado	Monteiro e guardador	São Bento	não identificado	Privado do cargo a 17/06/1450 por ter participado na Batalha de Alfarrobeira contra o rei e substituído por Rodrigo Anes(2).	Chanc. D. Afonso V, L ^o 34, fl.137.

⁶⁶² Referido por MORENO, Humberto Baquero, *A batalha de...*, v.1, p. 477.

⁶⁶³ Referido por MORENO, Humberto Baquero, *A batalha de...*, v.1, p. 480.

⁶⁶⁴ Referido por MORENO, Humberto Baquero, *A batalha de...*, v.1, p. 476.

357	Gonçalo Afonso	Alfarelos	Monteiro e guardador	Mata do Boi	não identificado	Nomeado a 18/06/1450 em substituição de Pedro Vicente.	Chanc. D. Afonso V, L ^o 34, fl.137.
358	Pedro Vicente ⁶⁶⁵	Alfarelos	Monteiro e guardador	Mata do Boi	não identificado	Privado a 18/06/1450 por ter participado na Batalha de Alfarrobeira contra o rei e substituído por Gonçalo Afonso.	Chanc. D. Afonso V, L ^o 34, fl.137.
359	Afonso Bartolomeu	não identificado	Monteiro e guardador	Moinhos	não identificado	Privado do cargo a 17/07/1450 por ter participado na Batalha de Alfarrobeira contra o rei e substituído por Afonso Anes.	Chanc. D. Afonso V, L ^o 34, fl.137.
360	Afonso Bartolomeu(2)	Montemor-o-Velho	Monteiro e guardador	Anobra	não identificado	Nomeado a 31/05/1451 para a mata de Anobra ainda que tivesse participado na Batalha de Alfarrobeira contra o rei; seria monteiro e guardador de outras matas.	Chanc. D. Afonso V, L ^o 11, fl.79.
361	João Álvares ⁶⁶⁶	Montemor-o-Velho	Monteiro e guardador	Fervença	não identificado	Nomeado a 31/05/1451 em substituição de Álvaro Gonçalves Peão seu pai, ainda que tenha participado na Batalha de Alfarrobeira contra o rei.	Chanc. D. Afonso V, L ^o 11, fl.79.
362	Álvaro Gonçalves Peão	Montemor-o-Velho	Monteiro e guardador	Fervença	não identificado	Aposentado a 31/05/1451 por ter atingido 70 anos de idade; substituído no mesmo dia por João Álvares seu filho.	Chanc. D. Afonso V, L ^o 11, fl.79.

⁶⁶⁵ Referido por MORENO, Humberto Baquero, *A batalha de...*, v.1, p. 481.

⁶⁶⁶ Referido por MORENO, Humberto Baquero, *A batalha de...*, v.1, p. 475.

363	Vasco Anes(2)	Montemor-o-Velho	Monteiro e guardador	Pai <i>Majam</i>	não identificado	Nomeado a 31/05/1451 em substituição de João de Portugal, seu pai, ainda que tenha participado na Batalha de Alfarrobeira contra o rei.	Chanc. D. Afonso V, L ^o 11, fl.79.
364	João de Portugal	Montemor-o-Velho	Monteiro e guardador	Pai <i>Majam</i>	não identificado	Aposentado a 31/05/1451 por ter atingido 70 anos de idade; substituído no mesmo dia por Vasco Anes seu filho.	Chanc. D. Afonso V, L ^o 11, fl.79; Chanc. D. Afonso V, L ^o 11, fl.79v.
365	Rodrigo Afonso Figueiro	Montemor-o-Velho	Monteiro e guardador	Ameal	não identificado	Aposentado a 31/05/1451 por ter atingido 70 anos de idade; substituído a 01/06/1451 por Afonso Lucas.	Chanc. D. Afonso V, L ^o 11, fl.79; Chanc. D. Afonso V, L ^o 11, fl.79v.
366	Afonso Lucas	Montemor-o-Velho	Monteiro e guardador	Ameal	não identificado	Nomeado a 01/06/1451 em substituição de Rodrigo Afonso Figueiro, ainda que tivesse participado na Batalha de Alfarrobeira contra o rei.	Chanc. D. Afonso V, L ^o 11, fl.79.
367	Fernando Afonso	Montemor-o-Velho	Monteiro e guardador	Moinhos	não identificado	Nomeado a 09/12/1452 em substituição de Álvaro Eanes.	Chanc. D. Afonso V, L ^o 12, fl.125.
368	Álvaro Eanes	não identificado	Monteiro e guardador	Moinhos	não identificado	Substituído a 09/12/1452 por Fernando Afonso porque falecera.	Chanc. D. Afonso V, L ^o 12, fl.125.

369	Afonso Lucas(2)	não identificado	Monteiro e guardador	<i>Marca?</i>	não identificado	Substituído a 08/10/1453 por Vasco Lopes porque falecera.	Chanc. D. Afonso V, L ^o 4, fl.40v.
370	Vasco Lopes	Vila Nova da Barca	Monteiro e guardador	<i>Marca?</i>	não identificado	Nomeado a 08/10/1453 em substituição de Afonso Lucas(2).	Chanc. D. Afonso V, L ^o 4, fl.40v.
371	Rodrigo Anes(3)	Maiorca	Monteiro e guardador	Abobodeira; Rio de Lobos	não identificado	Nomeado a 12/10/1454 em substituição do seu irmão João Anes(3).	Chanc. D. Afonso V, L ^o 10, fl.107v.
372	Pedro Domingues(2)	Montemor-o-Velho	Monteiro e guardador	Azenha	não identificado	Nomeado a 10/07/1455 em substituição de Rui Fernandes(3).	Chanc. D. Afonso V, L ^o 15, fl.65
373	Rui Fernandes(3)	Verride	Monteiro e guardador	Azenha	não identificado	Substituído a 10/07/1455 por Pedro Domingues(2) porque falecera.	Chanc. D. Afonso V, L ^o 15, fl.65.
374	Bento Domingues	Louriçal	Monteiro e guardador	Cana	não identificado	Aposentado a 09/08/1458 porque atingiu a idade de 70 anos e era aleijado de uma perna; Substituído, no mesmo ano, por João do Vale.	Chanc. D. Afonso V, L ^o 36, fl.89v.
375	João Gonçalves(2)	Alhadas	Monteiro e guardador	Azambujeira	não identificado	Nomeado a 13/08/1459 em substituição de Brás Lourenço.	Chanc. D. Afonso V, L ^o 36, fl.110.

376	João Eanes	Abrunheira (conc. Montemor- o-Velho)	Monteiro e guardador	Feixe	não identificado	Nomeado a 10/09/1462 em substituição de João Anes(2) seu pai.	HFAC v.2 doc.422.
377	Álvaro Lourenço	Montemor- o-Velho	Monteiro e guardador	Ejo	não identificado	Nomeado a 10/09/1462 em substituição de Francisco Lourenço seu pai.	HFAC v.2 doc.423.
378	Pero Coelho	Montemor- o-Velho	Monteiro e guardador	Liceia	não identificado	Nomeado a 10/09/1462 em substituição de João de São João.	Chanc. D. Afonso V, L ^o 1, fl.67v.
379	Fernão Lourenço	Montemor- o-Velho	Monteiro e guardador	Mata dos Penedos	não identificado	Nomeado a 10/04/1470 em substituição de Lourenço Afonso(2) seu pai.	Chanc. D. Afonso V, L ^o 16, fl.107.
380	Lourenço Afonso(2)	não identificado	Monteiro e guardador	Mata dos Penedos	não identificado	Substituído a 10/04/1470 por Fernão Lourenço seu filho.	Chanc. D. Afonso V, L ^o 16, fl.107.
381	João Lourenço(2)	Montemor- o-Velho	Monteiro e guardador	Mouta do Boi	não identificado	Nomeado a 11/04/1470 em substituição de João Gonçalves(2).	Chanc. D. Afonso V, L ^o 16, fl.107.
382	João Gonçalves(2)	Alfarelos	Monteiro e guardador	Mouta do Boi	não identificado	Substituído a 11/04/1470 por João Lourenço(2) porque falecera.	Chanc. D. Afonso V, L ^o 16, fl.107.

383	Diogo Afonso	Verride	Monteiro e guardador	Cana	não identificado	Nomeado a 31/07/1472 em substituição de Vasco Anes.	Chanc. D. Afonso V, L°29, fl.82.
384	Fernando Afonso(2)	Verride	Monteiro e guardador	São Bento	não identificado	Nomeado a 12/07/1480 em substituição de Rodrigo Anes(2).	Chanc. D. Afonso V, L°32, fl.106v.

Quadro A7 – Dados biográficos dos monteiros da montaria de Óbidos

ID	Nome	Residência	Cargo	Matas	Ocupação/ posição social	Percurso	Fontes
385	João Lourenço(2)	não identificado	Monteiro e guardador	não identificado	não identificado	Nomeado durante o reinado de D. João I; confirmado por D. Duarte a 23/10/1434; deixou de exercer antes de 01/06/1439.	HFAC v.1 doc.388.
386	João Lourenço(3)	Lourinhã	Monteiro e guardador	não identificado	não identificado	Nomeado durante o reinado de D. João I; confirmado por D. Duarte a 23/10/1434; deixou de exercer antes de 01/06/1439.	HFAC v.1 doc.388.
387	João Álvares	Bombarral	Monteiro e guardador	Avenal	não identificado	Nomeado por D. Duarte (1433-1438); confirmado no exercício de funções a 23/10/1434 e novamente a 01/07/1439.	Chanc. D. Afonso V, Lº18, fl.108; HFAC v.1 doc.388.
388	João Anes	Bombarral	Monteiro e guardador	Delgada	carniceiro	Confirmado a 23/10/1434; aposentado a 03/10/1444 porque atingiu os 70 anos de idade e tinha problemas de visão; substituído a 03/10/1444 por João Eanes o Moço.	HFAC v.1 doc.388; HFAC v.2 doc.11; Chanc. D. Afonso V, Lº25, fl.15.
389	João Esteves(3)	não identificado	Monteiro e guardador	Mouta Longa	não identificado	Confirmado a 23/10/1434 e a 01/06/1439; substituído a 11/09/1450	Chanc. D. Afonso V, Lº11, fl.94v; HFAC v.1

						por Estêvão Anes seu filho porque faleceu.	doc.388; HFAC v.2 doc.11.
390	Mateus Eanes	não identificado	Monteiro e guardador	Vale Benfeito	não identificado	Confirmado a 23/10/1434 e a 01/06/1439; substituído a 11/06/1441 por Afonso Anes.	HFAC v.1 doc.388; HFAC v.2 doc.11; HFAC v.2 doc.47.
391	Domingos Vicente	São Gregório (atual São Gregório da Fanadia)	Monteiro e guardador	Mata Velha	não identificado	Confirmado a 23/10/1434 e a 01/06/1439; substituído a 27/06/1441 por Diogo Esteves porque terá renunciado o cargo antes dessa data.	HFAC v.1 doc.388; HFAC v.2 doc.11; HFAC v.2 doc.53.
392	Afonso Esteves	não identificado	Monteiro e guardador	Delgada	não identificado	Confirmado a 23/10/1434 e a 01/06/1439; substituído a 11/06/1442 por Diogo Lopes seu genro.	HFAC v.1 doc.388; HFAC v.2 doc.11; Chanc. D. Afonso V, L°37, fl.63v.
393	Rodrigo Álvares	Bombarral	Monteiro e guardador	Vale Benfeito	não identificado	Confirmado a 23/10/1434 e a 01/06/1439; aposentado a 08/10/1444 porque, tendo 73 anos de idade, já não consegue exercer a sua função.	HFAC v.1 doc.388; HFAC v.2 doc.11; Chanc. D. Afonso V, L°25, fls.14v-15.
394	João Gil	não identificado	Monteiro e guardador	Avenal	não identificado	Confirmado a 23/10/1434 e 01/06/1439; substituído a 20/05/1456 por Diogo Fernandes porque renunciou o cargo.	HFAC v.1 doc.388; HFAC v.2 doc.11; Chanc.

							D. Afonso V, Lº13, fl.150v.
395	André Pires	Bombarral	Monteiro e guardador	Mouta Longa	não identificado	Confirmado a 23/10/1434 e 01/06/1439; aposentado a 05/08/1458 porque atingiu 70 anos de idade; substituído a 05/08/1459 por Afonso Pires.	HFAC v.1 doc.388; HFAC v.2 doc.11; Chanc. D. Afonso V, Lº36, fl.90.
396	João Lopes	Dagorda	Monteiro e guardador	Vale Benfeito	não identificado	Confirmado a 23/10/1434 e 01/06/1439; aposentado a 06/08/1458 porque era muito velho e cego; substituído a 06/08/1458 por Aparício Fernandes.	HFAC v.1 doc.388; HFAC v.2 doc.11; Chanc. D. Afonso V, Lº36, fl.91v.
397	João Domingues	São Gregório (atual São Gregório da Fanadia)	Monteiro e guardador	Mata Velha	não identificado	Confirmado a 23/10/1434 e 01/06/1439; aposentado a 06/08/1458 porque tinha 70 anos de idade; substituído a 07/08/1458 por Martinho Anes seu filho.	HFAC v.1 doc.388; HFAC v.2 doc.11; Chanc. D. Afonso V, Lº36, fl.252v.
398	João de Évora	não identificado	Monteiro e guardador	Amoreira	não identificado	Confirmado a 23/10/1434 e 01/06/1439; substituído a 12/10/1461 por João Gonçalves; recebe carta de aposentação a 11/10/1462.	HFAC v.1 doc.388; HFAC v.2 doc.11; Chanc. D. Afonso V, Lº9, fl.123; Chanc. D. Afonso V, Lº1, fl.110v.

399	Estêvão Martins	Mouta (atual Moita dos Ferreiros)	Monteiro e guardador	Mouta Longa	não identificado	Confirmado a 23/10/1434 e a 01/06/1439; substituído a 11/07/1468 por Martim Pires porque atingiu 70 anos de idade; recebe carta de aposentação a 14/07/1468.	HFAC v.1 doc.388; HFAC v.2 doc.11; Chanc. D. Afonso V, Lº28, fl.61v; Chanc. D. Afonso V, Lº28, fl.62.
400	Afonso Martins	Bombarral	Monteiro e guardador	Mouta Longa	não identificado	Confirmado a 23/10/1434 e 01/06/1439; aposentado em 1474 porque atingiu 70 anos de idade e sofria de problemas de visão.	HFAC v.1 doc.388; HFAC v.2 doc.11; HFAC v.2 doc.584.
401	João Anes(5)	Outeiro (talvez Trás do Outeiro)	Monteiro e guardador	não identificado	não identificado	Confirmado a 23/10/1434.	HFAC v.1 doc.388.
402	João Anes da Guarda	não identificado	Monteiro e guardador	não identificado	não identificado	Confirmado a 23/10/1434.	HFAC v.1 doc.388.
403	João Anes(6)	<i>Soveral?</i>	Monteiro e guardador	não identificado	não identificado	Confirmado a 01/06/1439.	HFAC v.2 doc.11.
404	João Anes(7)	<i>Soveral?</i>	Monteiro e guardador	não identificado	não identificado	Confirmado a 01/06/1439.	HFAC v.2 doc.11.
405	João Anes <i>Cochão</i>	não identificado	Monteiro e guardador	não identificado	não identificado	Confirmado a 23/10/1434.	HFAC v.1 doc.388.

406	João Anes(8)	<i>Lagea/Lagia?</i>	Monteiro e guardador	não identificado	não identificado	Confirmado a 23/10/1434 e 01/06/1439.	HFAC v.1 doc.388; HFAC v.2 doc.11.
407	Pedro Anes(2)	não identificado	Monteiro e guardador	não identificado	não identificado	Confirmado a 23/10/1434 e 01/06/1439.	HFAC v.1 doc.388; HFAC v.2 doc.11.
408	Pedro Anes(3)	Amoreira	Monteiro e guardador	não identificado	não identificado	Confirmado a 23/10/1434 e 01/06/1439.	HFAC v.1 doc.388; HFAC v.2 doc.11.
409	João Pires	Bombarral	Monteiro e guardador	não identificado	não identificado	Confirmado a 23/10/1434 e 01/06/1439.	HFAC v.1 doc.388; HFAC v.2 doc.11.
410	Fernando Anes(4)	não identificado	Monteiro e guardador	não identificado	não identificado	Confirmado a 23/10/1434.	HFAC v.1 doc.388.
411	Fernando Anes(5)	não identificado	Monteiro e guardador	não identificado	não identificado	Confirmado a 23/10/1434.	HFAC v.1 doc.388.
412	João Esteves(5)	não identificado	Monteiro e guardador	não identificado	não identificado	Confirmado a 23/10/1434.	HFAC v.1 doc.388.
413	João Esteves(6)	não identificado	Monteiro e guardador	não identificado	não identificado	Confirmado a 23/10/1434.	HFAC v.1 doc.388.

414	Afonso Fernandes(2)	não identificado	Monteiro e guardador	não identificado	não identificado	Confirmado a 23/10/1434 e 01/06/1439.	HFAC v.1 doc.388; HFAC v.2 doc.11.
415	Estêvão Vicente	não identificado	Monteiro e guardador	não identificado	não identificado	Confirmado a 23/10/1434 e 01/06/1439.	HFAC v.1 doc.388; HFAC v.2 doc.11.
416	Afonso Pires(4)	não identificado	Monteiro e guardador	não identificado	não identificado	Confirmado a 23/10/1434 e 01/06/1439.	HFAC v.1 doc.388; HFAC v.2 doc.11.
417	Fernando Álvares(2)	<i>Baraçal</i> (talvez atual Baraçais, conc. Bombarral)	Monteiro e guardador	não identificado	não identificado	Confirmado a 23/10/1434 e 01/06/1439.	HFAC v.1 doc.388; HFAC v.2 doc.11.
418	Fernão Sapateiro	não identificado	Monteiro e guardador	não identificado	não identificado	Confirmado a 23/10/1434 e 01/06/1439.	HFAC v.1 doc.388; HFAC v.2 doc.11.
419	Fernando Esteves	não identificado	Monteiro e guardador	não identificado	não identificado	Confirmado a 23/10/1434 e 01/06/1439.	HFAC v.1 doc.388; HFAC v.2 doc.11.
420	Fernando Esteves Pau	não identificado	Monteiro e guardador	não identificado	não identificado	Confirmado a 23/10/1434.	HFAC v.1 doc.388.

421	João Afonso(2)	Pó	Monteiro e guardador	não identificado	não identificado	Confirmado a 23/10/1434 e 01/06/1439.	HFAC v.1 doc.388; HFAC v.2 doc.11.
422	Martim Vasques	não identificado	Monteiro e guardador	não identificado	não identificado	Confirmado a 23/10/1434.	HFAC v.1 doc.388.
423	Diogo Afonso(2)	não identificado	Monteiro e guardador	não identificado	não identificado	Confirmado a 23/10/1434 e 01/06/1439.	HFAC v.1 doc.388; HFAC v.2 doc.11.
424	Martim Martins	não identificado	Monteiro e guardador	não identificado	não identificado	Confirmado a 23/10/1434.	HFAC v.1 doc.388.
425	João Rodrigues	não identificado	Monteiro e guardador	não identificado	não identificado	Confirmado a 23/10/1434 e 01/06/1439.	HFAC v.1 doc.388; HFAC v.2 doc.11.
426	Estêvão Martins(2)	não identificado	Monteiro e guardador	não identificado	não identificado	Confirmado a 23/10/1434 e 01/06/1439.	HFAC v.1 doc.388; HFAC v.2 doc.11.
427	Vasco Anes	não identificado	Monteiro e guardador	não identificado	não identificado	Confirmado a 23/10/1434 e 01/06/1439.	HFAC v.1 doc.388; HFAC v.2 doc.11.
428	Martim Lourenço	não identificado	Monteiro e guardador	não identificado	não identificado	Confirmado a 23/10/1434 e 01/06/1439.	HFAC v.1 doc.388; HFAC v.2 doc.11.

429	Pero Martins o Crespo	<i>Serra?</i>	Monteiro e guardador	não identificado	não identificado	Confirmado a 23/10/1434 e 01/06/1439.	HFAC v.1 doc.388; HFAC v.2 doc.11.
430	João Vicente <i>Favas</i>	não identificado	Monteiro e guardador	não identificado	não identificado	Confirmado a 23/10/1434.	HFAC v.1 doc.388.
431	Afonso Domingues	não identificado	Monteiro e guardador	não identificado	não identificado	Confirmado a 23/10/1434.	HFAC v.1 doc.388.
432	João Nunes	não identificado	Monteiro e guardador	não identificado	não identificado	Confirmado a 23/10/1434.	HFAC v.1 doc.388.
433	Martim Anes(2)	não identificado	Monteiro e guardador	não identificado	não identificado	Confirmado a 23/10/1434.	HFAC v.1 doc.388.
434	Estevão Anes Cordeiro	não identificado	Monteiro e guardador	não identificado	não identificado	Confirmado a 23/10/1434.	HFAC v.1 doc.388.
435	<i>Gabairo</i>	não identificado	Monteiro e guardador	não identificado	não identificado	Confirmado a 23/10/1434.	HFAC v.1 doc.388.
436	João Lourenço	<i>Tramalhal</i> (talvez Ramalhal)	Monteiro	não identificado	não identificado	Confirmado por D. Fernando a 26/03/1370; deixou de exercer antes de 01/06/1439.	HFAC v.1 doc.120; HFAC v.2 doc.11.

437	Fernando Esteves(2)	Columbeira	Monteiro e guardador	não identificado	não identificado	Confirmado a 01/06/1439.	HFAC v.2 doc.11.
438	Fagunde Anes	não identificado	Monteiro e guardador	não identificado	não identificado	Confirmado a 01/06/1439.	HFAC v.2 doc.11.
439	Afonso Miguéis	não identificado	Monteiro e guardador	não identificado	não identificado	Confirmado a 01/06/1439.	HFAC v.2 doc.11.
440	Vicente Anes do Moinho	não identificado	Monteiro e guardador	não identificado	não identificado	Confirmado a 01/06/1439.	HFAC v.2 doc.11.
441	João Eanes	Sobral do Parelhão	Monteiro e guardador	Delgada	não identificado	Nomeado a 06/02/1440, com 48 anos de idade, em substituição de João Esteves seu pai; Aposentado a 15/10/1462 porque atingiu 70 anos de idade e substituído, no mesmo dia, por Pero Anes.	Chanc. D. Afonso V, L°20, fl.135v; Chanc. D. Afonso V, L°1, fl.111v.
442	João Esteves	não identificado	Monteiro e guardador	Delgada	não identificado	Substituído a 06/02/1440 por João Eanes seu filho porque faleceu; (Pode ser o indivíduo confirmado a 23/10/1434 e a 01/06/1439).	Chanc. D. Afonso V, L°20, fl.135v; HFAC v.1 doc.388; HFAC v.2 doc.11.
443	João Eanes(2)	não identificado	Monteiro e guardador	Delgada	não identificado	Nomeado a 08/07/1440 em substituição de João Vicente Gago.	Chanc. D. Afonso V, L°20, fl.135v.

444	João Vicente Gago	não identificado	Monteiro e guardador	Delgada	não identificado	Substituído a 08/07/1440 por João Eanes(2).	Chanc. D. Afonso V, L°20, fl.135v.
445	João da Vermelha	Vidais	Monteiro e guardador	Mata Velha	não identificado	Nomeado a 06/08/1440 em substituição de João Cavaleiro seu irmão.	Chanc. D. Afonso V, L°20, fl.135v.
446	João Cavaleiro	não identificado	Monteiro e guardador	Mata Velha	não identificado	Substituído a 06/08/1440 por João da Vermelha seu irmão porque faleceu.	Chanc. D. Afonso V, L°20, fl.135v.
447	Pedro Anes	Bairro	Monteiro e guardador	Amoreira; Formigal	não identificado	Nomeado a 11/06/1441 em substituição de Estêvão Domingues; aposentado a 10/04/1466 e substituído por Afonso Pires(2) seu filho.	Chanc. D. Afonso V, L°23, fl.58; Chanc. D. Afonso V, L°38, fl.57v.
448	Estêvão Domingues	não identificado	Monteiro e guardador	Amoreira; Formigal	não identificado	Substituído a 11/06/1441 por Pedro Anes porque, antes dessa data, largou a montaria por ser muito velho.	Chanc. D. Afonso V, L°23, fl.58.
449	Afonso Anes	Sobral da Lagoa	Monteiro e guardador	Vale Benfeito	não identificado	Nomeado a 11/06/1441 em substituição de Mateus Eanes; substituído a 15/06/1472 por João Esteves(4) porque faleceu.	HFAC v.2 doc.47; Chanc. D. Afonso V, L°29, fl.75v.
450	João Anes(2)	Carvalho	Monteiro e guardador	Delgada	não identificado	Nomeado a 27/06/1441, com 46 anos de idade, em substituição de João Esteves(2); aposentado a 11/04/1466 porque atingiu 70 anos de idade e substituído por Afonso Rodrigues.	Chanc. D. Afonso V, L°2, fl.92v; Chanc. D. Afonso V, L°37, fl.83v.

451	João Esteves(2)	não identificado	Monteiro e guardador	Delgada	não identificado	Substituído a 27/06/1441 por João Anes(2) por velhice; (Pode ser o indivíduo confirmado a 23/10/1434 e a 01/06/1439).	Chanc. D. Afonso V, Lº2, fl.92v; HFAC v.1 doc.388; HFAC v.2 doc.11.
452	João Martins	Carregal (conc. Óbidos)	Monteiro e guardador	Navalhas	não identificado	Nomeado a 27/06/1441 em substituição de Afonso Anes(2).	Chanc. D. Afonso V, Lº2, fl.92v.
453	Afonso Anes(2)	não identificado	Monteiro e guardador	Navalhas	não identificado	Substituído a 27/06/1441 por João Martins porque atingiu 70 anos de idade; (Pode ser o indivíduo confirmado a 23/10/1434 e a 01/06/1439).	HFAC v.1 doc.388; HFAC v.2 doc.11; Chanc. D. Afonso V, Lº2, fl.92v.
454	Diogo Esteves	Sancheira	Monteiro e guardador	Mata Velha	não identificado	Nomeado a 27/06/1441, com 40 anos de idade, em substituição de Domingos Vicente; aposentado a 03/04/1471 porque atingiu 70 anos de idade e substituído por Estêvão Dias seu filho.	HFAC v.2 doc.53; Chanc. D. Afonso V, Lº16, fl.80.
455	Pedro Gil	Atouguia (atual Atouguia da Baleia)	Monteiro e guardador	Vale Benfeito	não identificado	Nomeado a 22/03/1442; substituído a 06/08/1458 por Lopo Fernandes porque terá renunciado o cargo antes dessa data.	Chanc. D. Afonso V, Lº37, fl.75; Chanc. D. Afonso V, Lº36, fl.251.
456	Diogo Lopes	Carvalhal	Monteiro e guardador	Delgada	não identificado	Nomeado a 11/06/1442 em substituição de Afonso Esteves seu sogro.	Chanc. D. Afonso V, Lº37, fl.63v.

457	João Eanes o Moço	Bombarral	Monteiro e guardador	Delgada	não identificado	Nomeado a 03/10/1444 em substituição de João Anes.	Chanc. D. Afonso V, Lº25, fl.15.
458	Estêvão Anes	<i>Mouta</i> (atual Moita dos Ferreiros)	Monteiro e guardador	Mouta Longa	não identificado	Nomeado a 11/09/1450 em substituição de João Esteves(3) seu pai.	Chanc. D. Afonso V, Lº11, fl.94v.
459	Rodrigo Aires	não identificado	Monteiro e guardador	Arada; Olho Marinho; Ribeira do Soveral;	não identificado	Confirmado a 22/09/1450.	Chanc. D. Afonso V, Lº34, fl.198.
460	Álvaro Pires	Lourinhã	Monteiro e guardador	Mouta Longa	não identificado	Confirmado a 28/12/1450; (Pode ser o indivíduo confirmado a 01/06/1439).	HFAC v.2 doc.11; Chanc. D. Afonso V, Lº34, fl.191.
461	João Anes(3)	A-dos-Ruivos	Monteiro e guardador	Avenal	não identificado	Confirmado a 03/09/1451; substituído a 19/08/1454 por Estêvão Anes(2) porque renunciou a função.	Chanc. D. Afonso V, Lº11, fl.133v; Chanc. D. Afonso V, Lº15, fl.52v.
462	Estêvão Anes(2)	Barrocalvo	Monteiro e guardador	Avenal	não identificado	Nomeado a 19/08/1454 em substituição de João Anes(3); referido no exercício de funções a 05/10/1475.	Chanc. D. Afonso V, Lº15, fl.52v; Chanc. D. Afonso V, Lº30, fl.1v.
463	Diogo Fernandes	Sancheira	Monteiro e guardador	Avenal	não identificado	Nomeado a 20/05/1456 em substituição de João Gil.	Chanc. D. Afonso V, Lº13, fl.150v.

464	Pedro Álvares	Dagorda	Monteiro e guardador	Amoreira	não identificado	Aposentado a 05/08/1458; substituído a 05/08/1459 por João Franco Carvalhal porque atingiu 70 anos de idade.	Chanc. D. Afonso V, Lº36, fl.91v; Chanc. D. Afonso V, Lº36, fl.124.
465	João Eanes o Moço(2)	Dagorda	Monteiro e guardador	Mouta Longa	não identificado	Nomeado a 06/08/1458 em substituição de João Anes(4) seu pai.	Chanc. D. Afonso V, Lº36, fl.91v.
466	João Anes(4)	não identificado	Monteiro e guardador	Mouta Longa	não identificado	Aposentado a 06/08/1458 porque atingiu 70 anos de idade e substituído por João Eanes o Moço(2) seu filho.	Chanc. D. Afonso V, Lº36, fl.91v.
467	Aparício Fernandes	Dagorda	Monteiro e guardador	Vale Benfeito	não identificado	Nomeado a 06/08/1458 em substituição de João Lopes.	Chanc. D. Afonso V, Lº36, fl.91v.
468	Lopo Fernandes	A-dos-Ruivos	Monteiro e guardador	Vale Benfeito	não identificado	Nomeado a 06/08/1458 em substituição de Pedro Gil; aposentado a 27/11/1480 por velhice e substituído, no mesmo dia, por Fernão Lopes seu filho.	Chanc. D. Afonso V, Lº36, fl.251; Chanc. D. Afonso V, Lº32, fl.104v.
469	Martinho Anes	São Gregório (atual São Gregório da Fanadia)	Monteiro e guardador	Mata Velha	não identificado	Nomeado a 07/08/1458 em substituição de João Domingues seu pai.	Chanc. D. Afonso V, Lº36, fl.252v.
470	Afonso Pires	Bombarral	Monteiro e guardador	Mouta Longa	não identificado	Nomeado a 05/08/1459 em substituição de André Pires.	Chanc. D. Afonso V, Lº36, fl.90.

471	João Franco Carvalho	Óbidos	Monteiro e guardador	Amoreira	não identificado	Nomeado a 05/08/1459 em substituição de Pedro Álvares; substituído a 27/12/1466 por Fernando Anes porque falecera.	Chanc. D. Afonso V, Lº36, fl.124; Chanc. D. Afonso V, Lº14, fl.54v.
472	João Gonçalves	Amoreira	Monteiro e guardador	Amoreira	não identificado	Nomeado a 12/10/1461 em substituição de João de Évora; substituído a 27/12/1466 por Martim Anes porque faleceu.	Chanc. D. Afonso V, Lº9, fl.123; Chanc. D. Afonso V, Lº14, fl.54v.
473	Pero Anes	Sobral do Parelhão	Monteiro e guardador	Delgada	não identificado	Nomeado a 15/10/1462 em substituição de João Eanes; substituído a 27/12/1466 por João Afonso porque faleceu.	Chanc. D. Afonso V, Lº1, fl.111v; HFAC v.2 doc.476.
474	Pedro Afonso	Bombarral	Monteiro e guardador	Tracalaia	não identificado	Nomeado a 17/02/1464 em substituição de Fernão Fernandes.	Chanc. D. Afonso V, Lº8, fl.173.
475	Fernão Fernandes	não identificado	Monteiro e guardador	Tracalaia	não identificado	Substituído a 17/02/1464 por Pedro Afonso; terá sido aposentado antes desta data.	Chanc. D. Afonso V, Lº8, fl.173.
476	Afonso Pires(2)	Bairro	Monteiro e guardador	Amoreira	não identificado	Nomeado a 10/04/1466 em substituição de Pedro Anes seu pai.	Chanc. D. Afonso V, Lº38, fl.57v.
477	Pedro Afonso(2)	São Gregório (atual São Gregório da Fanadia)	Monteiro e guardador	Vale Benfeito	não identificado	Nomeado a 11/04/1466 em substituição de Lopo Martins.	Chanc. D. Afonso V, Lº38, fl.57v.

478	Afonso Rodrigues	Mouta (atual Moita dos Ferreiros)	Monteiro e guardador	Delgada	não identificado	Nomeado a 11/04/1466 em substituição de João Anes(2).	Chanc. D. Afonso V, Lº37, fl.83v.
479	Lopo Martins	não identificado	Monteiro e guardador	Vale Benfeito	não identificado	Aposentado a 11/04/1466 e substituído por Pedro Afonso(2) no mesmo dia.	Chanc. D. Afonso V, Lº38, fl.57v.
480	Estêvão Anes(3)	Delgada	Monteiro e guardador	Avenal	não identificado	Nomeado a 26/12/1466 em substituição de Pedro Afonso(3); referido no exercício de funções a 05/10/1475.	Chanc. D. Afonso V, Lº14, fl.54v; Chanc. D. Afonso V, Lº30, fl.1v.
481	Pedro Afonso(3)	Delgada	Monteiro e guardador	Avenal	não identificado	Substituído a 26/12/1466 por Estêvão Anes(3) porque faleceu.	Chanc. D. Afonso V, Lº14, fl.54v.
482	Diogo Lopes(2)	não identificado	Monteiro e guardador	Avenal	não identificado	Substituído a 27/12/1466 por João Dias porque faleceu.	Chanc. D. Afonso V, Lº14, fl.54v.
483	Estêvão Anes(4)	não identificado	Monteiro e guardador	Amoreira	não identificado	Substituído a 27/12/1466 por Afonso Anes(3); (Pode ser o indivíduo confirmado a 01/06/1439).	HFAC v.2 doc.11; Chanc. D. Afonso V, Lº14, fl.54v.
484	João Afonso	Sobral do Parelhão	Monteiro e guardador	Delgada	não identificado	Nomeado a 27/12/1466 em substituição de Pero Anes seu primo.	HFAC v.2 doc.476.
485	Martim Anes	A-da-Gorda	Monteiro e guardador	Amoreira	não identificado	Nomeado a 27/12/1466 em substituição de João Gonçalves.	Chanc. D. Afonso V, Lº14, fl.54v.

486	Fernando Anes	Carvalho	Monteiro e guardador	Amoreira	não identificado	Nomeado a 27/12/1466 em substituição de João Franco Carvalho; substituído a 09/07/1477 por João Fernandes seu filho porque faleceu.	Chanc. D. Afonso V, L°14, fl.54v; Chanc. D. Afonso V, L°38, fl.87.
487	João Dias	Sancheira	Monteiro e guardador	Avenal	não identificado	Nomeado a 27/12/1466 em substituição de Diogo Lopes(2).	Chanc. D. Afonso V, L°14, fl.54v.
488	Afonso Anes(3)	Dagorda	Monteiro e guardador	Amoreira	não identificado	Nomeado a 27/12/1466 em substituição de Estêvão Anes(4).	Chanc. D. Afonso V, L°14, fl.54v.
489	Martim Pires	Mouta (atual Moita dos Ferreiros)	Monteiro e guardador	Mouta Longa	não identificado	Nomeado a 11/07/1468 em substituição de Estêvão Martins; referido no exercício de funções a 05/10/1475.	Chanc. D. Afonso V, L°28, fl.61v; Chanc. D. Afonso V, L°30, fl.1v.
490	Estêvão Dias	Sancheira	Monteiro e guardador	Mata Velha	não identificado	Nomeado a 03/04/1471 em substituição de Diogo Esteves seu pai.	Chanc. D. Afonso V, L°16, fl.80.
491	João Esteves(4)	<i>Cobrombeira</i> (Columbeira)	Monteiro e guardador	Vale Benfeito	não identificado	Nomeado a 15/06/1472 em substituição de Afonso Anes.	Chanc. D. Afonso V, L°29, fl.75v.
492	Álvaro Esteves	Almofala (conc. Caldas da Rainha)	Monteiro e guardador	Codeseira; Vale das Águas Vermelhas;	não identificado	Nomeado a 12/07/1472 para o cargo de monteiro e guardador; aposentado a 07/02/1502.	Chanc. D. Afonso V, L°29, fl.109v; HFAC v.4 doc.216.
493	Afonso Pires(3)	Trabalhias	Monteiro e guardador	Vale da Pereira; Vale de Água;	não identificado	Nomeado a 12/07/1472; aparentemente o primeiro a guardar estas matas.	Chanc. D. Afonso V, L°29, fl.109v.

				Vale da Sorveira;			
494	Fernão Dias	Vau	Monteiro e guardador	Amoreria; Aspera; Ameal	não identificado	Nomeado a 12/07/1472 em substituição de Afonso Eanes Boto.	Chanc. D. Afonso V, Lº29, fl.109v.
495	Afonso Eanes Boto	Bombarral	Monteiro e guardador	Amoreira; Aspera; Ameal	não identificado	Substituído a 12/07/1472 por Fernão Dias seu filho; (Pode ser o indivíduo confirmado a 23/10/1434 e a 01/06/1439).	HFAC v.1 doc.388; HFAC v.2 doc.11; Chanc. D. Afonso V, Lº29, fl.109v.
496	Antão Vaz	Atougua (atual Atougua da Baleia)	Monteiro	não identificado	não identificado	Referido numa carta de 13/07/1472.	Estremadura, Lº3, fls.283v-284.
497	Diogo Afonso	Bombarral	Monteiro e guardador	Mouta Longa	não identificado	Nomeado em 1474 em substituição de Afonso Martins.	HFAC v.2 doc.584.
498	Álvaro Anes	Carvalhal	Monteiro e guardador	Delgada	não identificado	Nomeado em 1474 em substituição de Álvaro Anes(2).	HFAC v.2 doc.585.
499	Álvaro Anes(2)	não identificado	Monteiro e guardador	Delgada	não identificado	Aposentado e substituído, em 1474, por Álvaro Anes.	HFAC v.2 doc.585.

500	Fernando Álvares	Atougua da Baleia	Monteiro e guardador	Vale Benfeito; Zimbral; Ilha de Peniche;	não identificado	Nomeado a 28/03/1475; referido no exercício de funções a 05/10/1475.	Chanc. D. Afonso V, L°30, fl.50; Chanc. D. Afonso V, L°30, fl.1v.
501	Afonso Vaz	não identificado	Monteiro e guardador	não identificado	não identificado	Mencionado a 05/10/1475 no exercício de funções.	Chanc. D. Afonso V, L°30, fl.1v.
502	Luís Fernandes	não identificado	Monteiro e guardador	não identificado	não identificado	Referido no exercício de funções a 05/10/1475.	Chanc. D. Afonso V, L°30, fl.1v.
503	Tomé Vaz	não identificado	Monteiro e guardador	não identificado	não identificado	Referido no exercício de funções a 05/10/1475.	Chanc. D. Afonso V, L°30, fl.1v.
504	Fernando Anes(3)	São Gregório (atual São Gregório da Fanadia)	Monteiro e guardador	não identificado	não identificado	Referido no exercício de funções a 05/10/1475.	Chanc. D. Afonso V, L°30, fl.1v.
505	João Fernandes	não identificado	Monteiro e guardador	Amoreira	não identificado	Nomeado a 09/07/1477 em substituição de Fernando Anes seu pai.	Chanc. D. Afonso V, L°38, fl.87.
506	Afonso Fernandes	A dos Francos	Monteiro e guardador	Tracalaia	não identificado	Nomeado a 26/11/1479 em substituição de Álvaro Eanes.	Chanc. D. Afonso V, L°26, fl.69.
507	Álvaro Eanes	Lourinhã	Monteiro e guardador	Tracalaia	não identificado	Substituído a 26/11/1479 por Afonso Fernandes.	Chanc. D. Afonso V, L°26, fl.69.

508	Álvaro Miguéis	Lourinhã	Monteiro e guardador	Mouta Longa	não identificado	Aposentado a 26/11/1479 porque atingiu 70 anos de idade; substituído na mesma data por Álvaro Fernandes.	Chanc. D. Afonso V, L°26, fl.126.
509	Álvaro Fernandes	Lourinhã	Monteiro e guardador	Mouta Longa	não identificado	Nomeado a 26/11/1479 em substituição de Álvaro Miguéis.	Chanc. D. Afonso V, L°26, fl.126.
510	Fernando Anes(2)	Carvalhal	Monteiro e guardador	Tracalaia	não identificado	Nomeado a 27/11/1479 em substituição de Fernão Pires.	Chanc. D. Afonso V, L°26, fl.7v.
511	Fernão Pires	não identificado	Monteiro e guardador	Tracalaia	não identificado	Substituído a 27/11/1479 por Fernando Anes(2) porque faleceu.	Chanc. D. Afonso V, L°26, fl.7v.
512	Fernão Lopes	A-dos-Ruivos	Monteiro e guardador	Vale Benfeito	não identificado	Nomeado a 27/11/1480 em substituição de Lopo Fernandes seu pai.	Chanc. D. Afonso V, L°32, fl.104v.

Quadro A8 – Dados biográficos dos monteiros da montaria da Ota

ID	Nome	Residência	Cargo	Matas	Ocupação/ posição social	Percurso	Fontes
513	João Dias o Velho	não identificado	Monteiro e guardador	Ota	não identificado	Confirmado por D. Duarte a 14/10/1434.	HFAC v.1 doc.386.
514	João Dias o Moço	não identificado	Monteiro e guardador	Ota	não identificado	Confirmado por D. Duarte a 14/10/1434.	HFAC v.1 doc.386.
515	Vicente Afonso	Bairro (Bairro, Abridada)	Monteiro e guardador	Ota	não identificado	Exerceu o cargo, pelo menos, desde 1421; Confirmado por D. Duarte a 14/10/1434; aposentado a 20/11/1441 por ter 70 anos de idade, servindo há mais de 20 anos; substituído no mesmo dia pelo seu filho Vicente Afonso(2).	HFAC v.1 doc.386; Chanc. D. Afonso V, Lº2, fl.36; Chanc. D. Afonso V, Lº2, fl.53v.
516	Afonso Esteves	<i>Roberte?</i>	Monteiro e guardador	Ota	não identificado	Confirmado por D. Duarte a 14/10/1434; a 20/11/1441 já estava aposentado, uma vez que é nomeado Pedro Martins para o substituir.	HFAC v.1 doc.386; Chanc. D. Afonso V, Lº2, fl.64v.

517	Afonso Esteves(2)	Bairro (Bairro, Abrigada)	Monteiro e guardador	Ota	não identificado	Confirmado por D. Duarte a 14/10/1434; a 06/08/1440 já estaria aposentado e foi substituído por Álvaro Pires.	HFAC v.1 doc.386; Chanc. D. Afonso V, Lº20, fl.135v.
518	João Reinaldes	Atouguia	Monteiro e guardador	Ota	não identificado	Confirmado por D. Duarte a 14/10/1434.	HFAC v.1 doc.386.
519	Gabriel Afonso	Atouguia	Monteiro e guardador	Ota	não identificado	Confirmado por D. Duarte a 14/10/1434.	HFAC v.1 doc.386.
520	João Anes <i>Desenparado</i>	Vale de Ossa (freg. Meca)	Monteiro e guardador	Ota	não identificado	Confirmado por D. Duarte a 14/10/1434; aposentado por ter 70 anos de idade a 22/10/1462; substituído na mesma data por João Anes(2).	HFAC v.1 doc.386.
521	Rodrigo Anes	não identificado	Monteiro e guardador	Ota	não identificado	Confirmado por D. Duarte a 14/10/1434.	HFAC v.1 doc.386.
522	João Domingues	não identificado	Monteiro e guardador	Ota	não identificado	Confirmado por D. Duarte a 14/10/1434; aposentado a 18/11/1441 e substituído pelo seu filho João Anes(3).	<i>Chancelarias Portuguesa- D. Duarte v.III p.326; Chanc. D. Afonso V, Lº2, fl.53v.</i>

523	Martim Martins	não identificado	Monteiro e guardador	Ota	não identificado	Confirmado por D. Duarte a 14/10/1434; aposentado a 28/07/1443 e substituído por João Anes(5).	<i>Chancelarias Portuguesa-D. Duarte v.III p.326; Chanc. D. Afonso V, Lº5, fl.22.</i>
524	Álvaro Pires	Cabanas do Chão	Monteiro e guardador	Ota	não identificado	Nomeado a para o cargo 06/08/1440 em substituição de Afonso Esteves(2); aposentado a 03/08/1458 e substituído por Nuno Álvares.	Chanc. D. Afonso V, Lº20, fl.135v; Chanc. D. Afonso V, Lº36, fl.253v.
525	João Anes(3)	Labrugeira	Monteiro e guardador	Ota	não identificado	Nomeado a 18/11/1441, com 45 anos de idade, em substituição de João Domingues seu pai; aposentado a 08/04/1466 por ter 70 anos de idade; na mesma data é substituído por Vasco Álvares.	Chanc. D. Afonso V, Lº2, fl.53v; Chanc. D. Afonso V, Lº14, fl.66v.
526	Pedro Martins	Atouguia das Cabras	Monteiro e guardador	Ota	não identificado	Nomeado a 20/11/1441, com 43 anos de idade, em substituição de Afonso Esteves; aposentado por ter 70 anos de idade a 11/10/1468 e substituído pelo seu filho Fernão Pires.	Chanc. D. Afonso V, Lº2, fl.64v; Chanc. D. Afonso V, Lº31, fl.46v.

527	Vicente Afonso(2)	"boca da mata" da Ota	Monteiro e guardador	Ota	não identificado	Nomeado para o cargo a 20/11/1441 em substituição do seu pai Vicente Afonso.	Chanc. D. Afonso V, Lº2, fl.53v.
528	João Anes(5)	Atouguia das Cabras	Monteiro e guardador	Ota	não identificado	Nomeado para o cargo (com 45 anos de idade) a 28/07/1443 em substituição de Martim Martins; Substituído por Martim Lourenço a 20/06/1468; recebeu a sua carta de aposentação a 12/07/1468 sendo o motivo a idade de 70 anos.	Chanc. D. Afonso V, Lº5, fl.22; Chanc. D. Afonso V, Lº28, fl.62; Chanc. D. Afonso V, Lº28, fl.59.
529	João Anes(4)	Cabanas (Cabanas do Chão?)	Monteiro e guardador	Ota	não identificado	Nomeado a 29/06/1444 em substituição de João Dias seu pai; foi confirmado no mesmo cargo a 29/03/1450.	Chanc. D. Afonso V, Lº25, fl.91; Chanc. D. Afonso V, Lº34, fl.31.
530	João Dias	Ota	Monteiro e guardador	Ota	não identificado	Aposentado a 29/06/1444 por ser de idade avançada e cego; substituído na mesma data pelo seu filho João Anes(4).	Chanc. D. Afonso V, Lº25, fl.91.

531	Martinho Anes	Meca	Monteiro e guardador	Ota	não identificado	Serviu, pelo menos, desde 1443; O cargo é-lhe confirmado a 29/03/1450; aposentado a 08/09/1473, a pedido do próprio, porque já tinha 70 anos de idade e há mais de 30 que servia.	Chanc. D. Afonso V, L°34, fl.31; Chanc. D. Afonso V, L°33, fl.225.
532	João Lourenço	Bairro (Bairro, Abridada)	Monteiro e guardador	Ota	não identificado	Confirmado a 29/03/1450.	Chanc. D. Afonso V, L°34, fl.31.
533	Leonardo Anes	Bairro (Bairro, Abridada)	Monteiro e guardador	Ota	não identificado	Confirmado a 29/03/1450; aposentado a 21/10/1462 porque atingira os 70 anos de idade; substituído, na mesma data, pelo seu filho Pedro Leonardes.	Chanc. D. Afonso V, L°34, fl.31; Chanc. D. Afonso V, L°1, fl.112.
534	Afonso Vasques	Labrugeira	Monteiro e guardador	Ota	não identificado	Nomeado a 20/06/1451 em substituição de Vasco Anes seu pai.	Chanc. D. Afonso V, L°37, fl.14v.
535	Vasco Anes	Labrugeira	Monteiro e guardador	Ota	não identificado	Aposentado a 20/06/1451 porque atingira 70 anos de idade, tendo passado mais de 20 anos a exercer; servia, pelo menos, desde 1431 (reinado de D. João I); foi substituído por Afonso Vasques seu filho.	Chanc. D. Afonso V, L°37, fl.14v.

536	Vasco Vicente	Meca	Monteiro e guardador	Ota	não identificado	Aposentado a 03/08/1458 por ser velho, cansado e aleijado de um braço; substituído por Forte Vasques a 05/08/1459.	Chanc. D. Afonso V, Lº36, fl.93v.
537	João Dias(2)	Abrigada	Monteiro e guardador	Ota	não identificado	Aposentado a 03/08/1458 por ter atingido 70 anos de idade.	Chanc. D. Afonso V, Lº36, fl.253v.
538	Nuno Álvares	Labrugeira	Monteiro e guardador	Ota	não identificado	Nomeado 03/08/1458 em substituição de Álvaro Pires.	Chanc. D. Afonso V, Lº36, fl.253v.
539	Forte Vasques	Labrugeira	Monteiro e guardador	Ota	não identificado	Nomeado a 05/08/1459 substituindo Vasco Vicente; confirmado por D. João II a 28/06/1482; aposentado no reinado de D. Manuel I a 03/06/1497 quando já passava dos 70 anos de idade.	Chanc. D. Afonso V, Lº36, fl.93v; HFAC v.3 doc.66; Chanc. D. Manuel Lº30, fls.108-108v.
540	Pedro Leonardes	Bairro (Bairro, Abrigada)	Monteiro e guardador	Ota	não identificado	Nomeado a 21/10/1462 em substituição de Leonardo Anes seu pai; aposentado a 01/02/1472 e substituído por João Martins.	Chanc. D. Afonso V, Lº1, fl.112; Chanc. D. Afonso V, Lº33, fl.161v.

541	João Anes(2)	Ota	Monteiro e guardador	Ota	não identificado	Nomeado para o cargo a 22/10/1462 em substituição de João Anes.	Chanc. D. Afonso V, Lº1, fl.112.
542	Afonso Monteiro	Bairro (Bairro, Abrigada)	Monteiro e guardador	Ota	não identificado	Nomeado a 01/03/1466 substituindo Afonso Anes; Confirmado a 28/06/1482 por D. João II; aposentado por D. Manuel a 03/06/1497.	HFAC v.2 doc.459; HFAC v.3 doc.67; HFAC v.4 doc.91.
543	Afonso Anes	não identificado	Monteiro e guardador	Ota	não identificado	Substituído a 01/03/1466 por Afonso Monteiro porque falecera.	HFAC v.2 doc.459.
544	Diogo Gomes	Labrueira	Monteiro e guardador	Ota; Furadoiro; Vidigueira;	não identificado	Nomeado a 07/04/1466 em substituição de Afonso Vaz.	Chanc. D. Afonso V, Lº14, fl.88v.
545	Afonso Vaz	não identificado	Monteiro e guardador	Ota; Furadoiro; Vidigueira;	não identificado	Substituído a 07/04/1466 por Diogo Gomes; recebeu a carta de aposentação, a pedido do próprio, a 08/04/1466 por sofrer de dores que o impediam de exercer a sua função.	Chanc. D. Afonso V, Lº14, fl.88v.
546	Afonso Martins	Bairro (Bairro, Abrigada)	Monteiro e guardador	Ota	não identificado	Nomeado a 07/04/1466 em substituição de Martim Anes; aposentado a 17/10/1503.	Chanc. D. Afonso V, Lº14, fl.66v; HFAC v.4 doc.241.

547	Martim Anes	não identificado	Monteiro e guardador	Ota	não identificado	Aposentado a 07/04/1466 e substituído por Afonso Martins.	Chanc. D. Afonso V, L°14, fl.66v.
548	Afonso Anes(2)	Bairro (Bairro, Abrigada)	Monteiro e guardador	Ota	não identificado	Nomeado a 08/04/1466 em substituição de Estevão Anes Porto Carreiro.	Chanc. D. Afonso V, L°14, fl.94.
549	Estevão Anes Portocarreiro	não identificado	Monteiro e guardador	Ota	não identificado	Aposentado a 08/04/1466 a pedido do próprio e sem ter atingido a idade de 70 anos; substituído, na mesma data, por Afonso Anes(2).	Chanc. D. Afonso V, L°14, fl.88v; Chanc. D. Afonso V, L°14, fl.94.
550	Vasco Álvares	Labrugeira	Monteiro e guardador	Ota; Furadoiro; Vidigueira;	não identificado	Nomeado a 08/04/1466 em substituição de João Anes(3); Confirmado por D. João II a 29/06/1482.	Chanc. D. Afonso V, L°14, fl.66v; HFAC v.3 doc.68.
551	Nuno Martins	Atouguia das Cabras	Monteiro e guardador	Ota	não identificado	Nomeado a 11/04/1466 em substituição de Luis Anes; Confirmado por D. João II 27/06/1482.	Chanc. D. Afonso V, L°14, fl.66v; HFAC v.3 doc.64.

552	Luís Anes	não identificado	Monteiro e guardador	Ota	não identificado	Aposentado a 11/04/1466 e substituído por Nuno Martins.	Chanc. D. Afonso V, L°14, fl.66v.
553	Martim Lourenço	Aldeia Galega da Merceana	Monteiro e guardador	Ota	não identificado	Nomeado a 20/06/1468 em substituição de João Anes(5); Confirmado por D. João II 30/08/1482.	Chanc. D. Afonso V, L°28, fl.59; HFAC v.3 doc.90.
554	Fernão Pires	Atouguia das Cabras	Monteiro e guardador	Ota	não identificado	Nomeado a 11/10/1468 em substituição de Pedro Martins seu pai; deixou de exercer antes de 24/02/1481, data em que João Martins é nomeado em sua substituição.	Chanc. D. Afonso V, L°31, fl.46v; Chanc. D. Afonso V, L°26, fl.92v.
555	Fernão Martins	Atouguia	Monteiro e guardador	Ota	não identificado	Aposentado a 11/10/1468 por ter atingido 70 anos de idade.	Chanc. D. Afonso V, L°31, fl.47.
556	João Martins	Atouguia	Monteiro e guardador	Ota	não identificado	Nomeado a 01/02/1472 em substituição de Pedro Leonardes; Confirmado por D. João II a 05/09/1482; aposentado a 24/04/1484.	Chanc. D. Afonso V, L°33, fl.161v; HFAC v.3 doc.94; HFAC v.3 doc.185.

557	João Martins(2)	não identificado	Monteiro e guardador	Ota	não identificado	Nomeado a 24/02/1481 em substituição de Fernão Pires.	Chanc. D. Afonso V, Lº26, fl.92v.
------------	-----------------	------------------	----------------------	-----	------------------	---	-----------------------------------

Quadro A9 – Dados biográficos dos monteiros da montaria de Penela

ID	Nome	Residência	Cargo	Matas	Ocupação/ posição social	Percurso	Fontes
558	Gomes Lourenço	Espinhhal	Monteiro e guardador	Alborrol	não identificado	Nomeado a 10/04/1451 apesar de ter participado na Batalha de Alfarrobeira contra o rei; é o primeiro oficial a guardar esta mata.	Chanc. D. Afonso V, Lº11, fl.42.
559	Gonçalo Vasques ⁶⁶⁷	Espinhhal	Monteiro e guardador	Riba Cabrela	não identificado	Nomeado a 04/06/1451 apesar de ter participado na Batalha de Alfarrobeira contra o rei; é o primeiro oficial a guardar esta mata.	Chanc. D. Afonso V, Lº37, fl.14v.
560	Afonso Lourenço de Portela	Miranda do Corvo	Monteiro e guardador	Ribeiro de São Gens/ <i>Gimiz</i>	não identificado	Nomeado a 04/06/1451 sendo o primeiro oficial a guardar esta mata; substituído a 08/10/1453 por Diogo Vaz porque faleceu.	HFAC v.2 doc.275; HFAC v.2 doc.330.
561	Álvaro Moreira	Traquinai	Monteiro e guardador	Pedra da Ferida	não identificado	Nomeado a 04/06/1451 sendo o primeiro oficial a guardar esta mata.	Chanc. D. Afonso V, Lº11, fl.79.
562	João Fernandes	Penela	Monteiro e guardador	Alborrol	não identificado	Nomeado a 05/06/1451.	Chanc. D. Afonso V, Lº11, fl.79.

⁶⁶⁷ Referido por MORENO, Humberto Baquero, *A batalha de...*, v.1, pp. 480, 656.

563	João Pires	Fetais	Monteiro e guardador	Pedro Moço	não identificado	Nomeado a 05/06/1451; a par de Pedro Afonso é o primeiro oficial a guardar esta mata.	Chanc. D. Afonso V, L°11, fl.79.
564	Pedro Afonso ⁶⁶⁸	<i>Feiraaes/Feitaaes</i> (talvez Fetais)	Monteiro e guardador	Pedro Moço	não identificado	Nomeado a 05/06/1451 ainda que tenha participado na Batalha de Alfarrobeira contra o rei; a par de João Pires é o primeiro oficial a guardar esta mata.	Chanc. D. Afonso V, L°11, fl.79.
565	Afonso Martins Farto	Santo Estêvão (atual Santo Estevão, freg. Santa Eufémia, conc. Penela)	Monteiro e guardador	Carvalhais; Pessegueiro	não identificado	Nomeado a 06/06/1451 sendo o primeiro oficial a guardar esta mata.	Chanc. D. Afonso V, L°11, fl.79.
566	Diogo Vaz	Espinhhal	Monteiro e guardador	Ribeiro de São Gens/Gimiz; Miranda	não identificado	Nomeado a 08/10/1453 em substituição de Afonso Lourenço de Portela.	HFAC v.2 doc.330.

⁶⁶⁸ Referido por MORENO, Humberto Baquero, *A batalha de...*, v.1, p. 474.

Quadro A10 – Dados biográficos dos monteiros da montaria de Santarém

ID	Nome	Residência	Cargo	Matas	Ocupação/ posição social	Percurso	Fontes
567	Gonçalo Vasques Almardeiro	Santarém	Monteiro e guardador	não identificado	não identificado	Aposentado a 12/07/1435 a pedido da condessa de Vila Real, D. Beatriz.	HFAC v.1 doc.401.
568	Gonçalo Vaz	Santarém	Monteiro e guardador	não identificado	não identificado	Aposentado a 26/05/1439.	Chanc. D. Afonso V, Lº19, fl.12v.
569	Diogo Lourenço	não identificado	Monteiro e guardador	não identificado	não identificado	Confirmado a 31/08/1439.	Chanc. D. Afonso V, Lº20, fl.111.
570	Rui Vasques	não identificado	Monteiro e guardador	não identificado	não identificado	Confirmado a 31/08/1439.	Chanc. D. Afonso V, Lº20, fl.111.
571	Álvaro Pires Rabaldo	Santarém	Monteiro e guardador	Ribeira de Muge	não identificado	Nomeado a 10/08/1440 em substituição de João Anes; aposentado a 09/01/1444 porque era velho e há quatro anos que se encontrava muito doente; substituído a 10/05/1444 por Afonso Anes(2).	HFAC v.2 doc.40; Chanc. D. Afonso V, Lº24, fl.1v; Chanc. D. Afonso V, Lº24, fl.63v.
572	João Anes	não identificado	Monteiro e guardador	Ribeira de Muge	não identificado	Substituído a 10/08/1440 por Álvaro Pires Rabaldo.	HFAC v.2 doc.40.
573	Afonso Anes	Santarém	Monteiro e guardador	<i>Orta de Porraaes</i>	criado de João	Nomeado a 18/08/1440 em substituição de João Eanes Gago.	Chanc. D. Afonso V, Lº20, fl.136.

					Vasques Escudeiro		
574	João Eanes Gago	Santarém	Monteiro e guardador	<i>Orta de Porraes</i>	não identificado	Substituído a 18/08/1440 por Afonso Anes; recebeu carta de aposentação a 22/04/1446 porque era aleijado e não podia servir.	Chanc. D. Afonso V, L°20, fl.136; Chanc. D. Afonso V, L°5, fl.74v.
575	Aires Vasques	Santarém	Monteiro e guardador	Paul de <i>Sanhoane</i>	não identificado	Nomeado no reinado de D. Duarte (1433-1438); confirmado a 26/03/1442.	Chanc. D. Afonso V, L°23, fl.56v; Chanc. D. Afonso V, L°16, fl.59v.
576	Álvaro Gil	não identificado	Monteiro e guardador	Ribeira de Ulme	não identificado	Substituído a 22/11/1441 por Estêvão Neto.	Chanc. D. Afonso V, L°37, fl.129v.
577	Estêvão Neto	Campo de Trava	Monteiro e guardador	Ribeira de Ulme	não identificado	Nomeado a 22/11/1441 em substituição de Álvaro Gil.	Chanc. D. Afonso V, L°37, fl.129v.
578	Fernando Álvares	Assacaias	Monteiro e guardador	São Vicente; Valverde	não identificado	Nomeado no reinado de D. Duarte (1433-1438); confirmado a 06/12/1441.	Chanc. D. Afonso V, L°2, fl.36.
579	Gonçalo Pires	Santarém	Monteiro e guardador	Paul da Atela	não identificado	Nomeado no reinado de D. Duarte (1433-1438); confirmado a 22/11/1441.	Chanc. D. Afonso V, L°2, fl.36v.
580	Pedro Anes	Aldeia da Ribeira	Monteiro e guardador	Fungalvaz	não identificado	Nomeado a 25/02/1442 em substituição de Vasco Lourenço.	Chanc. D. Afonso V, L°23, fl.56v.

		(freg. Alcanede)					
581	Vasco Lourenço	Fungalvaz	Monteiro e guardador	Fungalvaz	não identificado	Substituído a 25/02/1442 por Pedro Anes.	Chanc. D. Afonso V, Lº23, fl.56v.
582	Afonso Gonçalves(4)	Abrantes	Monteiro e guardador	Ribeira de Viuvães; Cimalhas da Brancalha; Rio de Moinhos; Ribeira de Souto; Vale da Amoreira;	não identificado	Substituído por João Paulos a 12/02/1443 porque falecera.	HFAC v.2 doc.141.
583	João Paulos	Abrantes	Monteiro e guardador	Ribeira de Viuvães; Cimalhas da Brancalha; Rio de Moinhos; Ribeira de Souto; Vale da Amoreira;	não identificado	Nomeado a 12/02/1443 para o cargo de monteiro e guardador (matas de Ribeira de Viuvães, Cimalhas da Brancalha, Rio de Moinhos, Ribeira de Souto e Vale da Amoreira) em substituição de Afonso Gonçalves(4) que falecera; a 08/03/1468 acumula mais duas (matas de Tancos e Cuinhal) que ficaram vagas devido à morte de Afonso Paulos seu pai.	HFAC v.2 doc.141; Chanc. D. Afonso V Lº28, fl.6v.

				Tancos; Cuinhal;			
584	Pedro Afonso	Azoia (Azoia de Cima, Azóia de Baixo?)	Monteiro e guardador	Porto de Remelado	não identificado	Nomeado a 31/12/1443 em substituição de Pedro Afonso <i>Balanco</i> .	Chanc. D. Afonso V, Lº27, fls.22-22v.
585	Pedro Afonso Balanco	Santarém	Monteiro e guardador	Porto de Remelado	não identificado	Nomeado no reinado de D. João I (1385-1433); aposentado a 31/12/1443 e substituído por Pedro Afonso.	Chanc. D. Afonso V, Lº27, fls.22-22v.
586	Diogo Esteves	Abrantes	Monteiro e guardador	Maria Ouriz;	não identificado	Nomeado a 24/01/1444 para o cargo de monteiro e guardador em substituição de Vasco Afonso que falecera.	Chanc. D. Afonso V, Lº24, fl.9v.
587	Vasco Afonso	Abrantes	Monteiro e guardador	Maria Ouriz;	oleiro	Substituído a 24/01/1444 por Diogo Esteves porque falecera.	Chanc. D. Afonso V, Lº24, fl.9v.
588	Afonso Anes(2)	Santarém	Monteiro e guardador	Ribeira de Muge	criado de Rodrigo Anes, vassalo régio	Nomeado a 10/05/1444 em substituição de Álvaro Pires Rabaldo.	Chanc. D. Afonso V, Lº24, fl.63v.
589	Lourenço Anes	Fonte Boa	Monteiro e guardador	Vale de Soeiro Tição	não identificado	Aposentado a 27/05/1444 porque era muito velho, cansado e doente (era entrevado e há dois anos que não se	Chanc. D. Afonso V, Lº24, fl.69v.

						levantava); substituído, no mesmo dia, por Rodrigo Eanes.	
590	Rodrigo Eanes	Fonte Santa na Vila de Santarém	Monteiro e guardador	Vale de Soeiro Tição	não identificado	Nomeado a 27/05/1444 em substituição de Lourenço Anes.	Chanc. D. Afonso V, Lº24, fl.69v.
591	Afonso Gonçalves	Marmeleira	Monteiro e guardador	Paul da Caçaria; <i>Sanhoane</i> ; Ribeira de Calhariz	não identificado	Exerceu pelo menos desde 1415; aposentado a 01/03/1445 porque tinha 75 anos de idade e falta de visão.	Chanc. D. Afonso V, Lº25, fls.81.
592	Gil Afonso <i>Bondanha</i>	Torres Novas	Monteiro e guardador	Boquilobo; Monfrolido	não identificado	Substituído a 03/05/1445 por Vicente Gabriel quando já estaria aposentado.	Chanc. D. Afonso V, Lº25, fl.80v.
593	Vicente Gabriel	Aldeia da Ribeira (freg. Alcanede)	Monteiro e guardador	Boquilobo; Monfrolido	não identificado	Nomeado a 03/05/1445 em substituição de Gil Afonso <i>Bondanha</i> .	Chanc. D. Afonso V, Lº25, fl.80v.
594	Afonso Martins	Santarém	Monteiro e guardador	Freixial	não identificado	Nomeado a 20/07/1446, com 45 anos de idade, em substituição de João Eanes; substituído a 29/04/1471 por João Pires <i>Barriga Ancha</i> ; recebeu carta de aposentação a 30/04/1471 porque atingiu 70 anos de idade.	HFAC v.2 doc.145; Chanc. D. Afonso V, Lº16, fl.97v; Chanc. D. Afonso V, Lº16, fl.101.

595	João Eanes	não identificado	Monteiro e guardador	Freixial	não identificado	Substituído a 20/07/1446 por Afonso Martins.	HFAC v.2 doc.145.
596	João Afonso	Pero Filho (freg. Várzea, conc. Santarém)	não identificado	vinhas de Valada; Paul de Mata Quatro; Freixial	não identificado	Nomeado a 04/04/1450; aposentado a 16/08/1458 e substituído por Rodrigo Anes.	Chanc. D. Afonso V, L ^o 34, fl.137; Chanc. D. Afonso V, L ^o 1, fl.124.
597	Gil Lourenço	Vila de Rei (a norte de Pernancha)	Monteiro e guardador	Vale de Alma; Ribeira de Muge	não identificado	Nomeado a 08/04/1451.	Chanc. D. Afonso V, L ^o 11, fl.63.
598	Pedro Gonçalves	Muge	Monteiro e guardador	matas e paul de Muge	não identificado	Nomeado a 08/03/1468.	HFAC v.2 doc.490.
599	Fernão Gomes	Abrantes	Monteiro e guardador	Alfanzira (Abrantes); Longomel	não identificado	Nomeado a 03/03/1453 para o cargo de monteiro e guardador em substituição de Pedro Afonso(2) que falecera.	HFAC v.2 doc.324.
600	Pedro Afonso(2)	não identificado	Monteiro e guardador	Alfanzira (Abrantes); Longomel	carpinteiro	Substituído por Fernão Gomes a 03/03/1453 porque falecera.	HFAC v.2 doc.324.
601	João Afonso(2)	Aldeia da Ribeira	Monteiro e guardador	Fundalva	não identificado	Nomeado a 08/03/1458 em substituição de Pedro Anes(2).	Chanc. D. Afonso V, L ^o 36, fl.105v.

		(freg. Alcanede)					
602	Pedro Anes(2)	não identificado	Monteiro e guardador	Fundalva	vassalo régio	Substituído a 08/03/1458 por João Afonso(2) porque se tornou vassalo do rei.	Chanc. D. Afonso V, L°36, fl.105v.
603	Rodrigo Anes	Santarém	Monteiro e guardador	Vinhas de Valada; Paul de Mata Quatro; Freixial	não identificado	Nomeado a 16/08/1458 em substituição de João Afonso.	Chanc. D. Afonso V, L°1, fl.124.
604	João Álvares	Guilhelpe	Monteiro e guardador	Ponte do Calhariz	lavrador	Nomeado a 15/04/1464 em substituição de João Anes(2).	Chanc. D. Afonso V, L°8, fl.144.
605	João Anes(2)	não identificado	Monteiro e guardador	Ponte do Calhariz	vassalo	Substituído a 15/04/1464 por João Álvares porque se tornou vassalo.	Chanc. D. Afonso V, L°8, fl.144.
606	Fernão Dias	Fonte de Alviela? (existe Rio Alviela)	Monteiro e guardador	Couceira; Fonte Alviela	não identificado	Aposentado a 11/11/1465.	Chanc. D. Afonso V, L°14, fl.40.
607	Afonso Paulos	não identificado	Monteiro e guardador	Tancos; Cuinhal;	não identificado	Substituído a 08/03/1468 pelo seu filho João Paulos porque falecera.	Chanc. D. Afonso V L°28, fl.6v.

608	Afonso Eanes	Ribeira de Santarém	Monteiro e guardador	Ribeira de Muge	cordoeiro	Substituído a 07/04/1468 por Álvaro Anes <i>Ortelão</i> .	Chanc. D. Afonso V, L°28, fl.9v.
609	Álvaro Anes <i>Ortelão</i>	Olivais de Santarém ? ("onde chamam Vall Boom")	Monteiro e guardador	Ribeira de Muge	não identificado	Nomeado a 07/04/1468 em substituição de Afonso Eanes.	Chanc. D. Afonso V, L°28, fl.9v.
610	João Infante o Moço	Salvaterra de Magos	Monteiro e guardador	Paul de Magos	não identificado	Substituído a 13/02/1471 por João Vaz porque falecera.	Chanc. D. Afonso V, L°16, fl.30v.
611	João Vaz	<i>Peso?</i>	Monteiro e guardador	Paul de Magos	não identificado	Nomeado a 13/02/1471 em substituição de João Infante o Moço.	Chanc. D. Afonso V, L°16, fl.30v.
612	João Gomes Barbas	Santarém	Monteiro e guardador	Paul de <i>Sanhoane</i>	não identificado	Nomeado a 29/03/1471 em substituição de Aires Vasques.	Chanc. D. Afonso V, L°16, fl.59v.
613	João Pires <i>Barriga Ancha</i>	Espinhhal	Monteiro e guardador	Freixial	não identificado	Nomeado a 29/04/1471 em substituição de Afonso Martins.	Chanc. D. Afonso V, L°16, fl.97v.
614	Fernando Afonso	Carril (freg. Santa Maria, conc. Torres Novas)	Monteiro e guardador	Boquilobo; Monfrolido	não identificado	Nomeado a 28/07/1472 em substituição de Gonçalo Dias.	Chanc. D. Afonso V, L°29, fl.201.
615	Gonçalo Dias	Liteiros	Monteiro e guardador	Boquilobo; Monfrolido	não identificado	Substituído a 28/07/1472 por Fernando Afonso porque faleceu.	Chanc. D. Afonso V, L°29, fl.201.

616	Afonso Gonçalves(2)	Romeira	Monteiro e guardador	Paul da Atela	lavrador (com um cingel de bois)	Nomeado a 18/02/1473 em substituição de Jorge Fernandes.	Chanc. D. Afonso V, L°33, fl.58.
617	Jorge Fernandes	não identificado	Monteiro e guardador	Atela (mata e paul da)	não identificado	Aposentado a 18/02/1473 porque atingiu 70 anos de idade; substituído, no mesmo dia, por Afonso Gonçalves(2) porque atingiu 80 anos de idade (a idade que motiva a aposentação não coincide nos dois documentos).	HFAC v.2 doc.565; Chanc. D. Afonso V, L°33, fl.58.
618	Afonso Gonçalves(3)	Santarém	Monteiro e guardador	Vale de Soeiro Tição	não identificado	Substituído a 20/08/1473 por Pedro Anes Capas porque faleceu.	Chanc. D. Afonso V, L°33, fl.46v.
619	Pedro Anes Capas	Romeira	Monteiro e guardador	Vale de Soeiro Tição	lavrador	Nomeado a 20/08/1473 em substituição de Afonso Gonçalves(3).	Chanc. D. Afonso V, L°33, fl.46v.

Quadro A11 – Dados biográficos dos monteiros da montaria de Sintra

ID	Nome	Residência	Cargo	Matas	Ocupação/ posição social	Percurso	Fontes
620	Vasco Anes	Sintra	Monteiro e guardador	Foz do Touro	não identificado	Confirmado a 02/06/1439.	Chanc. D. Afonso V, L°19, fl.10.
621	Martim Vicente	não identificado	Monteiro e guardador	Pera Longa	não identificado	Confirmado a 03/06/1439.	Chanc. D. Afonso V, L°19, fl.39v.
622	Lourenço Vasques	não identificado	Monteiro e guardador	Rainha; Mestre de Cristo; Serra	não identificado	Terá exercido desde 1414; confirmado a 20/06/1439; aposentado a 22/07/1444 porque atingiu 70 anos de idade; substituído no mesmo dia por Álvaro Gonçalves seu filho.	Chanc. D. Afonso V, L°2, fl.43v; Chanc. D. Afonso V, L°25, fl.2; HFAC v.2 doc.134.
623	João Rodrigues	Loures	Monteiro e guardador	Loures	não identificado	Nomeado por D. Duarte (1433-1438); confirmado a 05/08/1439.	Chanc. D. Afonso V, L°19, fl.75.
624	Lourenço Anes	Sintra	Monteiro e guardador	Foz do Touro	não identificado	Nomeado a 01/02/1444 em substituição de Lourenço Anes(2); confirmado a 19/09/1450.	Chanc. D. Afonso V, L°24, fl.38; Chanc. D. Afonso V, L°34, fl.157.
625	Lourenço Anes(2)	<i>Azoeira</i>	Monteiro e guardador	Foz do Touro	não identificado	Substituído a 01/02/1444 por Lourenço Anes porque faleceu.	Chanc. D. Afonso V, L°24, fl.38.

626	Álvaro Gonçalves	não identificado	Monteiro e guardador	Rainha; Mestre de Cristo; Serra	não identificado	Nomeado a 22/07/1444 em substituição de Lourenço Vasques seu pai.	HFAC v.2 doc.134.
627	Pedro Afonso	Sintra	Monteiro e guardador	Barrocas; Buça; Serra	não identificado	Confirmado a 19/09/1450.	Chanc. D. Afonso V, L°34, fl.155v.
628	João Esteves Pão e Água	Sintra	Monteiro e guardador	Pera Longa	não identificado	Confirmado a 30/09/1450.	Chanc. D. Afonso V, L°34, fl.178.
629	Álvaro Vicente	<i>Bem Posta ? (atual Quinta da Bemposta?)</i>	Monteiro e guardador	Serra	não identificado	Confirmado a 12/12/1450.	Chanc. D. Afonso V, L 34, fl.200v.
630	Vicente Anes Moreira	Bairro "termo da cidade de Lisboa"?	Monteiro e guardador	Loures	não identificado	Aposentado a 30/12/1450 porque atingiu 70 anos de idade; servia, pelo menos, desde 1410.	Chanc. D. Afonso V, L°11, fl.79v.
631	João Anes	Ulgueira	Monteiro e guardador	Vale de Lobos; Serra de Caneças	não identificado	Nomeado a 31/07/1471 em substituição de João Gomes Pardal.	Chanc. D. Afonso V, L°16, fl.126.
632	João Gomes Pardal	não identificado	Monteiro e guardador	Vale de Lobos; Serra de Caneças	não identificado	Aposentado a 31/07/1471 e substituído, no mesmo dia, por João Anes.	Chanc. D. Afonso V, L°16, fl.126.

Quadro A12 – Dados biográficos dos monteiros da montaria da Terra de Santa Maria⁶⁶⁹

ID	Nome	Residência	Cargo	Matas	Ocupação/ posição social	Percurso	Fontes
633	Pero Luzio	Arrifana (conc. Santa Maria da Feira)	Monteiro e guardador	Espargo	não identificado	Nomeado a 08/07/1377.	HFAC v.1 doc.152.
634	Gonçalo Gonçalves	Cabanões (conc. Águeda)	Monteiro e guardador	Macieira	não identificado	Nomeado por D. João I serviu, pelo menos, desde 1411(tinha 40 anos de idade); Aposentado a 20/09/1441 porque atingira 70 anos de idade; substituído a 06/10/1442 por Gil Gonçalves(2).	Chanc. D. Afonso V, Lº2, fl.63v; Chanc. D. Afonso V, Lº23, fl.115v.
635	Afonso Anes do Vilarinho	Vilarinho (Cacia, Aveiro)	Monteiro e guardador	Demande	não identificado	Nomeado a 29/09/1441 em substituição de Vasco Anes; substituído a 01/10/1452 por Fernão Gonçalves(2) porque falecera.	HFAC v.2 doc.66; Chanc. D. Afonso V, Lº12, fl.109v.
636	Vasco Anes	não identificado	Monteiro e guardador	Demande	não identificado	Aposentado a 29/09/1441 e substituído por Afonso Anes do Vilarinho.	HFAC v.2 doc.66.

⁶⁶⁹ Veja-se o “Quadro adenda”, que consta no final do Anexo 1.

637	João Afonso	Lagoa de Esgueira	Monteiro e guardador	Espargo e Sá;	não identificado	Nomeado a 29/09/1441 em substituição de João Pires; Confirmado a 14/06/1451 embora tenha lutado contra o rei na Batalha de Alfarrobeira.	Chanc. D. Afonso V, L ^o 2, fl.72v; Chanc. D. Afonso V, L ^o 11, fl.73v.
638	João Pires	não identificado	Monteiro e guardador	Espargo e Sá;	não identificado	Aposentado a 29/09/1441 e substituído por João Afonso.	Chanc. D. Afonso V, L ^o 2, fl.72v.
639	Pedro Afonso	Bemposta (freg. Pinheiro da Bemposta)	Monteiro e guardador	Arriba; Ribeira;	não identificado	Nomeado para a mata de Arriba a 29/09/1441 em substituição de Afonso Domingues seu pai; muito provavelmente é o mesmo indivíduo que a 28/12/1450 é nomeado para a mata da Riberia.	Chanc. D. Afonso V, L ^o 2, fl.72v; Chanc. D. Afonso V, L ^o 3, fl.74.
640	Afonso Domingues	não identificado	Monteiro e guardador	Arriba;	não identificado	Aposentado a 29/09/1441 e substituído pelo seu filho Pedro Afonso.	Chanc. D. Afonso V, L ^o 2, fl.72v.
641	Pedro Lourenço	não identificado	Monteiro e guardador	Cebolelos	não identificado	Aposentado a 29/09/1441 e substituído por Pedro Martins.	Chanc. D. Afonso V, L ^o 2, fl.72v.
642	Pedro Martins	Cerzedela, julgado da Figueira (provavelmente Figueira, freg.	Monteiro e guardador	Cebolelos	não identificado	Nomeado a 29/09/1441 em substituição de Pedro Lourenço.	Chanc. D. Afonso V, L ^o 2, fl.72v.

		Avelãs de Cima, conc. Anadia)					
643	Américo Martjns da <i>Carazella</i>	<i>Carrazela?</i>	Monteiro e guardador	Adães	não identificado	Nomeado a 08/10/1441 em substituição de Martim Vaz.	HFAC v.2 doc.70.
644	Martim Vaz	não identificado	Monteiro e guardador	Adães	não identificado	Substituído a 08/10/1441 por Américo Martins da <i>Carrazela</i> porque falecera.	HFAC v.2 doc.70.
645	Fernando Homem	Aveiro	Monteiro e guardador	Perrães	criado de André Gil, escudeiro	Nomeado a 24/04/1442 em substituição de Pedro Vasques; Perdeu o cargo por ter ido com o Infante D. Pedro para a Batalha de Alfarrobeira; foi substituído por dois monteiro: João Tomé a 21/09/1450 e por Pedro Anes(2) a 26/05/1451.	Chanc. D. Afonso V, L°23, fl.90; Chanc. D. Afonso V, L°34, fl.155v; Chanc. D. Afonso V, L°11, fl.90v.
646	Pedro Vasques	Nariz	Monteiro e guardador	Perrães	não identificado	Substituído por Fernando Homem a 24/04/1442; talvez o mesmo indivíduo que a recebe carta de aposentação a 05/06/1451 por ter atingido 70 anos de idade.	Chanc. D. Afonso V, L°23, fl.90; Chanc. D. Afonso V, L°11, fl.79v.
647	Gil Gonçalves	Busturenga	Monteiro e guardador	Macieira	não identificado	Nomeado a 06/10/1442 em substituição de Gonçalo Gonçalves.	Chanc. D. Afonso V, L°23, fl.115v.

648	Afonso Vasques ⁶⁷⁰	Aveiro	Monteiro e guardador	Felgueira do Campo de Asno; Perrães	calafate	Substituído, após a sua morte, por dois monteiros na mata de Felgueira de Campo de Asno: a 12/08/1445 por Lourenço Afonso e a 06/10/1446 por Gonçalo Lourenço; substituído na mata de Perrães a 16/05/1451 por Gonçalo Lourenço.	Chanc. D. Afonso V, L°11, fl.79.
649	Gonçalo Lourenço	Borralha	Monteiro e guardador	Felgueira do Campo de Asno; Perrães	não identificado	Nomeado a 06/10/1446, para a mata de Felgueira e Campo de Asno, em substituição de Afonso Vasques que falecera; nomeado a 26/05/1451, para a mata de Perrães, novamente em substituição de Afonso Vasques, ainda que tenha ido com o Infante D. Pedro à Batalha de Alfarrobeira.	Chanc. D. Afonso V, L°11, fl.79
650	Lourenço Pires	Santa Maria da Feira	Monteiro e guardador	Gontemil	não identificado	Nomeado a 29/03/1450 em substituição de Lourenço Martins.	Chanc. D. Afonso V, L°34, fl.54.
651	Lourenço Martins ⁶⁷¹	não identificado	Monteiro e guardador	Gontemil	não identificado	Privado do cargo a 29/03/1450 porque participou na Batalha de Alfarrobeira contra o rei; substituído a 29/03/1450 por Lourenço Pires e a 24/05/1451 por Lopo Rodrigues.	Chanc. D. Afonso V, L°34, fl.54; HFAC v.2 doc.259.

⁶⁷⁰ Referido por MORENO, Humberto Baquero, *A batalha de...*, v.1, p. 478.

⁶⁷¹ Referido por MORENO, Humberto Baquero, *A batalha de...*, v.1, p. 479.

652	Afonso Anes	Loureiro (conc. Oliveira de Azeméis)	Monteiro e guardador	Mata de Longa; Felgueira do Campo de Asno;	não identificado	Confirmado a 30/03/1450; substituído em Felgueira do Campo de Asno a 08/09/1453 por Álvaro Pires e na Mata Longa a 06/02/1456 por João Vaz(2).	Chanc. D, Afonso V, L°11, fl.2; HFAC v.2 doc.329; Chanc. D. Afonso V, L°15, fl.117.
653	Luís Eanes de Cima	Bemposta (freg. Pinheiro da Bemposta)	Monteiro e guardador	não identificado	não identificado	Confirmado a 30/03/1450; irmão de Luís Afonso.	Chanc. D, Afonso V, L°11, fl.2.
654	Luís Afonso	Bemposta (freg. Pinheiro da Bemposta)	Monteiro e guardador	não identificado	não identificado	Confirmado a 30/03/1450; irmão de Luís Eanes de Cima.	Chanc. D, Afonso V, L°11, fl.2.
655	Gonçalo de Damonde	<i>Damonde</i> (Damonde de Baixo/Damonde de Cima)	Monteiro e guardador	Adães	não identificado	Confirmado a 30/03/1450; substituído a 06/02/1456 por João Gonçalves porque falecera.	Chanc. D, Afonso V, L°11, fl.2; Chanc: D. Afonso V, L°15, fl.117.
656	João Pires(2)	Antuã	Monteiro e guardador	não identificado	não identificado	Confirmado a 30/03/1450.	Chanc. D, Afonso V, L°11, fl.2.
657	Vasco Martins	Veiros (conc. Estarreja)	Monteiro e guardador	não identificado	não identificado	Confirmado a 30/03/1450.	Chanc. D, Afonso V, L°11, fl.2.

658	Gil Gonçalves	Bustelo (conc. Oliveira de Azeméis)	Monteiro e guardador	não identificado	não identificado	Confirmado a 30/03/1450.	Chanc. D, Afonso V, L°11, fl.2.
659	Gil Afonso	Valmaior (Albergaria-a-Velha)	Monteiro e guardador	não identificado	não identificado	Confirmado a 30/03/1450.	Chanc. D, Afonso V, L°11, fl.2.
660	Gonçalo Pires	Valmaior (Albergaria-a-Velha)	Monteiro e guardador	Malsabula	não identificado	Confirmado a 30/03/1450, com 64 anos de idade; aposentado a 06/02/1456 porque atingira 70 anos de idade e substituído por Estêvão Afonso da Ventosa.	Chanc. D, Afonso V, L°11, fl.2.
661	Afonso Pires	Merouço	Monteiro e guardador	não identificado	não identificado	Confirmado a 30/03/1450.	Chanc. D, Afonso V, L°11, fl.2.
662	João Domingues	Aveiro	Monteiro e guardador	Parada	barbeiro	Confirmado a 30/03/1450; aposentado a 16/03/1458 e substituído por Fernão Anes.	Chanc. D, Afonso V, L°11, fl.2; Chanc. D. Afonso V, L°37, fl.110.
663	Afonso Vaz	Cucujães	Monteiro e guardador	não identificado	não identificado	Confirmado a 30/03/1450.	Chanc. D, Afonso V, L°11, fl.2.

664	Fernão Gonçalves	<i>Dagarei</i> (atual São João, freguesia de Válega)	Monteiro e guardador	não identificado	não identificado	Confirmado a 30/03/1450.	Chanc. D, Afonso V, L°11, fl.2.
665	Luís Eanes do Fundo	Bemposta (freg. Pinheiro da Bemposta)	Monteiro e guardador	não identificado	não identificado	Confirmado a 30/03/1450.	Chanc. D, Afonso V, L°11, fl.2.
666	Vicente Pires	Branca	Monteiro e guardador	Espadanheira	não identificado	Confirmado a 30/03/1450; substituído a 27/09/1464 por Afonso Vaz porque falecera.	Chanc. D, Afonso V, L°11, fl.2.
667	Afonso Domingues(2)	Esgueira	Monteiro e guardador	matas da Terra de Santa Maria e Carregal;	não identificado	Confirmado a 30/03/1450.	Chanc. D, Afonso V, L°11, fl.2.
668	Rodrigo Eanes	Taboeira	Monteiro e guardador	Fontão	não identificado	Confirmado a 25/04/1450.	Chanc. D. Afonso V, L°34, fl.58.
669	Afonso Lopes	Antuã	Monteiro e guardador	Frossos	não identificado	Nomeado a 21/09/1450 em substituição de Pedro Vaz da Adega.	Chanc. D. Afonso V, L°34, fl.155v.
670	Pedro Vaz da Adega	não identificado	Monteiro e guardador	Frossos	não identificado	Privado do cargo a 21/09/1450 e substituído por Afonso Lopes.	Chanc. D. Afonso V, L°34, fl.155v.

671	João Tomé	Aveiro	Monteiro e guardador	Perrães	não identificado	Nomeado a 21/09/1450 em substituição de Fernando Homem.	Chanc. D. Afonso V, L°34, fl.155v.
672	Martim Anes	Taboeira	Monteiro e guardador	Canal	não identificado	Nomeado a 21/09/1450 em substituição de Nicolau Domingues.	Chanc. D. Afonso V, L°34, fl.155v.
673	Nicolau Domingues	Esgueira	Monteiro e guardador	Canal	não identificado	Privado do cargo a 21/09/1450 e substituído por Martim Anes porque foi com o Infante D. Pedro para a Batalha de Alfarrobeira.	Chanc. D. Afonso V, L°34, fl.155v.
674	Fernando Esteves Romeu	Esgueira	Monteiro e guardador	Ermida	não identificado	D. Afonso V confirma o seu cargo a 21/11/1450 porque se provou que foi constrangido a participar na Batalha de Alfarrobeira do lado do Infante D. Pedro contra o Rei; Aposentado a 26/09/1464 ainda que não tivesse 70 anos de idade; substituído na mesma data pelo seu filho Pedro Fernandes.	Chanc. D. Afonso V, L°34, fl.212v; HFAC v.2 doc.446; Chanc. D. Afonso V, L°8, fl.59v.
675	Afonso Martins	Taboeira	Monteiro e guardador	Paradela	não identificado	Nomeado a 13/12/1450 em substituição de Álvaro Gonçalves.	Chanc. D. Afonso V, L°34, fl.190v.

676	Álvaro Gonçalves ⁶⁷²	Águeda	Monteiro e guardador	Paradela	não identificado	Privado do cargo a 13/12/1450 porque foi com o Infante D. Pedro para a Batalha de Alfarrobeira; Nomeado novamente a 26/05/1451 em substituição de João Afonso(2), ainda que tenha participado na referida batalha.	Chanc. D. Afonso V, L ^o 34, fl.190v; Chanc. D. Afonso V, L ^o 11, fl.79.
677	João Eanes	Bemposta (freg. Pinheiro da Bemposta)	Monteiro e guardador	não identificado	não identificado	Nomeado a 28/12/1450.	Chanc. D. Afonso V, L ^o 3, fl.74.
678	Afonso Vicente	Avelãs?	Monteiro e guardador	matas da Terra de Santa Maria	não identificado	D. Afonso V confirma o seu cargo a 05/04/1451 contando que não tenha ido com o Infante D. Pedro na Batalha de Alfarrobeira.	Chanc. D. Afonso V, L ^o 11, fl.16.
679	Lopo Rodrigues	<i>Estramelanho?</i>	Monteiro e guardador	matas da Terra de Santa Maria	não identificado	Nomeado a 24/05/1451 em substituição de Lourenço Martins.	HFAC v.2 doc.259.
680	João Afonso(2)	Águeda	Monteiro e guardador	Paradela	não identificado	Aposentado e substituído por Álvaro Gonçalves a 26/05/1451.	Chanc. D. Afonso V, L ^o 11, fl.79.

⁶⁷² Referido por MORENO, Humberto Baquero, *A batalha de...*, v.1, pp. 475, 478.

681	Vasco Anes(2)	Albergaria-a-Velha	Monteiro e guardador	Carregal	não identificado	Embora tenha ido com o Infante D. Pedro para a Batalha de Alfarrobeira é nomeado a 26/05/1451 em substituição de João de Milheiros.	Chanc. D. Afonso V, L ^o 11, fl.90v.
682	João de Milheiros	Arrifana (conc. Santa Maria da Feira)	Monteiro e guardador	Carregal	não identificado	Substituído a 26/05/1451 por Vasco Anes(2) porque falecera.	Chanc. D. Afonso V, L ^o 11, fl.90v.
683	Pedro Anes(2)	Póvoa do Valado	Monteiro e guardador	Perrães	não identificado	Nomeado a 26/05/1451 em substituição de Fernando Homem.	Chanc. D. Afonso V, L ^o 11, fl.90v.
684	Afonso Vicente(2)	Eixo	Monteiro e guardador	Eixo	não identificado	Renunciou o cargo, por não poder servir, a 27/05/1451 e foi substituído por Martim Esteves.	Chanc. D. Afonso V, L ^o 11, fl.90v.
685	Martim Esteves	Horta (freg. Eixo e Eirol)	Monteiro e guardador	Eixo	não identificado	Nomeado a 27/05/1451 em substituição de Afonso Vicente(2).	Chanc. D. Afonso V, L ^o 11, fl.90v.
686	Pedro Álvares ⁶⁷³	Águeda	Monteiro e guardador	Perrães	não identificado	Foi Monteiro e guardador antes de ter participado na Batalha de Alfarrobeira contra o rei e afastado até ser novamente nomeado a 05/06/1451.	Chanc. D. Afonso V, L ^o 11, fl.79.

⁶⁷³ Referido por MORENO, Humberto Baquero, *A batalha de...*, v.1, p. 475.

687	Luís de Ovar	Aveiro	Monteiro e guardador	não identificado	não identificado	Confirmado por D. Afonso V a 05/06/1451; terá sido nomeado pelo mesmo monarca.	Chanc. D. Afonso V, L°11, fl.79v.
688	Afonso Domingues(3)	Bemposta (freg. Pinheiro da Bemposta)	Monteiro e guardador	não identificado	não identificado	Aposentado a 27/03/1452.	Chanc. D. Afonso V, L°12, fl.23v.
689	Fernão Gonçalves(2)	Arrifana (conc. Santa Maria da Feira)	Monteiro e guardador	Demande	não identificado	Nomeado a 01/10/1452 em substituição de Afonso Anes de Alvarinho.	Chanc. D. Afonso V, L°12, fl.109v.
690	Pedro Anes	Arrifana (conc. Santa Maria da Feira)	Monteiro e guardador	Espargo	não identificado	Nomeado a 01/10/1452 em substituição de Luís Martins.	Chanc. D. Afonso V, L°12, fl.109v.
691	Luís Martins	não identificado	Monteiro e guardador	Espargo	não identificado	Substituído a 01/10/1452 por Pedro Anes.	Chanc. D. Afonso V, L°12, fl.109v.
692	Álvaro Pires	<i>Damonde</i> (Damonde de Baixo/Damonde de Cima)	Monteiro e guardador	Felgueira do Campo de Asno;	não identificado	Nomeado a 08/09/1453 em substituição de Afonso Anes.	HFAC v.2 doc.329.
693	Vasco Anes(3)	Paus (conc. Albergaria-a-Velha)	Monteiro e guardador	Eixo	não identificado	Aposentado a 18/12/1453 e substituído por Álvaro Vaz seu filho.	HFAC v.2 doc.335.

694	Álvaro Vaz	Aveiro	Monteiro e guardador	Eixo	não identificado	Nomeado a 18/12/1453 em substituição de Vasco Anes(3) seu pai.	HFAC v.2 doc.335.
695	João Esteves Capão	Aveiro	Monteiro e guardador	Molembra	não identificado	Nomeado a 19/12/1453 (com 67 anos de idade); aposentado a 06/02/1456 porque atingiu os 70 anos de idade; substituído por Pedro Geraldês na mesma data.	HFAC v.2 doc.336; Chanc. D. Afonso V, Lº15, fl.117.
696	Lourenço Afonso	<i>Barrô da Aguada</i> (atual freg. Barrô e Aguada de Baixo, conc. Águeda)	Monteiro e guardador	Felgueira do Campo de Asno;	não identificado	Nomeado a 12/08/1455 em substituição de Afonso Vasques.	Chanc. D. Afonso V, Lº25, fl.35v.
697	Estêvão Afonso da Ventosa	Figueiredo (freg. Pinheiro da Bemposta)	Monteiro e guardador	Malsabula	não identificado	Nomeado a 06/02/1456 em substituição de Gonçalo Pires.	Chanc. D. Afonso V, Lº15, fl.117.
698	João Gonçalves	Esgueira	Monteiro e guardador	Adães	criado de João Pires <i>Tantova</i>	Nomeado a 06/02/1456 em substituição de Gonçalo de Damonde.	Chanc. D. Afonso V, Lº15, fl.117.
699	Gonçalo Vaz	Valmaior (Albergaria-a-Velha)	Monteiro e guardador	Malsabula	não identificado	Exerceu, pelo menos, desde 1436 (reinado de D. Duarte); aposentado a 06/02/1456 porque atingiu 70 anos de	HFAC v.2 doc.366.

						idade e sofria de dores que o impediam de servir.	
700	João Vaz(2)	Aveiro	Monteiro e guardador	Mata de Longa	não identificado	Nomeado a 06/02/1456 em substituição de Afonso Anes.	Chanc. D. Afonso V, L°15, fl.117.
701	Pedro Geraldés	Esgueira	Monteiro e guardador	Molembra	não identificado	Nomeado a 06/02/1456 em substituição de João Esteves Capão.	Chanc. D. Afonso V, L°15, fl.117.
702	Fernão Anes;	Aveiro	Monteiro e guardador	Parada	sapateiro	Nomeado a 16/03/1458 em substituição de João Domingues.	Chanc. D. Afonso V, L°37, fl.110.
703	Fernão Gonçalves(3)	Albergaria-a-Velha	Monteiro e guardador	matas da Terra de Santa Maria e do Carregal	não identificado	Nomeado a 28/10/1459 em substituição de Afonso Domingues(2).	Chanc. D. Afonso V, L°36, fl.242v.
704	João Vaz	Alviães	Monteiro e guardador	Arriba	não identificado	Nomeado a 28/10/1459 em substituição de Gonçalo Martins.	Chanc. D. Afonso V, L°36, fl.243.
705	Gonçalo Martins	Bemposta (freg. Pinheiro da Bemposta)	Monteiro e guardador	Arriba	não identificado	Aposentado a 28/10/1459 e substituído por João Vaz.	Chanc. D. Afonso V, L°36, fl.243.

706	João Afonso da <i>Corregua</i>	Figueiredo (freg. Pinheiro da Bemposta)	Monteiro e guardador	Soutelo	não identificado	Nomeado a 28/10/1459 em substituição de João Luís.	Chanc. D. Afonso V, L°36, fl.243.
707	João Luís	Bemposta (freg. Pinheiro da Bemposta)	Monteiro e guardador	Soutelo; Valverde;	não identificado	Aposentado a 28/10/1459 e substituído por João Afonso da <i>Corregua</i> ; parece ser o mesmo indivíduo que, no mesmo dia, é nomeado para a mata de Valverda em substituição de Martim Afonso.	Chanc. D. Afonso V, L°36, fl.243.
708	Martim Afonso	não identificado	Monteiro e guardador	Valverde	não identificado	Aposentado a 28/10/1459 e substituído por João Luís.	Chanc. D. Afonso V, L°36, fl.243.
709	Fernando Anes	Aveiro	Monteiro e guardador	Ponte da Azurva; Pé de Frade; Vila Nova;	não identificado	Nomeado a 10/08/1462 em substituição de Fernão Leonardes.	HFAC v.2 doc.419.
710	Fernão Leonardes	Esgueira	Monteiro e guardador	Ponte da Azurva; Pé de Frade; Vila Nova;	não identificado	Substituído a 10/08/1462 por Fernando Anes porque falecera.	HFAC v.2 doc.419.
711	Fernando Anes(2)	Esgueira	Monteiro e guardador	Taboeira (mata e paul da)	não identificado	Substituído por Pero Anes a 11/08/1462 porque falecera.	HFAC v.2 doc.420.

712	Pero Anes	Esgueira	Monteiro e guardador	Taboeira (mata e paul da)	criado de Pero Anes, clérigo	Nomeado a 11/08/1462 em substituição de Fernando Anes(2).	HFAC v.2 doc.420.
713	Pedro Fernandes	Esgueira	Monteiro e guardador	Ermida	não identificado	Nomeado a 26/09/1464 em substituição de Fernando Esteves Romeu seu pai.	Chanc. D. Afonso V, Lº8, fl.59v.
714	Afonso Vaz(2)	Esgueira	Monteiro e guardador	Espadanheira	não identificado	Nomeado a 27/09/1464 em substituição de Vicente Pires.	HFAC v.2 doc.447.

Quadro A13 – Dados biográficos dos monteiros de montaria não identificada

ID	Nome	Residência	Cargo	Matas	Ocupação/ posição social	Percurso	Fontes
715	Soeiro Mendes	não identificado	Monteiro	não identificado	não identificado	Mencionado a 21/06/1306.	HFAC v.1 doc.26.
716	Vasco Peres	não identificado	Monteiro	não identificado	não identificado	Mencionado a 21/06/1306.	HFAC v.1 doc.26.
717	Afonso Fernandes	não identificado	Monteiro	não identificado	não identificado	Mencionado num documento de 15/08/1414.	HFAC v.1 doc.309.
718	Bartolomeu Pires	não identificado	Monteiro e guardador	Prestaviva	não identificado	Nomeado a 13/01/1450 em substituição de Pedro Fernandes.	Chanc. D. Afonso V, L°37, fl.9.
719	Pedro Fernandes	Tavares ?	Monteiro e guardador	Prestaviva	não identificado	Substituído a 13/01/1450 por Pedro Fernandes.	Chanc. D. Afonso V, L°37, fl.9.
720	João da Beira	Farmalenho/ Farmalinho?	Monteiro e guardador	Rio de Ossos	não identificado	Nomeado a 29/03/1450 em substituição de Afonso de Elvas seu tio.	Chanc. D. Afonso V, L°34, fl.54.
721	Afonso de Elvas	não identificado	Monteiro e guardador	Rio de Ossos	não identificado	Aposentado a 29/03/1450 porque já passava da idade de aposentação e substituído, no mesmo dia, por João da Beira seu sobrinho.	Chanc. D. Afonso V, L°34, fl.54.

Quadro A14 - Dados biográficos dos monteiros de cavalo

ID	Nome	Residência	Cargo	Ocupação/ posição social	Percurso	Fontes
722	João de Avis ⁶⁷⁴	não identificado	Monteiro de cavalo	não identificado	Mencionado a 30/01/1450 recebendo os bens confiscados de João de Lisboa e João Martins, moradores em Esgueira, que acompanharam o Infante D. Pedro na Batalha de Alfarrobeira; pode ser o mesmo indivíduo que a 19/09/1473 surge como Monteiro-mor de Santarém.	LN Estremadura, L ^o 8, fl.199v; <i>Livro do Tombo...</i> , doc.53.
723	Rui Pires	não identificado	Monteiro de cavalo; porteiro dos contos da casa régia	não identificado	Mencionado a 18/01/1470 como tendo sido Monteiro de cavalo antes daquela data e nomeado, no mesmo dia, para porteiro dos contos da casa régia.	Chanc. D. Afonso V, L ^o 31, fl.146v.
724	João da Póvoa	não identificado	Monteiro de cavalo; couteiro de Almeirim	não identificado	Referido como Monteiro de cavalo numa carta de perdão datada de 24/07/1476; novamente referido como Monteiro de cavalo a 11/04/1481 recebendo o cargo de couteiro da coutada régia de Almeirim, em substituição de Afonso de Matos, cavaleiro do rei.	HFAC v.2 doc.602; Chanc. D. Afonso V, L ^o 26, fl.140.

⁶⁷⁴ Referido por MORENO, Humberto Baquero, *A batalha de...*, v.1, pp. 571, 593.

Adenda ao Quadro A12 – Dados biográficos dos monteiros da montaria da Terra de Santa Maria

ID	Nome	Residência	Cargo	Matas	Ocupação/ posição social	Percurso	Fontes
725	Vasco Martins(2)	Bemposta (freg. Pinheiro da Bemposta)	Monteiro	não identificado	não identificado	Confirmado a 30/03/1450.	Chanc. D, Afonso V, Lº11, fl.2.

Adenda ao Quadro A1 – Dados Biográficos dos monteiros-mores

ID	Nome	Residência	Cargo	Ocupação/p osição social	Percurso	Fontes
726	Diogo Fernandes do Quintal	não identificado	Monteiro-mor	Escudeiro da Casa do Rei	Nomeado a 07/01/1467.	Chanc. D, Afonso V, Lº 31, fl. 16v-17

Anexo 2 – Quadros auxiliares**Quadro A15 - Identificação dos indivíduos no exercício do cargo de monteiro-mor do Reino**

Ano	Mês	Dia	Monteiro-mor do Reino	Fonte
1385	mai.	2	Gil Martins de Outel	LN Extras, fls.233-233v
1407	ago.	29	Estêvão Gonçalves	HFAC v.1 doc.289
1412	fev.	5	Estêvão Gonçalves	HFAC v.1 doc.302
1412	set.	4	Estêvão Gonçalves	HFAC v.1 doc.304
1412	set.	16	Estêvão Gonçalves	HFAC v.1 doc.305
1414	ago.	26	Lopo Vasques de Castelo Branco I	<i>Chancelarias Portuguesas: D. João I, v.3 t.3, pp. 179-181</i>
1421	fev.	14	Lopo Vasques de Castelo Branco I	<i>Chancelarias Portuguesas: D. João I, v.4 t.1, pp. 183-184</i>
1433	dez.	19	Lopo Vasques de Castelo Branco I	HFAC v.1 doc.362
1434	abr.	9	Lopo Vasques de Castelo Branco I	HFAC v.1 doc.373
1434	out.	14	Lopo Vasques de Castelo Branco I	HFAC v.1 doc.386
1434	out.	23	Lopo Vasques de Castelo Branco I	HFAC v.1 doc.388
1435	jul.	12	Lopo Vasques de Castelo Branco I	HFAC v.1 doc.401
1439	mai.	18	Lopo Vasques de Castelo Branco I	Chanc. D. Afonso V, L°19, fl.16
1439	mai.	29	Lopo Vasques de Castelo Branco I	HFAC v.2 doc.8
1439	mai.	29	Lopo Vasques de Castelo Branco I	Chanc. D. Afonso V, L°19, fl.47
1439	mai.	29	Lopo Vasques de Castelo Branco I	Chanc. D. Afonso V, L°19, fl.53
1439	jun.	7	Lopo Vasques de Castelo Branco I	Chanc. D. Afonso V, L°26, fl.163
1439	jul.	1	Lopo Vasques de Castelo Branco I	Chanc. D. Afonso V, L°18, fl.108
1439	jul.	22	Lopo Vasques de Castelo Branco I	Chanc. D. Afonso V, L°2, fl.44v
1439	ago.	20	Lopo Vasques de Castelo Branco I	HFAC v.2 doc.28

1439	ago.	31	Lopo Vasques de Castelo Branco I	Chanc. D. Afonso V, L°20, fl.111
1440	fev.	6	Lopo Vasques de Castelo Branco I	Chanc. D. Afonso V, L°20, fl.135v
1440	jul.	8	Lopo Vasques de Castelo Branco I	Chanc. D. Afonso V, L°20, fl.135v
1440	jul.	28	Lopo Vasques de Castelo Branco I	Chanc. D. Afonso V, L°20, fl.137v; LN Odiana, L°4, fls.261-261v
1440	jul.	28	Lopo Vasques de Castelo Branco I	Chanc. D. Afonso V, L°20, fl.136
1440	jul.	30	Lopo Vasques de Castelo Branco I	HFAC v.2 doc.37
1440	ago.	6	Lopo Vasques de Castelo Branco I	Chanc. D. Afonso V, L°20, fl.135v
1440	ago.	6	Lopo Vasques de Castelo Branco I	Chanc. D. Afonso V, L°20, fl.135v
1440	ago.	10	Lopo Vasques de Castelo Branco I	HFAC v.2 doc.40
1440	ago.	18	Lopo Vasques de Castelo Branco I	Chanc. D. Afonso V, L°20, fl.136
1440	ago.	24	Lopo Vasques de Castelo Branco I	Chanc. D. Afonso V, L°20, fl.135v
1442	mar.	26	Lopo Vasques de Castelo Branco I (erro na redação do documento)	Chanc. D. Afonso V, L°23, fl.56v
1441	jun.	11	Nuno Vasques de Castelo Branco I	Chanc. D. Afonso V, L°23, fl.58
1441	jun.	11	Nuno Vasques de Castelo Branco I	HFAC v.2 doc.47
1441	jun.	26	Nuno Vasques de Castelo Branco I	Chanc. D. Afonso V, L°2, fl.86
1441	jun.	26	Nuno Vasques de Castelo Branco I	Chanc. D. Afonso V, L°2, fl.85v
1441	jun.	27	Nuno Vasques de Castelo Branco I	HFAC v.2 doc.53
1441	jun.	27	Nuno Vasques de Castelo Branco I	Chanc. D. Afonso V L°2, fls.85v-86
1441	ago.	13	Nuno Vasques de Castelo Branco I	Chanc. D. Afonso V, L°2, fl.72v

1441	ago.	31	Nuno Vasques de Castelo Branco I	Chanc. D. Afonso V, L ^o 2, fls.72-72v
1441	set.	3	Nuno Vasques de Castelo Branco I	Chanc. D. Afonso V, L ^o 2, fl.72v
1441	set.	16	Nuno Vasques de Castelo Branco I	HFAC v.2 doc.61
1441	set.	16	Nuno Vasques de Castelo Branco I	Chanc. D. Afonso V, L ^o 2, fl.50
1441	set.	16	Nuno Vasques de Castelo Branco I	Chanc. D. Afonso V, L ^o 2, fl.74v
1441	set.	25	Nuno Vasques de Castelo Branco I	HFAC v.2 doc.62
1441	set.	25	Nuno Vasques de Castelo Branco I	HFAC v.2 doc.63
1441	set.	27	Nuno Vasques de Castelo Branco I	HFAC v.2 doc.64
1441	set.	29	Nuno Vasques de Castelo Branco I	Chanc. D. Afonso V, L ^o 2, fl.72v
1441	set.	29	Nuno Vasques de Castelo Branco I	HFAC v.2 doc.66
1441	set.	29	Nuno Vasques de Castelo Branco I	Chanc. D. Afonso V, L ^o 2, fl.72v
1441	set.	29	Nuno Vasques de Castelo Branco I	Chanc. D. Afonso V, L ^o 2, fl.72v
1441	out.	1	Nuno Vasques de Castelo Branco I	Chanc. D. Afonso V, L ^o 2, fl.72v
1441	out.	8	Nuno Vasques de Castelo Branco I	HFAC v.2 doc.70
1441	out.	10	Nuno Vasques de Castelo Branco I	Chanc. D. Afonso V, L ^o 2, fl.72v
1441	out.	11	Nuno Vasques de Castelo Branco I	Chanc. D. Afonso V, L ^o 2, fl.72v
1441	out.	12	Nuno Vasques de Castelo Branco I	Chanc. D. Afonso V, L ^o 2, fls.64-64v
1441	out.	13	Nuno Vasques de Castelo Branco I	HFAC v.2 doc.74
1441	out.	16	Nuno Vasques de Castelo Branco I	Chanc. D. Afonso V, L ^o 2, fl.72v
1441	out.	19	Nuno Vasques de Castelo Branco I	Chanc. D. Afonso V, L ^o 2, fl.72v
1441	out.	19	Nuno Vasques de Castelo Branco I	HFAC v.2 doc.77
1441	out.	25	Nuno Vasques de Castelo Branco I	Chanc. D. Afonso V, L ^o 2, fl.72v
1441	out.	25	Nuno Vasques de Castelo Branco I	Chanc. D. Afonso V, L ^o 2, fl.72v
1441	nov.	7	Nuno Vasques de Castelo Branco I	Chanc. D. Afonso V, L ^o 2, fl.48
1441	nov.	18	Nuno Vasques de Castelo Branco I	Chanc. D. Afonso V, L ^o 2, fl.53v

1441	nov.	20	Nuno Vasques de Castelo Branco I	Chanc. D. Afonso V, L ^o 2, fl.64v
1441	nov.	20	Nuno Vasques de Castelo Branco I	Chanc. D. Afonso V, L ^o 2, fl.53v
1441	nov.	22	Nuno Vasques de Castelo Branco I	Chanc. D. Afonso V, L ^o 37, fl.129v
1441	dez.	1	Nuno Vasques de Castelo Branco I	Chanc. D. Afonso V, L ^o 2, fl.65
1441	-	-	Nuno Vasques de Castelo Branco I	Chanc. D. Afonso V, L ^o 2, fl.72v
1442	mar.	22	Nuno Vasques de Castelo Branco I	Chanc. D. Afonso V, L ^o 37, fl.75
1442	mar.	28	Nuno Vasques de Castelo Branco I	Chanc. D. Afonso V, L ^o 23, fl.95
1442	abr.	13	Nuno Vasques de Castelo Branco I	Chanc. D. Afonso V, L ^o 35, fl.102v
1442	abr.	16	Nuno Vasques de Castelo Branco I	Chanc. D. Afonso V, L ^o 23, fl.89v
1442	abr.	16	Nuno Vasques de Castelo Branco I	Chanc. D. Afonso V, L ^o 23, fl.89v
1442	abr.	24	Nuno Vasques de Castelo Branco I	Chanc. D. Afonso V, L ^o 23, fl.90
1442	abr.	26	Nuno Vasques de Castelo Branco I	HFAC v.2 doc.98
1442	abr.	26	Nuno Vasques de Castelo Branco I	HFAC v.2 doc.99
1442	abr.	27	Nuno Vasques de Castelo Branco I	HFAC v.2 doc.100
1442	abr.	30	Nuno Vasques de Castelo Branco I	Chanc. D. Afonso V, L ^o 23, fl.81; LN Odiana, L ^o 6 fls.132-133
1442	mai.	8	Nuno Vasques de Castelo Branco I	Chanc. D. Afonso V, L ^o 35, fl.102v
1442	mai.	13	Nuno Vasques de Castelo Branco I	Chanc. D. Afonso V, L ^o 35, fl.102v
1442	jun.	11	Nuno Vasques de Castelo Branco I	Chanc. D. Afonso V, L ^o 37, fl.63v
1442	set.	26	Nuno Vasques de Castelo Branco I	Chanc. D. Afonso V, L ^o 23, fl.115v
1442	out.	17	Nuno Vasques de Castelo Branco I	Chanc. D. Afonso V, L ^o 23, fl.86

1442	nov.	8	Nuno Vasques de Castelo Branco I	Chanc. D. Afonso V, L°23, fl.97
1442	nov.	8	Nuno Vasques de Castelo Branco I	Chanc. D. Afonso V, L°23, fl.48
1442	nov.	12	Nuno Vasques de Castelo Branco I	Chanc. D. Afonso V, L°27, fls.80-80v
1443	fev.	12	Nuno Vasques de Castelo Branco I	HFAC v.2 doc.114
1443	mai.	27	Nuno Vasques de Castelo Branco I	Chanc. D. Afonso V, L°27, fl.151v
1443	jun.	25	Nuno Vasques de Castelo Branco I	Chanc. D. Afonso V, L°27, fl.153
1443	jul.	1	Nuno Vasques de Castelo Branco I	Chanc. D. Afonso V, L°27, fl.153
1443	ago.	15	Nuno Vasques de Castelo Branco I	HFAC v.2 doc.120
1443	out.	20	Nuno Vasques de Castelo Branco I	Chanc. D. Afonso V, L°27, fl.149v
1443	out.	23	Nuno Vasques de Castelo Branco I	Chanc. D. Afonso V, L°35, fls.24-24v
1443	nov.	2	Nuno Vasques de Castelo Branco I	Chanc. D. Afonso V, L°24, fls.12-12v
1443	dez.	31	Nuno Vasques de Castelo Branco I	Chanc. D. Afonso V, L°27, fls.22-22v
1444	jan.	24	Nuno Vasques de Castelo Branco I	Chanc. D. Afonso V, L°24, fl.9v
1444	fev.	1	Nuno Vasques de Castelo Branco I	Chanc. D. Afonso V, L°24, fl.38
1444	mar.	24	Nuno Vasques de Castelo Branco I	Chanc. D. Afonso V, L°24, fl.28
1444	mai.	8	Nuno Vasques de Castelo Branco I	Chanc. D. Afonso V, L°24, fl.69v
1444	mai.	10	Nuno Vasques de Castelo Branco I	Chanc. D. Afonso V, L°24, fl.63v
1444	mai.	27	Nuno Vasques de Castelo Branco I	Chanc. D. Afonso V, L°24, fl.69v
1444	jun.	29	Nuno Vasques de Castelo Branco I	Chanc. D. Afonso V, L°25, fl.91

1444	jul.	22	Nuno Vasques de Castelo Branco I	HFAC v.2 doc.134
1444	out.	3	Nuno Vasques de Castelo Branco I	Chanc. D. Afonso V, L°25, fl.15
1444	out.	8	Nuno Vasques de Castelo Branco I	Chanc. D. Afonso V, L°24, fl.99
1445	mai.	3	Nuno Vasques de Castelo Branco I	Chanc. D. Afonso V, L°25, fl.80v
1445	mai.	10	Nuno Vasques de Castelo Branco I	Chanc. D. Afonso V, L°25, fl.64
1445	ago.	12	Nuno Vasques de Castelo Branco I	Chanc. D. Afonso V, L°25, fl.35v
1445	set.	27	Nuno Vasques de Castelo Branco I	Chanc. D. Afonso V, L°25, fl.40v
1445	set.	28	Nuno Vasques de Castelo Branco I	Chanc. D. Afonso V, L°25, fl.40v
1446	jul.	20	Nuno Vasques de Castelo Branco I	HFAC v.2 doc.145
1449	jun.	26	Nuno Vasques de Castelo Branco I	Chanc. D. Afonso V, L°11, fl.44v
1449	dez.	18	Nuno Vasques de Castelo Branco I	Chanc. D. Afonso V, L°12, fl.30
1450	jan.	8	Nuno Vasques de Castelo Branco I	Chanc. D. Afonso V, L°37, fl.9
1450	jan.	8	Nuno Vasques de Castelo Branco I	Chanc. D. Afonso V, L°37, fl.9
1450	jan.	8	Nuno Vasques de Castelo Branco I	Chanc. D. Afonso V, L°37, fl.9
1450	jan.	9	Nuno Vasques de Castelo Branco I	Chanc. D. Afonso V, L°37, fl.9
1450	jan.	9	Nuno Vasques de Castelo Branco I	Chanc. D. Afonso V, L°37, fl.9
1450	jan.	10	Nuno Vasques de Castelo Branco I	Chanc. D. Afonso V, L°37, fl.9
1450	jan.	10	Nuno Vasques de Castelo Branco I	Chanc. D. Afonso V, L°37, fl.9
1450	jan.	10	Nuno Vasques de Castelo Branco I	Chanc. D. Afonso V, L°37, fl.9
1450	jan.	10	Nuno Vasques de Castelo Branco I	Chanc. D. Afonso V, L°37, fl.9
1450	jan.	10	Nuno Vasques de Castelo Branco I	Chanc. D. Afonso V, L°37, fl.9
1450	jan.	11	Nuno Vasques de Castelo Branco I	Chanc. D. Afonso V, L°34, fl.3

1450	jan.	11	Nuno Vasques de Castelo Branco I	Chanc. D. Afonso V, L°34, fl.17v
1450	jan.	13	Nuno Vasques de Castelo Branco I	Chanc. D. Afonso V, L°37, fl.9
1450	jan.	13	Nuno Vasques de Castelo Branco I	Chanc. D. Afonso V, L°37, fl.9
1450	jan.	14	Nuno Vasques de Castelo Branco I	Chanc. D. Afonso V, L°34, fl.2
1450	mar.	2	Nuno Vasques de Castelo Branco I	Chanc. D. Afonso V, L°34, fl.27v
1450	mar.	6	Nuno Vasques de Castelo Branco I	Chanc. D. Afonso V, L°11, fl.148v
1450	mar.	29	Nuno Vasques de Castelo Branco I	Chanc. D. Afonso V, L°34, fl.54
1450	mar.	29	Nuno Vasques de Castelo Branco I	Chanc. D. Afonso V, L°34, fl.54
1450	mar.	29	Nuno Vasques de Castelo Branco I	Chanc. D. Afonso V, L°34, fl.31
1450	mar.	29	Nuno Vasques de Castelo Branco I	Chanc. D. Afonso V, L°34, fl.31
1450	mar.	29	Nuno Vasques de Castelo Branco I	Chanc. D. Afonso V, L°34, fl.31
1450	mar.	29	Nuno Vasques de Castelo Branco I	Chanc. D. Afonso V, L°34, fl.31
1450	mar.	30	Nuno Vasques de Castelo Branco I	Chanc. D. Afonso V, L°11, fl.2
1450	abr.	25	Nuno Vasques de Castelo Branco I	Chanc. D. Afonso V, L°34, fl.58
1450	mai.	30	Nuno Vasques de Castelo Branco I	Chanc. D. Afonso V, L°34, fl.79v
1450	jun.	14	Nuno Vasques de Castelo Branco I	Chanc. D. Afonso V, L°34, fl.132v
1450	jul.	27	Nuno Vasques de Castelo Branco I	Chanc. D. Afonso V, L°37, fl.29v
1450	ago.	4	Nuno Vasques de Castelo Branco I	Chanc. D. Afonso V, L°34, fl.118
1450	ago.	4	Nuno Vasques de Castelo Branco I	Chanc. D. Afonso V, L°34, fl.118
1450	set.	11	Nuno Vasques de Castelo Branco I	Chanc. D. Afonso V, L°11, fl.94v
1450	set.	18	Nuno Vasques de Castelo Branco I	Chanc. D. Afonso V, L°11, fl.21

1450	set.	22	Nuno Vasques de Castelo Branco I	Chanc. D. Afonso V, L ^o 34, fl.198
1450	set.	30	Nuno Vasques de Castelo Branco I	Chanc. D. Afonso V, L ^o 34, fl.178
1450	out.	6	Nuno Vasques de Castelo Branco I	Chanc. D. Afonso V, L ^o 34, fl.163
1450	out.	13	Nuno Vasques de Castelo Branco I	Chanc. D. Afonso V, L ^o 4, fl.19v
1450	out.	14	Nuno Vasques de Castelo Branco I	HFAC v.2 doc.236
1450	out.	16	Nuno Vasques de Castelo Branco I	Chanc. D. Afonso V, L ^o 11, fl.8v
1450	out.	16	Nuno Vasques de Castelo Branco I	Chanc. D. Afonso V, L ^o 37, fl.29
1450	out.	21	Nuno Vasques de Castelo Branco I	Chanc. D. Afonso V, L ^o 15, fl.91
1450	out.	22	Nuno Vasques de Castelo Branco I	Chanc. D. Afonso V, L ^o 34, fl.179
1450	out.	25	Nuno Vasques de Castelo Branco I	Chanc. D. Afonso V, L ^o 11, fl.143
1450	out.	27	Nuno Vasques de Castelo Branco I	Chanc. D. Afonso V, L ^o 34, fl.196v
1450	nov.	2	Nuno Vasques de Castelo Branco I	Chanc. D. Afonso V, L ^o 34, fl.176v
1450	nov.	28	Nuno Vasques de Castelo Branco I	Chanc. D. Afonso V, L ^o 37, fl.29
1451	abr.	8	Nuno Vasques de Castelo Branco I	Chanc. D. Afonso V, L ^o 11, fl.63
1451	abr.	10	Nuno Vasques de Castelo Branco I	Chanc. D. Afonso V, L ^o 11, fl.42
1451	mai.	26	Nuno Vasques de Castelo Branco I	Chanc. D. Afonso V, L ^o 11, fl.90v
1451	mai.	26	Nuno Vasques de Castelo Branco I	Chanc. D. Afonso V, L ^o 11, fl.79
1451	mai.	26	Nuno Vasques de Castelo Branco I	Chanc. D. Afonso V, L ^o 11, fl.90v
1451	mai.	27	Nuno Vasques de Castelo Branco I	Chanc. D. Afonso V, L ^o 11, fl.90v
1451	mai.	30	Nuno Vasques de Castelo Branco I	Chanc. D. Afonso V, L ^o 11, fl.79

1451	mai.	31	Nuno Vasques de Castelo Branco I	Chanc. D. Afonso V, L°11, fl.79
1451	mai.	31	Nuno Vasques de Castelo Branco I	Chanc. D. Afonso V, L°11, fl.79
1451	mai.	31	Nuno Vasques de Castelo Branco I	Chanc. D. Afonso V, L°11, fl.79
1451	mai.	31	Nuno Vasques de Castelo Branco I	Chanc. D. Afonso V, L°11, fl.79v
1451	mai.	31	Nuno Vasques de Castelo Branco I	Chanc. D. Afonso V, L°11, fl.79v
1451	mai.	31	Nuno Vasques de Castelo Branco I	Chanc. D. Afonso V, L°11, fl.79v
1451	mai.	31	Nuno Vasques de Castelo Branco I	Chanc. D. Afonso V, L°11, fl.79v
1451	jun.	1	Nuno Vasques de Castelo Branco I	Chanc. D. Afonso V, L°11, fl.79
1451	jun.	4	Nuno Vasques de Castelo Branco I	Chanc. D. Afonso V, L°37, fl.14v
1451	jun.	4	Nuno Vasques de Castelo Branco I	HFAC v.2 doc.275
1451	jun.	4	Nuno Vasques de Castelo Branco I	Chanc. D. Afonso V, L°11, fl.79
1451	jun.	5	Nuno Vasques de Castelo Branco I	Chanc. D. Afonso V, L°11, fl.79
1451	jun.	5	Nuno Vasques de Castelo Branco I	Chanc. D. Afonso V, L°11, fl.79
1451	jun.	5	Nuno Vasques de Castelo Branco I	Chanc. D. Afonso V, L°11, fl.79
1451	jun.	5	Nuno Vasques de Castelo Branco I	Chanc. D. Afonso V, L°11, fl.79
1451	jun.	5	Nuno Vasques de Castelo Branco I	Chanc. D. Afonso V, L°11, fl.79v
1451	jun.	5	Nuno Vasques de Castelo Branco I	Chanc. D. Afonso V, L°11, fl.79v
1451	jun.	6	Nuno Vasques de Castelo Branco I	Chanc. D. Afonso V, L°11, fl.79
1451	jun.	6	Nuno Vasques de Castelo Branco I	Chanc. D. Afonso V, L°11, fl.137
1451	jun.	20	Nuno Vasques de Castelo Branco I	Chanc. D. Afonso V, L°37, fl.14v

1451	set.	3	Nuno Vasques de Castelo Branco I	Chanc. D. Afonso V, L°11, fl.133v
1451	dez.	5	Nuno Vasques de Castelo Branco I	Chanc. D. Afonso V, L°37, fl.55
1453	mar.	10	Nuno Vasques de Castelo Branco I	Chanc. D. Afonso V, L°3 fl.24v
1453	mar.	10	Nuno Vasques de Castelo Branco I	Chanc. D. Afonso V, L°3, fl.24v
1454	out.	12	Nuno Vasques de Castelo Branco I	Chanc. D. Afonso V, L°10, fl.107v
1455	jan.	1?	Nuno Vasques de Castelo Branco I	Chanc. D. Afonso V, L°15, fl.1
1455	fev.	6	Nuno Vasques de Castelo Branco I	Chanc. D. Afonso V, L°15, fl.6v
1455	mar.	8	Nuno Vasques de Castelo Branco I	Chanc. D. Afonso V, L°15, fl.16
1455	mar.	8	Nuno Vasques de Castelo Branco I	Chanc. D. Afonso V, L°15, fl.16
1455	mai.	28	Nuno Vasques de Castelo Branco I	Chanc. D. Afonso V, L°15, fl.149
1455	jun.	16	Nuno Vasques de Castelo Branco I	Chanc. D. Afonso V, L°13, fl.84 LN Odiana, L°6, fls.108-108v
1455	jun.	19	Nuno Vasques de Castelo Branco I	Chanc. D. Afonso V, L°15, fl.53v
1455	jul.	10	Nuno Vasques de Castelo Branco I	Chanc. D. Afonso V, L°15, fl.65
1456	jan.	3	Nuno Vasques de Castelo Branco I	Chanc. D. Afonso V, L°15, fl.122
1456	fev.	2	Nuno Vasques de Castelo Branco I	Chanc. D. Afonso V, L°15, fl.113
1456	fev.	6	Nuno Vasques de Castelo Branco I	HFAC v.2 doc.366
1456	mai.	20	Nuno Vasques de Castelo Branco I	Chanc. D. Afonso V, L°13, fl.150v
1456	jun.	21	Nuno Vasques de Castelo Branco I	Chanc. D. Afonso V, L°13, fl.112v
1456	set.	20	Nuno Vasques de Castelo Branco I	HFAC v.2 doc.372
1456	set.	29	Nuno Vasques de Castelo Branco I	Chanc. D. Afonso V, L°13, fl.32
1458	mar.	8	Nuno Vasques de Castelo Branco I	Chanc. D. Afonso V, L°36, fl.105v

1458	ago.	3	Nuno Vasques de Castelo Branco I	Chanc. D. Afonso V, L ^o 36, fl.93v
1458	ago.	3	Nuno Vasques de Castelo Branco I	Chanc. D. Afonso V, L ^o 36, fl.253v
1458	ago.	3	Nuno Vasques de Castelo Branco I	Chanc. D. Afonso V, L ^o 36, fl.253v
1458	ago.	5	Nuno Vasques de Castelo Branco I	Chanc. D. Afonso V, L ^o 36, fl.91v
1458	ago.	5	Nuno Vasques de Castelo Branco I	Chanc. D. Afonso V, L ^o 36, fl.90
1458	ago.	6	Nuno Vasques de Castelo Branco I	Chanc. D. Afonso V, L ^o 36, fl.91v
1458	ago.	6	Nuno Vasques de Castelo Branco I	Chanc. D. Afonso V, L ^o 36, fl.91v
1458	ago.	6	Nuno Vasques de Castelo Branco I	Chanc. D. Afonso V, L ^o 36, fl.91v
1458	ago.	6	Nuno Vasques de Castelo Branco I	Chanc. D. Afonso V, L ^o 36, fl.251
1458	ago.	6	Nuno Vasques de Castelo Branco I	Chanc. D. Afonso V, L ^o 36, fl.252v
1458	ago.	7	Nuno Vasques de Castelo Branco I	Chanc. D. Afonso V, L ^o 36, fl.252v
1458	ago.	11	Nuno Vasques de Castelo Branco I	Chanc. D. Afonso V, L ^o 36, fl.115
1458	ago.	11	Nuno Vasques de Castelo Branco I	Chanc. D. Afonso V, L ^o 36, fl.36v
1458	ago.	16	Nuno Vasques de Castelo Branco I	Chanc. D. Afonso V, L ^o 1, fl.124
1459	fev.	20	Nuno Vasques de Castelo Branco I	Chanc. D. Afonso V, L ^o 36, fl.32
1459	abr.	26	Nuno Vasques de Castelo Branco I	Chanc. D. Afonso V, L ^o 36, fl.112v
1459	mai.	14	Nuno Vasques de Castelo Branco I	Chanc. D. Afonso V, L ^o 36, fl.115

1459	mai.	14	Nuno Vasques de Castelo Branco I	Chanc. D. Afonso V, Lº36, fl.116
1459	jul.	5	Nuno Vasques de Castelo Branco I	Chanc. D. Afonso V, Lº36, fl.115
1459	ago.	5	Nuno Vasques de Castelo Branco I	Chanc. D; Afonso V, Lº36, fl.93v
1459	ago.	5	Nuno Vasques de Castelo Branco I	Chanc. D. Afonso V, Lº36, fl.90
1459	ago.	5	Nuno Vasques de Castelo Branco I	Chanc. D. Afonso V, Lº36, fl.124
1459 (?)	ago.	13	Nuno Vasques de Castelo Branco I	Chanc. D. Afonso V, Lº36, fl.110
1459	out.	28	Nuno Vasques de Castelo Branco I	Chanc. D. Afonso V, Lº36, fl.243
1459	out.	28	Nuno Vasques de Castelo Branco I	Chanc. D. Afonso V, Lº36, fl.243
1459	out.	28	Nuno Vasques de Castelo Branco I	Chanc. D. Afonso V, Lº36, fl.243
1459	out.	28	Nuno Vasques de Castelo Branco I	Chanc. D. Afonso V, Lº36, fl.242v
1461	out.	12	Nuno Vasques de Castelo Branco I	Chanc. D. Afonso V, Lº9, fl.123
1462	ago.	11	Nuno Vasques de Castelo Branco I	HFAC v.2 doc.420
1462	out.	10	Nuno Vasques de Castelo Branco I	Chanc. D. Afonso V, Lº1, fl.110v
1462	out.	10	Nuno Vasques de Castelo Branco I	Chanc. D. Afonso V, Lº1, fl.110v
1462	out.	11	Nuno Vasques de Castelo Branco I	Chanc. D. Afonso V, Lº1, fl.110v
1462	out.	15	Nuno Vasques de Castelo Branco I	Chanc. D. Afonso V, Lº1, fl.111v
1462	out.	15	Nuno Vasques de Castelo Branco I	Chanc. D. Afonso V, Lº1, fl.111v
1462	out.	21	Nuno Vasques de Castelo Branco I	Chanc. D. Afonso V, Lº1, fl.112

1462	out.	21	Nuno Vasques de Castelo Branco I	Chanc. D. Afonso V, L ^o 1, fl.112
1462	out.	22	Nuno Vasques de Castelo Branco I	Chanc. D. Afonso V, L ^o 1, fl.112
1462	out.	22	Nuno Vasques de Castelo Branco I	Chanc. D. Afonso V, L ^o 1, fl.112
1462	nov.	27	Nuno Vasques de Castelo Branco I	HFAC v.2 doc.434
1464	abr.	15	Nuno Vasques de Castelo Branco I	Chanc. D. Afonso V, L ^o 8, fl.144
1464	fev.	17	Nuno Vasques de Castelo Branco I	Chanc. D. Afonso V, L ^o 8, fl.173
1466	abr.	7	Nuno Vasques de Castelo Branco I	Chanc. D. Afonso V, L ^o 14, fl.88v
1466	abr.	8	Nuno Vasques de Castelo Branco I	Chanc. D. Afonso V, L ^o 14, fl.88v
1466	abr.	8	Nuno Vasques de Castelo Branco I	Chanc. D. Afonso V, L ^o 14, fl.94
1466	abr.	8	Nuno Vasques de Castelo Branco I	Chanc. D. Afonso V, L ^o 14, fl.94
1466	abr.	8	Nuno Vasques de Castelo Branco I	Chanc. D. Afonso V, L ^o 14, fl.66v
1466	abr.	10	Nuno Vasques de Castelo Branco I	Chanc. D. Afonso V, L ^o 38, fl.57v
1466	abr.	11	Nuno Vasques de Castelo Branco I	Chanc. D. Afonso V, L ^o 38, fl.57v
1466	abr.	11	Nuno Vasques de Castelo Branco I	Chanc. D. Afonso V, L. ^o 37, fl.83v
1466	set.	17	Nuno Vasques de Castelo Branco I	Chanc. D. Afonso V, L ^o 38, fl.50v
1467	out.	27	Nuno Vasques de Castelo Branco I	Chanc. D. Afonso V, L ^o 31, fl.120
1468	abr.	7	Nuno Vasques de Castelo Branco I	Chanc. D. Afonso V, L. ^o 28, fl.9v
1468	ago.	16	Nuno Vasques de Castelo Branco I	Chanc. D. Afonso V, L ^o 28, fl.81
1469	abr.	11	Lopo Vasques de Castelo Branco II	Chanc. D. Afonso V, L ^o 28, fl.99
1469	abr.	13	Nuno Vasques de Castelo Branco I	Chanc. D. Afonso V, L ^o 31, fl.37
1469	out.	9	Lopo Vasques de Castelo Branco II	Chanc. D. Afonso V, L ^o 16, fl.54

1469	dez.	24	Lopo Vasques de Castelo Branco II	Chanc. D. Afonso V, L°31, fl.142v
1470	mar.	28	Lopo Vasques de Castelo Branco II	Chanc. D. Afonso V, L°16, fl.2
1470	abr.	10	Lopo Vasques de Castelo Branco II	Chanc. D. Afonso V, L°16, fl.107
1470	abr.	11	Lopo Vasques de Castelo Branco II	Chanc. D. Afonso V, L°16, fl.107
1471	fev.	13	Lopo Vasques de Castelo Branco II	Chanc. D. Afonso V, L°16, fl.30v
1471	fev.	16	Lopo Vasques de Castelo Branco II	Chanc. D. Afonso V, L°16, fl.24v
1471	abr.	3	Lopo Vasques de Castelo Branco II	Chanc. D. Afonso V, L°16, fl.80
1471	abr.	3	Lopo Vasques de Castelo Branco II	Chanc. D. Afonso V, L°16, fl.80
1471	abr.	14	Lopo Vasques de Castelo Branco II	Chanc. D. Afonso V, L°16, fl.53v
1471	jul.	31	Lopo Vasques de Castelo Branco II	Chanc. D. Afonso V, L°16, fl.126
1472	fev.	1	Lopo Vasques de Castelo Branco II	Chanc. D. Afonso V, L°33, fl.161v
1472	jun.	15	Lopo Vasques de Castelo Branco II	Chanc. D. Afonso V, L°29, fl.75v
1472	jul.	12	Lopo Vasques de Castelo Branco II	Chanc. D. Afonso V, L°29, fl.109v
1472	jul.	12	Lopo Vasques de Castelo Branco II	Chanc. D. Afonso V, L.° 29, fl.109v
1472	jul.	12	Lopo Vasques de Castelo Branco II	Chanc. D. Afonso V, L°29, fl.109v
1472	jul.	25	Lopo Vasques de Castelo Branco II	Chanc. D. Afonso V, L°29, fl.85v
1472	jul.	25	Lopo Vasques de Castelo Branco II	Chanc. D. Afonso V, L°29, fl.85v

1472	jul.	28	Lopo Vasques de Castelo Branco II	Chanc. D. Afonso V, L°29, fl.201
1472	jul.	31	Lopo Vasques de Castelo Branco II	Chanc. D. Afonso V, L°29, fl.82
1473	jan.	15	Lopo Vasques de Castelo Branco II	Chanc. D. Afonso V, L°33, fl.8
1473	jan.	19	Lopo Vasques de Castelo Branco II	Chanc. D. Afonso V, L°35, fl.67
1473	jan.	19	Lopo Vasques de Castelo Branco II	Chanc. D. Afonso V, L°35, fl.67
1473	fev.	18	Lopo Vasques de Castelo Branco II	Chanc. D. Afonso V, L°33, fl.58
1473	fev.	18	Lopo Vasques de Castelo Branco II	HFAC v.2 doc.565
1473	mar.	8	Lopo Vasques de Castelo Branco II	Chanc. D. Afonso V, L°33, fl.216v
1473	mar.	8	Lopo Vasques de Castelo Branco II	Chanc. D. Afonso V, L°33, fl.216v
1473	mar.	8	Lopo Vasques de Castelo Branco II	Chanc. D. Afonso V, L°33, fl.216v
1473	mar.	8	Lopo Vasques de Castelo Branco II	Chanc. D. Afonso V, L°33, fl.216v
1473	mar.	8	Lopo Vasques de Castelo Branco II	Chanc. D. Afonso V, L°33, fl.216v
1473	mar.	8	Lopo Vasques de Castelo Branco II	Chanc. D. Afonso V, L°33, fl.216v
1473	mar.	27	Lopo Vasques de Castelo Branco II	Chanc. D. Afonso V, L°33, fl.89v
1473	ago.	20	Lopo Vasques de Castelo Branco II	Chanc. D. Afonso V, L°33, fl.46v
1473	out.	4	Lopo Vasques de Castelo Branco II	Chanc. D. Afonso V, L°33, fl.216v
1474	-	-	Lopo Vasques de Castelo Branco II	HFAC v.2 doc.584
1474	-	-	Lopo Vasques de Castelo Branco II	HFAC v.2 doc.585
1475	mar.	28	Lopo Vasques de Castelo Branco II	Chanc. D. Afonso V, L°30, fl.50
1475	ago.	15?	Lopo Vasques de Castelo Branco II	Chanc. D. Afonso V, L°30, fl.18

1475	set.	25	Lopo Vasques de Castelo Branco II	Chanc. D. Afonso V, L°30, fl.8
1476?	-	-	Lopo Vasques de Castelo Branco II	HFAC v.2 doc.604
1477	jul.	9	Lopo Vasques de Castelo Branco II	Chanc. D. Afonso V, L°38, fl.87
1479	nov.	26	Nuno Vasques de Castelo Branco I	Chanc. D. Afonso V, L°26, fl.69
1479	nov.	26	Nuno Vasques de Castelo Branco I	Chanc. D. Afonso V, L°26, fl.126
1479	nov.	26	Nuno Vasques de Castelo Branco I	Chanc. D. Afonso V, L°26, fl.126
1480	nov.	27	Nuno Vasques de Castelo Branco I	Chanc. D. Afonso V, L°32, fl.104v
1481	fev.	24	Nuno Vasques de Castelo Branco I	Chanc. D. Afonso V, L°26, fl.92v

Quadro A16 – Identificação dos indivíduos que substituem momentaneamente o Monteiro-mor do Reino (interinos)

Ano	Mês	Dia	Monteiro-mor do Reino (interino)	Fonte
1433	dez.	19	Nuno Vasques de Castelo Branco I	HFAC v.1, doc.362
1434	abr.	9	Vicente Esteves de Barbudo	HFAC v.1, doc.373
1434	out.	14	Nuno Vasques de Castelo Branco I	HFAC v.1, doc.386
1434	out.	23	Vicente Esteves de Barbudo	HFAC v.1, doc.388
1435	jul.	12	Nuno Vasques de Castelo Branco I	HFAC v.1, doc.401
1439	mai.	18	Nuno Vasques de Castelo Branco I	Chanc. D. Afonso V, L°19, fl.16
1439	mai.	29	Nuno Vasques de Castelo Branco I	HFAC v.2 doc.8
1439	jun.	2	Nuno Vasques de Castelo Branco I	Chanc. D. Afonso V, L°19, fl.12v
1439	jun.	7	Nuno Vasques de Castelo Branco I	Chanc. D. Afonso V, L°26, fl.163
1439	jun.	20	Nuno Vasques de Castelo Branco I	Chanc. D. Afonso V, L°2, fl.43v.
1439	jun.	23	Nuno Vasques de Castelo Branco I	HFAC v.2, doc.23
1439	jul.	1	Nuno Vasques de Castelo Branco I	Chanc. D. Afonso V, L°18, fl.108
1439	jul.	22	Nuno Vasques de Castelo Branco I	Chanc. D. Afonso V, L°2, fl.44v
1439	ago.	20	Nuno Vasques de Castelo Branco II	HFAC v.2, doc.28
1439	ago.	31	Nuno Vasques de Castelo Branco II	Chanc. D. Afonso V, L°20, fl.111
1440	fev.	6	Nuno Vasques de Castelo Branco I	Chanc. D. Afonso V, L°20, fl.135v
1440	fev.	6	Gonçalo Gomes de Azevedo	Chanc. D. Afonso V, L°20, fl.135v

1440	jul.	8	Nuno Vasques de Castelo Branco II	Chanc. D. Afonso V, L ^o 20, fl.135v
1440	ago.	24	Rui Gonçalves de Castelo Branco I (?) Rui Gonçalves de Castelo Branco II (?)	Chanc. D. Afonso V, L ^o 20, fl.135v
1440	ago.	26	Rui Gonçalves de Castelo Branco I (?) Rui Gonçalves de Castelo Branco II (?)	Chanc. D. Afonso V, L ^o 20, fl.135v
1441	jun.	11	Lopo Vasques de Castelo Branco II	Chanc. D. Afonso V, L ^o 23, fl.58
1441	jun.	11	Lopo Vasques de Castelo Branco II	HFAC v.2, doc.47
1441	jun.	23	Lopo Vasques de Castelo Branco II	Chanc. D. Afonso V, L ^o 2, fl.86
1441	jun.	26	Lopo Vasques de Castelo Branco II	Chanc. D. Afonso V, L ^o 2, fl.86
1441	jun.	26	Lopo Vasques de Castelo Branco II	Chanc. D. Afonso V, L ^o 2, fl.85v
1441	jun.	27	Lopo Vasques de Castelo Branco II	Chanc. D. Afonso V, L ^o 2, fl.92v
1441	jun.	27	Lopo Vasques de Castelo Branco II	Chanc. D. Afonso V, L ^o 2, fl.92v
1441	jun.	27	Lopo Vasques de Castelo Branco II	HFAC v.2, doc.53
1441	jun.	27	Lopo Vasques de Castelo Branco II	Chanc. D. Afonso V L ^o 2, fls.85v-86
1441	jun.	28	Lopo Vasques de Castelo Branco II	Chanc. D. Afonso V, L ^o 2, fl.92v
1441	jun.	28	Lopo Vasques de Castelo Branco II	Chanc. D. Afonso V, L ^o 2, fl.86
1441	jun.	28	Lopo Vasques de Castelo Branco II	HFAC v.2, doc.57
1441	nov.	9	Lopo Vasques de Castelo Branco II	Chanc. D. Afonso V, L ^o 2, fl.48
1441	nov.	18	Lopo Vasques de Castelo Branco II	Chanc. D. Afonso V, L ^o 2, fl.53v
1441	nov.	20	Lopo Vasques de Castelo Branco II	Chanc. D. Afonso V, L ^o 2, fl.64v

1441	nov.	20	Lopo Vasques de Castelo Branco II	Chanc. D. Afonso V, L ^o 2, fl.53v
1441	nov.	22	Lopo Vasques de Castelo Branco II	Chanc. D. Afonso V, L ^o 37, fl.129v
1441	dez.	1	Lopo Vasques de Castelo Branco II	Chanc. D. Afonso V, L ^o 2, fl.65
1442	fev.	25	Lopo Vasques de Castelo Branco II	Chanc. D. Afonso V, L ^o 23, fl.56v
1442	mar.	26	Lopo Vasques de Castelo Branco II	Chanc. D. Afonso V, L ^o 23, fl.56v
1442	mai.	8	Lopo Vasques de Castelo Branco II	Chanc. D. Afonso V, L ^o 35, fl.102v
1442	jun.	11	Lopo Vasques de Castelo Branco II	Chanc. D. Afonso V, L ^o 37, fl.63v
1442	set.	26	Lopo Vasques de Castelo Branco II	Chanc. D. Afonso V, L ^o 23, fl.115v
1442	out.	1	Lopo Vasques de Castelo Branco II	Chanc. D. Afonso V, L ^o 23, fl.115v
1442	nov.	8	Lopo Vasques de Castelo Branco II	Chanc. D. Afonso V, L ^o 23, fl.97
1442	nov.	8	Lopo Vasques de Castelo Branco II	Chanc. D. Afonso V, L ^o 23, fl.97
1442	nov.	8	Lopo Vasques de Castelo Branco II	Chanc. D. Afonso V, L ^o 23, fl.48
1442	nov.	12	Lopo Vasques de Castelo Branco II	Chanc. D. Afonso V, L ^o 27, fls.80-80v
1443	fev.	12	Lopo Vasques de Castelo Branco II	HFAC v.1, doc.114
1443	ago.	15	Lopo Vasques de Castelo Branco II	HFAC v.1, doc.120
1443	out.	20	Lopo Vasques de Castelo Branco II	Chanc. D. Afonso V, L ^o 27, fl.149v
1443	out.	23	Lopo Vasques de Castelo Branco II	Chanc. D. Afonso V, L ^o 35, fls.24-24v

1443	nov.	2	Lopo Vasques de Castelo Branco II	Chanc. D. Afonso V, L ^o 24, fls.12-12v
1443	dez.	31	Lopo Vasques de Castelo Branco II	Chanc. D. Afonso V, L.º 27, fls. 22-22v
1444	mar.	21	Lopo Vasques de Castelo Branco II	Chanc. D. Afonso V, L ^o 24, fl.28
1444	mar.	24	Lopo Vasques de Castelo Branco II	Chanc. D. Afonso V, L ^o 24, fl.28
1444	mai.	10	Lopo Vasques de Castelo Branco II	Chanc. D. Afonso V, L ^o 24, fl.63v
1444	mai.	27	Lopo Vasques de Castelo Branco II	Chanc. D. Afonso V, L ^o 24, fl.69v
1444	jun.	29	Lopo Vasques de Castelo Branco II	Chanc. D. Afonso V, L ^o 25, fl.91
1444	jul.	22	Lopo Vasques de Castelo Branco II	HFAC v.2, doc.134
1444	out.	3	Lopo Vasques de Castelo Branco II	Chanc. D. Afonso V, L ^o 25, fl.15
1444	out.	8	Lopo Vasques de Castelo Branco II	Chanc. D. Afonso V, L ^o 24, fl.99
1445	mai.	3	Lopo Vasques de Castelo Branco II	Chanc. D. Afonso V, L ^o 25, fl.80v
1445	mai.	10	Lopo Vasques de Castelo Branco II	Chanc. D. Afonso V, L ^o 25, fl.64
1445	ago.	12	Lopo Vasques de Castelo Branco II	Chanc. D. Afonso V, L ^o 25, fl.35v
1445	set.	27	Lopo Vasques de Castelo Branco II	Chanc. D. Afonso V, L ^o 25, fl.40v
1445	set.	28	Lopo Vasques de Castelo Branco II	Chanc. D. Afonso V, L ^o 25, fl.40v
1446	jul.	20	Lopo Vasques de Castelo Branco II	HFAC v.2, doc.145
1449	jun.	26	Gonçalo Vasques de Castelo Branco II	Chanc. D. Afonso V, L ^o 11, fl.44v

1450	jan.	14	Gonçalo Vasques de Castelo Branco II	Chanc. D. Afonso V, L ^o 34, fl.2
1450	jan.	14	Gonçalo Vasques de Castelo Branco II	Chanc. D. Afonso V, L ^o 34, fl.2
1450	jan.	14	Gonçalo Vasques de Castelo Branco II	Chanc. D. Afonso V, L ^o 34, fl.2
1450	mar.	6	Gonçalo Vasques de Castelo Branco II	Chanc. D. Afonso V, L ^o 11, fl.148v
1450	abr.	4	Gonçalo Vasques de Castelo Branco II	Chanc. D. Afonso V, L ^o 34, fl.137
1450	jun.	14	Gonçalo Vasques de Castelo Branco II	Chanc. D. Afonso V, L ^o 34, fl.132v
1450	jun.	16	Gonçalo Vasques de Castelo Branco II	Chanc. D. Afonso V, L ^o 34, fl.136v
1450	jun.	16	Gonçalo Vasques de Castelo Branco II	Chanc. D. Afonso V, L ^o 34, fl.136v
1450	jul.	13	Gonçalo Vasques de Castelo Branco II	Chanc. D. Afonso V, L ^o 34, fl.118v
1450	jul.	14	Gonçalo Vasques de Castelo Branco II	Chanc. D. Afonso V, L ^o 34, fl.119
1450	set.	19	Gonçalo Vasques de Castelo Branco II	Chanc. D. Afonso V, L ^o 34, fl.155v
1450	set.	21	Gonçalo Vasques de Castelo Branco II	Chanc. D. Afonso V, L ^o 34, fl.155v
1450	set.	21	Gonçalo Vasques de Castelo Branco II	Chanc. D. Afonso V, L ^o 34, fl.155v
1450	set.	21	Gonçalo Vasques de Castelo Branco II	Chanc. D. Afonso V, L ^o 34, fl.155v.
1450	set.	22	Gonçalo Vasques de Castelo Branco II	Chanc. D. Afonso V, L ^o 34, fl.198
1450	set.	30	Gonçalo Vasques de Castelo Branco II	Chanc. D. Afonso V, L ^o 34, fl.178

1450	out.	6	Gonçalo Vasques de Castelo Branco II	Chanc. D. Afonso V, L ^o 34, fl.163
1450	out.	27	Gonçalo Vasques de Castelo Branco II	Chanc. D. Afonso V, L ^o 34, fl.196v
1450	nov.	12	Gonçalo Vasques de Castelo Branco II	Chanc. D. Afonso V, L ^o 34, fl.184v
1450	nov.	30	Gonçalo Vasques de Castelo Branco II	Chanc. D. Afonso V, L ^o 4, fl.41v
1450	dez.	13	Gonçalo Vasques de Castelo Branco II	Chanc. D. Afonso V, L ^o 34, fl.190v
1450	dez.	15	Gonçalo Vasques de Castelo Branco II	Chanc. D. Afonso V, L ^o 34, fl.191v
1450	dez.	30	Gonçalo Vasques de Castelo Branco II	Chanc. D. Afonso V, L ^o 11, fl.79v
1451	jan.	8	Gonçalo Vasques de Castelo Branco II	Chanc. D. Afonso V, L ^o 31, fl.72
1451	abr.	8	Gonçalo Vasques de Castelo Branco II	Chanc. D. Afonso V, L ^o 11, fl.63
1451	mai.	24	João Vasques de Castelo Branco (?) provavelmente João Soares de Castelo Branco	HFAC v.2, doc.259
1451	jun.	20	Gonçalo Vasques de Castelo Branco II	Chanc. D. Afonso V, L ^o 37, fl.17
1451	jul.	6	Gonçalo Vasques de Castelo Branco II	Chanc. D. Afonso V, L ^o 11, fl.87
1452	abr.	14	Gonçalo Vasques de Castelo Branco II	Chanc. D. Afonso V, L ^o 12, fl.35v
1452	jul.	22	Diogo Vasques de Castelo Branco (?) erro de transcrição, Gonçalo Vasques de Castelo Branco II	HFAC v.2, doc.297
1452	set.	15	Gonçalo Vasques de Castelo Branco II	Chanc. D. Afonso V, L ^o 12, fl.105v

1452	out.	1	Gonçalo Vasques de Castelo Branco II	Chanc. D. Afonso V, L°12, fl.109v
1452	out.	1	Gonçalo Vasques de Castelo Branco II	Chanc. D. Afonso V, L°12, fl.109v
1452	out.	2	Gonçalo Vasques de Castelo Branco II	Chanc. D. Afonso V, L°12, fl.113
1452	out.	2	Gonçalo Vasques de Castelo Branco II	Chanc. D. Afonso V, L°12, fl.113
1452	out.	2	Gonçalo Vasques de Castelo Branco II	Chanc. D. Afonso V, L°12, fl.113
1452	out.	2	Gonçalo Vasques de Castelo Branco II	Chanc. D. Afonso V, L°12, fl.113
1452	out.	2	Gonçalo Vasques de Castelo Branco II	Chanc. D. Afonso V, L°12, fl.113
1452	out.	2	Gonçalo Vasques de Castelo Branco II	Chanc. D. Afonso V, L°12, fl.113
1452	out.	2	Gonçalo Vasques de Castelo Branco II	Chanc. D. Afonso V, L°12, fl.113
1452	out.	2	Gonçalo Vasques de Castelo Branco II	Chanc. D. Afonso V, L°12, fl.113
1452	out.	2	Gonçalo Vasques de Castelo Branco II	Chanc. D. Afonso V, L°12, fl.113
1452	out.	2	Gonçalo Vasques de Castelo Branco II	Chanc. D. Afonso V, L°12, fl.113
1452	out.	3	Gonçalo Vasques de Castelo Branco II	Chanc. D. Afonso V, L°12, fl.113
1452	out.	3	Gonçalo Vasques de Castelo Branco II	Chanc. D. Afonso V, L°12, fl.113
1452	out.	6	Gonçalo Vasques de Castelo Branco II	HFAC v.2, doc.312
1452	out.	15	Gonçalo Vasques de Castelo Branco II	Chanc. D. Afonso V, L°12, fl.113
1452	out.	15	Gonçalo Vasques de Castelo Branco II	Chanc. D. Afonso V, L°12, fl.113

1452	out.	16	Gonçalo Vasques de Castelo Branco II	Chanc. D. Afonso V, L°12, fl.113
1452	out.	16	Gonçalo Vasques de Castelo Branco II	Chanc. D. Afonso V, L°12, fl.115v
1452	out.	16	Gonçalo Vasques de Castelo Branco II	Chanc. D. Afonso V, L°12, fl.113
1452	out.	16	Gonçalo Vasques de Castelo Branco II	Chanc. D. Afonso V, L°12, fl.113
1452	out.	18	Gonçalo Vasques de Castelo Branco II	Chanc. D. Afonso V, L°12, fl.115v
1452	dez.	9	Gonçalo Vasques de Castelo Branco II	Chanc. D. Afonso V, L°12, fl.125
1452	-	-	Gonçalo Vasques de Castelo Branco II	Chanc. D. Afonso V, L°12, fl.125v
1452	-	-	Gonçalo Vasques de Castelo Branco II	Chanc. D. Afonso V, L°12, fl.115
1452	-	-	Gonçalo Vasques de Castelo Branco II	Chanc. D. Afonso V, L°12, fl.114v
1453	mar.	3	Gonçalo Vasques de Castelo Branco II	HFAC v.2, doc.324
1453	mar.	3	Gonçalo Vasques de Castelo Branco II	Chanc. D. Afonso V, L°3, fl.68
1453	set.	8	Gonçalo Vasques de Castelo Branco II	HFAC v.2, doc.329
1453	out.	8	Gonçalo Vasques de Castelo Branco II	HFAC v.2, doc.330
1453	out.	8	Gonçalo Vasques de Castelo Branco II	Chanc. D. Afonso V, L°4, fl.40v
1453	out.	12	Gonçalo Vasques de Castelo Branco II	Chanc. D. Afonso V, L°4, fl.35
1453	out.	15	Gonçalo Vasques de Castelo Branco II	Chanc. D. Afonso V, L°4, fl.37

1453	dez.	18	Gonçalo Vasques de Castelo Branco II	HFAC v.2, doc.335
1453	dez.	19	Gonçalo Vasques de Castelo Branco II	HFAC v.2, doc.336
1454	mar.	3	Gonçalo Vasques de Castelo Branco II	Chanc. D. Afonso V, L°15, fl.16
1454	jun.	14	Gonçalo Vasques de Castelo Branco II	HFAC v.2, doc.340
1454	jun.	25	Gonçalo Vasques de Castelo Branco II	HFAC v.2, doc.341
1454	ago.	19	Gonçalo Vasques de Castelo Branco II	Chanc. D. Afonso V, L°15, fl.52v
1454	out.	12	Gonçalo Vasques de Castelo Branco II	Chanc. D. Afonso V, L°10, fl.107v
1455	jan.	1?	Gonçalo Vasques de Castelo Branco II	Chanc. D. Afonso V, L°15, fl.1
1455	fev.	6	Gonçalo Vasques de Castelo Branco II	Chanc. D. Afonso V, L°15, fl.6
1455	fev.	6	Gonçalo Vasques de Castelo Branco II	Chanc. D. Afonso V, L°15, fl.6v
1455	mar.	9	Gonçalo Vasques de Castelo Branco II	Chanc. D. Afonso V, L°13, fl.172
1455	mai.	28	Gonçalo Vasques de Castelo Branco II	Chanc. D. Afonso V, L°15, fl.149
1455	jun.	19	Gonçalo Vasques de Castelo Branco II	Chanc. D. Afonso V, L°15, fl.53v
1455	jul.	10	Gonçalo Vasques de Castelo Branco II	Chanc. D. Afonso V, L°15, fl.65
1456	jan.	3	Gonçalo Vasques de Castelo Branco II	Chanc. D. Afonso V, L°15, fl.122
1456	jan.	3	Gonçalo Vasques de Castelo Branco II	Chanc. D. Afonso V, L°15, fl.122

1456	fev.	6	Gonçalo Vasques de Castelo Branco II	Chanc. D. Afonso V, L°15, fl.117
1456	fev.	6	Gonçalo Vasques de Castelo Branco II	Chanc: D. Afonso V, L°15, fl.117
1456	fev.	6	Gonçalo Vasques de Castelo Branco II	Chanc. D. Afonso V, L°15, fl.117
1456	fev.	6	Gonçalo Vasques de Castelo Branco II	Chanc. D. Afonso V, L°15, fl.117
1456	fev.	6	Gonçalo Vasques de Castelo Branco II	Chanc. D. Afonso V, L°15, fl.117
1456	fev.	6	Gonçalo Vasques de Castelo Branco II	HFAC v.2, doc.366
1456	mai.	20	Gonçalo Vasques de Castelo Branco II	Chanc. D. Afonso V, L°13, fl.150v
1456	jun.	21	Gonçalo Vasques de Castelo Branco II	Chanc. D. Afonso V, L°13, fl.112v
1456	jun.	21	Gonçalo Vasques de Castelo Branco II	Chanc. D. Afonso V, L°13, fl.112v
1456	set.	20	Gonçalo Vasques de Castelo Branco II	HFAC v.1, doc.372
1456	set.	29	Gonçalo Vasques de Castelo Branco II	Chanc. D. Afonso V, L°13, fl.32
1458	mar.	8	Gonçalo Vasques de Castelo Branco II	Chanc. D. Afonso V, L°36, fl.105v
1458	mar.	16	Gonçalo Vasques de Castelo Branco II	Chanc. D. Afonso V, L°37, fl.110
1458	ago.	9	Gonçalo Vasques de Castelo Branco II	Chanc. D. Afonso V, L°36, fl.89v
1458	ago.	16	Gonçalo Vasques de Castelo Branco II	Chanc. D. Afonso V, L°1, fl.124
1458			Gonçalo Vasques de Castelo Branco II	Chanc. D. Afonso V, L°36, fl.89v

1459	abr.	26	Gonçalo Vasques de Castelo Branco II	Chanc. D. Afonso V, L°36, fl.112v
1462	ago.	10	Gonçalo Vasques de Castelo Branco II	HFAC v.2, doc.419
1462	ago.	11	Gonçalo Vasques de Castelo Branco II	HFAC v.2, doc.420
1462	set.	10	Lopo Vasques de Castelo Branco II	HFAC v.2, doc.423
1462	nov.	27	Lopo Vasques de Castelo Branco II	HFAC v.2, doc.434
1463	jun.	9	Lopo Vasques de Castelo Branco II	Chanc. D. Afonso V, L°9, fl.115
1464	fev.	17	Lopo Vasques de Castelo Branco II	Chanc. D. Afonso V, L°8, fl.173
1464	ago.	16	Lopo Vasques de Castelo Branco II	Chanc. D. Afonso V L°8, fl.91
1464	ago.	23	Lopo Vasques de Castelo Branco II	Chanc. D. Afonso V, L°8, fl.91
1464	set.	21	Lopo Vasques de Castelo Branco II	Chanc. D. Afonso V, L°8, fl.19
1464	set.	26	Lopo Vasques de Castelo Branco II	Chanc. D. Afonso V, L°8, fl.59v
1464	set.	26	Lopo Vasques de Castelo Branco II	HFAC v.2, doc.446
1464	set.	27	Lopo Vasques de Castelo Branco II	HFAC v.2, doc.447
1464	set.	28	Lopo Vasques de Castelo Branco II	Chanc. D. Afonso V, L°8, fl.168v
1464	out.	1	Lopo Vasques de Castelo Branco II	Chanc. D. Afonso V, L°8, fl.62v
1464	out.	3	Lopo Vasques de Castelo Branco II	Chanc. D. Afonso V, L°8, fl.62v
1464	nov.	5	Lopo Vaz de Azevedo	Chanc. D. Afonso V, L°8, fl.180
1466	mar.	1	Rui Gomes de Azevedo	HFAC v.2, doc.459
1466	dez.	27	Lopo Vasques de Castelo Branco II	HFAC v.1, doc.476

1466	dez.	27	Lopo Vasques de Castelo Branco II	Chanc. D. Afonso V, L°14, fl.54v
1466	dez.	27	Lopo Vasques de Castelo Branco II	Chanc. D. Afonso V, L°14, fl.54v
1468	mar.	8	Rui Gomes de Azevedo	Chanc. D. Afonso V, L°28, fl.6v
1468	jun.	20	Lopo Vasques de Castelo Branco II	Chanc. D. Afonso V, L°28, fl.59
1468	jul.	11	Gonçalo Vasques de Castelo Branco II	Chanc. D. Afonso V, L°28, fl.61v
1468	out.	11	Diogo Fernandes de Almeida	Chanc. D. Afonso V, L°31, fl.46v
1469	abr.	11	Lopo Vaz de Azevedo	Chanc. D. Afonso V, L°28, fl.99
1469	abr.	13	Lopo Vaz de Azevedo	Chanc. D. Afonso V, L°31, fl.37
1469	abr.	13	Lopo Vaz de Azevedo	Chanc. D. Afonso V, L°31, fl.37
1470	jul.	11	Gonçalo Vasques de Castelo Branco II	Chanc. D. Afonso V, L°22, fl.3
1471	mar.	29	João Soares de Castelo Branco	Chanc. D. Afonso V, L°16, fl.59v
1471	abr.	3	João Soares de Castelo Branco	Chanc. D. Afonso V, L°16, fl.80
1471	abr.	3	João Soares de Castelo Branco	Chanc. D. Afonso V, L°16, fl.80
1471	abr.	29	João Soares de Castelo Branco	Chanc. D. Afonso V, L°16, fl.97v
1472	jun.	15	Rui Besteiro	Chanc. D. Afonso V, L°29, fl.75v
1472	jul.	12	Rui Besteiro	Chanc. D. Afonso V, L°29, fl.109v

1472	jul.	12	Rui Besteiro	Chanc. D. Afonso V, L°29, fl.109v
1472	jul.	12	Rui Besteiro	Chanc. D. Afonso V, L°29, fl.109v
1480	jul.	12	Martim Vasques de Castelo Branco II	Chanc. D. Afonso V, L°32, fl.106v

Quadro A17 – Tempo no exercício de funções (monteiros menores)

Duração	Nº de monteiros	Valor percentual	ID's
até 5 anos	9	14%	73; 695; 560; 571; 215; 323; 193; 473; 258.
5 - 10 anos	13	20%	540; 300; 486; 86; 321; 107; 189; 158; 596; 68; 645; 471; 472.
10 - 20 anos	16	24%	524; 98; 81; 455; 187; 202; 316; 319; 324; 37; 179; 48; 198; 554; 556; 282.
20 - 30 anos	21	32%	454; 199; 492; 207; 525; 166; 447; 450; 526; 441; 82; 184; 185; 260; 264; 528; 78; 468; 594; 205; 312.
30 - 40 anos	6	9%	542; 233; 182; 349; 449; 546.
+ de 40 anos	1	2%	44.
total	66	≈ 100%	

Quadro A18 – Lista de topónimos dos espaços coutados na montaria de Alcobaça-Leiria

Topónimo do espaço coutado	Data da 1ª referência encontrada (no contexto da montaria)
Alagoa das Toradas	19/06/1455
Algazira	19/06/1455
Bespeiro	19/06/1455
Bouça de Agodim/Bouça	30/06/1441
Cabeça Alta	12/07/1472
Cabeça das Rosas	12/07/1472
Carnide	15/12/1441
Carvalhal de Turquel	15/01/1473
Colmeias	13/08/1441
Fonte Cova	20/11/1450
Fornha (Fórnea?)	27/10/1467
Galeotas	16/09/1441
Lapedo	28/06/1441
Linhares da Cabeça do Moinho da Mata	09/09/1440
Loba	15/12/1441
Maiorga	16/04/1442
Marassa/Rassa	12/11/1450
Mata da Ruiva	03/11/1444
Mata das Fontes	08/10/1444
Mata das Porcas	26/06/1441
Mata do Pico	14/04/1471
Mata Gorda	16/09/1441
Mata Longa	24/08/1440

matas de Alcobaça	10/05/1445
Molhadoiro dos Carvalhais	28/06/1441
Monte Redondo	20/11/1450
Morzeleira	27/06/1441
Mouta do Brejo das Sovereiras	28/06/1441
Paul da Ortigosa	28/06/1441
Paul da Pedra	17/10/1442
Paul do Toro	1441
Paul do Valado	16/04/1442
Pendom	19/06/1455
Pereiras	16/09/1441
Pomares	13/08/1441
Pontas	13/08/1441
Portas da Alagoa	28/06/1441
Porto do Mouro	12/07/1472
Redemuinhos	19/10/1441
Rego Travesso	03/05/1441
Ribeira de Carnide	15/12/1441
Torre das Colmeias	19/10/1441
Ulmar	23/06/1441
Urqueira	22/01/1378
Valbom	21/06/1456
Vale da Figueira	09/09/1440
Vale de Ulmar	12/07/1472
Valverde	23/06/1441

Quadro A19 – Lista de topónimos dos espaços coutados na montaria de Benavente-Palmela-Setúbal

Topónimo do espaço coutado	Data da 1ª referência encontrada (no contexto da montaria)
Almilão	06/10/1450
Angra de Motrena/Motrena	02/06/1439
Apostiça	14/06/1454
Arontela	14/07/1450
Barris	02/06/1439
Caeira	07/10/1451
Cerveiras	10/03/1453
Chacoteca	10/03/1453
Chamouta da Xoreiba	10/03/1453
Eira da Marrara	05/12/1451
Formiga	26/04/1469
Lançada	07/10/1451
Lavoiras	10/03/1453
Lezíria da Praia dos Cachões	08/01/1451
Lezíria das Bolas	20/06/1451
Lezíria do Cabo	20/05/1442
Maracal	10/03/1453
Mata de Alverca	27/05/1443
Mata d'El Rei	20/09/1456
Matas da Torre	06/10/1450
matas do concelho (Setúbal)	29/05/1439
Pai Real	10/03/1453
Pêgo do Corvo	06/10/1450

Redonda	02/06/1439
Ribeira de Coina-a-Velha	06/10/1450
São Luís/ Serra de São Luís	02/06/1439
Soveral	06/10/1450

Quadro A20 – Lista de topónimos dos espaços coutados na montaria do Botão

Topónimo do espaço coutado	Data da 1ª referência encontrada (no contexto da montaria)
Botão	01/04/1280
Brasfemes	25/09/1441
Lagares	20/08/1489

Quadro A21 – Lista de topónimos dos espaços coutados na montaria de Montemor-o-Novo

Topónimo do espaço coutado	Data da 1ª referência encontrada (no contexto da montaria)
Afonso das Vacas	18/05/1439
Águas Belas	21/10/1450
Amoreira	03/01/1456
Azambujeira (termo de Cabrela)	08/05/1444
Cabeça da Gesteira	08/03/1455
Cabeça das Pereiras	13/05/1442
Cabeça de Sina	28/11/1450
Cabril de S. Miguel	04/08/1450
Cabril do Coitado	16/10/1450
Canical	30/05/1450
Caniceira	25/10/1450
Carvalhal	08/03/1455
Castelo Velho	15/06/1443
Cavaleiro	28/03/1442
Chapelar	14/05/1459
Charneca	17/09/1466
Coles	04/08/1450
Colmeiro	18/05/1439
Cuncos	08/03/1455
Estebeira del Rei	02/11/1450
Lavar	17/09/1466
Mata da Ordem de Avis (em Almuro)	13/10/1450
Mata do Cavaleiro	18/01/1445

Mata Lobos	26/08/1440
Melreu	16/10/1450
Montalvo	14/10/1450
Mora	02/02/1456
Moutas de Pedrogão	17/09/1466
Pereiras	28/03/1442
Portaleiro	15/06/1443
Regelho/Reselo	28/02/1442
Ribeira de Erra	13/04/1469
Ribeira do Divor	30/07/1440
Taipas	03/03/1443
Urra/Erra	02/02/1456
Vale de Cabeças	18/12/1449

Quadro A22 – Lista de topónimos dos espaços coutados na montaria de Montemor-o-Velho

Topónimo do espaço coutado	Data da 1ª referência encontrada (no contexto da montaria)
Abobodeira	10/01/1450
Aceição	31/08/1441
Ameal	31/05/1451
Anobra	31/05/1451
Azambujeira	10/01/1450
Azenha	27/09/1445
Bispo	16/06/1450
Botelho	16/06/1450
Brunhós	16/06/1450
Cana	09/11/1441
Cantanhede / Ribeira de Cantanhede	04/01/1450
Carnide	16/06/1450
Carvalhal	02/03/1450
Ceiço	17/06/1450
Conha	08/01/1450
Ejo	10/01/1450
Feixe	16/09/1441
Fervença	04/01/1450
Freixiosa	16/06/1450
Lanedrosa	17/06/1450
Leça (Liceia?)	10/01/1450
Liceia	10/01/1450
Madriça	16/06/1450

Marca?	08/10/1453
Mariscote	16/06/1450
Mata do Boi	18/06/1450
Mata dos Penedos	10/04/1470
Moinhos	17/06/1450
Mouta do Boi	11/04/1470
Ochã	16/10/1441
Pai Majam	31/05/1451
Penedos do Bispo	27/09/1445
Porto Godinho	09/01/1450
Quiaios	16/06/1450
Rego do Brulho	08/01/1450
Ribeira de Carnide	07/11/1441
Ribeira de Livra	16/06/1450
Rio de Lobos	07/06/1439
Salgueira	31/08/1441
São Bento	17/06/1450
São Lourenço	16/09/1441
Tiçã/Chiçã	16/06/1450

Quadro A23 – Lista de topónimos dos espaços coutados na montaria de Óbidos

Topónimo do espaço coutado	Data da 1ª referência encontrada (no contexto da montaria)
Ameal	12/07/1472
Amoreira	23/10/1434
Arada	22/09/1450
Aspera	12/07/1472
Avenal	23/10/1434
Codeseira	12/07/1472
Delgada	23/10/1434
Formigal	11/06/1441
Mata Velha	23/10/1434
Mouta Longa	23/10/1434
Navalhas	27/06/1441
Olho Marinho	22/09/1450
Ribeira do Soveral	22/09/1450
Tracalaia	17/02/1474
Vale Benfeito	23/10/1434
Vale da Água	12/07/1472
Vale da Pereira	12/07/1472
Vale da Sorveira	12/07/1472
Vale das Águas Vermelhas	12/07/1472

Quadro A24 – Lista de topónimos dos espaços coutados na montaria da Ota

Topónimo do espaço coutado	Data da 1ª referência encontrada (no contexto da montaria)
Furadoiro	07/04/1466
Ota	14/10/1444
Vidigueira	07/04/1466

Quadro A25 – Lista de topónimos dos espaços coutados na montaria de Penela

Topónimo do espaço coutado	Data da 1ª referência encontrada (no contexto da montaria)
Alborrol	10/04/1451
Carvalhais	06/06/1451
Miranda	08/10/1453
Pedra da Ferida	04/06/1451
Pedro Moço	05/06/1451
Pessegueiro	06/06/1451
Riba Cabrela	04/06/1451
Ribeiro de São Gens/ <i>Gimiz</i>	04/06/1451

Quadro A26 – Lista de topónimos dos espaços coutados na montaria de Santarém

Topónimo do espaço coutado	Data da 1ª referência encontrada (no contexto da montaria)
Alfanzira	03/03/1453
Boquilobo	03/05/1445
Cimalhas da Brancalha	12/02/1443
Couceira	11/11/1465
Cuinhal	12/02/1443
Fonte Alviela	11/11/1465
Freixial	20/07/1446
Fundalva	08/03/1458
Fungalvaz	25/02/1442
Longomel	03/03/1453
Maria Ouriz	24/01/1444
Mofrolido	03/05/1445
<i>Orta de Porraes</i>	18/08/1440
Paul da Atela/Atela	22/11/1441
Paul de Caçaria	01/03/1445
Paul de Magos	13/02/1471
Paul de Mata Quatro	04/04/1450
Paul de <i>Sanhoane/Sanhoane</i>	22/11/1441
Ponte do Calhariz	15/04/1464
Porto de Remelado	31/12/1443
Ribeira de Calhariz	01/03/1445
Ribeira de Muge	10/08/1440
Ribeira de Ulme	22/11/1441

Ribeira de Viuvães	12/02/1443
Ribeira do Souto	12/02/1443
Rio de Moinhos	12/02/1443
São Vicente	22/11/1441
Tancos	12/02/1443
Vale da Amoreira	12/02/1443
Vale de Soeiro Tição	27/05/1444
Valverde	22/11/1441
vinhas de Valada	04/04/1450

Quadro A27 – Lista de topónimos dos espaços coutados na montaria de Sintra

Topónimo do espaço coutado	Data da 1ª referência encontrada (no contexto da montaria)
Barrocas	19/09/1450
Buça	19/09/1450
Foz do Touro	02/06/1439
Loures	05/08/1439
Mestre de Cristo	20/06/1439
Pera Longa	02/06/1439
Rainha	20/06/1439
Serra	20/06/1439
Serra de Caneças	31/07/1471
Vale de Lobos	31/07/1471

Quadro A28 – Lista de topónimos dos espaços coutados na montaria da Terra de Santa Maria

Topónimo do espaço coutado	Data da 1ª referência encontrada (no contexto da montaria)
Adães	08/10/1441
Arriba	29/09/1441
Canal	21/09/1450
Carregal	30/03/1450
Cebolelos	29/09/1441
Demande	29/09/1441
Eixo	27/05/1451
Ermida	21/11/1450
Espadanheira	30/03/1450
Espargo/ Espargo e Sá	08/07/1377
Felgueira do Campo de Asno	12/08/1445
Fontão	25/04/1450
Frossos	21/09/1450
Gontemil	29/03/1450
Macieira	20/09/1441
Malsabula	30/03/1450
Mata de Longa	30/03/1450
matas da Terra de Santa Maria	30/03/1450
Molembra	19/12/1453
Parada	30/03/1450
Paradela	13/12/1450
Pé de Frade	10/08/1462
Perrães	24/04/1442

Ponte da Azurva	10/08/1462
Ribeira	29/09/1441
Soutelo	28/10/1459
Taboeira	11/08/1462
Valverde	28/10/1459
Vila Nova	10/08/1462

Quadro A29 – Lista de topónimos dos espaços coutados de montaria incerta

Topónimo do espaço coutado	Data da 1ª referência encontrada (no contexto da montaria)
Prestaviva	13/01/1450
Rio de Ossos	29/03/1450

Anexo 3 – *Corpus Documental*

Nas transcrições paleográficas que se seguem, atende-se, grosso modo, aos critérios de transcrição propostos por Avelino de Jesus da Costa, (COSTA, Avelino de Jesus da, *Normas Gerais de Transcrição e Publicação de Documentos e Textos Medievais e Modernos*, 3.^a ed., Coimbra, Instituto de Paleografia e Diplomática, 1993.) Enumeram-se os critérios fundamentais que foram seguidos:

1. Desdobraram-se as abreviaturas sem sublinhar as letras que lhes correspondem. As abreviaturas com mais de um valor desabreviaram-se conforme o contexto o requeria;
2. Foram atualizadas as maiúsculas e minúsculas;
3. Atualizaram-se os i, y e j, ou u e v, conforme tinham valor de vogal ou consoante;
4. Ignoraram-se os sinais de pontuação colocados no texto, mas inseriu-se alguma pontuação para tornar os documentos mais compreensíveis;
5. Os erros existentes nos documentos, que dificultam o sentido dos mesmos, foram corrigidos. Porém, em casos em que se justifica, mantiveram-se os erros, mas assinalando-os com [sic], para não induzir o leitor em erro;
6. As omissões do texto ou reconstituições de formas textuais incompletas, foram identificadas entre parêntesis retos;
7. As partes truncadas ou ilegíveis dos documentos, sempre que possível, completaram-se por outras fontes ou formulações similares entre parêntesis retos;
8. As letras, palavras ou frases entrelinhadas colocaram-se entre parêntesis angulosos < >;
9. Separaram-se as palavras incorretamente juntas e uniram-se os elementos dispersos da mesma palavra. As proclíticas e as palavras aglutinadas separaram-se por apóstrofe, exceto quando podiam considerar-se um só vocábulo;
10. Mantiveram-se as consoantes duplas em posição intervocálica, mas reduziram-se a simples quando no início das palavras;
11. O til das abreviaturas nasais desdobrou-se em m ou n segundo o critério seguido pelo texto, quando essas palavras estavam desabreviadas;
12. Manteve-se a forma como os numerais aparecem nos documentos.

Documento 1

1439, junho, 7, Almada – *Carta de nomeação de Fernando Anes (ID 296), morador em Tentúgal, para o cargo de monteiro e guardador da mata de Rio de Lobos em substituição de João Lourenço (ID 297), seu pai.*

TT, Chanc. D. Afonso V, L.º 26 , fl. 163.⁶⁷⁵

Dom Afonso etc. A vos juizes de Tentugal e a todolos corregedores e juizes e justiças e alcaides e meirinhos dos nossos Regnos e a outros quaeesquer ofiçiaes a que desto o conhocimento pertencer per qualquer guisa guisa [sic] que seja a que esta carta for mostrada saude. Sabede que Fernand’eanes morador em o dicto logo nos dise que Joham Lourenço seu padre era nosso monteiro e guardador da nossa mata de Ryo de Lobos dessa comarca era velho e de hidade que nom ja podia servir a dicta montaria e que era apousentado e pidionos por merçe o dicto Fernand’eanes por merçe que o fezesemos nosso monteiro e guardador da dicta mata em logo e vaga do dicto seu padre e nos veendo o que nos asi dizia e pidia e querendo lhe fazer graça e merçe teemos por bem e damollo hi por nosso monteiro e guardador da dicta mata em logo e vaga do dicto Joham Lourenço seu padre [por]quanto fomos çerto per Nuno Vaaz [de] Castel Branco nosso monteiro moor que o dicto Fernand’eanes era ydonyo [e] perteençente pera ello. E porem queremos e mandamos que se elle nom andar em vintena do mar nem for besteiro do conto que nom seja pera ello costrangido per nosso almyrante nem capitam nem per outro qualquer que aja de vir e tem em forma acostumada. Dada em Almada a VII dias de junho. El’Rei o mandou per Nuno Vaasquez de Castel Branco em logo de Lopo Vaasquez seu padre. Joham a fez. Era de mil e iiiic e xxxix anos.

⁶⁷⁵ Documento inventariado em HFAC v.2, doc. 20, p. 21.

Documento 2

1440, fevereiro, 6, Lisboa – *Carta de nomeação de João Eanes (ID 441), morador no Sobral do Parelhão, para o cargo de monteiro e guardador da mata da Delgada, em substituição de João Esteves (ID 442), seu filho.*

TT, Chanc. D. Afonso V, L.º 20, fl. 135v.⁶⁷⁶

Dom Affomso etc. A vos juizes d'Obidos e a todolos corregedores juizes justiças etc. Saude. Sabede que nos querendo fazer graça e merçee a Joham Eanes morador no Soveral de Perelham termo d'Obidos o damos por nosso monteiro e guardador da nossa mata da Delgada em logo e vaga de Joham Estevez seu padre que a dicta montaria tinha e se finou deste mundo por quanto fomos certo per Gomez Anrriquez nosso monteiro moor na dicta villa e seu termo per huum estromento publico que parecia seer facto e assinado per Diego Afomso publico tabeliam pidionos o dicto Johan'eanes por mercee que o fez [sic] noso monteiro e guardador da mata da Delgada em logo e vaga do dicto Joham Estevez seu padre que antes era. E nos veendo o que asi dizia e pidia querendo lhe fazer graça e merçe. Teemos por bem e damollo por nosso monteiro e guarda da dicta mata etc. Em a susodicta forma dada em Lixboa VI de fevereiro. El'Rey o mandou per ⁶⁷⁷ Goncallo Gomez d'Azevedo fidalgo de sua casa a que ora Lopo Vaasquez de Castel Branco seu monteiro moor deu cargo ⁶⁷⁸ que por elle ouvesse d'assinar. Diego Loureço a fez anno de mil iiiic R.

⁶⁷⁶ Documento inventariado em HFAC v.2, doc. 31, p. 24.

⁶⁷⁷ Riscado: Nuno Vaasquez de Castel Branco scudeiro de sua casa.

⁶⁷⁸ Riscado: de.

Documento 3

1441, agosto, 31, Coimbra – *Carta de nomeação de João Afonso (ID 298), morador em Peras Alvas, para o cargo de monteiro e guardador das matas de Salgueira e Azeição, em substituição de Gonçalo Domingues (ID 299).*

TT, Chanc. D. Afonso V, L.º 2, fls. 72-72v.⁶⁷⁹

Dom Afonso etc. A vos juizes de Montemoor o Velho e a todos os corregedores juizes justiças alcades e moradores dos nossos Regnos e a outros quaesquer officiaes a que desto conhucimento pertecçer per qualquer guisa a que esta carta for mostrada saude. Sabede que Joham Afonso morador em Peras Alvas morador no dicto loge de Peras Alvas [sic] termo do dicto loge nos dise que Gonçalo Dominguez de Peras Alvas era noso monteiro e guardador das nosas matas da Salgueira e d'Azeiçam termo da dicta villa se finara pella qual razom as dictas nosas matas stavam sem monteiro e sem guardador e eram danificadas per mingua do dicto monteiro e pidionos o dicto Joham Afonso por mercee que o fezesemos nosso monteiro e guardador das nosas matas em loge e vaga de Gonçalo Dominguez. E nos veendo o que nos asi dizia e pidia e como as nosas matas eram danificadas per mingua de monteiro e guardador e querendo lhe fazer graça merçee teemos por bem e damolo hi por noso monteiro e guardador das nosas matas em loge e vaga do dicto Gonçalo Dominguez porquanto fomos çerto per Nuno Vaasquez de Castel Branco nosso monteiro moor que o dicto Joham Afonso he hidonio e perteençente pera ello. Porem queremos e mandamos se elle nom andar na vintena de mar nom for besteiro do conto que nom seja pera ello costringido per nosso almirante e capitam nem per outro qualquer que aja de ueer por poderio que de nos aja. Outrossy mandamos que nenhuu nom seja tam ousado asi da nosa merce como da Rainha e Ifantes nem d'outra nenhua pessoa que em caso que nos ou cada hum delles vaamos ao dicto logar onde elle morar que nom pousem com elle em suas casas de morada nem adegas o cavaliças nem lhe tomem pam nem vinho nem roupa nem palha nem lenha nem gaados nem bestas de sella nem d'albarda nem doutra nenhuua cousa do seu contra sua vontade posto que seja pera nos nem pera a dicta Rainha e Ifantes. Outrossy mandamos que nom paguem em nenhuas peitas nem fintas nem talhas nem pididos nem em serviços nem em outros emcarregos que per nos nem per ese concelho onde el morar sejam ou forem ao deante lançados per qualquer guisa que seja nem vaa com presos nem com dinheiros nem sea dado por titor nem curador de nenhuas pessoas saluo se forem lidimas nem aja outros nenhuos officios dese concelho contra sua vontade posto que seja pera ello

⁶⁷⁹ Documento inventariado em HFAC v.2, doc. 59, p. 43.

pertencente. Outrosy nom pague jugada nem oytavo de pam nem de vinho nem de linho nem d'outra nenhuua cousa que lavrar e ouver. Outrossy nom vaa a chamado de gallees nem servir per mar nem per terra a nenhuus tempos que seiam salvo com o nosso corpo avendo nos d'hir per pessoa e nom com outra nenhuua pesoa. Outrosy mandamos que nom pague em nenhuus emprestidos nem em serviços nem em aduas nem em outros nenhuus emcarregos lançados per nos nem per esse conçelho. Outrosy mandamos que nom seia nenhuu tam ousado asi meestres como priores e cavaleiros e abades e freires e outra nenhuua pesoa que colha em a dicta nosa mata madeira nenhuua nem scasque nem corte carrada de lenha nem carga da dicta llenha nem cortem paa de jorro e se cortarem que paguem por cada huua destas tres cousas a coima ao nosso monteiro moor .s. a meetade e a outra meetade pera o monteiro moor da terra e pera o que descobrir a dicta coyma .s. por carrada IIII^c reais brancos e por paa de jorro outros IIII^c reais e por carrega duzentos e que sejam repartidos pella guisa que suso dicto he salvo os moradores da dicta mata que estes posam hi cortar aquella que lhe comprir e fezer mester pera suas lavras e fazimento de suas casas sem coyma nenhuua que seia daquelles lugares que lhe ao dicto nosso monteiro moor da terra diser que he mais sem desfazimento da dicta mata. Outrosy mandamos que nom seia nenhuu tam ousado que corra perante ella monte com veado nenhuu nem metam em ella porcos nem porcas nenhuas em nenhuu tempo salvo os porcos dos moradores da cabeça da dicta mata que esses posam hi andar sem coyma nenhua E estes posam hi andar enquanto hi ouver lande e mais nom e mandamos a elle e a cada huua dos outros nosos monteiros seus parceiros que se hi acharem outros porcos das outras pesoas que os posam matar sem coyma nenhua. Outrosy mandamos que quallquer que poser fogo na dicta mata ou arredor della ou armar em ella armadilhas alguuas ou matar em ellas alguus porcos ou porcas ou bacoros ou bacoras montesas ou cervos ou cervas mandamos que pague por cada huua cabeça dos porcos e porcas e bacoros e bacoras ⁶⁸⁰ monteses dous mil reais brancos e por os ceruos ou ceruas mil reais brancos e que sejam repartidos per esta guisa a meetade pera noso monteiro moor e a outra meetade pera o monteiro moor da terra e pera os outros monteiros que os descobrirem e se alguua pesoa contra esto for mandamos a elle e aos outros nosos monteiros e seus parceiros que os prendam e os entreguem aas nosas justiças e ellas os nom soltem sem nosso mandado e se for tal pesoa que lhe queira defender mandamos a todallas nosas o vosas justiças que lhos ajudem a prender e os tenham bem presos e os nom soltem sem nosso mandado. Outrosy mandamos que se elle ouver demanda algua com outros nosos monteiros seus parceiros mandamos que o monteiro moor desa montaria que os ouça e livre como achar

⁶⁸⁰ Riscado: de.

que he direito (fl.72v) salvo se esses factos forem criminaaes. E o dicto Joham Afomso nosso monteiro tenha hua azcuma e huu sabujo pera quando nos delle cumprir serviço e se alguua pessoa contra esto for em parte ou em todo mandamos que pague VI mil soldos da moeda antiga pera nos por cada vez que ello contra esto for os quaes mandamos ao nosso almoxarife da dicta villa que os recade e regeba pera nos e ao scripvam do dicto ofiço que os ponha sobre el em recepta sob pena de os elles pagarem em dobro de suas casas. Outrosy mandamos que este nosso monteiro traga armas per todos nosos Regnos sem embargo da nosa defesa e hordenaçom que sobre ello temos facta nom achando com ellas fazendo o que nom deve. E porem mandamos a vos dictos juizes e justiças e officiaes que lhe compraes e facaaes cumprir e guardar esse nosso privilegio bem e compridamente assy e pella guisa que em ele he contheudo. Unde al nom façades. Dada em Coimbra derradeiro dia d'agosto. ElRey o mandou per Nuno Vaasquez d'Castel Branco seu monteiro moor. Joham Diaz a fez anno de iiii^c Ri.

Documento 4

1442, março, 26, Santarém – *Ementa da carta de confirmação da nomeação de Aires Vasques (ID 575), morador em Santarém, para o cargo de monteiro e guardador da mata e de paul de Sanhoane.*

TT, Chanc. D. Afonso V, L.º 23 , fl. 56v.⁶⁸¹

Item huua carta de confirmaçom d'Aires Vaasquez morador em Santarem monteiro e guardador da mata e paul de San'Hoane termo da dicta. Per que lhe confirmam e outorgam todallas honrras privilegios liberdades graças e merçees que lhe foram dados outorgados e confirmados per El'Rei Duarte etc. Segundo se contem em seu privilegio que dello tem per que o fez seu monteiro e guardador da dicta mata. Dada em Santarem xxvi de março. El'Rei o mandou per Lopo Vaasquez [sic] monteiro moor em logo de Lopo Vaasquez etc. Stevam Vaasquez a fez anno de iiiiiº Rii.

⁶⁸¹ Documento inventariado em HFAC v.2, doc. 92, p. 40.

Documento 5

1442, novembro, 8, Montemor-o-Velho – *Carta de nomeação de Martim Pires (ID 182), morador em Botão, para o cargo de monteiro e guardador das matas de Botão e Lagares, sem substituição de João Mateus (ID 183).*

TT, Chanc. D. Afonso V, L.º 23, fl. 97.⁶⁸²

Dom Afonso etc. A vos juizes da cidade de Coimbra e a todos os corregadores e juizes e justiças e alcaldes e meirinhos dos nossos Regnos a que esta carta for mostrada saude. Sabede que nos querendo fazer graça e merçe a Martim Pirez morador em Botão temos por bem e damos por nosso monteiro e guardador das nossas matas de Botão e de Lagares que som em termo da dicta cidade em loge e vaga de Joham Mateos por quanto fomos çerto per Lopo Vaasquez monteiro moor em loge de Nuno Vaasquez de Castel Branco nosso monteiro moor que he hidonio e pertencente pera ello. E porem queremos e mandamos que se elle nom anda na vintinha do mar nem for besteiro de conto que nom seja pera ello costringido per nosso almirante nem capitam nem anadel nem per outro qualquer que aja de aver per poderio que de nos aja. Outrosy mandamos que nom seja nenhuu tam ousado asy da nossa merçe como da Rainha Ifantes nem doutras nenhuas pessoas que em caaso que nos ou cada hua delas vamos ao dicto loge honde elle morar que nom pousem com ele em suas cassas de morada nem adegas nem cavaliças nem lhe tomem pam nem vinho nem roupa nem palha nem cevada nem galinhas nem gados nem bestas de sella nem d'albarda nem lenha nem outra nenhua coussa do sseu contra sua vontade posto que seja pera nos nem per a dicta Rainha nem Ifantes. Outrosy mandamos que nom pague em nenhuas peitas nem fintas nem talhas nem em pedidos nem em emprestidos nem em serviços nem em outros serviços nem em carregos que per nos nem per o concelho honde elle morar foram ou sejam lançados ao diante per qualquer guissa que seja nem vaa com pressos nem com dinheiros nem [seja] titor nem curador de huas pessoas nem aja outros nenhuos ofiços do concelho contra sua vontade posto que pera ello seja pertencente salvo se for titoria lidima. Outrosy mandamos que nom pague jugada nem oytava de pam nem de vinho nem de linho nem d'outra nenhua coussa que lavrar nem ouver. Outrosy nom vaa a chamado de gallees nem sirva per mar nem per terra a nenhuas partes que sejam salvo com o nosso corpo avendo nos d'ir per pessoa ou com meu filho e nom com outra nenhua pessoa que seja. Outrosy mandamos que nom seja nenhuu tam ousado asy freires como cavaleiros e priolles e abades nem outra nenhua pessoa que seja que em as dictas matas matem porcos nem porcas nem

⁶⁸² Documento inventariado em HFAC v.2, doc. 109, p. 45.

bacoros montesses nem ponham fogo em as dictas matas nem armem armadilhas em as dictas matas nem arredor dellas so pena de pagarem per cabeça ou por cada hua destas cousas susso estpritas douus mill reais brancos dos quaaes sejam mil pera o nosso monteiro moor e quinhentos pera o monteiro moor da terra e os quinhentos sejam per os monteiros e guardadores das dictas matas dando por douus aquel que descobrir a dicta coima. Outrosy mandamos que qualquer que cortar lenha ou madeira nas dictas matas ou escasquar mandamos que pague por paa de jorro ou per carrada iiii^c reais brancos e por carga de lenha ou de casca pague ii^c reais brancos os quaaes sejam repartidos pella guisa susa dicta salvo os moradores <das cabeças> das dictas matas que estes posam hi cortar madeira e lenha sem coima nenhuma pera suas lavoiras e correjimentos de suas cassas daquelles lugares que o dicto monteiro disser que sera mais sem danifcamento das dictas matas. Outrosy mandamos que nom seja nenhuu tam ousado que corra perdante as dictas matas monte com veado nenhuu nem matem em as dictas matas çervo nem çerva so pena de pagar por cada cabeça mil reais brancos os quaaes sejam repartidos pella guissa suso estprita. Das coimas mandamos que seja juiz o almoxarife da dicta cidade o qual mandamos que lhe faça comprimento direito. Outrosy mandamos que nom seja nenhuu tam ousado que em as dictas matas metam porcos em nenhuus tenpos salvo os porcos dos moradores das cabeças das dictas matas emquanto hy ouver lande e mais nom e mandamos a este monteiro e a cada huu dos outros monteiros e seus parçeiros que sse hy acharem porcos das outras pessoas que os matem sem coima nenhuma que seja e se algua pessoa contra esto for em parte ou em todo mandamos a elle e a cada huu dos outros monteiros seus parceiros que os prendam e o entreguem as nosas justiças [e] elles os nom soltem sem nosso mandado. Outrosy mandamos que se elle ouver algua demanda com os outros nossos monteiros seus companheiros que o monteiro moor dessa montaria os ouça e livre como achar que he direito salvo sse esses factos forem criminaaes. E o dicto monteiro tenha hua azeuma e huu sabujo pera quando nos del conprir serviço. E se algua pessoa ou pessoas contra esto forem em parte ou em todo mandamos que paguem seis mil soldos da moeda antiga pera nos por cada hua vez que contra esto for os quaaes nos mandamos ao nosso almoxarife da dicta cidade que os reça e arrecade pera nos e ao estprivam desse ofiço que os ponha sobre elle em reça so pena de os elles pagarem anbos em dobro de suas casas. E porem mandamos a vos dictos juizes e justiças e officiaes que lhe conpraees e façaees conprir e guardar bem e conpridamente este nosso privilegio asy e pella guisa que em elle he contehudo. Unde all nom façades. Dante em a villa de Montemoor o Velho viii dias do mes de novembro. El Rey o mandou per Lopo Vaasquez monteiro moor em logo de Nuno Vaasquez de Castel Branco seu monteiro moor. Vasquo Alvarez ano do Senhor Jhesu Christo de mil iiii^c e quorenta e dous annos.

Documento 6

1443, junho, 25, Moura – *Carta de aposentação de João Frade (ID 250), morador em Montemor-o-Novo, do cargo de monteiro e guardador da mata de Castelo Velho.*

TT, Chanc. D. Afonso V, L.º 27, fl. 153.⁶⁸³

Dom Afonso etc. A vos juizes de Monte Moor o Novo e a todollos juizes e justiças e alcaides e meirinhos dos nossos Regnos e a outros quaaesquer ofiçiaaes a que desto o conhuçimento pertencer per quallquer gisa que seja a que esta carta for mostrada saude. Sabede que nos querendo fazer graça e merçe a Joham Frade morador em o dicto logo fazemollo nosso monteiro aposentado com sua honrra porquanto fomos çerto per Nuno Vasquez de Castell Branco nosso monteiro moor que vio o dicto Joham Frade per pessoa velho e cego de huu olho que perdeo em sendo nosso monteiro e guardador da nossa mata de Castello Velho e he ja cansado e de hidade de satenta anos e nom pode servir a dicta montaria. E porem nos mandamos a vos dictos juizes e justiças que vejaes o dicto privilegio que de nos tem e lho conpriees e guardaes asy e pella gisa que em elle he conteudo porque nossa merçee e vontade he de lhe serem conprido e guardado o dicto privilegio asy e per a gisa que som guardados aos outros nossos monteiros que servem as dictas montarias e este monteiro aqui conteudo tenha huu sabujo pera nosso serviço posto que aposentado seja. Unde al nom façades. Dada em Moura xxv de junho. El' Rei ho mandou per Nuno Vasquez de Castell Branco seu monteiro mor. Joham Estevez a fez ano do Senhor Jhesu Christo de mil iiiic Riii anos.

⁶⁸³ Documento inventariado em HFAC v.2, doc. 117, p. 48.

Documento 7

1443, novembro, 2, Leiria – *Carta de nomeação de Álvaro Anes das Coberturas (ID 21), para o cargo de monteiro-mor e procurador das matas régias de Leiria, Porto de Mós, Ourém e Couto de Alcobaça em substituição de Lucas Anes (ID 12).*

TT, Chanc. D. Afonso V, L.º 24 , fls. 12-12v.⁶⁸⁴

Dom Afonso etc. A quantos esta carta virem fazemos saber que nos querendo fazer graça e merce Alvaro Annes das Coberturas morador em este vila d'Leirea escudeiro do Ifante Dom Pedro meu muyto prezado e amado padre e tyo nosso tetor e curador etc. Teemos por bem e damollo per nosso monteiro moor e procurador das nossas matas da dicta villa de Leirea e seu thermo e de Porto de Moos e d'Ourem e de Couto d'Alcobaça como parte com Monte Moor o Velho e com Ponball e com Torres Novas asy como parte com valles e ribeiras e com paulles como se diz contra ho mar e lhe poemos tall e tamanho mantiamiento e vestir como avia Lucas Eanes que foy monteiro moor da dicta montaria. E porem mandamos a todollos corregedores juizes justiças dos nossos Regnos e a outros quaaesquer a que esto pertencer a que esta nossa carta for mostrada que ajam ho dicto Alvaro Annes por nosso monteiro moor e a dicta [sic] montaria e outro nenhuu nom e lhe ajudem a prender os mall factores que fazem dano nas dictas matas e sejam prestes com elle quando lhe per ell da nossa parte for requerido por nosso serviço e mandamos e defendemos que nenhuu nom huse do dicto ofiçio de monteiro do dicto logo de Leirea e seu thermo nem sejam guardadores das dictas nossas matas salvo aqueles que o dicto Alvaro Annes das Coberturas disser que som idoneos e pertencentes pera ellos e estes que asy en logo pera ello venham por suas cartas que lhe dello mandaremos dar signadas per Nuno Vaasquez de Castell Branco nosso monteiro (fl.12v) moor ou per quem seu logo tiver aselladas de nosso sello pendiente. Outrosy mandamos a todollos monteiros da dicta montaria que ora som e ao diante forem que ajam ho dicto Alvaro Annes por nosso monteiro moor e outro nenhuu nom e lhe sejam obidentes e mandados a fazerem todallas coussas que lhe per elle forem requeridas por nosso serviço que pertencem ao ofiçio da montaria e nom querendo ellos asy fazer o que lhe asy per nosso serviço da nossa parte for mandado lhe damos autoridade que o dicto Alvaro Annes monteiro moor lhe possa dar por ello aquellas penas que mereçerem sem outra alçada. Outrosy mandamos que se antre os dictos monteiros ouver demanda algua que o dicto Alvaro Annes nosso monteiro moor os ouça e livre como achar que [h]e salvo se esses factos forem criminaaes e per esta carta mandamos a vos dictos corregedores juizes justiças que

⁶⁸⁴ Documento inventariado em HFAC v.2, doc. 124, p. 50.

ajaaes ho dicto Alvaro Annes por nosso monteiro moor em a dicta montaria e matas e outro nehoo nom e o leixees aver e hussar ho dicto ofiço <asi> pella gisa que o avia ho dicto Lucas Eanes e melhor se o ell melhor poder aver sem outro nehoo embargo que lhe sobre ello seja posto. Unde al nom façades. Dada em Leirea dous dias do mes de novembro. El'Rey ho mandou per Lopo Vasquez escudeiro de sua cassa e monteiro moor em logo do dicto Nuno Vaasquez de Castell Branco monteiro moor do dicto Senhor. Estevam Vasquez a fez ano do Senhor Jhesu Christo de mill iiii^c Riii.

Documento 8

1444, março, 24, Évora– *Carta de confirmação da nomeação de Vasco Domingues (ID 104), morador em Setúbal, para o cargo de monteiro e guardador da mata de Motrena.*

TT, Chanc. D. Afonso V, L.º 24 , fl. 28.⁶⁸⁵

Dom Afonso etc. A vos juizes da villa de Setuvell e a todollos corregedores juizes e justiças e alcaldes e moradores dos nossos Regnos e a outros quaaesquer a que o conhiçimento desto pertencer per quallquer gisa que seja a que esta carta for mostrada saude. Sabede que nos querendo fazer graça e merçee a Vasco Dominguez morador em a dicta vila nosso monteiro e guardador da nossa mata de Motrena que <e> em thermo do dicto logo. Teemos por bem e confirmamos lhe e outorgamos lhe todallas honrras privilegios liberdades graças e mercçes que lhe foram e som dadas e outorgadas per El’Rei Dom Joham meu avoo e El’Rei Dom Duarte meu Senhor e padre cujas almas Deus aja segundo todo bem e conpridamente he contheudo em duas cartas d[e] privilegio que dos dictos senhores tem per que o fezeram seu monteiro e guardador da dicta mata. E porem mandamos a vos dictos juizes e justiças e ofiçiaes que vejaes os dictos seus privilegios que dos dictos senhores asy teem e lhos conpri e guardaee em todo asy e pela gisa que em elles faz mençom por que nossa merçe e vontade he de lhe serem conpridos e guardados como dicto he sem outro embargo que a ello ponhaaes. Unde al nom façades. Dada em a çidade d’Evora xxiiii dias do mes de março. El’Rei ho mandou per Lopo Vasquez monteiro moor em logo de Nuno Vasquez de Castell Branco seu monteiro moor. Estevam Vaasquez a fez ano do Senhor Jhesu Christo de mil iiii° Riium.

⁶⁸⁵ Documento inventariado em HFAC v.2, doc. 129, p. 51.

Documento 9

1444, outubro, 3, Óbidos – *Carta de nomeação de João Eanes o Moço (ID 457), morador no Bombarral, para o cargo de monteiro e guardador da mata da Delgada em substituição de João Anes (ID 388) que já estaria aposentado.*

TT, Chanc. D. Afonso V, L.º 25 , fl. 15.⁶⁸⁶

Dom Afonso etc. A vos juizes da villa d'Obidos e a todollos corregedores juizes e justiças e alcaides e moradores dos nossos Regnos e a outros quaeesquer juizes e justiças e ofiçiaaes a que ora o conhecimento desto perteençer per qualquer guisa que seja a que esta carta for mostrada saude. Sabede que vimos huua enquiriçom que foy tirada sobre hidade de Johane Eanes carniçeiro morador no Bonbaral nosso monteiro e guardador da nossa mata da Delgada que he em termo da dicta villa d'Obidos pella qual se prova per quatro testemunhas em ella contheudas que o dicto Johane Eanes que he muito velho de hidade de sateenta annos e mais canssado e privado de [sic] sua vista de tall guissa que nom pode ja servir a dicta montaria e nos pedia por merçee que o dessemos a quem nossa merçee fosse e vista per nos a dicta enqueriçom e a prova della e sua necessidade ouvemos por aposentado com toda sua honrra e ora querendo nos fazer graça e merçee da dicta montaria a Johane Eanes o Moço morador no dicto logo do Bonbaral termo da dicta villa d'Obidos teemos por bem e damollo por nosso monteiro e guardador da dicta nossa mata da Delgada em logo e vaga do dicto Johane Annes Carniceiro ja aposentado porquanto fomos çerto per Gomez Anrique nosso monteiro moor da dicta villa d'Obidos e per Lopo Vaasquez escudeiro de nossa cassa monteiro moor em logo de Nuno Vaasquez de Castel Branco nosso monteiro moor que o dicto Johane Eanes he moço he bem hidoneo perteençente pera seer nosso monteiro e guardador da dicta nossa mata da Delgada. Porem queremos e mandamos que se elle nom andar na vintena do mar nem for beesteiro do conto que nom seja pera ello costringido pello nosso almirante nem capitam nem anadel nem per outro quallquer que o aja deveer per poderio que de nos aja privilegio. Em forma dado em a villa d'Obidos iii dias do mes de outubro. El'Rei o mandou per Lopo Vaasquez monteiro moor em logo de Nuno Vaasquez de Castel Branco seu monteiro moor. Estevam Vaasquez a fez anno do Senhor Jhesu Christo de mil iiiii^c Riirii.

⁶⁸⁶ Documento inventariado em HFAC v.2, docs. 135-136, p. 52.

Documento 10

1450, janeiro, 11, Évora – *Carta de nomeação de Pedro Anes (ID 24), morador em Montemor-o-Novo, para o cargo de monteiro-mor de Montemor-o-Novo.*

TT, Chanc. D. Afonso V, L.º 34 , fl. 17v.⁶⁸⁷

Dom Afonso etc. A vos juizes da nossa villa de Monte Moor o Novo e a todollos corregedores juizes e justiças e alcaldes e moradores dos nossos Regnos e outros quaaesquer officiaes a que ora desto conhecimento pertenceer e ao deante perteença per quallquer guissa que seja a que esta carta for mostrada saude. Sabede que nos querendo fazer graça e merçe a Pedro Anes sobrinho d'Eytor Nunez morador em a dicta villa teemos por bem e damolo por nosso monteiro moor das nossas matas da dicta villa e termo com suas comarcas. E mandamos que elle aja de nos em cada huu ano outro tanto mantimento e vestir como ham os outros nossos monteiros moores das nossas matas segundo lhe per hordenança teemos hordenado. Outrosy mandamos a todollos nossos monteiro que ora som e ao diante forem que ajam o dicto Pedro Anes hi por nosso monteiro moor da dicta montaria e lhe sejam bem obedientes e mandados e lhe façaes todas aquellas cousas que vos ello mandar fazer por nosso serviço e ao vosso ofiço pertencer segundo o que requiere ao dicto ofiço de montaria e nom o querendo vos fazer como dicto he mandamos que elle vos de aquellas penas que viir que por ello mereçees. Outrosy mandamos que se ante os nossos monteiros da dicta montaria ouver demanda alguua mandamos que o dicto Pedro Anes nosso monteiro moor os ouça e livre como achar que he direito salvo se estes factos forem criminaaes. Outrosy mandamos aos juizes e justiças officiaes suso estpitos que ajam daqui en diante o dicto Pedro Anes por nosso monteiro moor da dicta montaria e lhe leixem aver e lograr e hussar a dicta montaria moor como em esta nossa carta he contheudo sem a ello ssere posto embargo alguu. Outrosy per esta carta damos lugar e licença ao dicto Pedro Anes que possa trazer armas per todos nossos Regnos quaaes quiser sem embargo das nossas hordenacoes que em contrairo sejam factas ou façamos ao diante. Unde al nom façades. Dada em a çidade d'Evora xi dias do mês de janeiro. El'Rei o mandou per Nuno Vaasquez de Castel Branco seu monteiro moor. Stevam Neto a fez ano de nosso Senhor Jhesu Christo de mil e iiiii^c L.

⁶⁸⁷ Documento inventariado em HFAC v.2, doc. 172, p. 67.

Documento 11

1450, março, 30, Évora – *Carta de confirmação das honras, privilégios, liberdades, graças e mercês, aos monteiros e guardadores, da Terra de Santa Maria, Afonso Anes (ID 652), Luís Eanes de Cima (ID 653), Luís Afonso (ID 654), Gonçalo de Damonde (ID 655), João Pires (2) (ID 656), Vasco Martins (ID 657), Gil Gonçalves (ID 658), Gil Afonso (ID 659), Gonçalo Pires (ID 660), Afonso Pires (ID 661), João Domingues (ID 662), Afonso Vaz (ID 663), Fernão Gonçalves (ID 664), Luís Eanes do Fundo (ID 665), Vicente Pires (ID 666), Afonso Domingues (2) (ID 667), Vasco Martins (ID 725).*

TT, Chanc. D. Afonso V, L.º 11, fl. 2.⁶⁸⁸

Dom Afonso e etc. A vos juizes da terra de Sancta Maria e julgado de Feira e a todos os corregedores e juizes e justiças dos nossos Renos [sic] e a outros quaesquer oficiais a que ora o conhecimento desto pertencer e ao diamte perteeça per quallquer guissa que seja a que esta carta for mostrada saude. Sabe[de] que nos querendo fazer graça e mercee a Vaasco Martinz da Bem Posta e a Luis Eanes de Çima morador na Bem Posta e a Luis Afonso seu irmaao morador em o dicto logo e a Gonçalo de Damonde morador em Damonde e Joham Pirez d’Amtoaa morador em o dicto logo e ⁶⁸⁹ Vasco Martins <de Veiros> morador em o dicto logo e Gill Gonçalvez ⁶⁹⁰ de Bostello morador em o dicto logo e Gill Afonso de Val Mayor hi morador e Gonçalo Pirez de Val Mayor e Afonso Dominguez morador em Esgueira e Afonso Pirez de Moroços e Joham Dominguez d’Aaveiro e Afonso Vaaz morador em Cuquejaaes e Afonso Anes morador no Loureiro e Fernam Gonçalvez morador em Dagarei e Luis Eanes de Fundo morador na Bem Posta e Vicente Pirez da Bramca morador no dicto logo nossos monteiros e guardadores das nossas matas que sam em os dictos logares e comarcas do Julgado da Feira Terra de Santa Maria teemos por bem e confirmamos lhes e outourgamos todas as honras e privilegios e liberdades e graças e merçees que lhe per nos sam dadas e outorgadas segundo todo bem e compridamente he contheudo em suas cartas e privilegios que de nos teem. Porem mandamos que vos sobredictos juizes e justiças e officiaes que vejaes os dictos seos privilegios que de nos asi teem e lhos compri e guardai em todo bem e compridamente asy e pella guisa que em elles faz mençam por que nosa merçee e vontade he de lhe serem compridos e guardados como dicto he sem outro embargo alguu que lhes sobrello ponhais. Unde al nom façades. Dada em a cidade d’Evora xxx dias de março. El’Rei o mandou per Nuno Vaasquez de Castell

⁶⁸⁸ Documento inventariado em HFAC v.2, doc. 191, p. 72.

⁶⁸⁹ Riscado: a gi.

⁶⁹⁰ Riscado: morador.

Branco seu monteiro moor. Estevam Vaasquez a fez ano de nosso Senhor Jhesu Christo de mill
iiii^c cinquenta annos.

Documento 12

1450, junho, 16, Lisboa – *Carta de nomeação de Pedro Eanes (ID 332), morador em Moinhos, para o cargo de monteiro e guardador da mata de Quiaios, em substituição de Pedro Afonso(2) (ID 333).*

TT, Chanc. D. Afonso V, L.º 34, fl. 136v.⁶⁹¹

Dom Afonso etc. A vos juizes de Monte Moor o Velho e a todollos corregedores e juizes e justiças e ofiçiaaes a que ora o conhecimento desto pertencer e ao diante pertença per quallquer guisa que seja a que esta carta for mostrada saude. Sabede que nos querendo fazer graça e merçee a Pedro Anes morador em Moinhos termo da dicta villa. Teemos por bem e damollo por nosso monteiro e guardador da nossa mata de Quiaios em logo e vaga de Pedro Afonso morador em Veride monteiro que foy da dicta mata que ora privamos do dicto ofiçio porquanto foy com o Ifante Dom Pedro na batalha d’Alfarrobeira que conosco ouve contra nossa perssoa e real estado ⁶⁹² por que nos çertefiquou Gonçalo Vaasquez de Castell Branco nosso monteiro moor em loogo de Nuno Vaasquez seu irmaao que o dicto Pedro Anes he bem hidoneo e pertencente pera seer nosso monteiro e guardador da dicta mata. E porem queremos e mandamos que se <ello> nom andar na vintena do mar nem for beesteiro do conto que nom seja pera ello costrangido pello nosso almirante nem capitam nem anadell nem per outro quallquer que o aja dever per poderio que de nos aja. Outrosy mandamos que nom seja nenhuu tam oussado asy da nossa merçee como da Rainha Ifantes nem d’outras nenhuas perssoas que em casso que nos cada huu delles vaamos ao dicto logo honde elle morar que nom poussem com elle em suas cassas de morada adegas nem cavaliçias nem lhe tomem pam nem vinho nem roupa nem palha nem cevada nem galinhas nem gaados nem lenha nem outra nenhuua coussa do seu contra sua vontade nem besta de ssella nem d’albarda posto que seja pera nos nem pera a dicta Rainha nem Ifantes. Outrosy mandamos que nom pague em nenhuuas peitas nem fintas nem talhas nem em aduas nem emprestidos nem em serviços nem em outros serviços nem em carregos que per nos nem per o conçelho honde elle morar som ou forem ao diante lavrados per quallquer guisa que seja nem vaa com pressos nem com dinheiros nem seja titor nem curador de nenhuuas pessoas nem aja outros nenhuus offcios do conçelho posto que pera ello seja pertencente ssalvo se for titoria lidema. Outrosy mandamos que nom pague jugada nem oytava de pam nem de vinho nem de linho nem d’outra nenhua coussa que lavar e ouver.

⁶⁹¹ Documento inventariado em HFAC v.2, doc. 199, p. 73.

⁶⁹² Riscado: sse.

Outrosy que nom vaa a chamado de gallees nem servir per mar nem per terra a nenhuuas partes que sejam salvo com o nosso corpo avendo nos d'hir per pessoa ou com meu filho e nom com outra nenhua pessoa. Outrosy mandamos que nom seja nenhuu tam oussado asy mestres e freires como cavalerios e priores e abades nem outra nenhuua pessoa que em a dicta mata nom matem porcos nem porcas nem bacoros montesses nem ponham fogo em a dicta mata nem armem armadilhas em a dicta mata nem a redor della sub pena de pagar por cada cabeça ou por cada huua destas coussas ssusso scpitas dous mil reais brancos dos qaees sejam mil reais pera o nosso monteiro moor e quinhentos reais pera o monteiro moor da dicta montaria e os outros quinhentos ssejam pera os outros monteiros e guardadores da dicta mata dando por dous a quallquer que a dicta coima descobrir. Outrosy mandamos que quallquer que cortar madeira ou lenha na mata ou escascar mandamos que pague por paa de jorro ou carrada quatroçentos reais brancos e por carrega de lenha ou de casca dozentos reais brancos os quaees dinheiros sejam repartidos pella guissa ssusso escrito salvo os moradores da cabeça da dicta mata que estes possam hi cortar madeira e lenha sem coima nenhua pera suas lavras e corregimento de suas cassas daquelles lugares que lhe o dicto monteiro diser que he mais sem desfazimento da dicta mata. Outrosy mandamos que nom seja nenhuu tam oussado que corra perdante a dicta mata montes com veado nenhuu nem mate em a dicta mata cervo nem cerva ssub pena de pagar por cada cabeça mil reais brancos os quaes sejam repartidos pella guissa ssusso scrito das quaes coimas mandamos que seja juiz o almoxarife da dicta villa ao quall mandamos que lhe faça comprimento de direito. Outrosy nom seja nenhuu tam oussado que em a dicta mata mate porcos em nenhuus tenpos salvo os porcos dos moradores da cabeça emquanto hi ouver lande e mais nom. E mandamos a este monteiros e a cada huu dos outros monteiros sseus parceiros que se hi acharem porcos das outras pessoas que os matem sem coima nenhua que seja e se alguua pessoa contra esto for em parte ou em todo mandamos a elle e a cada huu dos outros nossos monteiros que os prendam e os entreguem aa[s] nossas justiças e ellos os nom soltem sem nosso mandado. Outrosy mandamos que se este monteiro ouver demanda alguua com os outros nossos monteiros seus conpanheiros que o monteiro moor desa ⁶⁹³ montaria os ouça e livre como achar que he direito salvo se esses fectos forem criminaaes. E o dicto monteiro tenha huua azcuma e huu sabujo pera quando nos delle conprir serviço e se alguua perssoa ou perssoas contra esto for em parte ou em todo mandamos que pague sseis mil soldos da moeda antiiga pera nos por cada vez que elle contra esto for os quaees mandamos ao almoxarife da dicta villa que os receba e recade pera nos e ao esprivam do dicto ofiço que os ponham sobre elle em

⁶⁹³ Riscado: mooradia.

recepta sub pena de os elles anbos pagarem em dobro de suas cassas. Outrosy per esta nossa carta de privilegio damos leçença e lugar ⁶⁹⁴ ao dicto Pedro Anes nosso monteiro que posa trazer suas armas de noute e de dia a quaeesquer oras que lhe prouuer sem embargo da nosa defessa e hordenaçom em contrairo dello facta ou façamos ao diante. E porem mandamos a vos dictos juizes e justiças que lhas nom filhes nem embarges nem mandees filhar nem coutar <nem embargar> nem conssentaaes por ello ser facta nenhuu desaguissado porquanto nossa merçee he de lhe daremos pera ello o dicto lugar emquanto asy for nosso monteiro contanto que nom seja achado com ellas de noute aas desoras fazendo o que nom deve. E porem mandamos a vos dictos juizes e justiças e ofiçiaaes que lhe comprees ⁶⁹⁵ e façaaes conprir e guardar bem e conpridamente esta nossa carta de privilegio asy e pella guisa que em ella he contheudo porque asy he nossa merçee sem embargo de vyr com o dicto Ifante ⁶⁹⁶ a batalha d'Alforrobeira que comnosco ouve. Unde al nom façades. Dante em a cidade de Lixboa xvi dias de junho. El'Rei ho mandou per o dicto Gonçalo Vaasquez seu monteiro moor. Stevam Vaasquez a fez anno do Senhor Jhesu Christo de mil iiii^c cinquenta.

⁶⁹⁴ Riscado: de Sam Franxisco.

⁶⁹⁵ Riscado: e gua.

⁶⁹⁶ Riscado: a dicta.

Documento 13

1450, setembro, 22, Santarém – *Ementa da carta de confirmação da nomeação de Rodrigo Aires (ID 459), para o cargo de monteiro e guardador das matas da Arada, Olho Marinho e Ribeira do Soveral.*

TT, Chanc. D. Afonso V, L.º 34, fl. 198.⁶⁹⁷

Dom Afonso etc. Item carta de Rodrigo Aires nosso monteiro e guardador das nossas matas de Arrada e d'Olho Marinho e da Ribeira do Soverall com seus termos per que lho confirmamos e outorgamos todallas honrras privilegeos etc. Carta em forma dada em Santarem xxii dias do mes de setembro. El'Rei ho mandou per Gonçalo Vaasquez monteiro moor em logo de Nuno Vaasquez de Castell Branco seu irmaao. Stevom Vaasquez a fez anno de mill iiii^c e L.

⁶⁹⁷ Documento inventariado em HFAC v.2, doc. 232, p. 78.

Documento 14

1450, novembro, 20, Mosteiro de Santa Maria da Vitória – *Carta de aposentação de João Cunqueiro (ID 75), do cargo de monteiro e guardador das matas de Monte Redondo, Fonte Cova e Bouça, por motivo de doença.*

TT, Chanc. D. Afonso V, L.º 13, fl. 69.

Dom Afonso etc. A vos juizes da nossa villa de Leirea e a outros quaesquer que esto ouverem de veer a que esta nossa carta for mostrada saude. Sabede que nos querendo fazer graça e merçe a Joham Cunqueiro nosso monteiro da mata de Monte Redondo e da Fonte Cova e da Bouça termo dessa villa teemos por bem e damollo por nosso monteiro apoussentado por que fomos certo per Gonçalo Vaasquez de Castel Branco etc. que he adorado de gota e iso mesmo he per muitas vezes inchado e quebrado e tanbem adorado de outras dores per tall guisa que muitas vezes nom handa senom em dous paaos e que bem destas necessidades elle nos nom pode servir como a noso serviço conpre. E desto todo nos fez çerto per hua inquiriçom que dello foi tirada e porem mandamos a vos sobredictos juizes e justiças que o ajaes asi daqui em diante por nosso monteiro apoussentado como dicto he sem embargo de nom chegar a idade de lxx anos porque nossa merce he de lhe asi seer facto visto suas necessidades e o vejaaes se nos privilegios que de nos tem e lhe conpri e guardae ⁶⁹⁸ as onrras e franquezas e liberdades delles asi e tam conpridamente como fazees quando nos servia no dicto ofiçio por que avemos por bem de lhe asi ser facto sem poerdes sobre ello outro nenhuu embargo. Outrosy mandamos a vos dicto Joham Cunqueiro que continuadamente tenhaes hua sabuja per quando nos della conprir serviço. Unde huus e outros al nom façades. Dada em o nosso moesteiro de Santa Maria d Vitoria xxx dias de novembro. El Rei o mandou pelo dicto Gonçallo Vaasquez etc. Gonçalo Anes a fez ano do Senhor Jhesu Christo de mill iiii^c cinquenta anos.

⁶⁹⁸ Riscado: s.

Documento 15

1451, maio, 31, Montemor-o-Velho – *Ementa da carta de aposentação de Álvaro Martins (ID 205), morador em Coimbra, do cargo de monteiro e guardador das matas de Botão e Lagares, por ter partido uma perna.*

TT, Chanc. D. Afonso V, L.º 11, fl. 79v.⁶⁹⁹

Item outra tall d' Alvaro Martinz morador em Coimbra poussado por quanto he alejado de huua perna que lhe quebrou passa de huum ano e he em tall ponto que nom pode servir como ja servio em vimte e sete annos ha que he monteiro etc. Carta em forma dada em Montemoor o Velho xxxi dias de maio. El'Rey o mandou per o dicto Nuno Vaasquez. Fernand' Afomso a fez ano de nosso Senhor Jhesu Christo de mil iiii^c Li.

⁶⁹⁹ Documento inventariado em HFAC v.2, doc. 272, p. 86.

Documento 16

1459, agosto, 5, Bombarral – *Ementa da carta de nomeação de Forte Vasques (ID 539), morador na Labrugeira, para o cargo de monteiro e guardador da mata da Ota, em substituição de Vasco Vicente (ID 536).*

TT, Chanc. D. Afonso V, L.º 36 , fl. 93v.⁷⁰⁰

Dom Afonso etc. carta de Forte Vaasquez morador na Labrujeira termo d'Alamquer per que o el'Rey da por seu monteiro e guardador da sua mata d'Oota. Em loguo e vague de Vasço Vicente porquanto foy o dicto Senhor certo per o dicto Nuno Vaaz de Castell Branco seu monteiro moor que o dicto Forte Vaasquez era idoneo e pertença para ello. E porem mandamos e queremos que se elle nom andar na vintena de mar nem for beesteiro do conto que nom seja para ell[o] costrangido per nosso almirante nem capitam nem anadell nem per outra quallquer que o aja de ver per poderio que de nos aja etc. Carta de monteiro em forma dada em Bonbarall v dias d'agosto. El'Rey o mandou per Nuno Vaasquez de Castell Branco seu monteiro mor. Alvaro Gonçallvez a fez anno de nosso Senhor Jhesu Christo de mil iiii^c Lix.

⁷⁰⁰ Documento inventariado em HFAC v.2, doc. 405, p. 122.

Documento 17

1459(?), agosto, 13, Penela – *Ementa da carta de nomeação de João Gonçalves (ID 375), morador nas Alhadas no termo de Montemor-o-Velho, para o cargo de monteiro e guardador da mata da Azambujeira, em substituição de Brás Lourenço, que renunciou ao cargo por ter mudado o seu local de residência para o termo de Leiria.*

TT, Chanc. D. Afonso V, L.º 36 , fl. 110.⁷⁰¹

Dom Afonso e etc. Item carta e privilegio de Joham Gonçallvez morador nas Alhadas termo de Monte Moor o Velho per que o damos por nosso monteiro e guardador da nosa mata d'Azambujeira em logo e vaga de Bras Lourenço morador na Marinha que rrenunciou a dicta montaria e se foy morar a termo de Leirea etc. Em forma dada em Penela xiii dias d'agosto. El'Rei o mandou per Nuno Vaasquez de Castel Branco seu monteiro moor etc. [sic] Gonçallvez a fez anno [sic] do nosso Senhor Jhesu Chrispto de [mil iiiic Lix].

⁷⁰¹ Documento inventariado em HFAC v.2, doc. 408, p. 122.

Documento 18

1467, outubro, 27, Leiria – *Ementa da carta de nomeação de Álvaro Vasques (ID 88), morador em Regueira de Pontes, para o cargo de monteiro e guardador da mata de Fornha (Fórnea?), em substituição de Gil Martins (ID 90).*

TT, Chanc. D. Afonso V, L.º 31 , fl. 120.⁷⁰²

Dom Afonso etc. Item carta de privilegio de monteiro na forma acostumbrada d'Alvaro Vaasquez morador em Regueira de Pontes per que ho damos por monteiro e gardador da nossa mata da Fornha que he em termo de Porto de Mos asy como ho erra Gill Martinz ho qual he muito velho e aleijado que [nom] nos pode servir em ho dicto ofiçio de montaria segundo fomos certo por Nuno Vaasquez de Castell Branco nosso monteiro moor e almirante em nossos Reignos etc. Privilegio em forma dada em Leirea xxvii dias d'oytubro. El Rey ho mandou per ho dicto Nuno Vaasquez monteiro moor. Rodrigo Afonso a fez anno do naçimento de nosso Senhor Jhesuu Chrispto de mil iiii^c Lxvii anos.

⁷⁰² Documento inventariado em HFAC v.2, doc. 485, p. 153.

Documento 19

1469, dezembro, 24, Beja – *Carta de nomeação de Diogo Barreto (ID 33), escudeiro do Rei e morador em Santa Maria da Feira, para o cargo de monteiro-mor da Terra de Santa Maria, em substituição de André Gil (ID 27), escudeiro do Rei e morador em Aveiro, que renunciara ao cargo.*

TT, Chanc. D. Afonso V, L.º 31, fl.142v.⁷⁰³

Dom Afonso etc. A vos juizes da terra de Santa Maria e a todos coregedores e juizes e justiças e alcaide e mirinhos dos nossos Regnos e a outros quaesquer oficiais e pessoas a que ora desto o conhecimento pertencer e ao diante pertença por quallquer guisa que seja a que esta carta for mostrada saude. Sabede que Andre Gill nosso escudeiro morador em Aveiro nos enviou ora ren[u]ncia o oficio de monteiro moor da dicta terra de Santa Maria que de nos tinha per nosa carta segundo dello fomos certo per huu estormento publico que parecia ser fecto e asygnado per Fernand'Eanes publico tabeliam em a dicta villa d'Aveiro aos xxix dias de novembro da presente era de [sic] e querendo nos fazer graça e mercee e a Diogo Bareto nosso escudeiro morador em a dicta [villa] teemos por bem e damollo por nosso monteiro moor das nosas matas da dicta terra de Santa Maria asy e pella guisa que o era o dicto Andre Gill. E porem queremos e mandamos que elle aja de nos em cada huu ano outro tanto mantimento e vistir como avia o dicto Andre Gill e como pertencem d'aver os outros monteiros moores das matas dos nossos Regnos. Outrosy mandamos a todos nossos monteiros da dicta montaria que ajam o dicto Diego Bareto por nosso monteiro moor e lhe ⁷⁰⁴ sejam bem mandados e lhe façom todallas cousas que lhe elle mandar fazer por nosso serviço e pertençam ao oficio de monteiros e nom o querendo elles asi fazer como dicto he mandamos que o dicto nosso monteiro moor lhes de aquellas penas que vir que por ello mereçem por ello. Outrosy mandamos que se antre os outros nossos monteiros da dicta montaria ouver demanda algua mandamos que o dicto Diego Bareto nosso monteiro moor da dicta montaria os ouça e livre como achar que he derreito salvo se os fectos forem crimes. Outrosy mandamos a vos juizes e justiças que o ajaes daqui em diante o dicto Diego Bareto por nosso monteiro moor da dicta montaria e outro nenhuu nom e lhe leixem aver e husar do dicto oficio asy e pella guissa que o ataa ora husou o dicto Andre Gill sem lhe a ello seer posto outro embargo alguu. Unde al nom façades. Dada em Beja xxiiii dias do mes

⁷⁰³ Documento inventariado em HFAC v.2, doc. 512, p. 168.

⁷⁰⁴ Riscado: o bem.

de dezembro. El'Rey o mandou per Lopo Vaaz de Castello Branco seu monteiro mor fidalgo de sua casa. Rui Martinz a fez anno do Senhor Jhesu Christo de mill iiii^c Lxix.

Anexo 4 – Iconografia

Figura A1 – Túmulo de Gomes Martins Silvestre

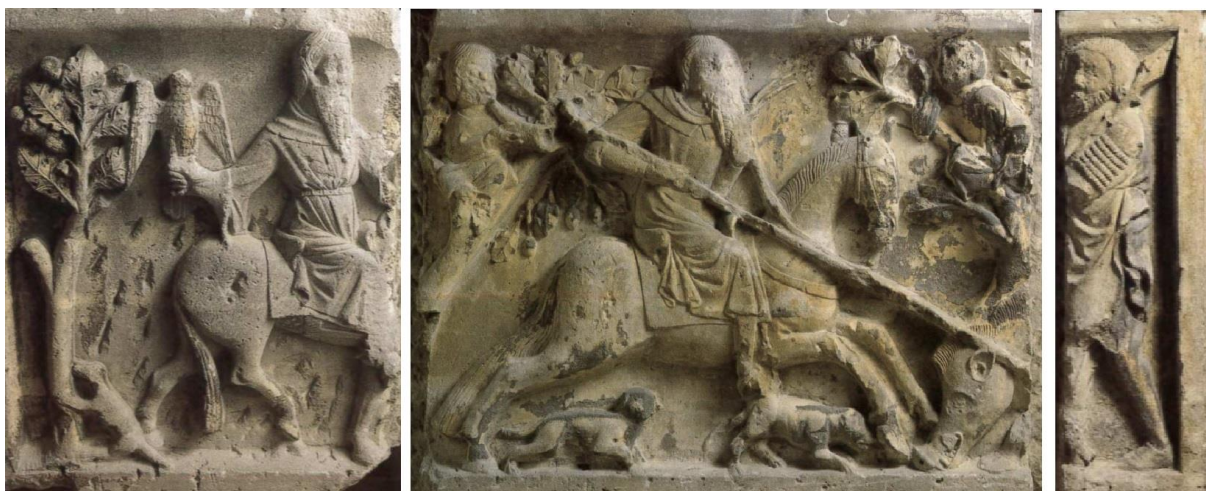


Legenda – Cena de caça no túmulo de Gomes Martins Silvestre, na posse da Igreja de Nossa Senhora da Lagoa, Monsaraz (século XIV). Fonte: CANDEIAS, Tiago, “A Tumulária Medieval Portuguesa: O Túmulo de Gomes Martins Silvestre” (2020) [https://www.academia.edu/42202222/O_T%C3%BAmulo_de_Gomes_Martins_Silvestre_Monsaraz_A_Tumul%C3%A1ria_Medieval_Portuguesa].

Figura A2 – Túmulo Vasco Esteves de Gatuz



Legenda – Cena de caça presente no túmulo de Vasco Esteves de Gatuz (século XIV). Atualmente na Igreja de São Francisco de Estremoz. Fotografia do autor.

Figura A3 – Túmulo de Fernão Sanches

Legenda – Cenas de caça no Túmulo de Fernão Sanches, presente no Museu Arqueológico do Carmo, em Lisboa (século XIV). Fonte: ARNAUD, José Morais, FERNANDES, Carla Varela (coord.), *Construindo a Memória: As Coleções do Museu Arqueológico*, Lisboa, Associação dos Arqueólogos Portugueses, 2005, pp. 301-309.

Figura A4 – Túmulo anónimo

Legenda – Cenas de caça presentes num túmulo de um anónimo (século XIV). Atualmente no Museu de Lamego. Fotografia do autor.

Figura A5 – Túmulo de D. Pedro Afonso de Portugal, conde de Barcelos



Legenda – Cena de caça de montaria presente no túmulo de D. Pedro, Conde de Barcelos (século XIV). Atualmente em São João de Tarouca. Fotografia do autor.